

Collecção F. T. D.

MANUAL
DE

INCORPORAÇÃO
DESTE VOLUME:

27/13/1963

ESPIRITUALIDADE

AUGOSTO POR

A. SAUDREAU

Cônego honorário de Angers, Primeiro Capellão da
Casa Madre do Bom Pastor

(TRADUCÇÃO AUTORIZADA PELO AUTOR)



LIVRARIA ALVES
Paulo de Azevedo & Cia.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

166, rua do Ouvidor, 166

292, rua Libero Badaró, 292

BELLO HORIZONTE - 1052, rua da Bahia, 1052

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

<http://www.obrascatolicas.com>

NIHIL OBSTAT

Fr. BAPTISTA BLENKE, Ord. Carm.
São PAULO, 8-3-1937

IMPRIMATUR

Mons. ERNESTO DE PAULA
Vigário Geral

ENCONTRAM-SE NA MESMA COLLECÇÃO F. T. D.:

CANTICOS

Hymnos e Cânticos espirituais. edição completa, com música. — Encerra: noções de canto gregoriano, — um calendário romano, — as orações usuais, — os trechos communs das missas cantadas, — 230 cânticos em portuguez, — 183 motetes, ladainhas e outros cantos para a bênção do Santíssimo Sacramento, novenas e outras cerimônias, — a Via Sacra. — E' um dos compêndios mais ricos e mais variados no género.

Hymnos e Cânticos espirituais, edição abreviada, com música. E' o resumo do livro precedente.

Hymnos e Cânticos espirituais. edição completa, sem música. Contém todas as palavras da edição completa, faltando apenas a música.

Acompanhamentos dos Hymnos e Cânticos. 1º volume. Contém o acompanhamento das missas de canto-chão e dos cânticos em portuguez.

Acompanhamentos dos Hymnos e Cânticos, 2º volume: dá os acompanhamentos dos motetes, ladainhas, hymnos e outros trechos para as bênções do Santíssimo Sacramento.

LIVROS DE MISSA

Orações, Missa, Bênção, ou livrinho de Missa n.º 0. Dá as orações da manhã e da noite, o modo de confessar-se, os actos para a communhão, o ordinário da Missa e bastantes motetes, hymnos e ladainhas próprias para as bênções do Santíssimo Sacramento.

Livro de Missa, n.º 1. — E' o mesmo que o precedente porém mais completo.

Officio Litúrgico ou missal dos Domingos e festas. — E' um livro que encerra tudo quanto é necessário para se acompanhar bem os officios dos domingos e restas de guarda.

Primeira Communhão. — E' um livrinho de missa, illustrado, feito especialmente para os Neo-commungantes.

Nós Dois, eu e meu Jesus. — E' um livro de missa destinado a facilitar e provocar fervorosas communhões. Encerra 30 preparações e acções de graças para a santa communhão.

DECLARAÇÃO

Affirmamos, humildemente submissos aos decretos da Santa Sé Apostólica, que a todos os factos expostos nesta obra, assim como aos epthetos de "Bemaventurado" ou de "Santo", quando, por acaso, os attribuimos a servos de Deus não canonizados, reconhecemos uma auctoridade puramente humana. Protestamos, outrossim, submettermos, sem restricção alguma e com os sentimentos da mais respeitosa e filial obediência, este livro todo ao juízo da Santa Igreja.

PREFÁCIO

O novo volume, ora offerecido ao público, nos foi pedido por venerandos e queridos confrades. S. Ex. Revma., o Snr. Bispo de Angers, havendo instituído *díplomas de instrução religiosa*, mandou que fossem incluídas, entre as matérias de exame, *as noções fundamentais da vida espiritual*. Não só os candidatos e as candidatas, mas também os próprios sacerdotes encarregados de prepará-los para o exame, reclamavam um manual, em que, succintamente, viessem expostos os princípios da espiritualidade. Muito instaram para que escrevêssemos êste trabalho, fazendo-nos observar que não deixaria de ter algum préstimo nos seminários e nos noviciados de ambos os sexos e, sobretudo, seria utilíssimo a muitas pessoas piedosas que vivem no meio do mundo. Alimentávamos a esperança de que outros comporiam esta obra; porém, vã foi a nossa expectativa; e, finalmente, cedemos ás instâncias que nos faziam.

Claro e conciso deve ser um manual, apresentando a doutrina condensada e não desenvolvida. Se elle deve firmar-se em mestres que, nesta matéria, são, sobretudo, os santos, também deve resumir-lhes os ensinamentos. Mas, acima de tudo, um manual de espiritualidade deve ser prático, ensinando á alma de boa vontade, os meios de servir ao Senhor, e assim, trabalhar para seu adiantamento. Esforçamo-nos por seguir estas regras: justificamo-nos, assim, perante o leitor, de não termos dado maior desenvolvimento a assumptos que, muito facilmente, o comportariam.

Certamente, esta nossa obra é imperfeita. Pedimos, entretanto, que se lhe reserve indulgente acolhimento. Esperamos, ao menos, que êste livrinho, recordando as lições dos grandes doutores, possa communicar algumas luzes, inspirar o gosto da sciência espiritual, tão nobre e tão importante, e induzir o nosso leitor a fazer della um estudo mais aprofundado, o qual, além de ser de grande proveito para a alma, constitue um manancial perenne de puríssimos gózos para a intelligência e para o coração.

NA MESMA COLLEÇÃO: CATECISMOS, BROCHURAS PARA RETIROS

Maria ensinada á mocidade; catecismo desenvolvido sôbre Nossa Senhora; fala de suas promessas, da sua vida, devoção e culto.

A devoção á Santíssima Virgem, brochura ilustrada, resumo do livro precedente, ou pequeno catecismo sôbre Nossa Senhora.

O Mínimo de Catecismo, para a Primeira Comunhão precoce.

O Anjo Instructor da Primeira Comunhão. — E' uma brochura illustrada, para os que se preparam a receber Nosso Senhor pela primeira vez; contém uma série de instrucções, exemplos, conselhos práticos e vem precedida do Decreto de Pio X sôbre a communhão precoce das crianças.

Os Novíssimos; — brochura illustrada; fala das verdades eternas: a morte, o juizo particular e universal, o inferno e o céu; combate a leviandade do espirito e frivolidade do coração.

Preciso evitar o inferno. — Outra brochura que dá excellentes pensamentos sôbre o ponto importantíssimo de salvar a alma e evitar a desgraça irremediável de perdê-la para sempre.

Reflexões sôbre a eternidade. — Trata de mostrar a duração illimitada da eternidade por meio de engenhosas comparações e tira a conclusão que devemos arranjar uma eternidade boa e evitar, custe o que custar, de perder a alma por toda a eternidade.

Arsenal de Convicções cathólicas. — E' um opúsculo do saudoso Padre Desurmont; de modo conciso, apresenta a maior parte dos artigos da fé cathólica, sobretudo os que são mais práticos para guiar nossa vida diária.

A Meditação facilitada, ou Catecismo da oração mental, pelo P. Achilles Desurmont. — São páginas de doutrina segura, cheias de clareza e de simplicidade, que encantam as almas ávidas de amar a Deus. E' difficil expôr de modo mais claro e ameno o método de meditar com fructo sôbre qualquer assumpto.

Método para conversar com Deus. — E' uma nova edição de um opúsculo muito estimado do P.e Boutault, que se poderia intitular: *Collóquios íntimos com Deus*. Guia e facilita a oração mental; apresenta numerosos conselhos práticos a este respeito.

Culto aos Santíssimos Nomes de Jesus, Maria, José. — São poucas páginas com o fim de despertar o amor desta trindade terrestre: Jesus, Maria e José, e suscitar frequentes e amorosas invocações a estes bemditos nomes.

Guia para a confissão; são fôlhas avulsas para facilitar a confissão; vendem-se em maços de 50.

Thesouro do S. Coração de Jesus; é uma caderneta do exame geral e do exame particular; serve para um anno.

MEZES DE DEVOÇÃO

Mez de Maria, por C. Laurent, 232 páginas; serve para escolas, catecismos, igrejas, famílias; para cada dia, apresenta uma leitura, um exemplo e uma oração.

Maió nos Collégios e nas Escolas, 175 páginas; é feito especialmente para a mocidade escolar; os exemplos, as leituras e as práticas de cada dia são de jovens santos e destinam-se á juventude.

A' Gruta de Massabielle, com a Virgem de Lourdes durante o mez de Maio; 203 páginas; é toda a história de Lourdes, narrada de modo captivante, durante os 31 dias do mez de Nossa Senhora.

Mez do Sagrado Coração de Jesus. — 32 páginas. Curtas leituras para cada dia do mez de Junho.

Mez de São José, por Masson; illustrado, 44 páginas; uma leitura e um exemplo edificante para cada dia do mez de março.

~~~~~  
PARA OUTROS LIVROS, PEDIR O CATALOGO.

*Para a muito querida Mãe Geral -*

# MANUAL DE ESPIRITUALIDADE

---

## INTRODUÇÃO

---

### CAPÍTULO I

#### **A piedade: sua natureza, suas vantagens.**

1. — *A espiritualidade* é a ciência que ensina a progredir na virtude e, particularmente, no amor divino. Diferencia da moral, ciência dos deveres. Esta, ao passo que mostra quais as obrigações que não se podem violar sem pecar, aprecia a gravidade das culpas. A espiritualidade, pondo de lado a questão das obrigações de consciência, expõe os meios práticos de combater os defeitos, adquirir as virtudes e incrementar a caridade: guia, pois, a alma no trabalho de sua santificação.

Para bem conhecer as veredas do amor divino, a iluminação interior da graça é indispensável e consegue-se, não pelo estudo, mas pela generosidade, pela fidelidade á graça. Assim, *aprende-se a ciência espiritual pela prática mais do que pela theoria*. Os que pouco fazem, com maioria de razão os que nada fazem, para progredir no amor de Deus, não compreendem senão muito superficialmente a beleza do ideal a alcançar e as preciosíssimas vantagens que oferece; nunca sabem lançar mão com acerto dos meios que asseguram sua consecução; sejam quais forem os estudos que empreendam, nunca possuirão cabalmente a ciência espiritual. Pelo contrário, os que se esforçam, ficam, ao cabo de pouco tempo, bastante esclarecidos e apanham muito melhor as lições do ascetismo. A estes

aproveita extraordinariamente o estudo desta sciência espiritual, que é a sciência dos santos.

A espiritualidade é a sciência dos santos, porque são elles que a criaram. Hauriram-lhe os elementos antes de tudo, na Escritura, mormente no Evangelho, nas luzes que receberam de Deus, e, emfim, na própria experiência. E' ainda a sciência dos santos porque nos ensina a levar felizmente a cabo a obra da nossa santificação.

E' este trabalho de sanctificação que são Paulo tanto recommendava a Timótheo : « Exercita-te na piedade ; a piedade é útil a tudo ; tem para si as promessas da vida presente e da vida futura » (1) A piedade é, pois, a disposição de uma alma applicada á sua santificação. A alma que apenas procura evitar o peccado e fazer sua salvação, mas que, absorvida pelos cuidados temporais não se preoccupa com seu adiantamento espiritual, é uma alma christã, não é uma alma piedosa.

O vocábulo piedade pode ser tomado em sentidos diversos. Não lhe damos, aquí, a significação de uma virtude especial que, no dizer de santo Thomaz, nos leva a cumprir para com nossos pais e nossa pátria, nossos deveres de amor e de dedicação. Não entendemos tão pouco que ella seja, como o vulgo quer, uma applicação mais perfeita á pratica da religião ; e sim, o que são Francisco de Sales chama devoção e que, no sentir d'elle, de Santo Thomaz e dos theólogos, é o amor de Deus bastante forte para nos determinar a agir cuidadosa, frequente e promptamente.

*A piedade não consiste, pois, nas práticas exteriores.* Toda pessoa que decora longas fórmulas de orações, nem porisso é piedosa. Se não procurar corrigir seus defeitos, aprimorar suas virtudes, se não quizer lutar contra sua natureza, mas ceder-lhe em tudo, com excepção das faltas graves, sua piedade é falsa. (2) Mas se as práticas da piedade não constituem a essência da piedade, são, contudo, meios se-

1. I *Tim.*, IV, 7-9.

2. São Francisco de Sales dá exemplos destas falsas devoções: "Quem se entrega á prática do jejum, ter-se-á na conta de muito devoto comtanto que jejue,

guros que a alma piedosa emprega para adiantar-se, e não se pode ter uma verdadeira piedade, descuidando-se toda prática.

2. — *A piedade nasce da fé* ; alimenta-se e desenvolve-se com o pensamento das grandes verdades : grandezas, direitos soberanos, benefícios e amor infinito de Deus, obras e perfeições de Jesus, fealdade do peccado, belleza e necessidade das virtudes, interêsses eternos da alma. Baseia-se, pois, a piedade no dogma ; a alma que conhece mal sua religião, não pode ser solidamente piedosa ; pelo contrário, um conhecimento mais perfeito das verdades que a fé ensina, é um poderoso auxiliar para a consolidação e augmento da piedade.

Parece supérfluo dizer que requer, antes de tudo, o mínimo de vida christã obrigatória para todos e, por conseguinte, a observação dos mandamentos. Quem viola grave e frequentemente estes, não se pode alistar nas fileiras dos christãos piedosos.

3. — Já citámos a célebre palavra de são Paulo enaltecendo as vantagens da piedade. Inspirada pelo Espírito Santo, merece todo crédito e respeito. Além disso, é fácil compreender quais são estes frutos preciosos que a piedade faz colher nesta vida e na outra.

Nesta vida, *a piedade facilita os sacrificios* que exige o cumprimento de nossos deveres e ajuda a desempenhá-los com mais fidelidade e perfeição. Pelo zêlo que nos inspira, pela correcção que traz de nossos defeitos e pela aquisição das virtudes que nos proporciona, *ella nos faz evitar um número considerável de peccados*. Pelas orações que nos põe nos lábios, mais amiudadas, mais recolhidas, mais ardentes,

---

muito embora seu coração esteja cheio de rancor ; e temendo humedecer a lingua no vinho ou mesmo na água por sobriedade, não trepidará em mergulhá-la no sangue do próximo pela maledicência e calúmnia. Outro julga-se devoto porque reza muitas e muitas orações todos os dias, e logo depois, sem motivo, dirige palavras ásperas, arrogantes e injuriosas aos criados e vizinhos. Este tira de boa vontade a esmola do bôlso para dá-la ao pedinte, mas é incapaz de tirar doçura do seu coração para perdoar ao inimigo; aquelle perdoará aos seus desaffetos, mas não dará sa isfação, senão á viva fôrça, aos seus credores. Estas pessoas todas, geralmente tidas como devotas, não o são de forma alguma." (*Vida devota*, I, 1.)

*alcança-nos abundantes e preciosas graças. As virtudes a que nos applica, proporcionam-nos doçuras íntimas que não conhecem as almas vulgares. A piedade, emfim, mitiga as agruras da vida ; induz a servir a Deus com mais cuidado, mais diligência, mais perfeição.*

Para praticar as virtudes é mister, não há negá-lo, fazer actos penosos, impôr á natureza sacrificios, privações e incômodos, constrangê-la a renunciar a satisfações a que tem muito apêgo : satisfações de amor-próprio, de vaidade, de sensualidade, de curiosidade, etc. Mas os que se entregam á piedade, depressa comprehendem que essas privações e abnegações não são tão custosas. Quanto tempo duram ? A's vezes o espaço de alguns minutos, e dellas apenas resta a lembrança. Que experimentamos hoje das privações que nos impuzemos, há um anno, há dez, vinte annos ? Que prazer sentimos daquellas satisfações cujo sacrificio Deus nos pedia e que lhe recusámos ? O Espírito Santo no-lo diz em térmos penetrantes no Livro da Sabedoria, (1) quando nos representa os maus que, depois da morte, mas debalde, comprehendem a inanidade dos gózos da vida. « De que nos serviu o orgulho ? Que proveito tirámos da riqueza de que tanto nos orgulhávamos ? Todas estas cousas se desvaneceram como a sombra ; passaram como o mensageiro apressado, como o navio que sulca as ondas bravias sem deixar vestígios de sua passagem... como o pássaro que cruza os ares sem assignalar o seu roteiro... ou como o ar que, partido pela flecha arremessada contra o alvo se reconstitue tão instantaneamente, que não se sabe por onde ella passou... Os bens que o ímpio espera são como o floco de lã que o vento leva, como a leve espuma que o furacão dispersa, como a fumaça que o sópro do vento dissipa, como a lembrança fugaz do hóspede de um dia. »

A fé, na verdade, preserva até as almas communs dos graves erros dos ímpios. Os bons christãos não querem sacrificar sua salvação a suas paixões, mas estão longe de com-



prender tão bem como os christãos piedosos, o nada dos bens transitórios, e estão mais expostos a se deixarem fascinar e seduzir por elles. Cedem com maior facilidade á natureza que procura soffrer o menos possível e gozar o mais possível. Quantas pessoas casadas, não se vêm, em nossos dias, que se dizem christãs e, para esquivar-se aos encargos de seu estado, para mais seguramente conservar os bens dêste mundo, libertam-se de deveres sagrados e vivem no peccado compromettendo gravemente sua salvação? Se se applicassem á piedade, sua fé seria mais viva e mais esclarecida e não augmentariam o número, infelizmente já muito grande, dos desertores do dever.

Os que não se dedicam com ardor á extirpação de seus defeitos, *se constituem escravos dêlles*. Soffrem, admiram os que praticam as virtudes contrárias; sentem inveja dêstes, mas ficam apegados aos defeitos que os tyrinizam. Mil vezes mais felizes são os christãos piedosos que, por amor de Deus, combatem fielmente suas más inclinações e se esforçam pôr progredir nas virtudes. As victórias que alcançam sôbre si mesmos, as acções generosas que praticam, fazem-lhes experimentar alegrias suaves e profundas de que as pessoas sem piedade não têm idéia alguma.

4. — *A piedade não isenta dos pezares da vida, mas ajuda a supportá-los com espírito de fé e resignação.* A grande infelicidade do mundo, infelicidade nunca assaz deplorada, está em padecer com impaciência, porque, assim soffre-se sem proveito. Soffrer com paciência não é infelicidade, porquanto as dôres resignadamente supportadas devem, conforme a palavra do Divino Mestre, mudar-se em alegria sem fim. Cá na terra já mesmo quem padece com fé, confiança em Deus e amor, é incomparavelmente menos desgraçado do que aquelle que supporta os males desta vida e, na sua provação, não quer ver a mão da divina Providência. Geralmente os christãos sem piedade consideram sómente as causas segundas, isto é, as criaturas, que são a causa ou occasião dos males que os affligem. Não se com-

penetram de que Deus, que tudo governa, nada permite que não seja para nosso proveito espiritual e que tudo concorre para o bem dos que devéras O amam. (1) Além disso, e acima de tudo, tendo pouco amor, pouco se impressionam com os padecimentos que Nosso Senhor supportou por elles; não são fortalecidos pelos Seus divinos exemplos, nem excitados a soffrer como Elle e por Elle. Não têm, pois, nas suas penas, as inestimáveis consolações que a alma piedosa ahí encontra.

5. — Numa comparação graciosa e muito acertada, são Francisco de Sales nos fez compreender as grandes vantagens da devoção : « Os avestruzes nunca voam, as gallinhas voam rara, pesada e rasteiramente, mas as águias, as pombas, as andorinhas voam com frequência, com ligeireza e muito alto. Assim, os peccadores não voam em Deus, movimentam-se sempre na terra e para a terra; os homens de bem, que ainda não attingiram a devoção, vôm em Deus pelas suas boas acções, mas rara, lenta e pesadamente; as pessôas devotas vôm em Deus frequente, prompta e altamente. » (2) Quem é que não compreende quão vantajoso é servir ao Senhor com esta promptidão e generosidade ?

6. — As vantagens eternas que são Paulo attribue á piedade são muito mais preciosas ainda.

Em primeiro lugar ella torna mais garantida a nossa salvação : « Assegurai vossa salvação, diz o Apóstolo, com temor e tremor. » Se « uma só cousa é necessária, » isto é, bem servir a Deus e, por êste meio, evitar o inferno e alcançar o céu, é loucura desprezar a piedade que nos ajuda a prestar a Deus um culto digno d'elle. Quem não se importa com seu adiantamento na virtude, com seu progresso na caridade, não tem para com Deus senão um amor extremamente fraco, e é incapaz de resistir aos assaltos do tentador e ás más inclinações da natureza : compromette gravemente

1. Rom. VIII, 28.

2. *Introdução á Vida devota*, I, 1.

sua salvação. Quem, pelo contrário, se applica porfiadamente ao serviço de Deus, preserva-se do peccado e emprega o melhor meio para salvar sua alma.

Se estes que levam uma vida sem piedade, pensando em Deus apenas de longe em longe, poucos esforços fazendo para Lhe agradar, conseguirem escapar á eterna condemnação, estarão na hora de sua morte, desprovidos de méritos e, por conseguinte, paupérrimos de amor. Ora, devendo elles conservar, por toda a eternidade, o grau de amor que possuírem no momento da morte, serão eternamente inferiores, immensamente inferiores aos que houverem sido piedosos. Estes últimos, com effeito, que diariamente praticam grande número de actos sobrenaturais que são sementes da eternidade, *semina aeternitatis*, sementes de infindas delícias: orações, pias práticas, deveres de estado desempenhados com grande espírito de fé, provações pacientemente supportadas, sacrificios generosos, aspirações amorosas... que farta messe hão de colher! que thesouros estupendos hão de gozar! Serão muito mais amados por Deus, conhecê-lo-ão muito melhor e amá-lo-ão também muito mais. Deus dar-se-lhes-á muito mais abundantemente; elles serão *os ricos do paraizo*; e, se, pelo fervor de sua vida e perfeita generosidade, conseguiram elevar-se á categoria dos amigos íntimos do Rei do Céu, durante toda a eternidade serão seus predilectos, seus favoritos.

## CAPÍTULO II

### **A piedade é sempre possível á alma de boa vontade.**

7. — Sendo a piedade a disposição da alma que tende para a aquisição das virtudes e o augmento do amor divino, *ella pode e deve se achar em todos os estados da vida*. Não reconhecem esta verdade os que formam da piedade um falso conceito, fazendo-a consistir em certas práticas que não são da sua essência. Os exercícos de piedade, dizem elles, são

incompatíveis com a vida agitada de um negociante, de um soldado, de uma mãe de família; a pessoa que tem grandes trabalhos, numerosos affazeres, fica presa e não tem tempo para longas orações, e os cuidados que a absorvem lhe impossibilitam a vida de piedade.

E' fácil responder que os deveres do próprio estado, porisso mesmo que impostos por Deus, não podem ser um obstáculo ao progresso da alma. *Haec est voluntas Dei sanctificatio vestra*: (1) o que Deus quer é a vossa santificação e a de todos ós seus filhos. Todos os que quizerem applicarse a servi-Lo melhor, podem contar com o auxílio da Providência e o soccôrro da sua graça. Se Elle põe seu poder e sua sabedoria á disposição das criaturas para prover ás necessidades do corpo, afim de que êste possa attingir seu crescimento normal, com maior razão ainda, quando as vir desejosas de sahirem da infância espiritual e de progredirem no seu serviço, fornecer-lhes-á todos os meios necessários.

**8.** — Prova a experiência que *os que querem regradar bem sua vida* e não perder um só instante, *sempre acham tempo para dedicar-se á oração* e ao serviço de Deus. Quaisquer que sejam nossas occupaões, tomamos o tempo de dar ao corpo o sustento de que necessita e o somno que lhe restaura as fôrças; si, pois, amarmos tanto nossa alma como nosso corpo, saberemos dar-lhe também o tempo necessário para alimentar sua fé e sustentar seu amor.

Prova igualmente a experiência que os que se descuidam de seus deveres de piedade, assim procedem não tanto por causa de occupaões inevitáveis, como porque não estão compenetrados da sua importância, ou porque, descobrindo nelles poucos atractivos, não querem mortificar-se e vencer as difficuldades que se apresentam, os dissabores que experimentam. E' factó, muitas vezes constatado, que as pessoas generosas e verdadeiramente amantes, que tomam sinceramente a peito o serviço de Deus e o bem de sua alma e só deixam os meios de sanctificação em caso de real impos-

1. I *Thess.*, IV, 3.

sibilidade, trabalham tanto e de ordinário mais utilmente do que as que, com pretextos fúteis, omittem seus exercícios. Porisso que não perdem ellas tempo em frivolidades, Deus ajuda-as a bem desempenhar seus deveres.

8a.—Cumpre, pois, amar os exercícios de piedade. Para fazê-los com fidelidade, é preciso ás vezes incomodar-se e sacrificar occupações agradáveis á natureza e menos úteis. Por outro lado, *não se lhes deve ter apêgo exagerado*, a ponto de não querer renunciar a elles, até nos casos em que deveres imperiosos o exigem. Os santos gostavam da oração, da meditação, das funções religiosas, das leituras piedosas; sem motivo grave nunca se privavam dellas; mas, sempre que a vontade de Deus, claramente manifestada, exigia que as sacrificassem, por exemplo, a uma razão superior de caridade ou á prática de outra virtude imposta pelo dever, abandonavam Deus por Deus, conforme sua expressão; deixavam momentaneamente de procurar a Deus nas doçuras da meditação, no enlêvo das cerimônias e procuravam-no e encontravam-no no exercício da dedicação e da renúncia.

9. — *Descurando os exercícios de piedade, perdem-se graças de grande valor.* Parece-se a alma, neste caso, com as virgens loucas da parábola que, por imprevidência, não encheram de azeite suas lâmpadas e assim deixaram apagar suas luzes. Muitas pessoas que, por qualquer futilidade, deixam de lado seus exercícios, ficarão admiradas e confusas quando, no dia do juízo, ouvirem as exprobações do Senhor e virem os thesouros inapreciáveis de que tão levemente se privaram.

*Quando a omissão dos actos de piedade é devida, não ao descaso, mas a uma causa sobrenatural, e que a alma faz êste sacrifício, aceita esta privação com amorosa submissão á vontade divina, Deus supprime esta omissão e dá, embora não se façam os exercícios, as graças que ordinariamente concede por meio dêlles.*

Reconhece-se que a omissão é legítima quando é feita com pezar e espírito de renúncia. Pelo contrário, quem deixa

sem mágua, ou até com prazer, o exercício que seu regulamento de vida lhe prescreve, pode estar certo de que procede por preguiça espiritual ou por falta de fervor.

Quando os exercícios de piedade são impossibilitados por deveres imperiosos que, como acontece á mãe de família carregada de crianças de tenra idade, não permitem consagrar senão pouco tempo aos exercícios piedosos, é *preciso supprí-los por uma fidelidade maior á lembrança da presença de Deus, por uma união mais íntima com Jesus*, no decorrer do dia, união de que resulta a multiplicação de fervorosos actos de fé, de confiança e de amor ; é preciso orar trabalhando, quando o trabalho obriga a diminuir o tempo destinado á oração.

**10.** — A prova que a piedade convém a todos os estados de vida, encontramos-na na história que nos ensina que *em todas as profissões tem havido heróis de virtude*, servos de Deus que têm sabido alliar a mais terna piedade á prática dos deveres mais absorventes. Damos aquí uma lista, aliás incompletíssima, de santos que, no meio do mundo, acharam meio de aperfeiçoar sua vida e de elevar-se até o heroísmo do amor.

São os reis e os príncipes a quem o trabalho da santificação parece mais difícil, porque, muito mais que outros, estão fartos de bens terrenos, solicitados pelos prazeres e honras, adulados pelos seus fâmulos e têm a facilidade de satisfazer suas paixões humanas. Verdade é que, sendo fiéis, recebem maior número de graças porque têm missão mais alta a cumprir.

Entre os príncipes que se santificaram, podemos apontar : são Sigismundo e Gontrão, reis de Burgonha; são Ethelberto, rei de Kent; são Sigisberto e Dagoberto II, reis de Austrásia; são Judicael, Jossé e Salomão, reis bretões; são Ricardo, rei saxão; são Canuto, rei da Dinamarca; santo Hermenegildo, rei dos Visigodos; são Pedro Urseole, doge de Veneza; santo Edmundo I, Edmundo II e Eduardo, reis de Inglaterra; santo Henrique II, imperador da Alle-

manha; santo Olavo, rei da Noruega; são Leopoldo, margrave da Austria; santo Emerico, príncipe da Hungria; santo Estêvão e são Ladislau, reis da Hungria; santo Erico, rei de Suécia; o beato Carlos o Bom, conde de Flandres; são Fernando, rei de Castella; são Casimiro, duque de Lithuânia; o beato Evrardo, conde de Mons; são Luiz, rei de França; são Wenceslau, duque de Bohêmia; o beato Amadeu, duque de Sabóia; o beato Elzear e a beata Delphina, sua mulher, condes de Arian; santa Adelaide e Cunegonda, imperatrizes de Allemanha; santa Agatha Hildegarda, espósa de um conde palatino; santa Margarida, rainha de Escócia; santa Isabel de Hungria, princesa de Thuringia; santa Hedvige, duquesa; a venerável Maria Clotilde, rainha de Sardenha; santa Isabel, rainha de Portugal; a beata Maria Christina, rainha das duas Sicílias.

Viveram ainda no meio do mundo e ahí se santificaram: são Sebastião, Jorge e Maurício, soldados; são Cosme e Damião, médicos; são Crepino e Crepiniano, e, no século 12, Theobaldo de Mondosi, sapateiro; são Vicentino, palafreineiro; são Nicetas Peregrino, Benezeto, o beato João de Monchy, pastores; santo Isidoro, lavrador; são Goiry, mascate; são Ludano, peregrino na Alsácia; são Pázio, ourives em Verona; o beato Alberto d'Ogno, camponês e jornalista; são Daniel, negociante; o beato Pedro de Sena e João de Epiro, simples operários; o venerável Antônio Bermejo, que passou a sua vida tratando os doentes; são Bento José Labre, mendigo; santa Germana Cousin, Tharreste e a venerável Benta do Lau, pastoras; santa Joanna d'Arc, pastora e guerreira; santa Anna-Maria Taigi, a venerável Isabel Canori e Villana de Bottis, mães de família; a beata Luiza d'Albertone, viuva; a venerável Graça de Valença que morreu com 112 annos e teve de supportar até a morte violentíssimos ataques do demônio.

11. — A Igreja reconheceu as heróicas virtudes destes grandes servos de Deus; mas quantos outros que não tiveram esta honra e souberam, na agitação do mundo, no exer-

écio de profissões que não favorecem a piedade, servir ao Senhor com grande fidelidade e lucrar para o céu inúmeros méritos ! No século 17, o Snr. de Bernière Louvigny, thesoureiro real, que deixou trabalhos tão piedosos, e o barão de Reinty que se distinguiram pela eminente santidade de sua vida; dous parisienses, Clemente, cutileiro e Beaumais, mercceiro, converteram muitos hereges pelas suas controvérsias e mais ainda pela sua santidade. Maria de Valença (1), Maria dos Valles, appellidada de santa de Coutances, tão intimamente ligada ao B.º Padre Eudes; Maria Rousseau, espôsa de negociantes em vinhos, que sustentou o Pe. Olier em seus empreendimentos e que as personalidades mais eminentes consultavam; Esprita de Jesus, Magdalena Vigneron Armele Nicolas que foram favorecidas de communicações divinas, (2) praticáram heróicas virtudes. No século 19, o commandante Marceau, o Snr. Dupont, o santo homem de Tours, o general de Sonis, o Snr. Philiberto Vrau, Maria Brotel, (3) etc., levaram uma vida santa no meio do mundo.

E' verdade, o número dos santos e dos perfeitos é incomparavelmente maior entre os que se consagraram a Deus, e que acham, quer no sacerdócio, quer na vida religiosa, soccorros inapreciáveis ; mas os exemplos de tantas almas generosas que se santificaram na sociedade, provam a verdade do princípio : *Bonas voluntas requiritur et sufficit*: é preciso uma bôa vontade, mas uma bôa vontade basta, uma vontade enérgica e constante, que fielmente corresponda ás graças que Deus sempre derrama com abundância sôbre as almas corajosas.

---

1. Ver "*Invasão mística*" do Pe. H. Brémond. — Cap. II.

2. Ver "*Divinas Palavras*" onde consignámos muitas das santas lições que Nosso Senhor deu a estas três últimas.

3. Citada igualmente muitas vezes na mesma obra.



## PRIMEIRA PARTE

---

### O combate espiritual. Obstáculos a vencer.

12. — « Meu filho, entrando no serviço do Senhor, prepara tua alma para a prova. » (1) E' próprio da sabedoria de Deus provar suas criaturas para lhes dar o ensejo de attestarem sua fidelidade e de exercerem seu amor. Mal foram os anjos criados, logo foram sujeitos á prova ; a primeira cousa que a Escritura nos ensina de nossos primeiros pais, é a prova que lhes foi imposta. Cada um dos homens há de ter a sua, e a vida, cá na terra, há de ser uma luta sem tréguas. Deus permite, pois, que, na frente da alma que deseja applicar-se a serví-lo bem, surjam obstáculos. Se esta alma não é fiel, detém-se no caminho ou desvia-se ; se é fiel, supera os obstáculos e a victória que alcança, torna-a mais virtuosa e mais amante.

Indicaremos como principais obstáculos ao progresso na piedade : a tríplice concupiscência : orgulho, sensualidade, apêgo ás riquezas terrestres ; as tentações, venham da natureza, do mundo ou do demônio ; as illusões, filhas do orgulho ou da imprudência ; a avidez, a impotência, as tristezas e os desgostos ; o abuso da graça que leva á cegueira e ao endurecimento.

### CAPÍTULO III

#### As paixões ; o orgulho

##### 1. Natureza do orgulho. Suas diversas formas.

13. — « Cada um é tentado pela sua própria concupiscência que o arrebatada e seduz, » diz o apóstolo são Thiago(2). Os ataques do demônio, de que falaremos logo adiante, se-

1. *Ecl.*, II, 1.

2. I, 14.

riam pouco perigosos, se, dentro de nós mesmos, não tivéssemos inimigos temíveis — as nossas paixões. Estas inclinações ao mal, já de si impetuosas e ardentes, chegam muitas e muitas vezes a tornar-se tyrânicas pelas faltas commettidas, pelas concessões que se lhes fazem. Admittem-se commumente, para as más inclinações, três divisões principais: o orgulho, a sensualidade e o apêgo aos bens terrenos.

*O orgulho é um amor desordenado á própria excellência.* Santo Thomaz, reproduzindo um texto de são Gregório, ensina que o orgulho se manifesta de quatro modos diferentes. Ei-los : ou attribuimo-nos o que temos de bom, ou, se reconhecemos que êste bem vem de Deus, julgamos que seja devido a nossos méritos, ou vangloriamo-nos de possuir qualidades que não temos, ou, desprezando os outros, desejamos uma estima singular pelos nossos predicados.

O orgulhoso não diz em termos expressos : «Sou o autor de minhas qualidades ; a mim exclusivamente devo minhas virtudes e meus talentos;» mas o amor desregrado que tem a si mesmo e que faz convergir todos os seus pensamentos para o seu idolatrado «eu», engana-o e o leva a apropriar-se mais ou menos inconscientemente o que não lhe pertence, a prevalecer-se dos bens que recebeu como se não fossem dons de Deus.

Assim, dêste amor desregrado, dêste egoísmo muitas vezes inconsciente, nasce uma complacência exagerada em si mesmo, que é o princípio do orgulho. Gosta-se de pensar nas qualidades que se tem ou que se julga ter e alegra-se com ellas, não como de uma dádiva de Deus a um indigno, mas como de um bem pessoal de cuja posse se experimenta prazer, sente-se glória. O homem nesta disposição faz uma idéia exagerada de seus méritos e, frequentemente, se attribue qualidades que não possui. E' desta arte que procede o que só tem confiança em seu próprio juízo, ou toma como qualidade o que não é : assim fazem as pessoas altivas que se orgulham de suas riquezas, de suas luxuosas toilettes.

*A complacência excessiva em si mesmo acarreta naturalmente a depreciação do próximo.* O que é orgulhoso, sem o saber, é severo e injusto nos juízos que forma dos seus irmãos : julga-se superior a elles e esta disposição de sua vontade leva-o inconscientemente a rebaixá-los ; muito facilmente se convencerá que elle só tem razão e que todos os outros estão enganados.

Da complacência em si mesmo nasce a vanglória, ou vaidade, que é o desejo immoderado da estima e dos louvores. Todo desejo de glória é desordenado, quando se procura a própria glória nas cousas frágeis e ephêmeras, quando se baseia esta glória no juízo dos homens, tão propensos ao êrro, quando se cobiça a estima e a aprovação por qualquer razão que não seja a honra de Deus e o bem das almas. (1) São, pois, roídas pelo vício da vanglória estas pessoas que visam occupar o espirito dos outros, prender-lhes a attenção, grangear-lhes a admiração, embora pretendam vantagens fúteis. E' o caso, também, das que têm um receio excessivo de ser esquecidas, tidas em conta de nada, desprezadas ou humilhadas.

*O orgulho também gera a ambição,* que é o amor da autoridade e das honras. Impor sua vontade, receber provas de respeito, eis as aspirações dos ambiciosos. Participam dêste defeito os susceptíveis, os ciosos de sua autoridade, os quais, em vez de se alegrarem com o bem realizado por outros, temem sempre que seus collegas ou auxiliares usurpem seus direitos ou grangeiem muito crédito.

*Outra forma mais disfarçada do orgulho é a que excita a tristeza, o despeito, o desânimo.* Se a pessoa que alimenta um amor desordenado á própria existência, é, por índole, inclinada aos pensamentos sombrios, ficará aterrorizada de seus defeitos, como outra qualquer se deleita na contemplação de suas qualidades ; pensará nelles sem cessar, concebendo amarga tristeza e, bem depressa, ficará sendo presa

1. S. Thomas, 2, 2, q. 132, a. 1.

do abatimento e do desânimo. Esta modalidade da sobêrba é perigosa, porque simula a humildade e paralysa as almas.

## 2. Males causados pelo orgulho.

14. — O orgulho, não há negar, é uma grave desordem : perdeu a Lúcifer e seus anjos e foi a primeira falta de Adão e Eva. «Sereis semelhantes a Deus,» disse a serpente a nossos primeiros pais, e esta palavra despertou nêlles um sentimento de sobêrba. Eram muito intelligentes para cahirem no êrro grosseiro de se igualarem a Deus, mas pensaram comsigo : «Bom seria sabermos por nós mesmos e decidir o que é bom e o que é mal, sermos independentes, livres de toda a autoridade, de sorte que todás as nossas vontades fossem legítimas e se cumprissem todos os nossos anhelos. O consentimento que deram a êste pensamento de orgulho, cegou-os logo ; e elles, instantes antes tão esclarecidos, deixaram-se seduzir grosseiramente e perpetraram seu peccado.

O que o orgulho foi no primeiro casal humano, ainda o é e sê-lo-á sempre em todos os seus descendentes : *princípio de êrro e de peccado e fonte de todos os males que acompanham a culpa.* “Tu dizes : «Sou rico, adquirí grandes bens, não preciso de nada,» e não sabes que és um infeliz, miserável, pobre, cego e nú.” (1) Com effeito, o orgulhoso é cego voluntário, mentiroso e ladrão : cego, pois engana-se a seu respeito, elevando-se nesciamente a seus próprios olhos e não quer vêr as deploráveis consequências do seu êrro ; mentiroso, porque, sendo de si nada e peccado, tem a pretensão de que seus bens, suas qualidades lhe pertençam e diz-se superior ao que elle é ; ladrão, porque se apossa de uma glória que só pertence a Deus.

Por isso, *o orgulhoso é odioso a Deus e aos homens.* E’ odioso a Deus : «Todo coração altivo, diz a Escritura Sagrada, está em abominação ao Senhor.» (2) Depois de Adão

1. Apoc., III, 17.

2. Prov., VI, 5.

prevaricar, o Senhor escarneceu-o dizendo : «Eis que o homem tornou-se como um de nós.» (1) Esta criatura insensata, êste verme que se incha, se arvora em rival de Deus e quer, quando menos, livrar-se da dependência que deve ao seu Criador e Senhor; fazendo alarde dos bens que recebeu de empréstimo e que muitas vezes são falsos e enganadores, não pode deixar de provocar a repulsa d'Aquelle que é, por excellência, a verdade e a santidade. «Deus resiste aos soberbos; » (2) o orgulho é um dos maiores obstáculos ás graças divinas : «Ai de vós, phariseus, dizia Jesus, que gostais dos primeiros lugares nas synagogas e das saudações nas praças públicas.» (3) O orgulhoso é também odioso aos homens. Cheio de si, sem condescendência para com ninguém e querendo ser obsequiado por todos, julgando legítima a satisfação de suas paixões, até com prejuízo alheio, não pode absolutamente atrair os corações. Esta pretensão de ser o centro de tudo, de tudo subordinar á própria pessoa, homens e cousas, ou simplesmente de elevar-se acima de seu merecimento, desagrada aos que della são testemunhas. Os próprios orgulhosos não podem tolerar o orgulho dos outros. Assim os que mais se idolatram a si próprios e mais aspiram á affeição, estima e veneração dos outros, são, ordinariamente, os menos amáveis e os menos amados.

*O orgulho e a vaidade fazem perder até o mérito das boas obras.* «Não façais vossas boas obras, disse o Salvador, diante dos homens para serdes vistos por elles : do contrár o não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu » (4). O orgulho, que é essencialmente êrro e mentira, conduz fatalmente a outros erros. Além de nos privar das grandes luzes que Deus concede aos humildes, influencia falazmente nos juízos fazendo-nos acreditar no que mais lisongeia nosso amor próprio, adoptar as opiniões que nos agradam, negar

1. *Gên.*, III, 21.

2. *Pedro*, V, 5 — *Thiago*, IV, 6.

3. *Luc.*, XI, 43.

4. *Math.*, VI, 1.

nossos êrros, desculpar nossas injustiças, exaltar e exagerar o pouco bem que praticámos.

*O orgulho e a vanglória geram muitas outras faltas.* Santo Thomaz assim enumera as filhas da vanglória : « A jactância ou bazófia, o alarde das novidades, a hypocrisia, a obstinação ou apêgo á própria opinião, o espírito de chicana, a desobediência (1). » Junte-se a esta enumeração o tão funesto respeito humano que perde tantas almas fracas. São João, nêste ponto, cita um exemplo lamentável : « Até muitos membros do synhédrio, diz êlle, acreditaram em Jesus ; mas, por causa dos phariseus, não O confessaram, pois amaram mais a glória que vem dos homens do que a glória que vem de Deus. » (2) Emfim, como observa Santo Thomaz, o orgulho é, muitas vezes, castigado por quedas vergonhosas ; Deus assim o permite em sua sabedoria e misericórdia, para que a confusão do seu hediondo peccado, induza o orgulhoso a se humilhar e a se converter. (3)

### 3. Luta contra o orgulho.

15. — O orgulho, affirma santo Thomaz, é custoso de evitar-se, porque se introduz, sem o sabermos, e até aproveitada para se manifestar de qualquer acto bom ; mas então, emquanto a consciência não o descobre, êlle não attinge toda a sua gravidade. Uma vez assignalado, é fácil a uma alma recta combatê-lo quer pelo espectáculo da miséria humana, quer pela consideração das grandezas divinas, quer ainda pelo pensamento da fragilidade e da imperfeição dos bens que excitam esta paixão. (4)

Todavia, estas considerações todas embora muito acertadas, não são efficazes senão quando alliadas á oração ardente. O orgulho é uma loucura ; mas, esta inclinação é tão

1. 2. 2, q. 132, a. 5.

2. João, XII, 42, 43.

3. 2. 2. q. 162, a. 6, ad. 3.

4. 2. 2. q. 162, a. 6 ad, 1.

profundamente enraizada no coração humano, que são necessárias graças fortíssimas para dominá-lo, e estas são dadas sómente aos que as pedem com instância.

## CAPÍTULO IV

### A sensualidade.

16. — *O apêgo aos prazeres dos sentidos é um dos maiores obstáculos á piedade.* Os sentidos que Deus nos deu, têm todos grande utilidade, e, para nos levar a aproveitá-los a Providência quis que o seu uso nos proporcionasse vivas satisfações. « Dêstes prazeres que encontramos no exercício de nossos sentidos, ensina Santo Agostinho, uns são permittidos e outros prohibidos : permittidos os prazeres que acha nossa vista na contemplação dos grandes espectáculos da natureza; prohibidos os espectáculos theatrais. Os cantos tão suaves dos psalmos deleitam-nos os ouvidos ; mas, nossos ouvidos se deleitam também com os cantos dos histriões ; os primeiros são lícitos, os últimos ilícitos. Os alimentos permittidos agradam ao paladar ; mas os alimentos prohibidos não lhe são menos agradáveis. » (1) A natureza, por si mesma, não discerne ; se não fôr regrada pela razão, domada pelas privações que a alma lhe impõe, o pendor que sente para tudo o que adula os sentidos, irá sempre crescendo : « Todos os prazeres dos sentidos, diz Bossuet, excitam-se uns aos outros. . . os mais innocentes, se não estivermos sempre alerta, preparam os mais culpados; os menores deixam entrever a alegria que se experimentaria nos maiores e despertam a concupiscência. » (2)

Assim lisongeada, aimentada e desenvolvida, a sensualidade torna-se tyrânica. « Adula-se o corpo com tanto affecto que se esquece da alma e da imagem de Deus que ella traz impressa no seu íntimo : nada se recusa a si pró-

1. *De verb. apost. Serm.* 159.

2. *Trat. da concupisc.* Cap. V.

prio ; um cuidado excessivo da saúde leva em tudo a lisonjear o corpo, e estes sentimentos diversos são outros tantos ramos da concupiscência da carne. Ah! não me admira mais que são Bernardo temesse a saúde perfeita em seus religiosos; sabia até onde ella leva quando não se sabe castigar o corpo como o Apóstolo e reduzi-lo á servidão pelas mortificações, pelo jejum, pela oração, por uma contínua occupação do espirito. Toda alma pudica foge da ociosidade, das futilidades, da demasiada sensibilidade, das ternuras que enfraquecem o coração, das finas iguarias, de tudo quanto lisonjeia os sentidos, pois isto tudo é pasto para a concupiscência da carne, que são João prohibe, e alimenta-lhe o fogo.» (1) Mostra-nos Bourdaloue como o amor desregrado do corpo procede gradualmente : Há logo, a princípio, o apêgo a tudo quanto se nos afigura *necessário*, ou, antes, a tudo quanto a cega cubiça nos representa como necessário ao sustento do nosso corpo ; depois, o apêgo a todas as *commodidades* que buscamos com tanta ância, e que favorecem o nosso corpo ; mais ainda, o amor ás *delícias da vida*, que, pela superfluidade e excessos, enfraquecem muitas vezes ou mesmo arruinam o corpo ; finalmente o amor dos *prazeres prohibidos* e das voluptuosidades ilícitas, que profanam o corpo.» (2)

17. — Alludindo a um texto de Jeremias : *Ascendit mors per fenestras nostras* : subiu a morte pelas nossas janellas, (3) são Jerônimo (4) nos diz que os cinco sentidos são as janellas por onde o inimigo entra na fortaleza de nossa alma. O uso da vista, quando não moderado, favorece a curiosidade e a distracção, impossibilita o recolhimento e a união com Deus ; excita os desejos, pois não se deseja o que não se vê ; e, desta arte, fornece ás paixões seu alimento. A mais violenta dentre ellas, a paixão carnal, encontra grandes incentivos nos olhares immortificados. Limitemo-nos a uns poucos exemplos citados nos Livros Santos. Não foi

1. *Trat. da concupisc.*

2. II Serm. da 4.ª feira de Cinzas.

3. IX, 21.

4. *Adv. Jovin.*, 1, 2, c. 12 ; *Migne Patr.*, t. 23, col. 297.



pelos olhos que succumbiram a mulher de Putiphar, David, os anciãos, accusadores de Suzana? Este mesmo sentido, se immortificado, é ainda um perigo para a caridade fraterna, porque, que juízo não fazem os que querem ver tudo? Só se abstêm de julgar seu próximo êstes que não se preoccupam senão com o que lhes toca de perto. Importa muito vigiar êste sentido, tanto mais que « a gula dos olhos, no dizer de Bossuet, nunca está satisfeita e, por assim dizer, não tem nem fundo nem beira » (1). E' preciso reprimir os olhos, ensina um santo; do contrário, tornam-se ganchos infernais que arrastam irresistivelmente a alma e a fazem cair em peccado contra a própria vontade.

18. — *O sentido do ouvido*, mal regrado, não é menos perigoso. Elle também favorece a curiosidade, a distracção. Quântos sentimentos de descontentamento, de animosidade de antipathia, os homens não se communicam mutuamente? Quantas murmurações e maledicências que ferem, ao mesmo tempo, os que as proferem e os que se comprazem em lhes prestar ouvidos, sem contar os mesmos perigos, tão temíveis que apontámos como fructos do uso immoderado da vista, os desejos impuros !

Ao abuso do ouvido, deve-se accrescentar — pois os dois são correlativos — *o abuso da palavra*. O Espirito Santo na Escritura, em muitos lugares, nos acautela contra êste perigo. « Senhor, supplica o psalmista, ponde guarda á minha bôcca, sentinella á porta dos meus lábios (2). » « Poupa-se a angústias o que vela sôbre sua bôcca e sua língua. (3). » « Sejam as tuas palavras pouco numerosas;... é a voz do insensato que se ouve na multidão das palavras. » (4) Não se evita o peccado falando muito e o que põe um freio a seus lábios é homem prudente. » (5) « Cada um seja prompto em escutar e lento para falar, diz o apóstolo são Thiago » (6)

1. *Loco citato*, cap. IX.

2. *Psalmos*, CXL, 3.

3. *Pr.*, XXI, 23.

4. *Ecl.*, V, 2.

5. *Prov.*, X, 19.

6. *I.*, 19.

« Não se diga, observa são Bernardo, as palavras não pesam, a língua do homem é uma pouca de carne macia ; pode uma pessoa digna prestar-lhe grande atenção ? Sim, as palavras não pesam, voam ligeiras; mas, ás vezes, ferem gravemente; passam rápidas, mas queimam vivamente. . . Quem pôde contar as numerosas faltas que êste pequeno membro nos faz commetter ! . . . Se, no dia do júzo, os homens hão de prestar contas das palavras inúteis que houverem proferido, que contas muito mais numerosas não haverão de prestar a Deus de tantos discursos mentirosos, mordazes, injuriosos, blasphemos, lascivos, aduladores, maledicentes ? » (1) A sabedoria popular concorda com os ensinamentos da Escri-tura e dos santos, quando proclama que a palavra é de prata e o silêncio é de ouro. Porisso, todos os fundadores de ordens religiosas, querendo que seus discípulos levassem uma vida fervorosa, impuzeram-lhes, antes de qualquer outra, a lei do silêncio. « E' no silêncio e no socêgo, affirma a Imitação, que a alma progride. » (2) Quanto menos se fala com os homens, tanto mais se fala com Deus : os que gostam de se expandir com as criaturas, pouco pensam em entreter-se com o Criador ; quando querem, não podem, pois seu espí-rito, distraído e leviano, a isso se recusa.

19. — *O sentido do gôsto*, mal regrado, traz, por sua vez, grandes obstáculos á piedade. Eva, cuja coração foi ferido pelo orgulho, perpetrou sua desobediência, depois de ceder á seducção do gôsto. « A mulher viu que a fructa da árvore se podia comer. . . tomou e comeu. » (3) Muitas vezes, os filhos de Eva são também vítimas do mesmo vício. « Foi um peccado de gula, ensina-nos Luiz de Granada, que introduziu a morte neste mundo e lhe entregou o domínio sôbre o gênero humano inteiro. Dahí vem que êste é o primeiro combate que tendes de sustentar e do qual importa sobremaneira sairdes victoriosos ; porquê, quanto mais fracos vos mostrardes tanto mais terríveis serão vossos inimigos.

1. *De trip. cust.*

2. I, 20.

3. *Gén.*, III, 6.

Se, pois, quizerdes subjugá-los, começai pela gula ; jugulado êste, os outros terão perdido muita fôrça . . . Eis o que nos explica porque o demônio tentou primeiro por gula o divino Salvador : procurava, antes de tudo, apoderar-se da porta pela qual os outros vícios todos podem entrar. » (1) São Vicente Ferrer diz igualmente : « Deveis primeiro combater em vós a gula ; porque, se não alcançardes victória sôbre ella, trabalhareis debalde na aquisição das outras virtudes. » (2) Escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, não indica são Pedro a sobriedade como o meio necessário para não cair nas garras de Satanaz ? « Sêde sóbrios e velai, porque vosso inimigo, o demônio, ronda em redor de vós, como um leão rugindo, á procura de sua presa. » (3)

O perigo, no uso do gôsto, provém da necessidade de satisfazê-lo numa certa medida e é difficil manter-se dentro dos justos limites. « A gula, assevera santo Agostinho, não sabe onde acaba a precisão. » (4) Os santos lastimaram esta escravidão e os perigos que acarreta. Santo Agostinho, nas suas Confissões, diz : « Senhor, vós me ensinastes a não tomar os alimentos senão como remédios. Mas, quando quero satisfazer a fome, então a concupiscência me arma ciladas, porque, nesta satisfação, há prazer e não se pode deixar de o experimentar. Com effeito, o comer e o beber sendo necessários para a vida, uma certa voluptuosidade — voluptuosidade perigosa — se fez sua companheira inseparável ; muitas vezes procura tomar a dianteira para me obrigar a fazer por ella o que declaro fazer pela minha conservação. Ora, a medida de uma não é a da outra ; o que basta para a saúde, parece pouca cousa para o deleite. Não se distingue frequentemente quem reclama, se a necessidade do corpo, se o atractivo enganador da voluptuosidade. E a alma é bastante miserável para se comprazer nesta incerteza e nesta procura uma desculpa, contente de não perceber os

1. *Gui. des péch.*, II, 6.

2. *Traité de la vie spir.*, VI.

3. *I Pet.*, V, 8.

4. *Contr. Julian*, V, 70.

limites do que bastaria para a saúde, afim de que o pretexto da necessidade lhe proporcione o ensejo de satisfazer a sua voluptuosidade. Todos os dias estou a braços com esta espécie de tentações. . . Quanto aos excessos do vinho, estou bem longe dêlles, mas a gula me surpreende ás vezes. (1)

Haverá culpa no comer e no beber, sempre que a intenção não seja recta e que, em vez de comer e de beber por necessidade, se o faça por mero prazer, quando houver excesso de delicadeza na escolha dos alimentos e das bebidas ou excesso na quantidade.

A gula entorpece o espírito, torna-o menos apto, segundo santo Thomaz, ás operações intellectuais ; (2) o coração rebaixado por esta sujeição a vís prazeres, não sabe mais apreciar os bens espirituais. «Acautelai-vos, disse Nosso Senhor, com mêdo que vossos corações não se tornem pesados pelo excesso no comer e no beber.» (3) As pessoas amigas da bôa mesa, ou simplesmente immortificadas no uso da comida, nunca se elevam a uma alta piedade. Se a intemperança crescer, gerará um perigo muito maior — o da impureza. «Nada accende o fogo da concupiscência e da raiva como o amor ao vinho e o excesso no uso das bebidas,» diz são João Chrysóstomo. (4) «Não vos embebedeis, escreve são Paulo aos Ephésios; é a fonte da devassidão.» (5)

20. — *O sentido do tacto*, mais do que todos os outros, foi pervertido pela culpa original. «Tende para os gózos animais, diz Ribet, com uma vivacidade e uma violência que não têm os outros sentidos.» Após haver descripto os excessos do gôsto, Bossuet accrescenta: «Mas quem se atreveria a pensar em outros excessos que se manifestam de uma maneira muito mais perigosa em outro prazer dos sentidos? Quem, digo, ousaria falar ou pensar nelles, pois não se fala dêlles sem corar e não se pensa nêlles sem perigo, nem

1. X, 31.

2. 2. 2, q. 15, a. 3.

3. *Luc.*, XXI, 34.

4. *In Epist. ad Rom.*, hom. 24.

5. V, 18.

sequer para censurá-los? O' meu Deus, ainda uma vez, quem ousaria falar desta profunda e vergonhosa chaga da natureza, desta concupiscência que prende a alma ao corpo com vínculos tão ternos e tão violentos, dos quais custa tanto desvincilhar-se e causa no gênero humano tão medonhas desordens? Ai da terra! ai da terra! mais uma vez, ai da terra! de onde surge continuamente fumaça tão densa, vapores tão espessos que se elevam destas paixões tenebrosas e que escondem á nossa vista o céu e a luz; de onde partem também relâmpagos e raios da justiça divina contra a corrupção do gênero humano. » (1)

A sensualidade cega: *animalis homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei; stultitia est illi et non potest intellegere*: o homem animal não percebe as cousas do Espírito de Deus, pois são loucura para elle e elle não as pode conhecer. (2) Os anciãos que calumniaram Suzana « perverteram seus sentidos e desviaram os olhos para não verem os céus e não se lembraram dos justos juízos de Deus. » (3) Não há peccado, diz Bourdaloue, que atire o homem numa cegueira mais profunda, porque, no dizer de são Chrysóstomo, êste peccado é uma sujeição vergonhosa do espírito á carne, e assim torna o espírito inteiramente carnal. Os homens escravos da sua sensualidade perdem mormente três conhecimentos: o conhecimento de si próprios, o conhecimento de seu peccado e o conhecimento de Deus. » (4) O orgulho é mais desordenado, pois, por êlle, o homem separa-se de Deus para se adorar a si mesmo; mas a sensualidade é mais aviltante: rebaixa o homem ao nível do bruto.

« Oh! como o apóstolo virgem, o amigo de Jesus — citamos ainda Bossuet — tem razão de clamar, com todas as fôrças, para os grandes e os pequenos, para os moços e para os velhos, para os filhos e para os pais: « Não ameis ao mundo nem ao que há no mundo, porque o que há no

1. *Traité de la concupisc.*, cap. IV.

2. I, *Cor.*, II, 14.

3. *Dan.*, XIII, 9.

4. *Serm. sur l'impureté.*

mundo é concupiscência da carne, apêgo á frágil e enganadora belleza dos corpos e amor desregrado ao prazer dos sentidos, que corrompe igualmente os dois sexos.» (1)

21. — Aquí, Bossuet aponta «o apêgo á frágil e enganadora belleza dos corpos.» Esta tendência para os affectos sensíveis e carnaes é um dos perigos de maior seducção, um dos mais temíveis que ameaçam as almas piedosas. Se a amizade é louvável e salutar, quando é e fica sendo sobrenatural, é também perfidíssima quando pende para o sensível e o sensual. «A amizade espiritual, diz são Francisco de Sales, é aquella pela qual duas, três ou mais almas se communicam sua devoção, seus affectos espirituais e parecem não terem senão uma só e mesma alma.» (2) E o santo Doutor cita exemplos famosos. A amizade honesta repousa na communitade de vistas, de gôstos, de interêsses; leva duas ou várias pessôas a se prestarem mutuamente bons serviços. A amizade sensual repousa nos encantos phísicos. Se os sentimentos de affeição sensível são energicamente reprimidos, dão lugar a generosos sacrificios e os sacrificios do coração são contados entre os mais meritórios e fecundos. Se, pelo contrário, são acariciados e cultivados com ardor, abafam os sentimentos de amor de Deus. «Senhor, declara santo Agostinho, nós vos amamos menos, quando comvosco amamos ainda outra cousa que não amamos por vós.» (3) As pessôas cujo coração se deixa assim captivar por uma criatura, se preocupam muito em lhe agradar e pouco se importam de agradar a Deus. Pensam incessantemente no objecto de seus affectos e esquecem-se de Jesus, seu melhor amigo; procuram ter encontros frequentes e prolongados em que se dizem sua ternura, se communicam suas pequenas paixões, seus juízos malévolos, suas antipathias, seus azedumes, suas murmurações, seus planos de vãos prazeres. Assim

1. *Ibidem.*

2. *Vie dévôte*, III, 19.

3. *Conf.*, X, 29.

dispostas não rezam mais, ou rezam muito mal ; seus exercícios são infructíferos e tíbias as suas communhões : é a ruína da piedade, quando não a ruína da virtude.

## CAPÍTULO V

### O apêgo aos bens terrenos.

22. — «A piedade que se satisfaz com o necessário, escrevia são Paulo a Timótheo, (1) é uma grande riqueza, porque nada trouxemos ao entrarmos no mundo e, sem dúvida, nada levaremos. Se, pois, temos com que nos alimentar e nos vestir, estamos satisfeitos. Os que querem ser ricos, caem em grande tentação, em ciladas, em innúmeros desejos insensatos e funestos, que lançam os homens na ruína e na perdição, pois o apêgo ao dinheiro é o princípio de todos os males, e quantos que se entregaram a esta inclinação, naufragaram na fé e se tornaram vítimas de muitos tormentos !» «O ouro, diz o Sábio, tem perdido muita gente.» (2)

As Escrituras Santas nos fornecem exemplos pasmosos dêstes males causados pelo amor ao dinheiro. Por ter cedido á cubiça, Giezi, servo de Eliseu, foi ferido de lepra (3) ; Ananias e Saphira foram castigados de morte e Judas atraiçoou a seu Mestre.

As palavras proferidas por Nosso Senhor contra os perigos das riquezas figuram entre as mais fortes caídas dos seus lábios divinos : «Ai de vós, ricos, pois já tendes a vossa consolação ; ai de vós que estais fartos, pois teréis fome.» (4) «Como é difficil para os que possuem as riquezas entrarem no reino de Deus ! Com effeito, é mais fácil a um camêlo passar pelo fundo de uma agulha do que a um

1. VI, 6.

2. *Eccl.*, VIII, 3.

3. *IV Reis*, V, 27.

4. *Luc.*, VI, 24.

rico entrar no reino de Deus.» Estas palavras causariam o desespero de muitos, se o Salvador não accrescentasse : «o que é impossível aos homens é possível a Deus.» (1) A parábola do mau rico e de Lázaro também nos mostra como as privações, para os pobres, são preciosos auxílios á própria salvação e as delícias e os gózos, para os ricos, sérios perigos de condemnação. «Não podeis ao mesmo tempo servir a Deus e ao dinheiro,» (2) declarou ainda o Senhor. Ao moço que observára fielmente os mandamentos e que Elle olha com amor, Jesus dá esta grande lição : «Uma cousa te falta : si quiseses ser perfeito, vende quanto tens, dá-o aos pobres e terás um thesouro no céu ; e, depois, vem e segue-me.» (3)

23. — Santo Thomaz enumera três obstáculos que apresentam as riquezas, em relação ao exercício da caridade : os cuidados que dão, o apêgo que se lhes têm e que vai crescendo á medida que ellas augmentam, o orgulho e a vanglória que ellas alimentam e excitam. (4) Accrescente-se ainda a facilidade que proporcionam de gozar dos prazeres de que a natureza é tão ávida.

*Os cuidados* existem, nota santo Thomaz, até nos que possuem pouco, por serem êstes obrigados a provêr-se do necessário á sua subsistência. Entretanto, quando se procura apenas o indispensável, muito poucos cuidados se tem e não há nisto impecilho algum á sanctificação. Os que têm muitas riquezas têm também muito mais preocupações : pensam na sua fortuna, nas suas emprêsas ; calculam de antemão os lucros que poderão realizar e incommodam-se com os prejuízos que poderão ter. Os bens dêste mundo não dão, pois, a felicidade. «O amor insaciável das riquezas, declara são Bernardo, atormenta muito mais a alma pelo desejo do que a satisfaz pelo gôzo ; sua aquisição é penosa, sua posse enche de temor e sua perda mergulha na

1. *Luc.*, XVIII, 24-27.

2. *Math.*, VI, 24.

3. *Math.*, XIX, 21. — *Marc.*, X, 21.

4. 2. 2, q. 188, a. 7.



dôr.» (1) «Onde está o vosso thesouro alí está o vosso coração, disse o Salvador. Com effeito, as pessoas que possuem os bens dêste mundo e que a elles se apegam, se deixam absorver pelos negócios materiais e mal consagram uma attenção diminutíssima ao negócio incomparavelmente mais grave de seu adiantamento espiritual. As graças que lhes advêm das instruções, das boas leituras, dos piedosos exemplos, não aproveitam quasi nada, como Nosso Senhor o proclama na parábola da sementeira: «Os que recebem a semente nos espinhos, são os que escutam a palavra, mas os cuidados do mundo, a seducção das riquezas e outras concupiscências entram-lhes no coração, abafam a palavra divina e ella não dá fructo.» (2)

Como todos os affectos que invadem o coração humano, *o apêgo aos bens terrenos*, quando não combatido, *vai crescendo sempre*. A criança não dá importância ao dinheiro, mas affeição-se a seus brinquedos e aos pequenos objectos que possui. A' medida que o homem envelhece, se cede a esta inclinação, apega-se cada vez mais a tudo o que tem e acabará — o que é uma verdadeira loucura — amando a riqueza pela riqueza, o dinheiro pelo dinheiro. «Tenho considerado outra vaidade debaixo do sol : tal homem está só, não tendo ninguém comsigo, nem filho, nem irmão ; comtudo, seu trabalho não conhece tréguas e seus olhos não se fartam de riquezas, e elle nem pensa : porque estou trabalhando?» (3) «Aquêlle que gosta de dinheiro, não se farta de dinheiro e aquêlle que está apegado ás riquezas, não goza do seu fructo;... que vantagem tiram dellas os que as possuem senão de as terem debaixo dos olhos?»

E' de experiência quotidiana que, quem possui objectos preciosos e, com maior razão, quem é favorecido dos dons da fortuna, se prevalece disto para se elevar a seus próprios olhos e procura tirar disto uma certa glória. Estas *dispo-*

1. *De conversion*, VIII, 14.

2. *Marc.* IV, 18.

3. *Eccl.*, V, 7-8.

*Ibidem*, V, 9.

*sições de orgulho e de vaidade* representam um grande obstáculo ás graças de Deus e desviam do desejo da perfeição quem a ellas se entrega.

Emfim, *as tentações de proporcionar á natureza as satisfações* de que se mostra tão ávida, não deixam de se robustecer, quando a fortuna permite tão facilmente de as obter. Pelo contrário, quando a pobreza impõe privações, é bastante mostrar « bom coração contra má fortuna » para lucrar grandes méritos.

Os que querem trabalhar para sua sanctificação, devem desapegar-se dos bens terrenos e seguir êste conselho de santo Agostinho : « Considerai o dinheiro como uma provisão de viagem ; usai dos bens da terra como o viajante no hotel usa da mesa, dos pratos, da cama que põem á sua disposição e que não leva comsigo. » (1)

As restricções dos gózos que proporcionam os bens dêste mundo, as privações das cousas agradáveis ou mesmo úteis, muito favorecem o desapêgo. A generosidade na esmola, tão encarecidamente recommendada pela Igreja e admiravelmente praticada em todas as épocas pelos verdadeiros christãos, é o melhor remédio contra o apêgo desordenado aos bens da terra.

## CAPÍTULO VI

### As tentações.

#### 1. Natureza e causa das tentações.

24. — « Cada um, diz são Thiago, é tentado pela própria concupiscência, que o allicia e arrasta. » (2) Tão fortes são as inclinações ao mal que a natureza sente, que, sózinhas, podem conduzir ao peccado ; mas o inimigo de nossas almas aquí está ainda excitando de mil maneiras as

1. *In. Joan., tr. 40, n. 10.*

2. I, 14.

paixões, « como um leão rugindo ronda em tórno de nós, procurando uma presa que possa devorar. » (1) E, muitas vezes, os próprios homens juntam seus esforços aos de Satanaz, quando, por actos ou por palavras, induzem o próximo a desprezitar seus deveres. Assim, a tentação é uma excitação da natureza, do mundo ou do demônio a fazer-nos omitir um bem mandado ou a ceder a um mal prohibido.

A *natureza* experimenta uma inclinação para tudo o que a lisonjeia e uma reluctância para tudo o que a contraria, e êstes movimentos de attracção e de repulsão precedem toda reflexão e não distinguem o lícito do illícito : assim, em presença de uma iguaria, sente um prazer irreflectido, seja ella permittida ou prohibida pelas leis da Igreja. Desta arte, as tentações são numerosas e de todos os dias ; duram toda a vida, porque a natureza permanece sempre a mesma, sempre amiga do seu descanso, das suas commodidades e inimiga de todo o dever penoso.

*Os demônios*, sêres inteiramente abjectos, não respirando senão ódio e rãiva, invejosos do homem, querem a todo o transe perdê-lo, excitando-o a offender a Deus que elles detestam. Nosso Senhor nos mostra um demônio que, expulso de uma alma peccadora, anda á procura de sete outros, peiores do que elle, para ajudá-lo a reconquistá-la. Os espíritos infernaes, com effeito, reúnem-se ás vezes para dar aos homens formidáveis assaltos. (2) Estes inimigos de nossas almas são hábeis, e de intelligência de muito superior á nossa ; além disso, são ardorosos e obstinados.

*O mundo*, « inteiramente mergulhado no mal » (3), junta suas seducções ás dos anjos decaídos. E' êlle constituído, na verdade, pelo conjuncto dos homens que proclamam legítima a satisfacção do orgulho e dos sentidos : os mundanos não se contentam de apregoar, estabelecem como princípio que convém peccar. O mundo exerce uma influ-

1. I. Pet., V, 8.

2. Cat. Conc. r., IV, 10.

3. I. Joan, V, 19.

ência deletéria com suas máximas, seus exemplos, suas zombarias, suas perseguições. As máximas do mundo são diametralmente oppostas ás do Evangelho. Eis alguns exemplos : antes de mais nada, o homem deve procurar enriquecer-se, elevar-se, brilhar, dominar ; não gozar, quando se pode, é estupidez ; a pobreza, vergonha ; a privação voluntária, loucura, como é loucura, também, deixar-se humilhar, aceitar um insulto, uma injustiça ; a oração é bôa para os que não têm nada que fazer ; a vocação religiosa é uma cabeçada, o effeito de uma piedade exaltada ; Deus não exige que nos incomodemos, nos privemos ; com Elle sempre havemos de nos arranjar ; etc. Os que têm êste espírito mundano, procuram diffundir suas idéias ; por seus exemplos e palavras arrastam os fracos na estrada larga dos prazeres, a única que lhes parece razoável, e, muitas vezes até, perseguem os que não os imitam e querem viver segundo as máximas do Evangelho. Suas armas são principalmente o motejo, o sarcasmo, a pilhéria, tão temidos pelos pusillânicos.

Mas os mundanos não são os únicos tentadores da alma piedosa. Pessoas pouco virtuosas, embora não sejam mundanas, são, ás vezes, quer pelos seus exemplos, quer pelos seus conselhos, occasião de peccado e, mais frequentemente, de imperfeição. Não se compenetram estas pessoas de que, se, com intenção má, ou simplesmente por inexperiência ou adulação, excitam ou animam os outros a cedem á vaidade, á sensualidade, á murmuração, ás faltas de caridade, fazem o papel de demônio e assumem perante Deus uma grande responsabilidade.

## 2. Utilidade das tentações.

25. — A alma humana está, pois, cercada de inimigos. Por que razão Deus, que é tão bom e quer a salvação de todos os homens, permite que tantos adversários se ergam contra nós, procurando a nossa perda ? « Deus, affirma santo Agostinho, pensou que havia mais bondade em tirar do mal um bem maior do que em impedir que houvesse

qualquer mal.» (1) Com effeito, a Sabedoria, dos maiores males, tira os maiores bens ; se não houvesse algôzes, peccadores, não haveria mártýres nem apóstolos ; se ninguém apurasse a paciência, ninguém tão pouco a praticaria ; suprimi as grandes luctas íntimas e não tereis mais santos. Das tentações resultam certamente grandes benefícios. Ellas esclarecem a alma sôbre sua miséria, preservam-na de um orgulho insensato e tornam-na prudente e experimentada : « pouco sabe quem não foi provado, » assevera o Ecclesiástico. (2) Fazem sentir á alma a precisão que tem de Deus, o único capaz de lhe dar a victória ; excitam-na, portanto, a aproximar-se de seu Pai celeste e a multiplicar os actos de confiança e de amor. Despertam a preguiça e obrigam a redobrar de energia na prática do sacrificio e da renúncia. Levam, pois, a praticar actos muito meritórios de humildade, de confiança, de paciência. A alma tentada contra uma virtude qualquer, se resiste á tentação, faz um acto desta virtude, que, neste momento, ella não pensava em praticar. Dêste modo, toda tentação repellida representa uma virtude praticada : é acto de fé o afastar os pensamentos contra a fé, como é acto de caridade o rejeitar os sentimentos de aversão ou de vingança, e as virtudes assim provadas adquirem mais firmeza e maior brilho.

O combate é penoso, na verdade ; ás vezes, quando se prolonga, torna-se importuno, molesto, renhido, um verdadeiro martýrio ; mas purifica a alma. Esta, embora tivesse exclusivamente commettido faltas leves, deve reconhecer que está sendo castigada por onde peccou ; mas expia suas culpas e, ao mesmo tempo, augmenta immensamente seus méritos ; torna-se cada vez mais pura, cada vez mais santa aos olhos dos anjos e de Deus. Nas tentações violentas e pertinazes, pode haver, é certo, alguns descuidos ou fraquezas, mas as resistências, as victórias são innumeráveis, porque numa só hora quantos desprêzos do mal, quantos

1. *Enchir.*, c. 100.

2. XXXIV, 10.

santos protestos de fidelidade ! E o bem que estas victórias fazem á alma, é maior do que o mal que lhe causam estas faltas leves.

Todos, é verdade, não tiram o mesmo proveito d'estes combates íntimos : «A tentação, ensina santo Agostinho, é um fogo no qual o ouro se purifica e a palha se consome ; o justo se aperfeiçoa e o peccador se perde ; é uma tempestade que joga êste a bordo e traga aquêlle.» (1) E' uma verdadeira batalha com vencedores e vencidos, e o céu deve ser tomado de assalto : «Ninguém há de ser coroado se não houver legitimamente lutado,» diz são Paulo. «Feliz do homem, exclama são Thiago, que supporta a prova ; depois de provado, há de receber a corôa de vida.» (2) «Como se aprecia o pilôto na tempestade, o athleta na areña, o soldado na peleja, as grandes almas na adversidade, assim também se reconhece o verdadeiro christão na tentação.» (3)

26. — Os santos, muito mais que os outros, têm experimentado os assaltos do inimigo. Celebérrimas são as tentações de santo Antônio no deserto, de são Jerônimo retirado longe do mundo em Belém ; de são Bento e de são Francisco de Assís que, para abafarem os maus appetites da concupiscência, se rolaram nos espinhos; de são Bernardo e de são Pedro Damião que se atiraram nas águas glaciais. Santa Joanna de Chantal, havendo enviuvado, foi assediada por numerosas e violentas tentações. (4) São Vicente de Paulo, a quem ella abrira seu coração, escreveu após a sua morte : «Estava cheia de fé, embora tenha sido tentada toda sua vida por pensamentos contrários... Disse-me e escreveu-me várias vezes que andava com o espírito tão cheio de toda espécie de tentações e abominações que seu exercício contínuo consistia em desviar do seu íntimo o próprio olhar, não podendo supportar-se a si mesma.» (5)

1. In. ps. 62.

2. I, 12.

3. *São Basílio*, or. I.<sup>a</sup> de patient.

4. *Vida de S. Francisco de Sales*, L. IV ; cap. 3.

5. *Vida*, por Abelly, L. II, cap. VII.

Santo Affonso de Ligório soffreu tudo : revolta dos sentimentos, pensamentos de vaidade, presumpção, incredulidade, terríveis tentações contra a pureza. «Estou com oitenta e oito annos, dizia elle ao Pe. Criscuoli, e o fogo da minha mocidade ainda não se apagou.» E não confessa o grande Apóstolo : «Comprazo-me na lei divina segundo o homem interior, mas descubro nos meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e que me torna captivo da lei do peccado, que está em meus membros. Infeliz que sou, quem há de me livrar dêste corpo de morte?» (1)

As almas mais generosas, que também são mais fortes, são tentadas mais violentamente : «Porque eras agradável a Deus, disse o anjo a Tobias, foi preciso que a tentação te provasse (2) Todos os que querem viver piedosamente no Christo Jesus, disse são Paulo, hão de soffrer perseguição ; muitas vezes são perseguidos pelos homens, mas sobretudo pelos demônios. «Estes, previne são Jerônimo, não se preoccupam com os que são infieis, mas com os que são bons.(4) «Lúcifer, diz são Gregório, não tenta os que estão debaixo do seu jugo, mas os que procuram furtar-se ou já conseguiram escapar ao seu domínio.» (5) E', pois, um indício de fervor experimentar duras e violentas tentações : « Não há signal mais certo, na opinião de são João Clímaco, de termos vencido os demônios do que o sentirmos seus rijos assaltos.» (6) Muitas vezes, é verdade, as pessoas de pouca virtude se queixam mais amargamente de suas lutas do que as pessoas corajosas. Muito mais do que estas, ellas imaginam ser as vítimas dos furores do inimigo ; ora, pelo contrário, as almas fortes têm de lutar muito mais, mas estão menos inclinadas a gemer, supportam virilmente embates incomparavelmente mais rudes. Meninos há que acham demasiado um pêso de um kilo e seus pais carregam alegremente fardo

1. Rom., VII, 23, 24.

2. Tobias, XII, 13.

3. II Tim., III, 12.

4. Epist., 22, ad Eustach.

5. Mor., XXIV, 7 — XXVII, 9.

6. Degr. XXVI, a. 60.

vinte vezes maior : ora, maior differença vai entre uma alma virtuosíssima e outra pouco adiantada no amor divino, do que entre uma criancinha e um homem maduro.

### 3. Como se deve lutar contra as tentações.

27. — As pessoas ainda pouco esclarecidas e pouco amantes muitas vezes se perturbam quando tentadas ; não sabem distinguir bastante entre *o sentir* e *o consentir*. Três são as phases da tentação : a proposição, a complacência e o consentimento. Se um homem propenso á bebedeira propõe a um companheiro de entrar na taberna, esta proposta agrada ou desagrada a êste último. Se ella lhe agrada, se ella corresponde ás suas inclinações, nenhuma responsabilidade tem elle porisso ; será culpado ou merecerá no momento em que acceitar ou recusar. Quando um objecto que adula as nossas paixões se apresenta á nossa vista ou ao nosso pensamento, a natureza logo sente-se irresistivelmente atraída e, nesta solicitação má, acha uma complacência irreflectida e inevitável, mas esta complacência, em que a liberdade não tem parte alguma, não é o consentimento. O mesmo se dá com os objectos que produzem uma viva repulsa ou, antes de qualquer reflexão, provocam irritação, ou impaciência ; êste primeiro sentimento é muito differente do consentimento.

Os theólogos chamam *movimento primo primi* o que se produz logo que o objecto, agradável ou desagradável, é percebido pelos sentidos ou pela imaginação, antes de qualquer pensamento sôbre a moralidade do acto assim produzido. Como a razão humana, muito menos rápida do que a intelligência angélica, não percebe, a princípio, senão de um modo um tanto confuso o bem moral ou o mal encerrado no acto que a natureza sente-se inclinada a praticar, chamam de *movimento secundo primi* o que acompanha os primeiros impulsos ou as primeiras repulsas e que não é nem puramente instinctivo, nem completamente deliberado. Este estado de semi-luz dura pouco, a maioria das vezes ;



outras vezes, pelo contrário, prolonga-se por alguns minutos durante os quais a razão fica entorpecida : pode ser um tanto culposo, porque suppõe uma certa visão do mal, mas nunca constitue uma falta mortal. Emfim, os actos *segundos* são os que seguem e que se realizam com toda a reflexão e comprehensão de sua legitimidade ou illegitimidade.

28. — «Vigiai e orai, dizia Nosso Senhor, para não succumbirdes na tentação.» Velai como bons soldados, mostrando-vos cheios de *prudência*, de *humildade* e de *coragem*. A *prudência* consiste em reconhecer o inimigo, descobrir-lhe a tática, evitar tudo o que poderia facilitar-lhe a victória. O demônio, diz-nos santo Ignácio, não tenta da mesma maneira os que vivem na tibieza ou no peccado e os que lhes têm grande horror. Ao passo que o bom anjo inspira aos peccadores remorsos e temores salutares, Satanaz, pelo contrário, acariciando-lhes as paixões, procura adormecê-los, convencê-los de que estarão tranquillos se permanecerem nêste estado de peccado e de languidez, que lhes custará muito para sairem d'elle e, certamente, não o conseguirão. Os fervorosos, pelo contrário, que não recebem dos santos anjos senão toques delicados mas profundos, como, no dizer de santo Ignácio, de uma água que penetra uma esponja, são alvo, por parte do tentador, de vigorosos ataques : representações obscenas, inquietações cruciantes, irritações, negra melancolia. O espírito mau chega a se transformar em anjo de luz e apresenta á alma falsos bens que não estão de conformidade com a vontade de Deus, por contrários á obediência ou á prudência. Quando a pessoa tentada reconhece que os pensamentos que lhe occorrem vêm de Satanaz, não hesita mais em repellí-los ; mas, quando não discerne as suggestões diabólicas, corre o grave perigo de se deixar seduzir.

A prudência manda também *fugir das occasiões*. « Quem ama o perigo, nêlle há de perecer, » (1) declara o Espírito

1. *Ecl.*, III, 27.

Santo. Expondo-se ao perigo para cumprir com algum dever, pode-se contar com a graça divina que dará a força de lhe escapar ; mas, indo, sem razão, ao encontro do peccado, não se pode esperar accréscimo de graça e tudo se pode reccar. As occasiões exteriores nos sollicitam ao peccado, mas encontramos dentro de nós mesmos outra fonte de perigos contínuos, na impetuosidade e no *desregramento da* nossa imaginação. O demônio, que não pode agir sôbre a nossa vontade, aproveita-se desta faculdade volúvel, leviana, sôbre a qual elle pode ter certa acção, para nos pintar com falsas côres objectos seductores e no-los lembrar sem cessar, ou, pelo contrário, para pôr continuamente debaixo dos olhos da nossa alma o que nos molesta e irrita. O meio de afastar estas tentações é cortar logo todo pensamento inútil ou perigoso, substituindo-lhe o pensamento do dever e a lembrança de Deus. (1) Como é, sobretudo, durante nossos lazeres que a imaginação excitada pelo inimigo infernal, augmenta suas seducções ou exaspera nossa irritabilidade, não convém ficarmos na ociosidade. « *Semper te diabolus occupatum inveniat*, diziam os Padres do deserto ; *que o demônio te encontre sempre occupado*. O trabalho é um preservativo. Santo Agostinho conta que santo Antônio recebeu do céu esta regra de conduta : « Antônio, si quiseses agradar a Deus, ora ; e, quando não puderes continuar tua oração, trabalha, faze sempre alguma cousa. » (2)

29. — *A humildade é uma das condições do triumpho*. São Pedro foi presumçoso e renegou a seu Mestre. Depois, tornando-se mais humilde, andou de victória em victória e veiu a ser um grande santo. O acto de humildade que mais chama as graças divinas, é a declaração ao director das tentações experimentadas. « Uma tentação descoberta, affirmava são Filipe Neri, é meio vencida. » (3) Com effeito, sendo feita esta expansão da alma, com pureza de intenção, não com o desejo de captar as sollicitudes e attenções do

1. Voltaremos a este ponto tratando do recolhimento.

2. Serm. XVII, ad frat. in eremo.

3. Cf. S. Ignácio. *Ezercícios, Discern. dos espír.*, XIII.<sup>a</sup> regra.

pai espiritual, mas com o fim de obter sábios conselhos e normas de proceder ; e, de outra parte, expondo suas tentações e sentindo-se feliz por humilhar-se diante do representante de Deus, Deus concederá, então, grandes luzes, muita fôrça, e os embustes do demônio serão facilmente desmascarados.

**30.** — *A coragem é a qualidade mestra de todo soldado.* O soldado de Deus não deve temer seus inimigos, já que tem a promessa formal de nunca ser tentado acima de suas fôrças. « Considerai, meus irmãos, repetiu são Bernardo, como nosso inimigo é fraco, elle que tão sómente quer vencer quem deseja ser vencido. » (1) « E' um cão, diz santo Agostinho, mas está acorrentado ; pode ladrar mas não pode morder senão os que querem ser mordidos. » (2) Quanto menos mêdo se tem, tanto menos temível elle é. Parece-se, em verdade — é de santo Ignácio esta comparação (3) — com uma mulher má. Desta têm não só a arrogância e a obstinação, mas ainda a fraqueza : se o homem que esta mulher ataca, se mostra firme, ella perde o prumo, encolhe-se, faz-se pequenina ; se elle cede, ella torna-se audaciosa e insolente. Assim também o demônio perde a calma, quando encontra resistência decidida, quando se faz exactamente o contrário do que elle suggere ; pelo contrário, fraquejando nós um pouquinho, elle toma confiança e obstina-se; fraquejando nós muito, elle redobra de audácia. « E' um leão, diz são Gregório, para os que estão diante d'elle como formigas; é uma formiga na presença dos que são leões para com elle ». Porisso *devemos sempre desprezá-lo.*

Em certas tentações é sufficiente o desprezo com alguns actos muito simples de amor de Deus; por exemplo, nas tentações contra a fé, nas tentações de blasphêmia. Está claro que nestas tentações, em que não se empenha paixão alguma, a vontade não corre grande perigo de consentir. Se,

1. Serm. in Dom. 2.<sup>a</sup> Quadr. Cf. In cant., e 73.

2. De civit. Dei., XX, 8.

3. Discern., XIII.<sup>a</sup> regra.

pelo contrário, a tentação se apoia em alguma paixão violenta, como certas tentações de irritação, de desejo de vingança, de inveja, de orgulho ou de vaidade, de sensualidade ou de impureza, ao mesmo tempo que se despreza o demônio, cumpre fazer exactamente o contrário do que a paixão reclama, redobrando de doçura, procurando ser cada vez mais obsequioso, humilde, e mortificando a sua carne.

Um companheiro de são Francisco de Assís viu um dia uma porção de demônios atirando flechas contra seus irmãos. Algumas, ao attingirem seu alvo, eram não só repellidas mas arremessadas energicamente contra os que as haviam arrojado; atiradas a outros, nem de leve os magoavam: caíam-lhes aos pés; em alguns, entretanto, causavam leves feridas, enquanto outros ficavam completamente atravessados por ellas. Era a representação do modo com que êstes religiosos supportavam os assaltos dos demônio. Os que, com todo o denôdo responderam ás suggestões do tentador com actos contrários, feriam aquêlle que pretendia golpeá-los, ferí-los, verificando-se então a palavra do Psalmista: « Sua iniquidade recai-lhe e sobre a cabeça e sua violência torna a descer-lhe pela frente. » (1) Os que se contentavam em repellí-los inabalavelmente, ficavam invulneráveis; os outros que, mais ou menos, cediam á tentação, recebiam feridas mais ou menos profundas.

E' importantíssimo *repellir logo no princípio as suggestões infernais*, porque a tentação nunca é muito temível no primeiro instante, mas torna-se tanto mais forte quanto mais se tarda em repellí-la: facilmente se mata o leão quando pequeno, não quando crescido. Estão, pois, em grande perigo os que guardam na imaginação pensamentos que os solicitam a peccar, ou os repellem com molleza; se não caem inteiramente, também jamais conseguem mais do que semi-victórias.

**31.** — Nosso Senhor recommenda-nos insistentemente que juntemos *a oração* á vigilância. A tentação nos faz sen-

---

1. *Psalmos*, VII, 17.

tir a nossa corrupção e a nossa fraqueza. Entendemos que, entregues a nós mesmos, não a afastaríamos, mas sabemos, por outro lado, que tudo podemos, com o auxílio de Deus que nos fortifica. Elle está junto de nós, e, assevera santo Agostinho : « não afasta o olhar daquêlle que combate, soccorre aquêlle que fraqueja e corôa aquêlle que triumphava : *Ipsæ certantem spectat, deficientem subleuat, vincentem coronat.* » (1) Cada acto de confiança nos merece nova graça ; cada grito do coração, novo accréscimo de forças.

Nosso inimigo sabe muito bem que toda alma tentada que persevera na oração, ou não succumbe ou não cai senão em faltas leves; porisso, quanta cousa não faz para desviar da oração as almas que elle ataca! Quantos sentimentos de abatimento, de tédio, de desgosto não suggere! Os que lhe prestam ouvidos e se relaxam no exercício da oração, podem, de queda em queda, ir rolando até o mais profundo abysmo da iniquidade. A experiência prova que todos os que se tornam gravemente infiéis a seus deveres, principiam afastando-se da oração. Pelo contrario, os que sabem descobrir os embustes do demônio, e, longe de lhe darem ouvidos nestas horas de tédio, de tentação ou mesmo depois de suas faltas, se esforçam por redobrar de confiança e de ardor na oração, acabam sempre cantando victória.

E', pois, mister rezar sempre, aconteça o que acontecer, E' a recommendação de Jesus ; é a primeira e firmíssima resolução que deve tomar quem quer dignamente servir e ardentemente amar a Deus.

## CAPÍTULO VII

### As illusões.

32. — Os que conscientemente resistem á graça commettem um contrasenso e uma falta, e a consequência destas resistências, di-lo-emos logo mais, são deploráveis. Os

1. In ps. 32.

que se furtam á acção da graça, ordinariamente menos culpados, corrigem-se, entretanto, difficilmente, porque não comprehendem bem seu êrro. São, êstes, víctimas de illusões.

A illusão pode ser o effeito da ignorância e, então, é menos funesta ; mas é muitas vezes filha da imprudência, da sobêrba ou do apêgo á própria vontade, com o desejo mais ou menos consciente de desculpar-se a seus próprios olhos.

*Pode-se ter illusão sôbre seu estado interior*, quer por ceder á presumpção, quer por se entregar á desconfiança. Quantas pessoas estão inclinadas a *se julgar sempre favoravelmente* ! Exageram suas qualidades e não querem confessar a si mesmas seus defeitos. Tais pessoas, cuja virtude é ainda fraca e vacillante porque são pouco enérgicas na renúncia, tem, como geralmente as almas christãs, grande estima por tudo o que é bom e horror instinctivo ao mal ; a perfeição se lhes afigura muito desejável. Estas disposições que são antes graças do que actos meritórios, antes convites do Senhor do que obras de generosidade dellas, illudem-nas. Julgam-se virtuosas por admirarem a virtude e não percebem que suas velleidades estão longe de ser resoluções. Seu enthusiasmo está na imaginação e não na vontade, e seu proceder está em desaccôrdo com seus pensamentos. Embora tivessem sentimentos cheios de doçura, enlêvos de amor, si recuam diante do que custa á natureza, estão ainda muito pouco adiantadas. Cem «quererias» não valem um só «quero» e um bom sacrificio tem muito mais valor, diante de Deus, do que sentimentos calorosos que não levam á renúncia. Quando estas pessoas, que têm mais imaginação do que vontade, estão na afflicção ou na secura, exageram quasi sempre suas provações e consideram-se como víctimas muito duramente attingidas. Exageram também sua fraqueza, descuidam de certos deveres cujo cumprimento se tornou penoso e, em vez de reconhecerem sua falta de energia, vão repetindo a si mesmas : « Isto me

é impossível.» Outras, igualmente pouco generosas e excessivamente sensíveis, gostam de desculpar sua frouxidão, comprazendo-se na consideração de seus aborrecimentos, afflicções, sacrificios pequeninos, mas que ellas julgam muito duros. «Tenho já tanto que soffrer, costumam dizer: Deus há de estar contente com o que estou aturando;» e não se convencem que padecem com pouco amor e furtam-se a muitos sacrificios que Nosso Senhor esperava dellas.

As pessoas que, pelo contrário, são propensas, por índole, a vêr todas as cousas pelo lado sombrio e, como o dissemos acima, (1) *se affligem demasiadamente de seus defeitos*, imaginam que a virtude está acima de suas forças, e que seus esforços são inúteis como impotentes suas orações. E' uma illusão funestíssima; enquanto não reagirem energeticamente, todo progresso lhes será impossível.

**33.** — *Pode-se ter illusão acêrca dos seus deveres* devido á excessiva confiança em seu próprio juízo ou ao apêgo a seus gôstos e vontades. Em primeiro lugar, devido *ao apêgo a suas próprias idéias*: a confiança em sua pequenina sabedoria impede de pedir ou de ouvir os conselhos de pessoas esclarecidas, que substituem a Deus e têm o encargo de conduzir as almas. Certas pessoas, pela confiança que têm em si, chegam ao ponto de pôrem a perfeição onde não está. Atribuem a certas práticas uma efficácia que não têm. Não querem compreender que o renunciar ao próprio parecer, a humildade e a obediência são indispensáveis para alcançar a perfeição; assim, sobrecarregam-se de orações vocais, que nunca consentem em abreviar ou omitir, e descuidam, entretanto, as verdadeiras virtudes, ou ainda não praticam nenhuma penitência corporal, sob o pretêxto que só a mortificação interior é importante; ou, pelo contrário, fazem consistir a virtude nas austeridades e nenhum esforço empregam para abrandar seu gênio e se mostrar amáveis para com todos. Nesta categoria é preciso ainda collocar as

1. Vêde n.º 13, pag. 19.

pessôas sem nenhuma grande virtude, que se julgam e se dizem incompreendidas. Não têm confiança em ninguém e falta-lhes a humildade necessária para bem se conhecer e conduzir.

Quanto aos que *não querem renunciar a seus gôstos*, não reconhecem humildemente seus êrros e procuram adormecer a consciência, o que, ás vezes, conseguem facilmente. Então, como seus gôstos e seus deveres de estado não concordam, descuidam dêstes para se entregarem a suas occupações favoritas e não sentem remorsos.

**34.** — Existe outra forma de illusão, mais rara, é verdade, mas funestíssima. E' a illusão destas almas que se julgam objectos de favores extraordinários, *imaginando ouvirem palavras divinas*, quando somente sua imaginação é que ferve e as engana. Toda a pessoa que pensa que Deus lhe fala, deve submitter á obediência as inspirações e, sobretudo, as ordens que crê receber. A obediência é o caminho seguro e os êrros, as decepções, os dolos são numerosos nas revelações verdadeiras ou falsas. Até quando Deus fala, como observa muito acertadamente são João da Cruz, e com elle todos os doutores mýsticos, suas palavras podem ser mal entendidas, mesmo por almas santíssimas. O demônio que procura enganá-las e perdê-las, não terá mais poder sôbre ellas se, custe o que custar, renunciarem a suas idéias para seguirem a voz da obediência.

**35.** — *O remédio para toda illusão está na oração, na humildade e na renúncia.* Longe de se julgar bastante sábio para se conduzir com segurança, é necessário reconhecer humildemente sua fraqueza e a grande necessidade que todos nós temos de ser illuminados pelo Senhor para não cairmos em êrros, de pedirmos insistentemente as luzes do Espírito Santo, de solicitarmos os conselhos das pessoas prudentes, mormente de obedecermos aos que Deus instituiu nossos guias e que recebem graças especiais para dirigir-nos, finalmente de sacrificarmos com alegria nossos



gostos para procurar exclusivamente em tudo, a vontade de Deus. Deus, do seu lado, nunca permite que as almas fiéis que o invocam, se humilham, se renunciam e obedecem, sejam arrastadas pelo inimigo infernal em êrros funestos.

## CAPÍTULO VIII

### Securas, impotências, tristezas, desgostos.

#### 1. Natureza destas provações ; suas causas ; alguns exemplos.

36. — O deleite, diz santo Thomaz, torna a acção mais perfeita, porque presta-se uma attenção mais viva e mais diligente a uma occupação que agrada.» (1) Porisso, o Senhor que quer conquistar uma alma á doçura ineffável do seu amor, logo que ella responda com generosidade ás suas solicitações, lhe faz experimentar a suavidade do seu serviço: « *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus.* » « A piedade ainda fraca, diz Bossuet, precisa de uma doçura mais sensível. Deus parece querer ganhar primeiro como que o exterior da alma para depois insinuar-se no âmago. é o que se chama gôzo, suavidades, doçuras, consolações, Então é que se vertem piedosas lágrimas, mais doces que todas as alegrias, porque são realmente o fructo de uma santa dilatação do coração, que se abre diante do Senhor com um prazer tão puro quanto inexplicável. Não se deve pensar que esta casta doçura, arrimo da piedade nascente, seja outra cousa senão um don de Deus. E' verdade que a natureza pode imitá-la ; mas, então, não é esta doçura sensível, sustentáculo da piedade principiante, é antes um engôdo do amor-próprio.» (2)

De si mesmo o amor é doce ao coração do homem. Ora, quando amamos, é, na verdade, a nossa vontade que ama;

1. 1. 2, q. 33, a. 4. c.

2. Pref. sôbre a instr. past. de Cambrai.

mas a parte sensível do nosso ser, o appetite sensitivo, como lhe chamam os philósofos, intimamente ligado á vontade, participa muitas vezes de seus movimentos, de suas alegrias, tanto mais que, de ordinário, o amor divino excita-se ou por factos sensíveis como as lindas cerimônias, os cantos harmoniosos ou a doce e tão suave impressão do lugar santo ou das representações que empolgam a imaginação, tal a consideração de Jesus menino, de Jesus padecente, de Jesus dando-se a nós sob a forma de uma hostiazinha branca. Verdade é que o espírito pode achar muito justas as verdades da fé, e a vontade firmar-se na resolução de conformar com ellas seu proceder, sem que a parte sensível experimente emoção alguma. Se a alma, assim árida, cumpre com promptidão todo acto de virtude que se lhe offerece, ella terá uma devoção substancial, sem, todavia, ter a devoção sensível. Aquella, como o vimos anteriormente, (1) que é o amor de Deus fazendo agir cuidadosa, frequente e promptamente, reside na vontade ; esta não é senão accessória ; mas as doces emoções que muitas vezes acompanham o exercício do amor divino, tornam-no mais fácil, ellas sustentam e estimulam. O soldado arroja-se mais destemidamente ao assalto e conquista mais seguramente a victória, quando seu coração está abrasado, sua imaginação excitada, suas paixões despertadas ; assim também, a alma que sente os ardores do amor sensível, se atira com mais vontade para o sacrificio e para a prática das virtudes diffíceis.

*E'*, pois, um erro desprezar a devoção sensível, e a Igreja condemnou com acêrto esta proposição de Molinos : « Quem deseja e acceita a devoção sensível, não deseja nem procura a Deus mas a si mesmo. » Há perigo em querer privar-se de toda alegria espiritual ; pois, diz são Gregório : « a alma não pode ficar sem gozar algum prazer : toma-o ou nas cousas ínfimas ou nas cousas elevadas : *sine delectatione*

1. Cap. I.

2. Prop. 27 (Molinos foi mais longe ; chegou a dizer : "Cada espécie de sensibilidade que se experimente na vida espiritual é abominável, impura e immunda." — Prop. 30.)

*anima non potest esse : nam aut in infimis delectatur aut summis.* » (1) Os que não provam nenhuma alegria no serviço de Deus, estão muito expostos a procurar alegrias vãs e profanas. E', pois, com o fim de desapegá-los das satisfações naturais que o Senhor concede aos principiantes que se applicam corajosamente á prática da virtude, satisfações e suavidades íntimas muito mais doces e calmas do que os prazeres mundanos.

Os christãos tíbios e desleixados nunca experimentam estas doçuras ou experimentam-nas fracamente. Porisso, nunca se desprendem dos prazeres naturais, nunca renunciam completamente ás pequenas satisfações da distração, da curiosidade, do amor-próprio, da sensualidade e ficam na mediocridade toda a vida. Pelo contrário, os corações ardentes que fazem generosos esforços, recebem do Senhor êstes preciosos incentivos, penhores de sua ternura. Santo Agostinho conta como, no princípio da sua conversão, foi favorecido de graças sensíveis : « Eu achava uma doçura infinita naquêlles primeiros dias, na consideração da profundidade de vossos desígnios sôbre a salvação dos homens, e eu não me cansava de gozá-la. Oh ! que emoção não sentí ! quantas lágrimas não vertí, ao prestar ouvido a êste melodioso concêrto de hymnos e cânticos que ressoa no seio da vossa Igreja ! Emquanto meu ouvido cedia aos encantos desta divina harmonia, inundava-se docemente o meu coração nas ondas puríssimas da vossa verdade ; piedosos anhe-los brotavam nelle, minhas lágrimas corriam e êste pranto era, para mim, uma felicidade ! » (2)

**37.** — Mas se estas suavidades espirituais sustentam e estimulam, não são, todavia, indispensáveis ; e a alma fiel ainda servirá a Deus quando dellas estiver privada. Assim, o Senhor pode permittir que ella passe por provações espirituais de seccura, de impotência, de tristeza e de desgosto.

1. *Mor.*, XVIII, 8. Cf. S. Bonav. *De prof. reliq.*, c. 2.

2. *Conf.*, IX, 6.

A *seccura* ou *insensibilidade* é a disposição da alma a que já não movem as verdades mais tocantes. A *impotência* é a impossibilidade em que ás vezes, se acha a alma de produzir bons pensamentos ou de formular actos. Quanto á tristeza, ella invade a alma contra a própria vontade e, não raras vezes, sem motivo exterior sufficiente. Emfim, pode uma pessoa dantes fervorosa experimentar aversão, *desgosto* por todos os seus exercícios, por tudo o que diz respeito ao serviço de Deus.

Todas estas disposições podem ter *uma causa natural*, quer phísica, quer moral. Certos estados doentios fazem a alma enlanguecer, impossibilitando-a de tirar de suas faculdades todos os actos que estas deveriam produzir. Acontecimentos contristadores, angústias lancinantes, podem também estorvar o exercício normal das potências da alma. Como tudo succede por uma disposição da Providência, estes estados penosos são permittidos por Deus para o bem dos que os supportam.

Das causas que acabamos de mencionar, a alma piedosa não é absolutamente responsável; *outras vezes deve imputar a si mesma* a aridez que soffre. Com effeito, a immortificação, a procura culposa das satisfações da natureza aviva na alma os sentimentos humanos, excita a concupiscência e abafa, ou, pelo menos, enfraquece muito os sentimentos sobrenaturais. Por outro lado, Deus concede menos graças á alma relaxada que se desvia d'Elle para correr atrás das alegrias frívolas e, quasi sem resistência, cai em muitas faltas. Elle dizia aos Hebreus: «Se não me ouvirdes . . . dar-vos-ei um céu como que de ferro e uma terra como que de bronze.» (1) E' o que faz com as almas estouvadas e immortificadas: o céu torna-se de ferro e o seu coração duro como o bronze.

Emfim, *as almas mais fiéis precisam desta prova* para agirem com uma fé mais robusta, um amor mais intenso e

1. Lev., XXVI, 18-19.

mais puro e uma humildade mais profunda. «Subtraindo-nos as graças sensíveis, diz são Boaventura, o Senhor quer ensinar-nos que nos devemos fiar mais na verdade da Escri-tura e na fé, do que em nossa própria experiência.» (1)

Quem prova as graças sensíveis é, de algum modo, carregado por ellas ; quem não as experimenta, não tem mais que a fé nua para o impulsionar ; não age mais por atracção mas unicamente pelo seu crédito na palavra de Deus. Age com uma vontade mais firme, pois esta vontade, que não é mais arrastada pela sensibilidade, deve necessariamente fazer um esforço maior e tornar-se mais enérgica. O amor torna-se, por conseguinte, mais forte e, porisso mesmo, muito mais meritório. Este é também mais meritório porque se torna mais puro. Com effeito, quando os exercé-cios de piedade, os actos de virtude proporcio-nam á alma doces consolações, ella inconscientemente se apega a ellas e, no desempenho de seus deveres, procura seu prazer ao mesmo tempo que a glória de Deus ; mas, quando não encontra nenhuma doçura, cumpre com suas obrigações unicamente para agrada-r a Deus e fazer-lhe a vontade. Além disso, «Deus, diz o beato Padre Eudes, quer, por êste meio, destruir nosso orgulho e amor próprio para depois nos encher de mais graças. Quer que reconheçamos o que somos de nós mesmos e, com plena convicção, nos fixemos num profundo conhe-cimento e sentimento do nosso nada, de sorte que, quando Elle nos dá algum bom pensamento, algum gôsto pela pie-dade, ou outra graça qualquer, o nosso orgulho e amor pró-prio não acreditem que vem de nós, attribuindo-a a nossos esforços, á nossa vigilância, á nossa cooperação, mas a refi-ramos a Elle, e a Elle só.» (2)

**38.** — Quando as suportamos com paciência, as sec-curas tornam o amor mais forte, mais puro e mais humilde. Não nos devemos admirar de que *todos os santos tenham conhecido estas provas*. Porisso, toda a alma que começa a tri-

1. De prof. relig., II.

2. Roy. de Jesus, II, 4.

lhar as sendas da piedade, deve contar, se fôr fiel, atravessar um túnel frio e tenebroso que há de vir depois dos panoramas encantadores do princípio, mas além do qual há de achar a humildade, a fôrça e a paz. Como gostam de dizer os mýsticos, ser-lhe-á preciso, como aos Israelitas, atravessar o deserto e dar renhidos combates antes de entrar na terra promettida. Durante toda sua infância, santa Theresa foi de uma piedade ardente ; a leitura da vida dos santos a enthusiasmava. Interna no convento das Agostinianas, commovia-se sempre que uma santa freira, a madre Maria Briceno, lhe falava de Deus ; mas, porque tinha uma vontade enérgica, no momento de transpôr o limiar da casa paterna, o Senhor lhe tirou todo êste ardor sensível que de ordinário, em idênticas circumstâncias, ampara as almas menos fortes e o sacrificio foi extremamente penoso para ella. « No instante em que abandonei o lar, diz ella, experimentei tal angústia que, creio, não soffrerei mais na hora da morte . . . Mas Deus me deu coragem contra mim mesma e fui adiante. » (1) O fervor sensível voltou durante o noviciado e desapareceu de novo e, durante longos annos, Theresa teve de supportar grande aridez.

São Bernardo queixa-se nêstes termos desta mesma prova : « Seccou-se o meu coração, coalhou-se como leite, ficou como uma terra árida e sem água, e sua dureza é tal que não posso excitar-me nem á compuncção nem ás lágrimas. Não tenho mais prazer na psalmodia, nem na leitura, nem na oração ; não encontro mais as santas meditações que eu tinha o hábito de fazer. Onde está agora, êste abraçamento espiritual ? onde está esta serenidade d'alma ? onde está esta paz, esta alegria no Espirito Santo ? » (2)

## 2. Norma a seguir nas seccuras.

39. — E' legítimo que nos alegremos quando Deus nos faz sentir os encantos de sua presença ; é impossível que

1. Vie, ch. IV.

2. In cant. Serm. 54.

não padeçamos quando parece furtar-se ao nosso amor e, em vez das doçuras que produzem, para usar a expressão dos santos, as visitas do Senhor, experimentamos apenas aridez e abandono. O próprio Jesus soltou êste queixume desolado : « Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? » Mas disse também e devemos sempre repeti-lo com Elle : « Entretanto, meu Pai, não seja como eu quero, mas sim como tu queres. »

*Para impedir êste acto de abandono* tão salutar e tão meritório e atirar a alma no abatimento, o tentador insinua-lhe frequentemente que a aridez que ella experimenta é o effeito certo de suas culpas e o signal da cólera de Deus. Pretende, assim, inspirar o mêdo de Deus e um sentimento de acanhamento e de desconfiança para com seu Pai celeste. Certo é que a seccura, já o dissemos, procede, muitas vezes, dos nossos peccados ; há casos em que não se pode negá-lo ; mas então, não devemos nem nos espantar, nem perder coragem. Recolha-se dentro de si quem estiver entregue á distração ; seja mais generoso quem tiver cedido á immortificação ; redobre de caridade quem, nos seus sentimentos, palavras ou acções, tiver faltado ao amor devido ao próximo. Humilhe-se, pois, peça perdão ; mas não pense que o Senhor esteja irritado : « Como um pai tem compaixão de seu filho, o Senhor tem compaixão dos que O temem, pois Elle bem sabe de que somos formados e lembra-se que somos pó. » (1) Elle « é muito rico em misericórdias. » (2)

Não podemos, muitas vezes, saber se Deus permite a aridez para nos castigar ou sómente para nos experimentar. O Ecclesiastes proclama o mesmo, em geral, das penas dêste mundo : « Tudo acontece igualmente para todos, tanto para o justo, como para o prevaricador, para aquêlle que é bom e aquêlle que é impuro ; o que acontece ao homem bom, acontece ao peccador. » (3)

1. *Psalms*, 102, 13 e 111.

2. *Eph.* II, 4.

3. Cap. IX. E' aquí, que a *Vulgata*, paraphraseando-lhe o texto, deu esta sentença : "Ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio." O verdadeiro sentido

De mais a mais, quer a *aridez* seja uma simples prova, quer seja um castigo, ella é sempre permittida por nosso Pai do céu para o nosso maior bem ; devemos, pois, sempre acolhê-la com humildade, com inteira confiança e plena resignação.

40. — Mas não devemos pretextar nossa aridez para nos entorpecer numa preguiça covarde. Se os que cedem ao abatimento, são tólos e culpados, os que, ao contrário, não se aborrecem de modo algum de sua insensibilidade e se despreoccupam por completo, não fazendo esforço algum para orar com fervor, não são nem mais prudentes nem menos censuráveis. (1) Se as grandes e santas verdades não tocam mais a nossa sensibilidade, não devemos concluir que sejam inúteis e cessar de lembrá-las, mormente a Incarnação, a Eucharistia, as humilhações, a dedicação de Jesus. O pensamento destas maravilhas do amor de Deus por nós, se não nos commove mais, robustece, pelo menos, a nossa vontade e fortalece as nossas resoluções. Podemos dizer : «Se sou insensível, se me custa tanto deter-me em bons pensamentos, sei, pelo menos que me amais ; pois bem, quero ser-Vos fiel, quero aceitar todas as vossas vontades, qual-quer sacrificio que exijam ; quero Vos amar por meus actos se não posso por meus sentimentos ; e julgo-me ainda feliz por ser, apesar da minha miséria, tolerado na vossa augusta presença e distinguido com o vosso amor.» Finalmente, depois de considerar, pelo menos de relance, as bondades divinas, podemos recorrer a alguma jaculatória e repeti-la

---

desta passagem não é o que se lhe attribue de costume, mas o que indicamos : o homem ignora se os acontecimentos de sua vida são provações ou castigos e não se pode concluir que um homem, por ser infeliz, seja peccador, nem por ser feliz, seja bom.

1. Assim os que dormem durante a meditação, se consolam ás vezes com demasiada facilidade e nada fazem para reagir contra a somnolência. Em geral, tomando certas precauções, ficando de pé ou de joelhos, evitariam esta infelicidade. E', com effeito, uma infelicidade, ser admitido em audiência pelo Senhor e perder um tempo assim precioso. Os que comprehendem o alcance desta perda deplorável, fazem instâncias sobre instâncias, pedindo a Deus que realize um milagre, mas que não os deixe em semelhante enfermidade e, ás mais das vezes, são atendidos.



centenas de vezes, senão com o coração, pelo menos com a vontade.

41. — Assim é que cumpre proceder sempre, esforçar-se constantemente e nunca ceder a uma tristeza deprimente. «Expelle longe de ti a tristeza,» diz o Ecclesiástico. (1) «Procura afastar a tristeza, pois ella chama a morte e o aborrecimento do coração abate todo o vigor.» Quando não reagimos contra ella, afasta-nos de Deus, tira-nos o gôsto pela oração e piedosos exercícos, torna-nos ásperos para com o próximo, predis põe-nos á preguiça e ao descuido dos nossos deveres, ou ainda nos induz, para fugir ao cumprimento dêstes, a procurar leviandades e alegrias de mau quilate. Porisso, recommenda-nos muitas vezes a Escritura Sagrada que conservemos a alegria da alma: «Justos, alegrai-vos no Senhor e exultai; soltai gritos de alegria, vós que tendes o coração recto.» (3) «Servi ao Senhor com alegria.» (4) «Alegrai-vos no Senhor, eu vo-lo repito, alegrai-vos.» (5) Quem não conhece a palavra de são Francisco de Sales a quem elogiavam certo personagem tido em conta de santo, mas sempre triste. «Um santo triste é um triste santo,» respondeu o meigo prelado.

Dado o caso que tenhamos algum sacrificio a fazer, façamo-lo alegremente; terá muito mais valor aos olhos de Deus. «Em todas as tuas offertas, que a alegria rebrilhe no teu semblante.» (6) «Deus ama a quem dá com alegria e não de má vontade, com constrangimento.» (7) Não recommendou Jesus, a seus discípulos, que não imitassem os phariseus hypócritas, que, quando jejuavam, tomavam um ar de tristeza? «Se alguém se sente tomado de tristeza, que ore.» (8)

1. *Eccl.* XXX, 24.

2. *Ibid.*, VII, 18. *Prov.* XV, 13.

3. *Psalm.*, XXXI, 11.

4. *Psalm.*, XCIX, 2.

5. *Philip.*, IV, 14.

6. *Eccl.*, XXXV, 11.

7. *II Cor.*, IX, 7.

8. *Thiago V*, 13.

Já que Deus nos ama, já que, até depois de nossas faltas, está sempre disposto a nos cercar de sua fraternal benevolência, toda tristeza que não viesse acompanhada de confiança e de firmeza, seria uma loucura. « Permaneecei na alegria, diz o beato Padre Eudes, por estas três considerações : 1.<sup>a</sup> Jesus é sempre Jesus, isto é, sempre grande e admirável, sempre está no mesmo estado de glória, de gozo e de felicidade, sem que haja cousa alguma que lhe possa diminuir a alegria e a felicidade : *Scitote quoniam Dominus ipse est Deus*. O' Jesus, basta-me saber que sois sempre Jesus. O' Jesus, sêde sempre Jesus, e estarei sempre contente, aconteça o que acontecer ; 2.<sup>a</sup> Alegrai-vos de Jesus ser o vosso Deus e todo vosso e de pertencerdes a um Senhor tão bom e tão amável, lembrando-vos da palavra do propheta real: *Beatus populus cujus Dominus Deus ejus*. Feliz do povo que tem o Senhor como Deus ; 3.<sup>a</sup> Alegrai-vos, sabendo que é na occasião em que experimentais alguma pena que podeis servir a Nosso Senhor mais puramente e provar-lhe que O amais verdadeiramente, por amor d'Elle mesmo, e não pelas consolações que dantes vos proporcionava. » (1)

## CAPÍTULO IX

### O abuso das graças e suas consequências.

42. — Os obstáculos até agora apontados como oppositos aos progressos na piedade provém ou da imperfeição e das misérias da nossa natureza, ou dos ataques e das ciladas do inimigo, ou ainda das provas a que o Senhor nos submete. De todos elles nos podemos aproveitar como meios, pois, se os vencermos, concorrerão para o aperfeiçoamento de nossas almas ; e, afinal de contas, somos responsáveis por elles quando não procuramos diminuí-los. Outros há, imputáveis a nós, mais diffíceis de vencer; são

1. Roy. de Jesus, II.<sup>a</sup> parte, cap. IV.

os que se originam das nossas resistências ás graças divinas.

Por sua infinita bondade, Deus propende a encher de graças suas criaturas, ás quais deu e pelas quais sacrificou seu Filho ; mas, havendo-as criado livres e querendo dar-lhes a felicidade eterna, na medida em que se houverem tornado dignas dellas, *leva em conta*, na distribuição de suas graças, a *fidelidade* com que são aceitas e *as resistências* que se lhes fazem.

Quem corresponde a uma graça, atrai outras sôbre sua alma e dispõe-se a aproveitá-las ; quem rejeita uma graça voluntariamente, priva-se de outras e colloca-se numa disposição que lhe tornará menos fácil a correspondência. E', pois, razoável dizer : quanto menos fazemos para Deus, menos queremos fazer; quanto mais nos sacrificamos por Elle, tanto mais nos queremos sacrificar.

Jesus nos convida incessantemente á renúncia : as inspirações da graça, de ordinário, qualquer que seja a sua forma renovam êste convite do Salvador: « Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, carregue sua cruz todos os dias e siga-me. » Quem recusa renunciar a si próprio commette um peccado: ou mortal, se o acto que não quer praticar é gravemente obrigatório, se a obra que quer absolutamente cumprir é prohibida; ou venial, se há materia para peccado, porém matéria leve, ou ainda uma simples imperfeição se a acção ou o sacrificio que a graça lhe inspira não é senão de conselho, (1) e os effeitos destas resistências

---

1. Longe de nós a intenção de dizer, como se ensinava outrora num livro muito espalhado, que aliás contém excellentes conselhos, que estas três cousas, o peccado mortal, o peccado venial e a imperfeição não são senão três graus diferentes da mesma desordem. Não certamente : entre o peccado mortal, o peccado venial e a imperfeição há muito mais, objectiva e subjectivamente, do que diversidade de graus, há differença de espécies. Em si, o *peccado mortal tende a destruir* a orientação conforme a natureza das cousas a exige, e Deus quiz, na sua sabedoria e santidade : destrói a virtude contrária. O *peccado venial*, pelo contrario, *deixa subsistir* a ordem natural, mas imprime-lhe uma ligeira deturpação ; mantém a virtude, mas alterando-a. Assim, quem blasphema destrói as relações essenciaes de respeito que a criatura deve a Deus ; quem ora com desleixo guarda o respeito essencial, porém diminuído ; o roubo de uma quantia vultuosa, se fosse generalizado, destruiria a ordem social que Deus quiz estabelecer e aniquilaria a justiça ; o roubo de duzentos réis, mesmo generalizado, não impossibili-

á graça differem muito, como muito differem entre si as resistências. Mas *todas estas infidelidades quando commettidas de sangue frio*, com pleno consentimento e após madura deliberação (o que não se dá sempre com as duas últimas), produzem *certa diminuição de luz e certo enfraquecimento da vontade*. O effeito é pequeno, quando se trata de um acto isolado de infidelidade á graça, mas se esta infidelidade se repete amiúdo, se a alma persiste nella, se recusa obstinadamente o que Deus lhe pede, sobrevém, então, a cegueira de espírito e o endurecimento da vontade, cousas extremamente funestas. A cegueira e o endurecimento são parciais, se as resistências se referem a alguns pontos, e a alma permanece fiel nos outros e estendem-se quando já não se viola uma só virtude mas várias.

43. — Deixemos de parte os que habitualmente vivem no peccado mortal e cuja cegueira e endurecimento são tão perigosos para a salvação. Falemos dos que, fiéis aos deveres essenciaes do christianismo, commettem faltas veniaes ou se entregam a algumas imperfeições das quais têm plena consciência, e a cuja correção não se applicam, procurando até desculpá-las. Nestas almas, as luzes diminuem á medida que se obstinam em fechar os olhos aos clarões da graça : ellas se tornam menos perspicazes, entendem muito menos perfeitamente a belleza, a grandeza, a importância das vir-

---

taria as relações sociais e não arruinaria a justiça ; quem quer partir um membro a seu próximo, não tem mais caridade, mas quem lhe causa ligeiro desgosto, conserva a caridade, muito embora a fira ; quem se embriaga perde o respeito da sua dignidade humana, mas quem faz um pequeno excesso conserva esta dignidade. O peccado mortal e o peccado venial não são, pois, uma mesma desordem ; são duas desordens muito differentes. Quanto á imperfeição, não é desordem, é preferência reflectida, querida de um acto menos bom, contudo bom ainda, a outro melhor, ou a omissão de um acto bom, mas não mandado, que a graça nos inspira. Subjectivamente as disposições são essencialmente differentes. Quem pecca mortalmente, aceita conscientemente a ruptura com Deus, preferindo deliberadamente sua própria satisfação á amizade divina. Quem, pelo contrário, pecca venialmente, quer ficar amigo de Deus ; sabe que sua falta lhe desagrada, mas não o irrita, e está numa disposição tal que renunciaria a seu peccado, se este o privasse da amizade de seu Deus. Quem cai em imperfeição, não se resolve a praticar um acto menos louvável senão porque o julga bom e agradável a Deus ou omitta o acto bom inspirado pela graça, porque sabe que não é prescripto, porém não é nem bastante generoso nem bastante desapegado de si para cumprir uma boa acção que lhe é custosa ou um acto perfeito que agradaria mais a Deus.

tudes que não querem praticar ; não percebem mais, ou percebem menos claramente a glória que Deus tiraria destas virtudes, as vantagens eternas que lhes adviriam ; não reconhecem, não confessam até que ponto se mostram miseráveis, resistindo constantemente ao divino Espírito Santo, obstinando-se no que é culpa ou imperfeição. E ao passo que assim o espírito se entenebrece, a vontade se apega cada vez mais ao peccado, á sua própria satisfação e cada vez mais se desvia da virtude, que não tem a coragem de praticar. E' assim que se deve explicar como almas bôas e sinceramente piedosas conservam defeitos que surpreendem; como, sendo fiéis em certas virtudes, nada entendem de outras ; como apesar de suas qualidades, de seu amor á oração, da observância exacta dos exercícios de piedade, nunca alcançam um verdadeiro fervor.

44. — Os effeitos destas resistências á graça são evidentemente muito mais funestos quando vão até o peccado venial plenamente deliberado. Quando uma pessoa a quem foram concedidos grandes auxílios para o seu adiantamento nos caminhos de Deus, multiplicou suas resistências, os desejos de progresso, desejos que significam graças preciosíssimas, minguem e acabam apagando-se, o que é signal inequívoco de um relaxamento deplorável : *Minime pro certo est bonus*, diz são Bernardo, *qui melior esse non vult*: (1) não é certamente bom, aquêlle que não almeja tornar-se melhor.

Esta alma decahida pode ir ainda mais longe. Acostumando-se a afastar tudo quanto a incommoda, preferindo uma vida toda de relaxamento e de gôzo a uma vida de amor e de generosidade, acaba fixando-se na disposição de *banir de sua vida todo sacrificio*, salvo os indispensáveis para evitar os peccados mortais ; *já não se alarma com as culpas veniais* e as commette sem o mínimo comedimento. E vive

---

1. Carta 91.

socegada sôbre seu estado, porque se compara e se julga superior aos que vivem no peccado mortal.

E' êste o estado de tibieza, estado tão perigoso. « Antes fosses frio ou quente ; mas, porque és tÍbio, isto é, nem frio nem quente, vou lançar-te de minha bôcca » (1) Que foi feito do amor divino nesta alma egoÍsta ? Desta disposição decorre um abuso contÍnuo de graças, uma tremenda responsabilidade e um perigo extremo de cair no peccado mortal, de permanecer nêlle e, finalmente, de se perder. Estas almas, com effeito, partiram, com o tempo, dentro de si, todas as molas da virtude; são fracas, molles, inertes, para o bem e, ao mesmo tempo, cegas e obstinadas em seus maus hábitos. E' o que torna tão diffÍcil a sua conversão.

Entretanto, nada há de impossÍvel para a graça. Quando uma alma tÍbia se apercebe dêste seu estado, quando fica horrorizada e como que se espanta ao notar sua miséria, deve dar graças ao Senhor e se encher de confiança, pois recebeu uma grande graça, e deve alimentar a esperança de receber outras. Reze e reze ainda : *a oração consegue tudo*, mormente quando unida ao sacrifÍcio. Faça, pois, ella grandes esforços, imponha-se mortificações ; e assim sahirá do seu abatimento, sentirá a graça tornar-se cada vez mais poderosa e cada vez mais solÍcita, sua intelligência recobrará as luzes perdidas e o verdadeiro amor renascerá em seu coração.

---

1. Apoc. III, 15-16.

## SEGUNDA PARTE

---

### Prática da piedade : as virtudes.

45. — As virtudes são qualidades da alma humana que a tornam capaz de praticar boas acções e a inclinam a executá-las. Entre todas as virtudes, occupam o primeiro lugar as *theologais* — fé, esperança e caridade. Chamam-se ainda divinas, porque, como o explica cabalmente santo Thomaz, ellas têm Deus por objecto ; por ellas somos dirigidos como devemos ser para Deus, tendemos para Elle como para nosso fim último. Ellas nos são dadas por Deus só e repousam unicamente sôbre a revelação divina que nos é dada nas Sagradas Escrituras. (1)

As demais virtudes são *humanas*. Aperfeiçoam o homem e o inclinam a agir bem ; dirigem-no, pois, no exercício de suas faculdades. As virtudes intellectuais guiam e aperfeiçoam a razão ; as morais aperfeiçoam os appetites quer dos sentidos quer da vontade e tornam-nos dóceis á razão(2).

Distinguem-se, entre as virtudes humanas, as *cardiais*, assim denominadas porque « as demais repousam sôbre uma ou outra destas virtudes principais, que servem de ponto de apóio, como que de gonzos (*cardo, cardines*) sôbre os quais gira uma porta. » (3)

46. — Os alicerces do edificio sobrenatural que devemos levantar em nossas almas, são formados pelas virtudes theologais. Sem a fé, as disposições para o bem que podemos possuir, não passam de inclinações puramente naturais, unicamente firmadas em nossa razão ; não têm mérito algum para a eternidade. Sem a esperança, a alma fica inerte, e, também, sem esperança, não há caridade. Emfim, sem caridade, os actos de virtude, muito embora fossem

---

1. 1. 2. q. 62, a. 1.

2. 1. 2. q. 58, a 3 e q. 68, a. 8.

3. Ribet, Des vertus, cap.I.

praticados por motivos de fé, sendo realizados por uma alma em estado de peccado mortal e, portanto, revoltada contra Deus, podem, é verdade, preparar a conversão, mas não podem ser aceitos por Deus como meritórios.

## CAPÍTULO X

### **Virtudes theologais : a fé.**

47. — O germen da fé é depositado em nossa alma no santo baptismo. *A fé é a obra de Deus* que illumina nosso espírito, e o torna capaz de crer sobrenaturalmente nas verdades que Elle revelou e, ao mesmo tempo, dá á nossa vontade uma santa inclinação para amar estas verdades divinas. Posta por Deus em nossa alma, ahí está tão profundamente arraigada, que pode resistir a todos os assaltos. Sendo uma virtude sobrenatural, deveria, como as demais virtudes sobrenaturais, desaparecer quando o peccado mortal expulsa da alma a graça santificante com seu cortejo de dons e de virtudes, porque, no peccador rebelde, só podem existir virtudes naturais ; mas, por uma misericórdia digna da nossa admiração, Deus conserva naquêlle que rompeu os vínculos da obediência, esta qualidade sobrenatural que communica á alma a fôrça e a inclinação de produzir actos de fé e de esperança. Estes actos, feitos por uma alma que rompeu com Deus, são necessariamente imperfeitos e não têm merecimento algum, mas predispõem o peccador ao arrependimento e á reconciliação.

48. — A fé é um dom de Deus, mas um dom que exige a livre cooperação da alma. *Ella requer uma vontade livre*, que aceita amorosamente os ensinamentos divinos. Os que não têm esta bôa vontade, recusam crer. Elles não têm fé ; se a tiveram, no dia em que a vontade se endureceu contra a verdade e deliberadamente decidiu rejeitá-lá, a sua alma perdeu a fé. Não a recobrará pelas mais sólidas demonstrações, mas pelo regresso da vontade a melhores disposições,



pela oração, humildade, arrependimento e livre aceitação da verdade.

A fé é muito mais esclarecida e ardente para umas almas do que para outras, porque as disposições da vontade para com a doutrina revelada, podem variar e adquirir um grau de perfeição cada vez mais elevado ; e, por outro lado, as luzes dadas pelo Senhor tornam-se cada vez mais vivas, á medida que a alma se orienta com mais amor para as verdades christãs. E como estas bôas disposições da vontade vão se firmando e se desenvolvendo pela prática das virtudes, mormente da renúncia, é, também, pela fidelidade á graça e pela generosidade, muito mais que pelo estudo e pela reflexão que a fé cresce e se torna cada vez mais robusta e luminosa.

49. — *A fé é uma virtude preciosa* que, esclarecendo-nos as verdades mais elevadas, nos faz participantes da sabedoria divina. Como um mestre habilidoso, formando seus discípulos, communica-lhes sua sciência, assim também, pela fé, Deus nos ensina a pensar e a julgar como Elle e a seguir na direção de nossa vida as normas traçadas por Sua sabedoria e santidade infinitas.

Também «sem a fé é impossível agradar a Deus ;» aquêlle que recusa dar crédito á sua palavra, faz-lhe a mais grosseira das injúrias. Quem crê, pelo contrário, presta homenagem á veracidade divina e quanto mais se deixa guiar pela fé, tanto mais participará da sabedoria e da santidade de Deus. «E' a nossa fé que nos dá a victória sôbre o mundo.» (1) E' pela fé, segundo nos ensina são Paulo, que se guiaram os heróis da antiga lei, os patriarcas, os prophetas e todos os grandes homons do povo de Israel ; foi por ella que levaram a cabo seus grandes comettimentos e conseguiram a protecção do céu : «pela fé conquistaram reinos, exerceram a justiça, alcançaram a realização das promessas, fecharam as fauces dos leões, apagaram a violência do fogo, escaparam ao gume da espada, triumpharam

1. I João, V, 4.

das doenças, mostraram bravura na guerra, afugentaram exércitos inimigos.» (1) Porisso, o Apóstolo dá aos Ephésios êste conselho : « Antes de tudo revesti-vos do escudo da fé ; com êlle conseguireis inutilizar os dardos abrasados do espírito maligno.» (2) E são Pedro, depois de lembrar que o demônio, rugindo como um leão, ronda ao redor dos fiéis, procurando devorá-los, accrescenta : « Resistí-lhe mantendo-vos firmes na fé.»

**50.** — Não é uma fé débil que dá a fôrça de resistir assim ao demônio e que ajuda a produzir êstes grandes actos de virtude, a atrair êstes milagres de protecção apontados pelo Apóstolo; não é esta fé morta de que fala são Thiago (4), que é a fé sem as obras. Que extranha contradicção não é esta, da fé sem as obras ! Se é loucura não crer, é maior loucura ainda crer e viver como se não se crese, de se mostrar orthodoxo nas crenças e herege nas obras. *A única fé poderosa e fecunda, é a fé muito esclarecida e muito ardente dos que cultivam esta virtude e della vivem. Justus ex fide vivit, o justo vive da fé, dizem, em vários lugares, as Sagradas Escrituras. Na ordem natural, quanto mais fortemente um indivíduo está persuadido da exactidão de certos princípios, tanto mais facilmente se deixa guiar por êlles ; quanto mais se apega a uma opinião, tanto mais ardente e perseverante se mostra na acção. Não se fazem notar os homens de convicção pelo seu espírito de iniciativa, pela sua coragem, pela sua firmeza ? Assim, os christãos de grande fé são zelosos, enérgicos, ardorosos para o bem ; nada os detém e, como põem toda sua esperança em Deus, e que Deus nada recusa ás almas confiantes e generosas, tudo se lhes torna possível, segundo a palavra de Jesus : *omnia possible sunt credenti.* (5)*

1. *Heb.*, XI, 33.

2. *Eph.*, VI, 16.

3. *I Pet.*, V, 8.

4. *II*, 17.

5. *Marc.*, IX, 22.

51. — *Peçamos, pois, a Deus, como os Apóstolos, que se digne augmentar a nossa fé. Domine, adauge nobis fidem* (1); mas tratemos de torná-la cada vez maior, mais forte e mais perfeita. Se o pai da mentira nos tentar contra a fé, não nos perturbemos; as tentações jamais conseguirão abalar em nós esta virtude, se a nossa vontade não se tornar cúmplice do inimigo. Este bem o sabe e suas tentações quasi sempre não passam de falsos ataques: visa antes perturbar as almas do que fazê-las cair na incredulidade. Sejamos simples e prudentes ao mesmo tempo: os espíritos scépticos, ralhadores, que são, sem talvez darem por isto, homens sem humildade, muitas vezes peccam contra a lei; nêlles não cresce a fé. Sejamos sinceros e *aceitemos as lições da fé*, ainda que condemne o nosso proceder. Peccamos contra a luz querendo disfarçar, ou desculpar nossas faltas, legitimar nossos defeitos ou poupar-nos a sacrificios. Antes de tudo sejamos corajosos e *ponhamos sempre nosso proceder de accôrdo com os princípios da fé*, pois receberemos muito mais luz pelos actos de generosidade do que pelas considerações e reflexões; e as almas mais simples, quando fervorosas, são muito mais esclarecidas do que os maiores sábios quando acovardados e tíbios. Emfim, em toda circumstância julguemos e raciocinemos segundo os princípios da fé e não segundo os dados puramente naturais.

*Alguns exemplos* hão de mostrar como a fé deve inspirar nossos pensamentos e nossos actos. O homem de grande fé considera a Igreja como sua mãe, de quem recebeu muitos benefícios, como a espôsa querida de Jesus. Ama-a de um amor terno e ardente; deseja-lhe vehementemente prosperidade e triumpho; trabalha abnegadamente para a sua causa. «Sou filha da Igreja, dizia com indizível alegria, nas derradeiras horas de sua vida, a grande santa Theresa, morro filha da Igreja.» O christão de fé robusta ouve com respeito a palavra de Deus e presta menos attenção aos talentos naturais do pegador do que á autoridade divina de que

1. *Luc.*, XVII, 5.

está revestido. « Não se assemelha a minha palavra a um fogo, diz Jehovah, a um martello que parte o rochedo? » (1) « E' viva a palavra de Deus, é efficaz, é mais afiada do que o gládio de dous gumes. » (2) O christão de fé vê, em seu próximo, criaturas, filhos de Deus; faz-lhe todo o bem possível não por qualquer sentimento natural como seja para grangear-lhe a estima ou a sympathia, conquistar os favores públicos, mas tão sómente por Deus, que elle vê e ama em seus irmãos; procura, numa palavra, o bem espirital de seus semelhantes. O homem de fé eleva-se da natureza até o Criador, admirando-lhe o poder, a sabedoria e a liberalidade. Commove-o a vista de um cruzeiro, arrancando-lhe actos de amor; as badaladas do sino dando as horas fazem-no pensar na eternidade, pensamento êste, salutar entre todos, que o acompanha quasi sempre e o distingue do homem de fé apoucada. Este limita seu pensamento á vida presente, a mesquinhos interêsses temporais, ás alegrias e penas terrenas, ao passo que aquelle fita sempre o olhar no além-túmulo, trabalhando para a eternidade, mitigando, consolando todos seus enfados e pezares com o pensamento da futura felicidade. E' porque compreende muito melhor do que as almas vulgares estas grandes verdades: a vida é tão curta, a eternidade tão longa! o inferno é tão terrível e o céu tão lindo, tão cheio de venturas!

## CAPÍTULO XI

### Virtudes theologais : a esperança.

52. — Pela fé cremos em Deus cuja palavra nos instrue e guia; pela esperança aspiramos a Deus, desejamol-O e alegramo-nos com o pensamento de O possuir no grande dia da eternidade. *Deus é pois, o objecto da nossa esperança*, Deus que sabemos pela fé, ser o Bem supremo, o Bem infi-

1. *Jerem.*, XXIII, 29.

2. *Hebr.*, IV, 12.

nito que, dando-se a suas criaturas, torna-as immensamente felizes. *O motivo* que faz com que esperemos êste Bem supremo, é ainda Deus, cuja immensa *bondade*, cujo immenso *amor*, cuja immensa misericórdia, cujas promessas tão consoladoras a fé também nos ensina. De um Deus tão grande não devemos esperar bens pequeninos ; pois, diz santo Thomaz, sendo o effeito proporcionado á causa e sendo Deus infinitamente poderoso, o bem que nos pode dar é infinito, é Elle mesmo. (1) Elle o pode em virtude de seu poder e Elle o quer pelo seu amor.

Há poucas verdades tantas vezes lembradas na Sagrada Escritura como esta bondade de Deus para com seus filhos, esta protecção com que os cobre, esta clemência que Elle exerce para com os que o offendem. « Assim fala Jeováh, quem te criou, ó Jacob, quem te formou, ó Israel ; não temas, pois Eu te redimi e te chamei pelo teu nome ; és meu. Quando cruzares as águas, estarei contigo ; quando atravessares os rios, elles não te tragarão ; quando andares no meio do fogo, não serás queimado e a chamma não te abrasará, porque Eu, Jeováh, sou o teu Deus, o Santo de Israel e o teu Salvador. E's precioso e honrado a meus olhos, e Eu te amo. » (2) « Pode uma mãe esquecer sua criancinha ? Não se compadecerá do fruto de suas entranhas ? Ainda que as mães se esquecessem de seus filhinhos, Eu nunca me esquecerei de tí. Trago-te gravado na palma de minha mão. » (3) As cicatrizes que os pregos deixaram na mãos de nosso Salvador, não Lhe lembram quanto quiz soffrer por amor de nós ?

Sim, Deus nos ama de um amor todo gratuito e eterno. As almas christãs facilmente admittem esta verdade ; mas muitas dellas sentem sua confiança diminuir pensando em suas faltas. E' porque não comprehendem senão muito im-

1. 2. 2. q. 17, a. 2.

2. *Isaias*, XLIII, 1, 4.

3. *Isaias*, XLIX, 15.

perfeitamente êste amor do seu Deus e não vêm até onde se estende a sua misericórdia. Ao passar diante de Moisés, Deus declinou todos seus títulos: «Jeováh, Jeováh! Deus misericordioso e compassivo, lento a encolerizar-se, rico de bondade e fidelidade, que conserva sua graça até mil gerações, que perdôa a iniquidade, a revolta e o peccado, mas que os não deixa impunes.»(1) Sim, Deus é justo, mas é misericordioso, diz repetidas vezes o Espírito Santo; Elle nunca se cansa de perdoar, comtanto que o peccador renuncie ao peccado; sempre acolhe, como o pai do pródigo, seu filho arrependido. Previne até o culpado e convida-o á reconciliação: «Porque será que meu povo disse: “Somos livres, não voltaremos para vós?...” Por acaso, fui para Israel um deserto, um paiz de trevas espessas?» «Expulsai para longe de vós as transgressões que commettestes; formai-vos um coração novo e um espírito novo. Porque queres morrer, casa de Israel?» (3) E se o peccador está empedernido, Elle espera que o coração se enterneca: «O Senhor espera para vos perdoar, dizia Isaiás aos Judeus obstinados em suas culpas; levantar-se-á para fazer-vos misericórdia.» (4) «Estou á porta e bato.» (5) diz o Senhor no Apocalypse.

**53.** — A esperança é uma homenagem prestada ás perfeições de Deus, a seu poder beatificante, a seu amor inexplicável; porisso, *ella commove o coração de Deus* e consegue d'Elle tudo quanto pede; e ao mesmo tempo, é o confôrto da alma provada: dá-lhe paz, fôrça, coragem, constância; allivia todas as penas; faz triumphar todos os obstáculos e conduz ao amor perfeito. «Nenhum dos que esperam em ti, há de ser confundido,» (6) canta o Psalmista. «Aquelle que põe sua confiança em Jeováh,

1. *Exodo*, XXXIV, 6.

2. *Jerem.*, II, 31.

3. *Ezech.*, XVIII, 31.

4. *Isaiás*, XXX, 18.

5. III, 20.

6. *Psalm.* XXIV, 3.

está cercado de sua graça.» (1) A graça não é, pois, dada com parcimônia á alma confiante ; pelo contrário, ella a inunda, a submerge. As almas mais confiantes são as mais queridas de Deus e as mais animosas e fortes na prática do bem.

54. — O demônio conhece perfeitamente o preço inestimável da esperança ; sabe que as almas de esperança apoucada são almas de pouca virtude ; ellas não têm entusiasmo e são incapazes de amor perfeito. Sabe também que, nas almas mais perfectas, quando a confiança afrouxa, afrouxa também o amor. Por esta razão não há outra virtude que elle ataque com maior raiva e perfídia. Para chegar a seus fins, aproveita-se do conhecimento que a alma tem das próprias misérias, e, mesmo quando Deus illumina estas almas e lhes faz comprehender melhor sua ingratição, sua tibieza, sua impotência, Satão se vale da occasião para lhes inspirar temores excessivos, uma odiosa desconfiança. Quantas almas infelizes caem nesta cilada, se concentram demasiadamente em si mesmas, tomando por humildade o que não passa de covardia e de ignorância, senão de desprezo das bondades divinas. Qualquér desfallecimento na prática da esperança, sendo injurioso para Deus, diminue suas graças, (2) e, ao mesmo tempo, priva o culpado de uma parte de sua coragem.

Como estas tentações se apresentam com uma falsa côr de humildade, muitas almas piedosas pouco se acautelam e, todavia, muito importa repellí-las com a máxima energia. Quaisquer que sejam nossas culpas, devemos sempre nos lançar aos pés de Deus, como uma criança aos joelhos de seu pai, e se, contra a nossa vontade, permanece no fundo de nossas almas um sentimento de angústia inconsciente, mas que parece irresistível, devemos protestar que

1. *Psal.*, XXXI, 10.

2. Foi por um desfallecimento semelhante, que, entretanto, não era senão uma falta leve, que Moisés e Aarão, por terem um instante duvidado da misericordiosa bondade de Deus, vendo a obstinação dos Hebreus, foram condemnados a não entrar na terra da promissão muito embora fossem varões cheios de méritos

é involuntário ; e, se não sentimos a confiança, queiramos, apesar de tudo, enérgica e obstinadamente ter confiança. Assim, mantida na vontade, a esperança não tem doçuras, é verdade, mas é muito agradável a Deus. A alma com isso lucra preciosos méritos e se torna corajosa e forte.

55. — *Para cultivar esta virtude*, faz-se mister desviar a atenção dos bens terrenos, tão enganadores e tão frágeis, desapegar-se delles e fixar amiúdo seu pensamento sôbre os bens celestes, os únicos dignos dos nossos desejos. Cumpre, acima de tudo, pensar em Deus, tão bom, cuja visão, cujo amor e cuja posse hão de nos tornar eternamente venturosos. Cumpre habituar-se a tratar com Deus como com um bom pai, com Jesus como com o amigo divino, o melhor, o mais terno, o mais dedicado de nossos amigos. Cumpre acostumar-se a contar inteiramente com sua protecção e dizer com o psalmista : « Uns confiam em seus carros, outros em seus cavallos ; quanto a nós, invocamos o nome de Jeováh, nosso Deus. » Em vez de nos determos em pesar as difficuldades que se nos apresentam na senda do dever e da virtude, difficuldades que a nossa imaginação e nosso infernal inimigo exageram á porfia, em vez de nos deixarmos abater pela lembrança contínua de nossas faltas, volvamos sem cessar nossos olhares para Jesus que tanto nos amou. Elle que nos remiu com seu sangue, que se dá a cada um de nós no Sacramento de seu amor, e será ainda mais feliz, quando entrarmos no formoso paraíso que Elle nos conquistou com tantos padecimentos. Levantemos os olhos para o nosso Pai do céu ; « se Elle é por nós, quem será contra nós ? » e Elle é por nós, « Elle que não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou á morte por todos nós. Como não nos há de dar tudo com Elle ? » (2)

56. — *A vista dos nossos peccados não deve absolutamente abalar nossa esperança*. E', de certo, necessário renunciar ao peccado; commetter voluntariamente uma falta, porque

1. *Psalmo XIX*, 8.

2. *Rom.*, VIII, 32.



Deus é misericordioso, seria odiosa presumpção; seria gravemente culpado quem dissesse : « Já que Deus é tão bom, não me quero incomodar. » Tal presumpção collocaria uma alma em grande perigo de condemnação eterna. Mas, aquelle que reprova suas faltas, que está decidido a lutar contra seus vícios, quaisquer que sejam suas iniquidades passadas, deve estar cheio de esperança. « Porque receias, peccador, se estás resolvido a fugir do peccado? Como poderia condemnar-te êste bom Mestre que morreu para salvar-te? Como poderia repellir-te quando voltas a seus pés, Elle que baixou do céu para te procurar quando te afastavas d'Elle? » (1)

O *desânimo* é, pois, um peccado perigosíssimo porque paralyza as almas ; é o *peccado dos estultos, dos orgulhosos e dos covardes*. Estulto é quem desanima porque a misericórdia divina é infinitamente maior do que a nossa miséria e o poder de Deus immensamente superior á nossa fraqueza. Orgulhoso, também, pois o desânimo nasce do amor-próprio : gostaria de comprazer-se em si mesmo ; na impossibilidade de fazê-lo, desanima. Covarde, emfim, porque só os covardes é que desertam da luta, quando, combatendo e orando, teriam a certeza da victória. O desânimo pode levar ao desespêro, que é mais que uma falta, que é um crime, o crime de Judas. Ter-se-ia convertido, êste desgraçado, e ter-se-ia tornado um apóstolo digno, um santo, se houvesse esperado na misericórdia do Salvador.

E' preciso, sem dúvida, « trabalhar para sua salvação com temor e tremor ; » (2) com *temor do peccado* e das suas consequências, do peccado que contrista o Espírito Santo e causa os maiores males neste mundo e no outro. O temor servil receia o castigo ; é justo e legítimo. O temor filial nasce do amor ; é muito mais nobre ; receia a culpa, porque esta fere o coração de Deus. Deve-se, pois, ter mêdo de pecar, desde que justos como David, sábios como Salomão,

1. Santo Thomaz de Villanova, trat. de adv. D.

2. Phílíp., II, 12.

Pedro, o chefe dos Apóstolos, peccaram. Deve-se temer o peccado, fugir das occasiões perigosas, não se expôr e pôr toda sua confiança na oração. Mas, se devemos reccar os peccados possíveis, não nos devemos, todavia, deixar abater pela lembrança dos peccados passados e já perdoados, (1) nem conservar qualquer sentimento penoso diante de Deus, e sim tratar sempre com Elle como uma pobre criança trata com seu pai cheio de ternura e compaixão.

57. — *Não nos deve tão pouco espantar a visão da nossa fraqueza.* Sou fraco, diz o bom servo de Deus, mas o Senhor terá maior glória em me conceder a victória; não disse Elle a são Paulo: «Basta-te a minha graça, é na fraqueza que o meu poder se manifesta completamente. Prefiro, pois, muito, acrescentava o Apóstolo, gloriar-me de minhas fraquezas, afim de que o poder de Christo habite em mim; porisso é que me comprazo nas fraquezas, nos oppróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por Christo, porque, quando estou fraco, então é que estou forte.» (2)

58. — Assim, *a esperança deve firmar-se em Deus só e nunca nos méritos da criatura.* Repousando em Deus, ella deve ser firme e inabalável. Deve também ser activa, porque Deus que «nos dá o querer e o fazer», exige o nosso concurso; Elle quer nos salvar e nos santificar por nossos actos de virtude. *Ella deve igualmente vir acompanhada do amor.* O amor aperfeiçoa a esperança, porque, quanto mais amamos a Deus, tanto mais anhelamos possuí-lo, e também

---

1. Toda alma fervorosa deve ter certeza de estar em estado de graça: "O divino Espírito, diz são Paulo, (Rom., VIII, 16) nos assevera que somos os filhos de Deus." Julga-se da árvore pelos frutos: aquelle que, no dizer do Apóstolo, sente em si uma afeição toda filial para com Deus: *in quo clamamus: Abba, Pater*, que constata dentro da sua alma, a paz, o horror ao peccado, o amor dedicado e sobrenatural ao próximo, sentimentos estes que o Espírito Santo põe nos verdadeiros filhos de Deus — deve considerar-se como tal. "Sabemos, diz São João, que passamos da morte, para a vida porque amamos aos nossos irmãos. (1, João, III, 14). — Se nos amamos uns aos outros, conhecemos que permanecemos n'Elle e Elle em nós, pois Elle nos communica seu Espírito. (IV, 12-13). — Quem guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nelle, e sabemos que permanece em nós pelo Espírito que Elle nos deu." (Ibid., III, 24). Não é, evidentemente, uma certeza metaphísica absoluta, mas uma certeza moral que basta para estabelecer a alma na paz.

2. III Cor., XII, 9-10.

porque o amor nos mostra em Deus um amigo e «de um amigo, diz santo Thomaz, espera-se muito mais.» (1) Espera-se tanto do divino amigo que a Elle se entrega todo o futuro. Longe de pedir-Lhe, como as almas imperfeitas, que adapte seus planos aos gôstos e repugnâncias que ellas sentem, as almas a quem uma fé viva e uma esperança firmíssima fazem compreender que Deus deseja o seu bem mais do que ellas próprias, e sabe infinitamente melhor do que ellas por que caminhos lhes convém passar, terão grande prazer em condensar suas orações nesta simples fórmula : Meu Deus, contentai o vosso amor, mas segui a vossa sabedoria.

## CAPÍTULO XII

### Virtudes theologais.

#### 1. A caridade para com Deus.

59. — Que bella e nobre faculdade, a de amar ! Se o homem se ufana, com razão, de sua intelligência que, percebendo o que é bello e bom, estabelece um abysmo entre elle e os irracionais, mais glorioso ainda é para elle, ter um coração que o oriente, o leve para a belleza e para o bem. A intelligência sem amor deixaria a alma gélida, preguiçosa, inerte ; o amor excita-a, compelle-a a agir, e communica-lhe coragem, energia, constância. Mas a intelligência precede o amor : é preciso conhecer primeiro as prendas do ser amável. Visto com suas qualidades, o ser amável agrada e encanta ; este primeiro movimento chama-se complacência. Quer-se muito ao ser que agrada e procura-se fazer-lhe bem : é a benevolência. Se o amor é reciproco, se há complacência mútua e troca de bons serviços ; é a amizade.

O movimento da alma atraída pelo que lhe agrada é de duas espécies : *o amor de concupiscência*, pelo qual se procura possuir o que se julga útil ao próprio bem estar.

1. 2. 2. q. 17, a. 2.

Neste amor interessado atrai-se para si o ser útil e agradável. O amor de pura benevolência ou *desinteressado* é aquelle pelo qual, esquecido de si próprio, considera-se tão sómente o objecto amado, derramando sôbre elle todos os bens, dando tudo, dando-se a si próprio para agradar-lhe. O amor, dizem os philôsofos, é uma *fôrça unitiva* : no amor interessado queremos nos unir ao objecto amado para nelle encontrar alguma satisfação ; no amor desinteressado approximamo-nos d'elle para dar-lhe alguma alegria ; no amor de amizade, os dois seres procuram-se mutuamente pelo próprio instincto do amor e para a felicidade de ambos.

O amor obriga a sair de si mesmo porque impelle o ser amante para o ser amado ; mas, no amor de concupiscência, o que ama não sai de si senão para logo voltar, pois procura unicamente sua própria satisfação ; no amor desinteressado, porém, cedendo aos encantos do objecto amado, não vê senão êste, esquece-se, dá-se, sacrifica-se por elle.

60. — *O amor reside na vontade* ; muitas vezes, é verdade, a parte sensível do nosso ser, intimamente ligada á espiritual, participa d'elle. Enternece-se o coração ; mas suas emoções são apenas o acompanhamento do amor que pode muito bem subsistir sem ellas. O amor pode ser forte e as emoções pequenas, como, pelo contrário, estas podem ser vivas e aquelle fraco. Um moço pode sentir-se transportado ao ver um objecto que lhe agrada, por exemplo uma arma de caça mais aperfeiçoada do que a que elle possui ; uma moça pode enthusiasmar-se e experimentar um desejo vehemente de possuí-lo, ao deparar com um artigo de toilette, um chapéu elegante, um vestido de gôsto apurado. Entretanto, embora ambos tenham o dinheiro preciso para comprar êstes objectos, negam-se a fazer esta despeza que julgam pouco razoável : apreciam mais seu dinheiro que, todavia, não lhes enternece o coração. Um jovem religioso chorará ao deixar seus pais em demanda de sua missão, e uma donzella deixará rolar sentidas lágrimas ao ingressar

num convento ; não vertem lágrimas pensando em seu Deus, por cujo amor consomem êste sacrificio ; entretanto, é Deus que tem todas suas preferências.

O amor produz sentimentos diversos que se podem condensar em quatro principais : o desejo, a alegria, o temor, a dor. Do mesmo modo que o amor, êstes sentimentos residem principalmente na vontade, e, como elle, também, podem reflectir-se sôbre a parte sensível e nella occasionar impressões suaves ou penosas. Estes sentimentos que nascem do amor, o mantêm e o augmentam nas pessôas que a elles se entregam.

O amor e os sentimentos que d'elle se derivam, não passam de enganos, de illusões quando não encaminham para as acções. Aquelle que protesta seu amor e não quer, de maneira alguma, incomodar-se para dar prazer á pessoa que diz amar, engana-se ou illude-se. Julga-se da intensidade do amor pela extensão do bem que se quer e dos sacrificios que se está disposto a fazer; mede-se, também, pela energia, pela firmeza da resolução que se toma de se consagrar ao objecto amado. E esta resolução se traduz em actos : o amor se prova pelas obras.

61. — E' fácil *applicar os princípios* que acabamos de enunciar, *ao amor de Deus*. Este amor se fundamenta na complacência, nas perfeições, nos encantos infinitos de Deus. Sua grandeza, sua belleza, sua bondade merecem toda a nossa estima, toda a nossa admiração. Arrebetada pelos encantos divinos, a criatura quer agradar a êste Deus que a enleva, procura conservar a amizade que Elle lhe offerece, pois é realmente uma amizade que Deus quer contrair com sua criatura. Incapaz de augmentar a felicidade infinita do Deus amado, ella quer, ao menos, fazer o que é do seu agrado e também dar-lhe um accrécimo de glória exterior, desde que está no seu alcance glorificá-Lo por suas virtudes e fazer com que, por seu zêlo, seja glorificado pelos outros. Ella está decidida a nada emprender que desagrade a seu Deus, a ponto de provocar uma inimi-

zade entre Elle e ella. Prefere a amizade de Deus e os bens eternos que esta lhe assegura, a qualquer outra satisfação, que pudesse alegrar sua natureza, mas que della faria uma revoltada, uma alma rebelde ás ordens divinas.

Assim constituido, *o amor divino torna-se justificante*, até no seu gráu ínfimo. Logo, um só acto de amor firmado nas amabilidades de Deus, comtanto que leve a alma á detestação dos peccados mortais, (1) mesmo quando é muito fraco para destruir o apêgo ás culpas veniais, apaga todos os crimes, restitue os méritos perdidos com a graça santificante, reincorpora-a no Christo, fá-la participante da natureza divina, assegura sua eterna felicidade. Eis o que lucra aquelle que, na sinceridade de seu coração, diz a Deus : « Meu Deus, já que sois tão bom, detesto todos os peccados mortais com que vos tenho offendido ; não quero mais absolutamente commettê-los. »

Mas se o peccador toma esta determinação pelo motivo, aliás legítimo, do seu próprio interêsse, o pensamento da bondade divina, embora lhe commova o coração, não agindo com bastante fôrça sôbre sua vontade para fazê-lo renunciar a seu peccado, não tem senão a caridade imperfeita que, por si só, não lhe pode restituir a amizade de Deus. Será preciso, além disso, para conseguir o perdão, a efficácia dos sacramentos de baptismo ou de penitência.

## 2. Exercício da caridade.

62. — Importa, pois, muito *alimentar em si este sentimento de complacência em Deus* que torna o amor incomparavelmente mais precioso e mais fecundo. O pensamento das perfeições e amabilidades divinas é eminentemente salutar : nunca nos deveríamos cansar de contemplar as grandezas inconcebíveis, as bondades inenarráveis, o amor ineffável de Deus para conosco, pobres criaturas. Como temos uma natureza sensível, somos naturalmente mais

1. Claro está que este acto, para ser sincero, deve encerrar, pelo menos implicitamente, a vontade de receber a absolvição.

fortemente impressionados pelo que se apresenta aos nossos olhos, pelo que nos pinta a nossa imaginação. Por isso, para melhor se dar a conhecer e tocar mais profundamente nossos corações, realizou a obra sublime da Encarnação e da Redempção. Um Deus humanou-se, mostrou-se, entregou-se. O espectáculo das admiráveis virtudes, da benignidade, da humildade, da dedicação de Jesus, dedicação levada até a immolação do Calvário, até o aniquilamento da Eucharistia, allumia a alma fiel e deixa-lhe de certo modo entrever o amor que, por ella, abrasa o coração de Deus, e lhe faz produzir excellentes actos de amor divino. Se ella souber também elevar-se acima dêste mundo e de todo o sensível, pensar no Deus eterno, immenso, infinitamente simples, infinitamente bello, infinitamente bom, infinitamente santo, considerar a adorável Trindade e as relações ineffáveis de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, se ella puder abysmar-se na admiração de tantas grandezas, terá assim praticado excellentemente o amor de complacência ; e sua caridade será mais nobre, mais pura, mais digna de Deus. E', sobretudo, por meio da meditação que se exerce o amor de complacência ; alimenta-se com a leitura do Evangelho, da vida e dos benefícios do Homom-Deus. Sem dúvida, podemos utilmente recorrer, na meditação e nos instantes de recolhimento, á consideração dos nossos próprios interêsses, ao pensamento dos nossos novíssimos, pensamento que consolida as nossas boas resoluções ; mas, convém que depois nos elevemos até a lembrança do amor do nosso Deus, afim de tornarmos estas resoluções mais puras e mais meritórias.

63. — O amor produz os sentimentos de alegria, de desejo, de temor, de dôr e por sua vez, êstes sentimentos alimentam o amor ; porisso devemos, se quisermos incrementar em nós o amor divino, *velar sôbre os nossos sentimentos* e dar livre curso apenas áquelles que nascem do amor de Deus, o conservam e o augmentam. (1)

---

1. Ler a brochura : *O segredo do amor divino e a perfeita renúncia.*

64. — Já dissemos que a complacência que não se traduz em obras, é vã e illusória. Para firmar o nosso amor e fazê-lo crescer é, pois, mister que ponhamos *o nosso proceder de accôrdo com o nosso sentir*. Não é sómente Deus que solicita o nosso amor ; as criaturas também atraem o nosso coração ; e como ellas se apresentam aos nossos sentidos, ao passo que Deus permanece invisível, estamos expostos a nos deixar seduzir por ellas. Por outro lado, o coração humano se compraz em si mesmo e se ama de um amor desordenado, o que constitue mais um obstáculo, e muito sério, ao amor de Deus. O amor de Deus deve levar de vencida todos êstes inimigos ; elle é o fructo de victórias alcançadas sôbre os encantos inferiores, e uma longa série de triumphos é necessária para que se torne forte e poderoso.

E' certo que além do amor divino existem outras affeições legítimas, permittidas por Deus. Estas não são obstáculos, enquanto se mantêm dentro de justos limites ; mas, todas as que Lhe desagradam, ou não são regradas pela sua santa vontade, diminuem o amor que se tem por Elle, ou, em certos casos, o destroem.

*O amor de Deus é um amor de amizade.* Entre dois amigos as idéias são semelhantes, idênticos os gôstos. E' esta *similitude de idéias e de gôstos* que gera a amizade. Quando há, sôbre algum ponto, divergência de vistas e opposição de gôstos, o affecto mútuo inclina cada um dos dois a renunciar a seu próprio juízo ; a sacrificar suas preferências, a combater suas repugnâncias, de modo que elles não formam senão um só coração e uma só alma. A criatura amiga de Deus experimenta santas inclinações que seu divino Amigo lhe poz no coração para, entre ambos, estabelecer-se uma communiidade de pensamentos e de sentimentos ; mas ao mesmo tempo, deixou-lhe outras que vêm da natureza e se oppõem a esta unidade de vistas e de aspirações, afim de lhe deixar a occasião de as sacrificar e, assim, de provar e de augmentar o seu amor. Todo acto pelo qual a criatura *conforma sua vontade com a vontade divina*, mormente todo



acto pelo qual, para conseguir esta conformidade, ella renuncia á sua própria vontade, é acto de amor. Assim, toda virtude praticada, não por ser conforme á recta razão, mas porque agrada a Deus, torna-se acto de amor. E' o que faz santo Thomaz dizer que o amor é, não somente uma virtude especial, mas ainda, uma virtude geral, porque influe em todos os actos virtuosos, dirigindo-os para Deus. (1) Pode, na expressão dos theólogos, imperar sôbre as demais virtudes ; e, quando estas são praticadas com amor, participam do mérito do amor.

Trabalha, pois, ó alma fiel, para agradar a Deus, cumprir sua santa vontade em tudo, dizendo como Jesus : « *Quae placita sunt ei facio semper* : sempre faço o que Lhe agrada. » (2) Desta arte, farás tudo por amor, como amor há de ser o mínimo esfôrço que fizeres para bem proceder e agradar a Deus ; mas, também, quando recusares te vencer, será um acto de amor que rejeitarás.

Conforma-te com a vontade de Deus em tudo quanto Elle ordena e no que Elle aconselha, se O quizeres amar melhor. Tem-lhe um amor dócil, e quando Elle te fala por suas inspirações, escuta-O e obedece-lhe. Que o teu amor seja submisso, e se a Sua providência te mandar provações, recebe-as de Sua mão sem murmúrio nem queixa. Ama, pois, ao Senhor, em teus pensamentos ; ama-O em tuas acções ; ama-O em teus soffrimentos. Não te esqueças dêste princípio : quanto mais quizeres dar a Deus e sacrificar-Lhe, quanto mais esta resolução de te immolares por Elle fôr ardente e firme, tanto mais elevado e meritório será teu amor, e tanto mais alegrará o Coração de teu Deus.

1. 2. 2, q. 59, a. 6.

2. S. João, VIII, 29.

## CAPÍTULO XIII

**O Recolhimento, fruto da caridade para com Deus.****1. Vantagens do recolhimento.**

65. — São as três virtudes theologais que nos unem a Deus. Menos apparentes aos olhos do mundo que a doçura, a dedicação, a penitência, o zêlo, são, muitas vezes, menos apreciados pelos homens; entretanto, são o princípio de todas as virtudes sobrenaturais que haurem nellas seu ardor, sua firmeza, todo o seu valor. Praticam-se no segrêdo do coração e só se revelam pelas obras que ellas inspiram. A prática habitual destas três grandes virtudes constitue a vida interior, que outra cousa não é senão uma vida toda de recolhimento em que a alma foge dos pensamentos e dos cuidados estonteadores, para carinhosamente guardar a lembrança de Deus e unir-se a Elle pelo amor.

Esta união com Deus em nada prejudica o cumprimento dos deveres exteriores. « Não vos pedem, diz santo Affonso, uma contínua applicação de espírito que vos faça descurar dos vossos affazeres ou mesmo dos vossos recreios; apenas exigem uma cousa: é que, sem prejuízo de vossas occupaões, vos comporteis para com Deus, nestas occasiões, como para com as pessôas que vos amam e que amais. » (1) São Francisco de Sales dá a mesma explicação: « Assim como os que amam de um amor humano e natural, têm, quasi sempre, o pensamento voltado para a cousa amada, o coração cheio de affecto para com ella, a bôcca cheia de louvores e, na sua ausência, não perdem o ensejo de testemunhar-lhe por cartas a sua paixão . . . assim tam-

---

1. Obras, T. II, *Man. de conv.* 2.

bém os que amam a Deus, não podem cessar de pensar e falar n'Elle.» (1)

Os santos nos apresentam a vida de união íntima com Deus como o segrêdo da felicidade, pelo menos, tal como é possível nesta vida. «Praticar o exercício da presença de Deus, diz são Boaventura, é começar, nesta vida, a felicidade dos bemaventurados.» (2) Asseguram-nos também ser um dos remédios mais efficazes contra o peccado. «Se vos conservardes sempre na presença de Deus, diz são João Chrysóstomo, não fareis nada, não direis nada, não pensareis em nada que O possa offender.» (3) E' o que muito antes dissera o Psalmista : «Guardo tuas ordens e tuas leis, porque todos os meus caminhos estão diante de ti : *Servavi mandata tua et testimonia tua, quia omnes viae mae in conspectu tuo.*» (4) «Sózinha, a lembrança da presença de Deus, se fosse contínua, asseverou são Basílio, seria um remédio sufficiente para destruir todos os vícios.» (5) «Se, quando peccamos, pensássemos que Deus está presente e nos vê, diz são Jerônimo, nunca faríamos o que lhe desagrada.» (6) E santo Thomaz no seu opúsculo 58, pergunta como nos poderíamos resolver a offender a Deus voluntariamente, se pensássemos que Elle está presente e nos vê.

## 2. Modo de praticar o recolhimento.

66. — Esta vida de amor não se attinge senão depois de *longo e cuidadoso esfôrço*, e não há outro exercício mais insistentemente recommendado por todos os santos e mestres da vida espiritual do que o da presença de Deus. «Pensa em Deus em todas as tuas vias, diz o autor inspirado, e Elle há de aplinar as tuas sendas.» (7) «E' aquí, cara Phi-

1. Vida dev., II, 13.

2. De perfect. Relig., C. 21.

3. In Phil. hom., VIII.

4. *Psalmos*, CXVIII, 168.

5. In reg. fuse explic., q. 30.

6. In *Ezech.*, VIII, 12.

7. *Prov.*, III, 6.

lothéia, diz são Francisco de Sales tratando dêste santo exercício, que a quero muito attenta em seguir meu conselho, pois, neste ponto, consiste *um dos meios mais seguros de seu progresso espiritual.*» (1) « Como não há instante algum em que o homem não goze dos effeitos da bondade e da misericórdia de Deus, diz santo Ambrósio, não deve haver, também, momento algum em que não O tenha presente ao espirito. » (2) « A respiração, diz são Gregório o Nazianzeno, deveria ser menos frequente em nós do que a lembrança da presença de Deus. » (3)

Para guardar a santa presença de Deus, é necessário, quanto o permitem as necessidades da vida, afastar-se das occasiões fascinantes, *é preciso amar e procurar o silêncio e a solidão.* « Oh! exclamou o psalmista, se eu tivesse as asas da pomba, fugiria em busca de repouso ; fugiria bem longe e ficaria no deserto ; apressar-me-ia em procurar um asylo longe do vento impetuoso, longe do furacão. » (4) O autor da Imitação dá, sobre êste ponto, os mais salutaes conselhos : « Cortai os discursos supérfluos, as visitas inúteis ; fechai os ouvidos aos vãos boatos do mundo e achareis tempo para as santas meditações. Os maiores santos evitavam, quanto possível, o commércio com os homens e preferiam viver em segrêdo com Deus . . . Quem aspira á vida interior e espiritual deve afastar-se da multidão com Jesus... Oh ! se nunca procurássemos as alegrias que passam, se nunca nos importássemos com o mundo, que consciência pura teríamos ! Quem supprimisse todo cuidado vão, pensando só na salvação e em Deus e n'Elle collocando toda sua esperança, de que paz, de que descanso não havia de gozar ! . . . E' no silêncio e na tranquillidade que a alma piedosa faz grande progresso . . . une-se tanto mais familiarmente a seu Criador, quanto mais afastada vive do mundo . . . Deixai aos homens vãos as cousas vãs e não vos

1. *Vida dev.*, II, 12.

2. *Lib. de dign. cond. humanae*, c. 2.

3. *In 1 orat. theol.*

4. *Psalmos*, LIV, 7-9.

preocupeis senão com o que Deus vos pede. Fechai atrás de vós a vossa porta e chamai a Jesus, vosso bem amado para junto de vós ; ficai com Elle no vosso retiro e, em parte alguma achareis tanta paz.» (1) Luiz de Granada diz também : « Evitai, quanto possível, as conversações, as visitas, as relações em que Deus não tem parte, em que se perde tempo considerável, em que a língua se solta tão lastimosamente, e de onde se volta com o espírito cheio de imagens e de pensamentos que nos tornam o recolhimento penoso e difícil.» (2)

*Vigiar suas palavras* e não se entregar a conversas inúteis, *vigiar seus olhares* e não ceder a êste desejo de tudo ver, a esta ânsia de tudo saber, que a muitos parecem innocentíssimos, mas que aniquilam a vida interior : eis as primeiras cautelas a tomar. Ellas têm a maior importância : todos os santos fundadores de ordens religiosas, êsses doutores tão esclarecidos, êsses guias tão seguros no caminho da perfeição, consideraram o silêncio como um ponto capital das regras que davam a seus discípulos, como uma condição indispensável para formá-los a uma vida de amor ; e todos são unânimes em recommendar a modéstia dos olhos e em precaver contra a *curiosidade*. E as almas religiosas não são as únicas que têm de lutar contra êste duplo perigo. E' para todos que Jesus disse : « Toda palavra inútil que os homens houverem proferido, della hão de dar contas no dia do juízo.» (3) Porque, desta tendência, surge a preocupação de estar a par de tudo, de conhecer todas as novidades, de encher os olhos no espectáculo do mundo, e tudo isso impede os santos pensamentos e o exercício da presença de Deus.

67. — Entretanto, êste não é o principal obstáculo á vida interior ; elle está no trabalho da imaginação, nos devaneios, nas solitudes, nos cálculos, nos pensamentos vãos,

1. *Imít.*, I, 20.

2. *Suppl. ao memorial*, cap. IV.

3. *S. Matheus*, XII, 36.

que agitam todas as almas humanas, se não fazem esforços enérgicos para reprimi-los. *A lucta contra os pensamentos inúteis* impõe-se absolutamente á alma que quer corrigir seus defeitos e progredir no santo amor. Os defeitos, na verdade, se nutrem e crescem com estas reflexões que a má natureza suggere e que o demônio, sobretudo, excita com raiva. Não se aproveita, êlle, da nossa imaginação para nos tentar? Porisso, os próprios santos teriam sido impotentes, apesar da sua energia, para repellir os ataques do inimigo, se não houvessem fielmente desviado a mente dos pensamentos importunos, obcecantes ou perturbadores, para fixá-la na lembrança de Deus. De mais a mais, não há quasi lugar para os actos de amor, para os desabafos, para as communicações íntimas com Jesus numa alma que se entrega aos transbordamentos da sua imaginação.

Não só é muito salutar, senão também indispensável o hábito de se afastar, espontaneamente, desde que se percebe, de qualquer pensamento inútil, de qualquer inquietação, de qualquer desejo humano, para logo se atirar nos braços de Deus por um acto de confiança, de abandono e de puro amor. Sem isto não é possível a vida interior; não pode haver piedade sólida. (1) Isto requer, pois, o desprendimento ou, como dizem os santos, a solidão do coração que consiste, na opinião de santo Affonso, em se desapegar de todo objecto criado e em consagrar a Deus todo seu amor. (2) Procurando-se o prazer nos bens terrenos, nas satisfações naturais, fica-se sempre preocupado; nelle se pensa hoje e nelle se há de pensar amanhã; e, então, adeus socêgo! adeus recolhimento!

**68.** — Devemos esvasiar o nosso espírito dos pensamentos vãos, para enchê-lo de santos pensamentos, *da lembrança de Deus*, dêste Deus tão grande e tão bom, que

1. Já no VII.º século, são Máximo recommendava êste afastamento súbito e enérgico: "Não conseguirás que a oração persista em ti, se te entretiveres interiormente em todos os cálculos e exteriormente em vãs palavras; mas ella voltará se afastares logo de ti tais pensamentos.

2. T. X, cap. 16.

está com o olhar sempre fito em nós. «Os olhos do Senhor são mil vezes mais brilhantes que o sol : elles vêm todos os passos do homem e penetram nos lugares mais escondidos.» (1) « Senhor, exclama santo Agostinho, não afastarei os olhos de vós, porque também nunca os afastais de mim.» (2) « Quando considero attentamente, Senhor, diz ainda êste santo doutor, que estais perpetuamente com os olhos fitos em mim e que velais sôbre mim de dia e de noite, e com tanto cuidado que não parece terdes de governar outras criaturas ; quando penso que vedes todas minhas acções, que penetrais todos os meus pensamentos e que todos os meus desejos estão expostos á vossa vista, sinto-me cheio de confusão.» (3)

Não é possível, sem dúvida, no meio das occupações e dos trabalhos, pensar em Deus como na oração ; mas, pode-se e deve-se, a intervallos, elevar seu espírito e seu coração a êste Deus de amor, e conservar-se numa disposição tal que se tenha grande facilidade em voltar para Elle. Quando os affazeres são menos absorventes, e quando o espírito guarda a sua liberdade, emquanto as mãos se movimentam, a oração torna-se mais fácil ; e, desta maneira, êste alternar de labores impostos por Deus e de aspirações do coração para Elle, faz da vida uma oração contínua, que está, como dizia são João Chrysóstomo ao povo de Antiochia, ao alcance de todos. Eis as palavras do santo bispo : « Ninguém me diga que um secular entregue a seus negócios, não pode orar todo dia, pois, pode-o muito facilmente. Em toda a parte onde estais, podeis erguer o vosso altar. Embora não ajoelheis, não levanteis as mãos ao céu, se offereceis uma alma fervorosa a Deus, fazeis uma oração perfeita. Mesmo quando estais no banho, orai ; em qualquer parte que estejais, orai ; o Senhor está sempre perto de vós.» (4)

As orações jaculatórias que mantêm o coração unido a Deus, variam conforme as inclinações de cada um. Os

1. *Ecl.*, XXIII, 28.

2. *Psalmos*, 31.

3. *Solil. C.* 14.

4. *Hom. in Annam*, IV - 6.

Padres do deserto recommendavam de pedir amiúdo o soccôrro divino : «O' Deus, vinde em meu auxílio ; apressai-vos, Senhor, em me soccorrer.» Pode-se ainda dizer : «Meu Deus, fortificai minha vontade e dai-me vosso santo amor ;» ou ainda : «O' meu Deus, vós que me quereis tanto, fazei que eu compreenda vosso amor e o corresponda.» São Basílio aconselha de soltar sem cessar brados de gratidão para com o Senhor, pois tudo quanto temos é dádiva d'Elle, tudo quanto vemos é attestado de sua perenne bondade. E' também louvabilíssimo multiplicar as comunhões espirituais e agradecer ao Senhor a communhão da manhã, pedindo-Lhe que nos prepare para a do dia seguinte. O zêlo pela glória de Deus e pela salvação das almas pode ainda inspirar-nos excellentes orações jaculatórias : «Venha a nós o vosso reino ; meu Deus, fazei que vos conheçam, fazei que vos amem. Convertei os peccadores, sobretudo os que estão nos seus últimos momentos de vida.»

Com o auxílio desta tão simples, mas tão salutar prática, as almas fiéis ficam muito unidas a Deus, trabalham para Elle e vivem n'Elle, como o dizia de si próprio são Leonardo de Porto Mauricio : «A minha vocação é a missão, afim de estar sempre occupado para Deus, e a solidão, afim de estar sempre occupado de Deus.»

## CAPÍTULO XIV

### Caridade fraterna.

#### 1. Importância da virtude da caridade.

69. — São Jerônimo nos refere tocante episódio do apóstolo bem amado. Já encanecido, repetia incessantemente a seus discípulos : «Filhinhos, amai-vos uns aos outros. — Mas, mestre, disseram-lhe seus discípulos, porque estais sempre repetindo a mesma cousa ? — Porque, con-



tinuou são João, é o preceito do Senhor, e, cumprido fielmente, basta.» Na sua primeira epístola, escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, são João nos diz : « Amemo-nos uns aos outros, pois a caridade vem de Deus . . . Se nos amarmos mutuamente, Deus permanecerá em nós e seu amor será perfeito em nossos corações . . . Aquelle que permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nelle. » (1)

Não pode, pois, haver verdadeira piedade num coração que não é caridoso, pois que Deus não permanece nelle. A caridade fraterna faz parte de uma piedade sincera e, além disso, favorece todas as outras virtudes. E como poderia ser de outra maneira, sendo o amor de Deus e o amor do próximo, uma só e mesma virtude? desde que a verdadeira caridade é aquella pela qual se ama a Deus no próximo? Existem, é verdade, pois, preceitos distinctos, porque, na opinião de santo Thomaz, os preceitos são estabelecidos para produzirem actos de virtude, e, neste ponto, os actos são differentes, mas são actos differentes do mesmo amor(2). Amo a meu próximo porque Deus o quer ; e amando-o, é ao Filho de Deus que amo, a elle é que quero e me esforço por dar tudo quanto Deus deseja dar-lhe ; uno, pois, minha vontade á de Deus, meu amor a Seu amor e considero Deus como o térmo do meu amor. « Se uma pessoa ama a outra, diz são Gregório, e não a ama para Deus, não tem a caridade, embora pense tê-la. » (3) Se amamos ao próximo porque nos é sympáthico ou porque nos presta algum serviço, sem que nos mova nenhum pensamento de fé, nosso amor pode ser bom, mas não é sobrenatural, não é caridade.

Deus poz em nossos corações *uma tendência para amar a nossos semelhantes* e evidenciar êste amor fazendo-lhes o bem que está ao nosso alcance : sentimos uma como que necessidade de repartir os nossos bens com os outros, de

1. I João, IV, 7, 12, 16.

2. 2. 2, q. 44, a. 2, ad. 1.

3. Hom. 38, in evang.

lhes comunicar nossas luzes, nossas idéias, nosso saber, de fazê-los participantes da nossa felicidade. Esta tendência se sobrenaturaliza no homem illuminado pelos clarões da fé ; a graça mostra-lhe, no próximo, o filho de Deus, o irmão de Jesus, fá-lo desejar ardentemente para todos os seus irmãos os bens espirituais, as alegrias eternas. E' Deus ainda quem dá estas luzes e estes sentimentos. Porisso, são João nos declara que « o amor vem de Deus ; quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama, não conhece a Deus, pois Deus é amor. » (1) Sabemos o que Deus fez por todos os homens e quanto lhes quer bem ; se deveras O amamos como podemos ser indifferentes para com aquelles que Elle tanto amou ? « Deus nos amou e entregou seu Filho como vítima de propiciação para os nossos peccados. Caríssimos, se Deus assim nos amou, devemos também amar-nos uns aos outros. » (2) Gozamos dos mesmos bens, tomamos parte no mesmo banquete eucharístico, « formamos, diz são Paulo, um só corpo, pois participamos todos de um mesmo pão. » (3) Temos o mesmo Pai, Deus ; o mesmo Irmão, Jesus ; a mesma Mãe no céu, Maria ; a mesma mãe cá na terra, a Igreja ; devemos, consequentemente, ter os mesmos sentimentos, os mesmos affetos, e, assim unidos, amar-nos mutuamente. Se não amarmos a êstes que tudo approxima de nós, é porque não amamos verdadeiramente nem a Deus Padre, nem a Jesus, nem a Maria. A êste signal se reconhecem os filhos de Deus e os filhos do demônio : não é de Deus quem não pratica a justiça, e quem não ama a seu irmão. » (4)

70. — Quem ama a seu próximo porque vê nelle o filho de Deus e ama-o como o próprio Deus o ama, não pode deixar de ser *caríssimo ao Coração de Deus*. Ensinou-nos repetidas vezes, que, a quem ama muito seus irmãos, Elle perdôa muito. « Tende um amor ardente uns pelos outros,

1. I João, IV, 7.

2. João, V, 12.

3. I Cor., X, 17.

4. I João, III, 10.

diz são Pedro, porque o amor cobre uma multidão de peccados. (1) « A água extingue o fogo mais ardente, lê-se alhures, e a esmola cancela os peccados. » « A esmola livra da morte, diz o anjo a Tobias ; é ella que apaga os peccados e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna. » (2) « Dai esmola segundo vossas posses, dizia Jesus aos phariseus e e tudo será puro para vós. » (3) A esmola é uma das formas da caridade ; os outros actos da mesma virtude, que muitas vezes demonstram a maior abnegação e a mais santa affeição, não são, evidentemente, menos efficazes. Tudo o que uma pessoa faz por caridade, atrai-lhe bênçãos e graças preciosas ; tudo o que fere esta virtude, afasta a graça. Lembrando aos Judeus quanto eram queridos de Deus, o propheta Zaccharias observava : « Quem vos fere, fere-me na menina dos olhos. » (4) Ora, Deus não quer menos á alma christã.

A caridade obtém não só os favores do Pai celeste, mas ainda os dos homens. « Quereis que vos façam bem ? exclama são João Chrysóstomo, fazei bem aos outros. Quereis que se compadeçam de vós ? compadecei-vos do próximo. Quereis ser louvados ? louvai aos outros. Quereis ser amados ? amai. Quereis ter o primeiro lugar ? cedei-o. » (5) A alma egoísta, pelo contrário, provoca a repulsa de Deus e dos homens.

## 2. Prática da caridade : a caridade nos pensamentos.

71. — Devemos praticar a caridade nos sentimentos, nas palavras e nos actos. Antes de tudo devemos cultivar em nossos corações sentimentos caridosos para com o próximo. Ensina são Basílio que os dois principais sinais da

1. I *Pedro*, V, 8.

2. *Tob.*, XII, 9.

3. *Luc.*, XI, 41.

4. II, 8.

5. *Hom.* 13, ad pop. antioch.

caridade fraterna são o sentir a *dôr dos padecimentos* quer espirituais quer corporais do próximo e o experimentar a *alegria do bem* que lhe succede.» (1) Alegrai-vos, dizia são Paulo aos Romanos, com os que estão na alegria e chorai com os que choram.» (2) Somos os membros do corpo místico de Christo. «Se um membro soffre, continúa ainda o Apóstolo, todos os outros membros soffrem com elle ; quando se honra um membro todos os outros exultam com elle(3). Acontece que o pé foi attingido por um espinho ? nota santo Agostinho; o pé, na verdade, está longe da vista; entretanto, a vista procura êste espinho, a língua indaga onde elle está, o corpo todo se encurva, a mão se apressa em tirá-lo. E, entretanto, os olhos, a mão, o corpo, a língua nenhum mal têm ; mas todos os membros são solidários, todos sentem o mal uns dos outros.» (4)

O meio mais efficaz para conservar e desenvolver em nossos corações os sentimentos de uma santa affeição para com nossos irmãos é de vermos nelles imagens de Jesus e de nos acostumarmos a tratar cada um delles como trataríamos o doce Salvador. «Ninguém dentre vós, dizia santo Agostinho a seu povo, diga : felizes os que mereceram receber a Jesus Christo em sua casa. Não vos afflijais de terdes nascido num tempo em que não vos é dado ver o Senhor revestido de sua carne. Elle não vos privou dêste favor, pois disse : o que fazeis ao menor dos meus, a mim mesmo é que o fazeis.» (5)

Todas as faltas contra a caridade nascem desta falta de fé nas nossas relações com o próximo ; a nossos olhos de carne avultam os defeitos, as incapacidades ; á nossa memória apresentam-se numerosos motivos de desgostos, as feridas que recebeu o nosso amor próprio, as contradicções e opposições que soffreu a nossa vontade. Esqueçamo-nos

---

1. In reg. brev., q. 175.

2. XII, 15.

3. I Cor., XII, 26.

4. Hom., XV.

5. Serm. 26.

destas misérias e vejamos tão sómente as almas, filhas de Deus, tão queridas de Jesus. Elle suspira por unir-se estreitamente a ellas, por incarnar-se nellas, por assim dizer ; esforçemo-nos, pois, por amar a Deus, a Jesus em nossos irmãos.

72. — Animados de semelhantes sentimentos ser-nos-á fácil *julgar favoravelmente* o próximo : não julgamos nós sempre com indulgência os que amamos ? Se não podemos formar um juízo benévolo, abstenhamo-nos de julgar ; além de não nos pertencer êste encargo, não temos, para formular um juízo seguro, as luzes necessárias. A' Deus só pertence julgar ; não nos apossemos dêste seu direito : « Quem és tu, que julgas o servo do teu próximo ? Quer esteja elle de pé, quer caia, isso é da conta do seu senhor. » (1) Este Senhor que é também o teu, há de te julgar igualmente e há de ser severíssimo para os que assim tiverem julgado e condemnado seus filhos. Pelo contrário, se os homens se abstiverem de julgar, como é de seu estricto dever, Deus, infinitamente misericordioso, há de recompensá-los, não os condemnando, como teria o direito de fazê-lo. Não disse Elle : « Não julgueis e não sereis julgados ? »

E como podemos reter nosso juízo ? « Se uma acção pode ter cem aspectos, diz são Francisco de Sales, cumpre vê-la sempre pelo lado mais favorável. Quando não se pode desculpar a acção, pode-se desculpar a intenção. Não podendo desculpar a intenção, pode-se accusar a violência da tentação ou invocar a ignorância, a surpresa ou a fraqueza humana. (2) Não se deve, sobretudo, de uma falta passageira deduzir um mau hábito ; as pessoas de muita virtude até podem ter fraquezas ; tanto mais, como observa são Gregório (3), que o Senhor nega ás vezes graças menores a almas que encheu de maiores, deixando-lhes imperfei-

1. Rom., XIV, 4.

2. Esp. de são Francisco de Sales.

3. Morales, XXIV, 15.

ções para mantê-las na humildade. (1) Ainda mesmo que os erros do próximo sejam evidentes, a alma caridosa considera tão somente as boas qualidades que êste possui.

E' de muita utilidade para a alma piedosa cultivar em si, quanto possível, sentimentos de estima para com o próximo ; porque, á medida da estima corresponde a medida do amor. Observando cuidadosamente esta primeira lei da caridade christã, será fácil observar as demais.

### 3. Prática da caridade ; caridade nas palavras.

73. — Será fácil praticar a caridade nas palavras, pois «fala a bôcca da abundância do coração.» Amam bem pouco o próximo e tem muito pouco amor de Deus, êstes que facilmente *falam mal* de seus irmãos e divulgam suas faltas secretas ; tornam-se culpados de maledicência e devem resarcir o damno que causam á reputação de outrem. E que diremos dos que exageram o mal que conhecem, affirmam sem ter certeza, atribuem más intenções sem prova alguma, não querem reconhecer as boas qualidades do próximo, negam-lhe as boas acções ou dão-nas como duvidosas? São faltas em que entra uma dose de calúnnia. Se os que assim incriminam seus irmãos, cedem á antipathia, como são culpados ! se há gravidade de matéria e pleno consentimento, excluem de seu coração o amor do próximo e destroem o amor de Deus. E quando não mortais, estas faltas não deixam de ser muito lastimáveis e funestas para os que as commettem. Mesmo se procedem por leviandade, cedendo a um prurido de falar, serão severamente repreendidos pelo Soberano Juiz por não haverem

1. São Bernardo faz a mesma observação : "Por uma disposição particular da divina bondade que quer conservar a humildade na alma, tanto mais esta aproveita, quanto menos julga haver aproveitado. Embora uma pessoa tenha chegado ao supremo grau, fica-lhe ainda alguma imperfeição do primeiro ; de maneira que lhe parece haver apenas alcançado êste primeiro grau. (Serm. de *quatuor mod. grandí. Cf. Divines Paroles*, II, 33, nota, palavra de santa Mechtilde a santa Gertrudes).

2. T. X, cap. XIII.

lutado energeticamente contra uma inclinação tão danosa. « Há gente, costumava dizer santo Affonso, cuja língua é incapaz de lambar sem esfolar. » O beato Hofbauer observava, com razão, que são habitualmente os peores os mais promptos em julgar e criticar ; sim, os peores : tivessem elles apparencias de piedade, esta piedade não passaria de hypocrisia ou illusão.

Entretanto, é licito falar desfavoravelmente do próximo para esclarecer os que têm o encargo de repreendê-lo e corrigi-lo ou para preservar do mal aquelles a quem poderia causar damno. « Exceptuando, diz o meigo são Francisco de Sales, entre todos, os inimigos declarados de Deus e da sua Igreja, pois a estes é preciso desprestigiar quanto se pode ; tais são as seitas de hereges e scismáticos com seus chefes : é caridade gritar contra o lobo quando se intromette entre as ovelhas, seja onde fôr. » (1)

74. — « Offendem gravemente a bella virtude da caridade e provocam a repulsa do Senhor, os que semeiam a discórdia ». (2) « O detractor mancha sua alma, lemos na Escritura e é odiado por todos os que d'elle se aproximam. » (3) Referir a uma pessoa o que se disse contra ella é espalhar cizânia entre os filhos do mesmo Deus, é fazer o papel do demônio. Bemaventurados, pelo contrário, ensinou Jesus, os artífices da paz : serão proclamados verdadeiros filhos de Deus : « *Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur.* » Fazer reinar a paz, pela prudência, evitar discórdias, acalmar os que se irritam, reconciliar os que vivem em inimizade, que obra tão bella e capaz de atrair os favores do Céu !

75. — A alma que tem por meta uma piedade verdadeira deve mostrar-se mansa, affável, tanto nas suas palavras como nos seus actos. Frequentemente, na Escritura Sagrada, o Espirito Santo recommenda a brandura. « Uma

1. Vida dev., XVII, 29.

2. Prov., VI, 19.

3. Eccl., XXI, 31.

4. Matheus, V, 9.

palavra amável faz muitos amigos.» (1) «Uma língua branda é capaz de partir ossos.» (2) «Uma resposta suave acalma o furor, mas uma palavra áspera excita a cólera» (3). E são Paulo escreve a seu discípulo : «Eis o que cumpre lembrares : conjuro-te diante do Senhor, que fujas destas disputas de palavras que de nada servem senão para a ruína dos que as ouvem . . . Não convém que um servo de Deus dispute ; pelo contrário, deve ter condescendência para todos, saber instruir e supportar, corrigindo com brandura seus contradictores.» (4) «Afasta-te da disputa e peccarás menos.» (5) «Uma bôa palavra é melhor do que o melhor presente.» (6) E', com effeito, mais poderosa para levar á prática do bem, para confortar as almas prostradas. «Nada edifica e ganha o coração, escrevia são Francisco de Sales, como a caridosa benevolência.» (7) A humilde doçura, diz elle ainda, é a virtude das virtudes que Nosso Senhor tanto recommendou ; porisso, deve ser praticada sempre e por toda a parte, pois distingue-se entre as virtudes como sendo a flôr da caridade. «Experimentei todos os processos, declarava santa Joanna de Chantal, e vi, finalmente, que o da doçura, da tolerância, é o melhor.» (9) «Os ditos picantes, ralhadores, são, no dizer de santo Alberto Magno, uma prova da corrupção do coração.» (10)

#### 4. Prática da caridade ; caridade nas acções

76. — Emfim, deve-se praticar a caridade por obras. «Filhinhos, dizia são João, não amemos com palavras e com a língua, mas por obras e em verdade.» (11) Aceder aos

1. *Eccl.*, VI, 5.

2. *Prov.*, XXV, 15.

3. *Prov.*, XXV, 1.

4. *Thim.*, II, 14, 24.

5. *Eccl.*, XXVIII, 10.

6. *Ibid.*, XVIII, 17.

7. Carta 605.

8. Carta 833.

9. *Mémoires de la Mère de Changy*, p. 3, cap. XIX.

10. De virtutibus, c. 2, de hum.

11. *I Jodo*, III, 18.



desejos do próximo e, para isso, renunciar á própria vontade, prestar toda a espécie de bons serviços, dedicar-se, sacrificar-se para agradar, eis a verdadeira caridade. Assemelha-se á do Salvador que se immolou por todos e *baseia-se na humildade e na abnegação*. «Nada façais, escreve são Paulo aos Philippenses, por espírito de rivalidade ou de vanglória, mas cada um olhe os outros como superior a si, considerando não os próprios interêsses, mas os dos outros.» (1)

77. — Os theólogos enumeram sete obras de *miseri-córdia corporal* e mais sete para as misérias da alma. As sete obras de misericórdia corporal são : dar de comer e de beber, vestir a nudez, dar a hospitalidade, visitar os enfermos, resgatar os captivos, sepultar os mortos. A *caridade espiritual* exerce-se supportando o próximo, perdoando-lhe as faltas, orando por elle, instruindo-o, aconselhando-o, corrigindo-o, consolando-o. Com isso faz-se bem á sua a' ma, ajuda-se-o a obter a salvação e a augmentar sua felicidade eterna, o que representa a melhor caridade, a mais excelente. «A mais divina de todas as virtudes, diz Dyonísio o Místico, é contribuir com Deus para a conversão das almas.» (2) «Não há sacrifício agradável a Deus como o zêlo pela salvação das almas, na opinião de são Gregório Magno, desde que o Filho de Deus estima muito mais a uma alma do que todo o universo. Para criar o céu, a terra, as montanhas, as estrêllas, bastou-lhe exprimir por uma palavra a sua vontade, ao passo que, para a salvação de uma alma, offereceu seu próprio sangue, suas chagas, suas dôres, seus desfalecimentos e sua morte.» (3) «Se quizerdes ir a Deus, diz elle alhures, tratai de não vos apresentar sózinhos diante d'Elle.» «Se amais a Deus, chamai todos os corações para seu amor.» (5) Se arrancar á morte o corpo que ia perecer,

1. *Philip.* II, 3.

2. *De coel. hier.*, III.

3. *Hom.* XII in *Ezech.*

4. In *Ev. hom.* VI.

5. In *psalm.* 33.

é, diante de Deus, obra de grande mérito; qual não será o galardão de quem arrancar ao mal a alma de seu irmão para fazê-la viver de uma vida sem fim? Salvar as almas, eis o meio de expiarmos nossos peccados, de adquirirmos numerosos merecimentos e de atrairmos os favores de Jesus Christo.» (1) Falando do seu bemaventurado Pai, são Boaventura escreve: «Francisco não seria jamais contado entre os verdadeiros amigos de Jesus Christo, se não houvesse ardido de amor pela salvação das almas que êste Salvador muito amado redimiui á custa do seu sangue divino.» «Nosso Senhor, diz santa Theresa, aprecia muito mais a conquista de uma alma por nossas indústrias e orações, sustentadas pela sua misericórdia, do que todos os obséquios que Lhe podemos prestar.» (2) Santa Maria Magdalena costumava dizer a suas religiosas: «Daremos contas a Deus de tantas almas que diariamente caem no abysmo, porque se eu e vós as houvéssemos fielmente recommendado a Deus, implorando o seu perdão, offerecendo por ellas o sangue de Jesus Christo, talvez houvéssemos desarmado a justiça divina e impedido a sua perda.» (3)

**78.** — Para exercitar nosso zêlo, é preciso, antes de tudo, não nos offendermos com os defeitos de nossos irmãos, mas supportá-los com compaixão e indulgência. «Nós que somos fortes, temos obrigação, diz são Paulo, de relevar as fraquezas dos que o não são.» (4) Se, também, não temos certos defeitos que deploramos no próximo, se somos mais fortes, mais esclarecidos, temos, todavia, nossas misérias, e todos nós precisamos de indulgência e de bondade. Esta tolerância deve ir até a *condescendência*: «A quem te chamar a juízo para ter a tua túnica, ensina o Senhor, abandona ainda o teu manto; se alguém quizer te obrigar a dar mil

1. Moral. XIX, 12.

2. Fond. cap. I

3. Vida, Capari, p. 2, cap. XVIII.

4. Romanos, XV. 1.

passos, dá dois mil com elle ; dá a quem te pede ; empreste a quem tal te solicitar.» (1)

**79.** — Cada dia dizemos a Deus : «Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.» Nosso Senhor, que nos deu esta oração, accrescenta alhures : «Perdoai e sereis perdoados ; pois applicar-se-vos-á a mesma medida com que houverdes medido os outros.» (2) Não perdôa Elle, êste grande Deus, que, no dizer do propheta, atira para o fundo do mar todos os nossos peccados ? (3) E, no entanto, as offensas que Lhe são feitas pelo peccado são incomparavelmente mais graves do que os modos indelicados que tão ridiculamente excitam nossos melindres. «Nada há, exclama são João Chrysóstomo, que nos torne semelhantes a Deus como conservar a paz com os que nos offendem.» (4) Jesus disse ainda : «Amái aos vossos inimigos, beneficiai os que vos odeiam, rogái por aquelles que vos perseguem e calumniam.» (5) Não é, pois, um meio perdão que Deus quer de nós, mas um perdão completo. Com isso, não somente conseguiremos o perdão completo das nossas culpas, como atrairemos sôbre nós graças poderosas que nos farão progredir rapidamente na virtude.

**80.** — Orar pelo próximo e, á oração, juntar o sacrificio, instruir, dar bons conselhos, consolar e confortar os afflictos, é ainda imitar a caridade de Christo que tanto orou e soffreu pelos homens, passou toda a sua vida pública espalhando lições, conselhos e consolações entre as ovelhas da casa de Israel.

**81.** — O dever da correcção é mais difficil do que o da consolação ; mas não é menos necessário. «Mais vale uma reprimenda aberta do que uma amizade occulta, diz o Espírito Santo. As feridas de um amigo são inspiradas por sua fidelidade.» (6) «Se o Senhor, diz são João Chrysóstomo,

1. *Mathus*, V, 40, 42.

2. *Lucas*, VI, 37.

3. *Mic.*, VII, 19.

4. Hom. 20, in *Math.*

5. *Matheus*, V, 44.

6. *Prov.*, XXVII, 5, 6.

ameaça com o supplicio aquelle que não dá dinheiro quando o tem, como não há de condemnar aos maiores tormentos aquelle que, podendo-o, não avisa seu próximo ou não lhe presta outros serviços capazes de o corrigir? O primeiro apenas sustenta o corpo, ao passo que o segundo concorre para a salvação da alma; aquelle livra da morte temporal, mas êste preserva da morte eterna.» (1) « Não está isento de culpa, diz santo Agostinho, o que, embora não seja superior, vendô nas pessôas com quem tem obrigação de viver, muitas cousas merecedoras de repreensão e vícios a corrigir, descuida de fazê-lo para não as offender. » (2) Mas « convém, ensina santo Ambrósio, que aquelle que corrigís vos considere antes como seu amigo do que como seu inimigo. » (3)

**82.** — Há outra caridade excellente que seria falta imperdoável não mencionar. E' a *caridade para com as almas do Purgatório*. Funda-se unicamente na fé e, porisso mesmo, é muito meritória. Pratica-se para com amigos de Deus, que êste Deus tão bom quereria alliviar, livrar, mas que sua justiça obriga a castigar. Que alegria immensa para o Coração de Jesus cada vez que uma alma, que lhe é tão cara, se eleva do lugar da expiação para a mansão da glória! « Resgata teus peccados pela justiça e tuas iniquidades pela misericórdia para com os infelizes, » (4) dizia Daniel a Nabuchonosor. Haverá misericórdia melhor empregada, mais agradável ao Senhor e mais capaz de atrair seus favores? Se um copo de água há de ter seu prêmio, muito mais ainda o allívio que se der a soffrimentos tão terríveis!

**83.** — São Paulô chama a caridade, « o vínculo da perfeição, » (5) porque *reune as demais virtudes* num todo harmonioso e perfeito. De facto, não offerece ella o ensejo de praticar a fé, a humildade, a abnegação, etc.? e não é ella, acima de tudo, um dos meios mais efficazes para cultivar

1. Hom. 30 in ep s. ad Hebr.

2. De civ. Dei, I, 9.

3. In Luc., XVIII.

4. IV, 24.

5. Col., III, 14.

o amor de Deus? Porisso, com que insistência, no admirável discurso de sua despedida, Jesus lembra êste preceito da caridade mútua : por três vezes, aponta-o como sendo seu grande mandamento. (1) E' a suprema recommendação que Elle faz a seus queridos discípulos na hora de sua morte. Alimentemõs, pois, um amor ardente por esta bella virtude : pela caridade fraterna, mormente se a praticamos á custa da natureza, sacrificando nossos gôstos, nossas vontades, nosso descanso, nossa saúde, alegamos o Coração de Deus, chamamos sôbre nós, caudais de graças e empregamos um dos meios mais poderosos para progredir na grande obra de nossa sanctificação.

## CAPÍTULO XV

### Virtudes cardeais : A prudência.

#### I. Importância da prudência.

84. — Conta Cassiano (2) que antigos solitários vieram um dia procurar o grande santo Antônio para que lhes ensinasse o meio de adquirir a perfeição. Sua conferência prolongou-se desde a tardinha até o dia seguinte. Procuravam qual seria a virtude ou a observância mais capaz de preservar os solitários dos artifícios do demônio e de levá-los mais directa e seguramente ás culminâncias da perfeição. Uns alyitravam as vigílias e os jejuns, outros a solidão no fundo de um deserto, outros, ainda, as obras de caridade. A noite ia assim passando velozmente quando o bemaventurado Antônio, tomando finalmente a palavra, disse : « Todos êstes meios são necessários a quem tem sêde de Deus ; porém não são infallíveis, pois temos visto religiosos observadores destas santas práticas, cairem e chegarem a um fim deplorável. E' que careciam de discrição : não soube-

1. João, XIII, 34.

2. Conf., II.

ram adquirir esta virtude que se mantém entre os extremos, e ensina aos religiosos a acompanharem a estrada real sem se desviarem á direita, caindo nos excessos do fervor ou nas loucuras da presumpção, nem á esquerda, deixando-se arrastar ao desânimo. Esta discrição é o ôlho e a luz de que fala o Salvador no Evangelho : « A lâmpada do teu corpo é o ôlho. Se o teu ôlho é são, teu corpo todo estará na luz ; mas, se o teu ôlho é viciado, teu corpo todo estará nas trevas. » (1) Quando a discrição assignala com seu sêllo virtudes e acções do homem, a alma vê perfeitamente tudo o que deve fazer ; mas, se êste ôlho desempenha mal seu papel, isto é, se a alma carece de juízo, ella se deixa surpreender pelo êrro e pela presumpção.

« Feliz o homem que achou a sabedoria e adquiriu a prudência . . . á sua direita têm uma longa vida, e á sua esquerda, a riqueza e a glória ; seus caminhos são caminhos agradáveis e suas sendas, sendas de paz. » (2)

Os homens, com razão, apreciam muito a prudência. Cada um a reivindica para si, pois, como faz observar certo escritor chistoso, todos se queixam da memória e ninguém do juízo. A prudência natural, um juízo recto e seguro, representa já uma qualidade preciosa ; mas, quanto mais excellente é a prudência sobrenatural, que é uma participação da sabedoria divina ! Deus, na sua infinita sapiência, propõe-se, em todas as suas obras e no govêrno da sua Providência, um fim excellente, sábio, santo, verdadeiramente digno d'Elle : a comunicação de seus bens e a manifestação de seus divinos attributos. Para alcançar êste fim, escolhe os melhores meios. No céu, onde veremos desvendado, como num livro aberto, todo o plano de Deus, admiraremos esta sabedoria. A prudência sobrenatural faz também a alma fiel escolher um fim sábio, santo, digno de Deus, e proveitoso para ella própria, e os meios mais seguros para alcançá-lo. E' esclarecida pela fé, pois esta nos ensina qual

1. *Matheus*, VI, 23.

2. *Prov.*, III, 13, 17

o nosso destino : a união eterna com Deus, a posse beatífica de Deus, e quais as veredas que a Elle conduzem. E' excitada pelo amor, ou antes, como diz são Francisco de Sales, « a prudência é o amor que escolhe o que melhor lhe convém para se unir a Deus e rejeitar o que lhe é nocivo. » (1)

## 2. Natureza da prudência

85. — A prudência mundana, que é antes esperteza e habilidade, visa fins humanos, satisfações passageiras. Jesus disse : « Os filhos do século são mais hábeis do que os filhos da luz. » (2) Ah ! êstes enganam-se procurando os falsos bens ; mas, para adquirí-los, entram em accôrdo, não poupam sacrifícios, sabem reflectir e calcular, recorrem a processos ardilosos, fazem despesas opportunas, quando destas lhes podem advir vultuosos lucros. Quantas vezes, infelizmente, as almas christãs não patenteiam esta habilidade para grangear os bens immorredouros ! Não têm a prudência sobrenatural.

Esta faz entender que *os bens eternos são os únicos dignos de nossas aspirações* ; incute-nos a convicção de que, fazer um esforço penoso, mas passageiro, condemnar-se a um sacrificio, que custa mas não dura, equivale a renunciar a um prazer terreno, ephêmero como um sonho, para preparar-se, no céu, um gôzo puríssimo, inenarrável, infindo. Mais ainda, dá a certeza que esta acção, podendo renovar-se cada dia e cem vezes por dia, a alma generosa (e ella só), adquire para a eternidade immensos cabedais de felicidade.

A prudência sobrenatural *guia a alma na escolha dos meios para bem servir a Deus e amontoar méritos para o céu*. Dirige todas as demais virtudes, ensinando a maneira de practicá-las segundo as circunstâncias, apontando o que se deve fazer, omittir, ou differir. A virtude occupando quasi sempre o meio entre dois extremos, *faz discernir êste justo*

1. Opusc. spir.

2. Lucas, XVI. <http://www.obrascaticas.com>

*meio.* «Ensina-nos a tratar nosso corpo com discrição, evitando com igual cautela o excesso de delicadeza e o excesso de rigor, não lhe recusando o necessário, mas não lhe dando o supérfluo.» (1)

A disposição natural para tudo ponderar e agir com discernimento não é a mesma em todos. Há pessoas que têm inteligência viva, talentos apreciáveis e muito pouca sensatez, outras têm uma inteligência menos penetrante e um grande bom senso. (2) Mas pode-se e deve-se aperfeiçoar o juízo e fazer esforços por tornar-se o *servo fiel e prudente*, que tanto agrada ao Senhor.

### 3. Exercício da prudência.

86. — *Para agir com prudência impõem-se três deveres*: reflectir e procurar os meios; encontrados êstes, julgar qual o mais opportuno; finalmente tomar uma decisão firme.

«Meu filho, não faças nada sem reflectir e não te arreponderás de tuas acções.» (3) Mas esta circumspecção, esta indagação dos meios a tomar, somente dá resultado quando se lhe acrescenta a oração. Sendo a sabedoria humana sempre muito restricta e propensa ao êrro, a alma prudente, desconfiada de si, nunca deixa de implorar as luzes divinas. Ao mesmo tempo *acautela-se contra os defeitos seguintes*: 1.º *a precipitação*, que falta ao primeiro dever da prudência, importando-se pouco de reflectir, considerar as circunstâncias, procurar os meios mais convenientes; — 2.º *a inconsideração*, que, mesmo depois de reflectir e pesquisar, formula um juízo sem levar em conta as circunstâncias conhecidas e as pesquisas feitas; — 3.º *a inconstância*, que, depois de tomar uma decisão sábia, leva a mudar de idéia sem

1. *Luz de Granada*: Guia dos peccadores, II.

2. O santo Cura d'Ars era um destes. Vários santos não foram dotados de intelligência brilhante, mas foram todos muito judiciosos. Sua alta virtude recebeu-lhes, a todos, as luzes do dom de conselho, de muito superiores ás que dá a virtude de prudência.

3. *Salomão*: *Prov.*, XXXII, 24.



razão sufficiente; — 4.º emfim, a *negligência*, que faz pouco caso do plano reconhecido como o melhor.

A maioria das vezes, êstes defeitos se manifestam porque a *vontade transviada perverte o entendimento*. Com effeito, a vontade deixando-se influenciar por suas sympathias ou antipathias, ou, mais desgraçadamente ainda, por suas paixões, não gosta do que contraria suas tendências; impede a intelligência de julgar de modo sã, de discernir o que é melhor e procurar o meio mais acertado para alcançar um fim bom. Para bem julgar, é mister manter uma perfeita imparcialidade, conservar seu coração livre de qualquer apêgo desordenado. Toda paixão não refreada arrasta a tolices, a imprudências: os anciãos, cuja história nos traça Daniel, foram inhábeis accusando Suzana; Samsão foi imprudentíssimo com Dalila. O homem apaixonado quer julgar favoravelmente as pessoas e as cousas que lisonjeiam sua paixão e desfavoravelmente tudo quanto a contraria; assim cai elle em muitos êrros, sobretudo em seu modo de proceder. Não sabendo dominar-se, age muitas vezes com precipitação, como se fosse privado da razão. «O insensato solta as rédeas á sua paixão, mas o sábio a domina»(1) O homem indolente ou desleixado não commette menos erros para poupar-se a incômodos.

Desde que a maior parte de nossos erros, imprudências e inépcias nascem de nossas paixões, devemos nos acautelar contra todo e qualquer movimento desordenado de nossa alma e evitar de tomar decisões no estado de desassocêgo, mas *sempre acalmar-nos* e não agir senão na posse plêna e serena de nós mesmos.

**37.** — Nosso Senhor recommenda a seus discipulos que *unam á prudência da serpente a simplicidade da pomba*. (2) São Francisco de Sales explica muito bem como, na prática do amor para com Deus, estas duas qualidades se confundem. «O amor humano, — diz elle, refere-se ao que procura

1. Prov., XXIV, 11.

2. Mathews, X, 16.

os bens naturais — anda por todos os lados em busca dos meios para alcançar o que deseja e, porisso mesmo que êstes meios são diversos e êlle, muitas vezes, os desconhece, desenvolve uma solicitude incrível. Mas o amor divino sabendo que, para conseguir o que ama, o principal meio é amar, diverte-se simplesmente amando bem . . . eis porque é simples e prudente . . . As lebres, as raposas e os veados, tímidos entre os animais, são dotados de uma prudência tão differente e de ardis tão numerosos que é uma maravilha. O leão, pelo contrário, o elephante e o touro não têm artíficios e sua prudência consiste na sua coragem e na sua fôrça. Assim são os filhos de Deus : sua sabedoria é simples e franca, porque o amor que os dirige, havendo sujeito tudo á obediência, obriga-os a caminharem de accôrdo com êlle . . . A prudência amorosa abandona-se inteiramente a Deus; roga-O, cumpre fielmente o que Elle manda, mas espera do seu amante o feliz êxito ; procura o reino de Deus e sua justiça, e o resto lhe é dado por accrésimo.» (1)

**38.** — Nas nossas relações com Deus, a prudência é, pois, confiança e coragem, rectidão e simplicidade. Com os homens, observa ainda o santo doutor, é preciso andar com maior previdência e tomar sábias precauções. Mas *os passos a dar*, as indústrias a empregar, «*é o amor que as suggere admiravelmente.* Vêde a prudência de Nathan e com que habilidade elle surpreende a David ; não ousando dar-lhe a navalhada da correcção, exhorta-o a tomá-la por si mesmo, de sua própria mão, e, incitando-o o leva a gravá-la bem fundo no peito do seu peccado e assim cura-o. Considerai a prudência de José para salvar o Egypto da fome, e a prudência de são Paulo no sermão que prega aos Athenienses, com que sabedoria elle se vale do ensejo que lhe proporciona uma inscripção collocada em um dos altares dedicados aos seus ídolos para annunciar-lhes o verdadeiro Deus.» (2) Deu prova de sabedoria ainda maior, quando, arrastado

---

1. Opusc. spir.

2. Ibid.

perante o Synhédrio disposto a condemná-lo, soube, com muita perícia, dividí-lo dizendo : « Sou phariseu, filho de phariseu e é devido á esperança e ressurreição dos mortos que me julgam. » (1) Do mesmo modo, quando um juiz iníquo, para agradar aos inimigos de são Paulo, mostrou-se disposto a fazê-lo reconduzir a Jerusalém onde sua vida teria perigado, êste apóstolo apelou para César, e assim obrigou seus adversários a levá-lo a Roma, onde desejava ardentemente pregar o evangelho. (2)

Um dos principais exercícios da prudência consiste em *velar, com grande cuidado, sôbre suas palavras*. « Os lábios dos insensatos só proferem estultícias ; mas, as palavras dos homens prudentes são pesadas na balança. » (3) « Faze uma balança e pesos para tuas palavras, uma porta e um ferrôlo para tua bôcca. » (4) « Se vires um homem prompto no falar, espera mais de um insensato do que delle. » (5) « Aquelle que refreia suas palavras, possui a verdadeira sciência, e aquelle que tem calma de espírito, é homem de intelligência. O próprio insensato, quando cala, é tido por sábio. » (6)

A prudência também ensina a *consultar os homens de bom conselho*. « O caminho do insensato é recto a seus olhos, » diz o autor inspirado, o que significa que elle acha sempre seu proceder perfeito e está cheio de confiança em si ; « mas, o sábio ouve os conselhos. » (7)

**89.** — O homem prudente não perde as bôas occasiões, e não compromette por uma *lastimável indecisão* os interesses a seu cargo. Evita também, com o máximo cuidado, a *precipitação*, e nunca conclue um negócio importante sem previamente deixá-lo amadurecer com toda a paciência. São Vicente de Paulo era um modêlo desta prudência,

1. Act. XXIII, 6.
2. Ibid., XXV, 11.
3. Eccl., XXI, 28.
4. Ibid., XXVIII, 29.
5. Prov., XXI, 20.
6. Ibid., XVII, 27.
7. Prov., XII, 15.

procedendo sempre, nos negócios graves, com sábia lentidão. Ao superior de uma das suas casas escrevia : « O Snr. objecta que sou muito vagaroso e assim, ás vezes, espera seis meses por uma resposta que se poderia dar dentro de um mês ; entretanto, as occasiões se perdem e tudo fica na mesma. Respondo-lhe, caro Snr., que, de facto, levo muito tempo para responder e fazer as cousas ; entretanto, não vi negócio algum estragado pelo meu atraso, mas tudo tem sido feito em seu tempo, com as vistas e cautelas precisas. Não obstante isso, faço o propósito de, no futuro, responder-lhe quanto antes, depois de considerar a cousa diante de Deus . . . O Snr. corrigir-se-á, pois, de sua pressa em resolver e fazer as cousas ; e, do meu lado, esforçar-me-ei por me emendar de minha lentidão . . . Examinando calmamente todas as cousas principais que se têm dado nesta Companhia, parece-me a mim, e é fácil demonstrá-lo, que, se fossem feitas antes, não teriam sido tão bem feitas. Isto digo de todas, sem exceptuar uma só. » (1)

## CAPÍTULO XVI

### **Virtudes cardiais : a justiça.**

**90.** — A segunda das virtudes cardiais é a justiça, que nos inclina a dar a cada um o que lhe é devido. A caridade mostra-me, no próximo, um irmão, um meu semelhante, a quem me unem laços íntimos e que devo amar como a mim mesmo ; a justiça aponta-me nelle alguém que tende para seu fim e tem direito de usar dos meios necessários para isso. Ferir êste direito é perturbar a ordem estabelecida por Deus, aliás baseada na natureza das cousas ; tal desordem é tanto mais grave quanto mais respeitáveis são os direitos lesados. Respeitar os direitos alheios, é favorecer a ordem ; e que ordem admirável não reinaria no mundo,

1. Carta de 7-12-1641, ao Pe. Codoing, superior em Annecy.

se cada um fosse justo e sempre respeitasse os direitos do próximo !

Perfeitamente praticada, a justiça não differe da santidade ; e, na linguagem da Escritura, justo significa santo : *Joseph, cum esset justus*, ou pelo menos perfeito : *beati qui esuriunt et sitiunt justitiam*. Esta virtude ensina-nos, com effeito, a dar a Deus tudo o que Lhe é devido; ora, Deus tem direito ao mais profundo respeito, á mais absoluta obediência ; e, quando offendido, á mais completa reparação, que uma rigorosa pen tência não pode ultrapassar. O mais leve dos peccados lesa os direitos de Deus e o acto mais heróico não dá a Deus mais do que tem direito de exigir de sua criatura. Logo, servir a Deus até a perfeição é apenas justiça, e os que se elevam até o heroísmo, como os mártires e os confessores, como os Lourenços e os Franciscos de Assís, devem dizer : apenas cumprí o meu dever, não passo de um servo inútil : *Servi inútiles sumus, quod debuimos facere fecimus*. (1)

91. — A justiça nos impõe múltiplos deveres. Acabamos de dizer quais são os *direitos de Deus* ; de todos são os mais respeitáveis. Illudem-se grosseiramente, pois, os que, ao falarem de um homem irreligioso, fazem d'elle este elogio : se não é cathóico prático, ao menos é justo. Não, mil vezes não ; não é justo quem quer que seja que recusa a Deus a honra, o culto, a obediência a que tem tão grandes direitos.

Para com os *superiores*, a justiça nos impõe o *respeito* e a *obediência* a que tem, rigorosamente, direito. Mais adiante trataremos da obediência. O respeito é a homenagem devida á dignidade da pessoa que se honra. Ora, o superior occupa o lugar de Deus, participa da sua autoridade ; há, pois, nelle como que uma sombra da majestade divina. Como é grande a autoridade aos olhos da fé ! Trata-se com toda espécie de distincção o representante de um paiz, de um rei ; é razoável e justo. Ora, quem possui ainda

1. Lucas, XVII, 10.

que uma só parcella dos poderes que nosso Deus exerce sobre suas criaturas, a que considerações não terá direito? Na Igreja, um diácono elevado ao cardinalato, receberá maiores honras do que um bispo, muito embora não tenha recebido como este a plenitude do sacramento da ordem, porque participa da dignidade universal do Soberano Pontífice.

E' ainda, para nós, um dever de justiça *respeitar nossos iguais*. Bem observado, êste dever nos auxilia no cumprimento dos outros, porque, se bem comprehendermos a grande dignidade do próximo, melhor prezaremos seus direitos e êstes direitos parecer-nos-ão mais respeitáveis.

*Os próprios inferiores têm direito a atenções*; não devem ser tratados com desprezo, nem mesmo com indiferença. Ainda que só possuíssem a divina semelhança, deveriam ser respeitados; mas, além disso, têm a dignidade de christãos, devem também ser tratados com justiça, quer quando os recompensamos, quer quando os castigamos. Nada há que indisponha os corações como as parcialidades nas recompensas e as injustiças nas punições.

Para com os bemfeitores, a justiça impõe a gratidão.

92. — *A justiça, para com todos*, em geral, nos deve induzir ao respeito da reputação e dos bens dêste mundo. Quando se commetteu uma injustiça, quer com maledicências ou calúmnias, quer com prejuízos materiais, há obrigação estricte de repará-la. Muitas pessoas christãs e, até piedosas, têm a consciência demasiadamente larga neste ponto de moral, sobretudo no concernente á fama do próximo. O meio mais acertado para comprehender os direitos alheios é collocar-se no lugar dos lesados: que pensaria eu e exigiria eu, se houvessem usado para commigo de semelhante proceder? se me houvessem assim desprestigiado no espirito de meus irmãos? se me houvessem dado êste prejuízo? etc.

A justiça é inimiga do egoísmo; não é quasi sempre por egoísmo, pela idolatria do "eu" que se pratica a injustiça? e é isso mesmo que torna a injustiça tão odiosa. Pro-

cura-se a própria satisfação e para conseguí-la, nega-se voluntariamente, ás vezes obstinadamente, o direito alheio ; para quem está cheio de si, os outros pouco valem.

Fiquemos sempre em o nosso lugar ; não façamos a outrem o que não quiséramos que nos fizessem e lembremos que o Senhor de toda justiça prometeu julgar-nos como houvermos julgado os outros, de nos tratar como houvermos tratado os outros.

## CAPÍTULO XVII

### A Obediência : filha da justiça.

#### I. Fundamento e necessidade da obediência.

93. — A cada um o que é seu, tal é o axioma basilar da virtude de justiça ; logo, a autoridade, tendo estrictamente direito á submissão dos súbditos, *a obediência é um dever de justiça*. Este direito de serem obedecidos, os superiores o recebem de Deus. Durante quasi dois séculos a noção da autoridade tem sido completamente falseada no espírito da maioria ; a theoria de J. J. Rousseau tem geralmente prevalecido nas sociedades modernas. Esta representa os que exercem a autoridade como meros mandatários de seus subordinados; admite mesmo que se elles têm poder é tão somente porque êstes últimos lhes confiaram o cuidado de dirigí-los e, portanto, consentem em obedecer-lhes. A sociedade existiria apenas porque aprove aos homens associarem-se e, da mesma maneira, tudo quanto está a exigir o estado social, como os poderes legislativo, executivo e judiciário, não seria senão o effeito da vontade humana. Todo superior se assemelharia ao presidente de um círculo ou de uma sociedade financeira, musical ou literária, que só tem os poderes que lhe foram outorgados pelos outros membros ; não seria, rigorosamente falando, um superior, mas, apenas, o representante da collectividade,

encarregado por seus iguais de zelar pelos interesses de todos.

Aquí está um êrro profundo, filho do orgulho, que tem produzido males innumeráveis. Os que deveriam mandar dependem dos que têm obrigação de obedecer ; em vez de dirigí-los no caminho da virtude, dobram-se, muitas vezes, a seus caprichos, adulam e favorecem seus vícios. Não, a sociedade não é o effeito da livre escolha dos homens, mas da vontade de Deus que a estabeleceu ; e Deus, estabelecendo a ordem social, estabeleceu, de uma feita, a autoridade, sem a qual tudo seria desordem e anarchia. « Não há autoridade, diz o Apóstolo inspirado, que não dimanar de Deus e as que existem foram instituídas por Elle. Porisso, quem resiste á autoridade, resiste á ordem que Deus fixou e os que lhe resistem atrairão sôbre si uma condemnação. » (1) São Pedro pronuncia uma sentença não menos terrível : « Deus reserva os maus para serem punidos no dia do juízo, sobretudo os que se entregam ás impuras inclinações da carne, os que desprezam a autoridade e são insolentes e arrogantes. » (2)

94. — *Há entre os homens dois espíritos contrários : o espírito do mundo, que, provindo do orgulho, de um desejo de igualdade chimérica, do amor á independência, do apêgo tenaz ao modo de ver e á vontade própria, impelle á insubordinação, á crítica, ao murmúrio, ás queixas ; e o espírito evangélico, baseado na humildade, no amor á vontade divina, e que leva á submissão, ao respeito, ao affecto para com a autoridade. Talvez não haja indício mais certo de bom espírito do que êste respeito á autoridade e êste amor á obediência. « O christianismo, no dizer de Mons. Gay, é um mystério e uma doutrina de obediência, a Igreja uma sociedade de obedientes, o céu uma cidade cujos cidadãos todos obedecem a Deus. »*

1. Rom., XIII, 1-2.

2. II Pedro, II, 9.

3. Elev., I, pag. 198.



Logo no princípio, Deus experimentou a obediência do homem. O fructo que prohibíra a Adão de comer, não era ruim em si ; mas, abstendo-se de tocá-lo, devia o homem mostrar sua docilidade. Sua desobediência arrastou consigo todos os males. Noé, pelo contrário, obedece ao Senhor, construindo a arca, o que, aos olhos de todos, não passava de uma loucura e foi salvo do dilúvio. Abraão obtempera ás ordens do Senhor deixando sua terra sem saber para onde ia e levou a obediência até o heroísmo, preparando-se para sacrificar a Isaac ; assim mereceu tornar-se o pai dos crentes, o ascendente de Jesus. Saúl, pelo contrário, por haver transgredido as ordens divinas, (1) foi rejeitado por Deus, apesar dos protestos de arrependimento, sem dúvida, pouco sinceros.

Jesus é o grande modelo e o grande doutor da obediência. Filho que Elle era, diz são Paulo, ensinou por seus próprios padecimentos o que é obedecer, e, agora que chegou ao termo, salva para sempre os que Lhe obedecem(2). Ensinou por seus próprios padecimentos o que é obedecer : obedecer é, pois, soffrer ; a vontade de seu Pai era que chegasse á felicidade pelos soffrimentos, á vida pela morte. E' Jesus que disse : « Não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou, » (3) e accrescentou ainda : « A minha comida é fazer a vontade de meu Pai. » (4) e fez e supportou tudo o que quiz seu Pai. Por obediência renunciou aos bens mais preciosos aos nossos olhos, a honra e a vida. « Fez-se obediente, diz são Paulo, até a morte, e até a morte » horrível e vergonhosa « da cruz. Porisso Deus exaltou-O e deu-Lhe um nome acima de todos os nomes ; » pela Sua obediência tão excellentemente praticada, « ao nome de Jesus, todo joelho se dobra no céu, na terra e no inferno. » (5) Apaixonado pela obediência, não

1. I. Reg., XV, 26.

2. Hebr., V, 8.

3. João, VI, 38.

4. João, IV, 34.

5. Philip. II, 10.

só obedeceu a Seu Pai, mas ainda a Suas criaturas, a Maria, a José e até a Caifás, quando êste homem indigno, mas revestido da dignidade pontifical, o adjurou a que declarasse se era realmente o Messias, e Jesus sabia que, obedecendo, lavrava sua condemnação.

Elle mesmo, o meigo Salvador, exigia uma obediência cega. Se os criados de Caná não houvessem cumprido a ordem, aparentemente irrazoável, que lhes dera de encherem de água as medidas, Elle não haveria feito seu milagre. Se o cego de nascença não houvesse atravessado Jerusalém, levando nos olhos a lama que Jesus nelles puzera e não houvesse chegado á piscina de Siloé para lavar-se, não haveria recuperado a vista. (1) Se os apóstolos que, durante toda a noite haviam lançado suas redes sem nada apanhar, não houvessem recommençado, á ordem de Jesus, a pesca milagrosa não se haveria verificado. Se são Pedro não houvesse consentido que seu Mestre lhe lavasse os pés, não teria tido parte com Elle.

**95.** — Deus havendo dado aos superiores o direito de mandarem, é a *Deus que se obedece* obedecendo-lhes, e é contra Elle que se revolta quem contra elles se levanta. «Quem vos ouve, a mim ouve, disse Jesus a seus apóstolos; quem vos despreza, a mim despreza.» Aos Israelitas que tão amargamente haviam censurado Moisés e Aarão de os haverem conduzido ao deserto, aquelle respondeu: «Não murmurais contra nós, mas contra Jeováh.» (2) Com effeito, o Senhor repetidas vezes castigou os murmuradores e até Maria, irmã de Moisés, mostrando-se offendido na pessoa do Seu representante. «Não é a ti que rejeitam, mas a Mim, para que Eu não reine mais sôbre elles,» (3) diz o Senhor a Samuel.

Quantas vezes o Senhor manifestou a Sua vontade de que o homem recorra ás autoridades constituídas por Elle?

1. Assim Naaman achou a principio ridícula a decisão que lhe deu Eliseu de ir banhar-se no Jordão, mas havendo obedecido, ficou limpo de sua lepra.

2. *Ex.*, XVI, 8.

3. *I Rec.*, VIII, 7.

Manda um anjo ao centurião Cornélio, e éste anjo que tão bem o podia instruir, ordena-lhe de ir ter com são Pedro. Jesus fulmina Saulo na estrada de Damasco, exprobra-lhe a perseguição que move contra os fiéis ; mas, em vez de instruí-lo, dirige-o a Ananias. Quer tanto que se obedeça á autoridade estabelecida por Elle que, ainda que se houvesse recebido uma revelação, dever-se-ia obedecer antes ao representante de Deus do que a esta revelação. Nosso Senhor pedira a santa Theresa um carmelo em Sevilha ; o padre Graciano preferiu fundá-lo em Madrid. A santa conformou-se com a vontade do padre Graciano. «Posso enganar-me, dizia ella, julgando da verdade de uma revelação ; mas andarei sempre no recto caminho obedecendo a meus superiores.» E o Senhor lhe disse, como sempre fazia em tais casos : «Minha filha, fizeste bem em obedecer.» Accrescentou : «Vai, pois, para Madrid ; serás bem succedida ; mas terás muito que padecer.» (1)

96. — A docilidade e o respeito á autoridade são, pois, necessários para a manutenção da ordem estabelecida por Deus. A obediência é o fundamento sólido sôbre o qual edificou sua Igreja; é o sustentáculo de toda sociedade, da família, do Estado ; é, além disso, para cada indivíduo, um dos meios mais poderosos de fixar-se na virtude e de nella progredir. «A obediência, ensina santo Agostinho, é a mãe e a guarda de todas as virtudes.» Segundo são Gregório, «ella introduz e conserva na alma as demais virtudes.» (2) Santo Thomaz affirma que é a mais excellente das virtudes morais, porque a alma, por ella, para permanecer fiel a Deus offerece-Lhe o sacrifício mais meritório, o da própria vontade, muito mais perfeito que o sacrifício dos bens terrenos ou dos prazeres do corpo. (3) Ella é, com effeito, conforme ensina são João Clímaco, «o túmulo onde está sepultado a nossa própria vontade.» (4) A vontade própria é a fonte

1. Vida. Bol., cap. XXIII.

2. Mor. LIII, 10.

3. 2. 2., q. 186, a. 3.

4. Gráu, IV.

não só de todo peccado, mas ainda de toda imperfeição ; vicia até nossas boas obras que, não sendo mais feitas unicamente para agradar a Deus, perdem, pelo menos, uma parte de seus merecimentos e, ás vezes, perdem nos inteiramente. « A vontade própria, diz por sua vez são Bernardo, é um mal muito grande, desde que faz tuas boas obras cessarem de ser boas para ti. » (1)

A obediência torna invencível contra os assaltos do inferno. « Pelas outras virtudes, declara são Gregório, combatemos os demônios, mas, pela obediência, os destroçamos. Sim, são vencedores os que obedecem, porque, sujeitando perfeitamente sua vontade á de Deus, triumpham dos anjos rebeldes que caíram pela sua desobediência. » (2) A alma obediente chama sobre si catadupas de graças : a quem pede ao Senhor como são Paulo : « *Domine, quid me vis facere ?* Senhor, que quereis que eu faça ? o Senhor responde como ao cego de Jerichó : « E tu, que queres que eu faça ? » (3) Elle faz a vontade dos que Lhe fazem as vontades : *Voluntatem timentium se faciet* (4) E que segurança para uma alma que sempre obedeceu, saber que ella está onde Deus quis collocá-la, e faz o que Deus quer que ella faça ! Bem pode applicar a si mesma a promessa tão consoladora do Salvador : *Ego elegi vos et posui vos, ut eatis et fructum afferatis et fructus vester maneat* : (5) Sou eu que vos escolhi e allí vos pus, para que andeis e deis fructo, e vosso fructo permaneça.

## 2. Prática da obediência.

97. — A obediência deve ser praticada com pureza de intenção, alegria, promptidão, simplicidade, submissão de juízo.

*Com pureza de intenção*, por conseguinte, sem constrangimento. « Cumpre ser submisso, adverte são Paulo, não

1. In cant. Serm. 71.

2. In I Reg., X.

3. Lucas, XVIII, 41.

4. Psalmos, CXLIV.

5. João., XV, 16.

com temor do castigo, mas por motivo de consciência,» (1) sem espírito de interesse, nem pensamento dissimulado de captar as sympathias do superior, nunca pela estima natural que se pode grangear por sua prudência, por sua bondade, mas unicamente para fazer a vontade de Deus e unir sua obediência á de Jesus.

*Com alegria* e não contra a vontade : um acto de virtude sempre agrada mais a Deus, quando feito com alegria ; porque revela mais amor, aquelle que ama sentindo-se feliz por dar a Deus uma prova de sua dedicação.

Gostando de obedecer, *obedece-se sem tardança*. «Os que nada mais estimam além do amor de Christo, diz, na sua regra, o grande fundador das ordens monásticas do Occidente, tendo por divina uma ordem recebida do superior, não toleram atraso na execução. Abandonam immediatamente o que os toca de perto ; abandonam sua vontade própria ; deixam inacabada a obra de suas mãos; e no mesmo instante, sua obediência põe mãos á obra que lhes é ordenada.» (2) «O verdadeiro obediente não sabe o que é differir, adiar. E' inimigo da lentidão ; adivinha as ordens que lhe querem dar ; está sempre com os olhos dispostos a ver, os ouvidos a ouvir, a língua a falar, as mãos a agir, os pés a caminhar conforme lhe mandarem.» (3) «O verdadeiro obediente, affirma S. Alberto Magno, nunca espera que se lhe mande ; logo que sabe ou adivinha a vontade de seu superior, não pensa senão em cumprí-la.» (4)

*Com simplicidade*. «E' illusão e cegueira do amor próprio, na opinião de santo Ignácio, crer que se pratica a obediência, quando se faz empenho em convencer o superior do que se quer.» (5) E o santo vai citando estas palavras de são Bernardo : «Engana-se, pretendendo tirar algum mérito de sua obediência, quem, aberta ou occultamente,

1. Rom., XIII, 5.

2. Reg. S. Bened., cap. V.

3. Serm. de obed.

4. De virt., cap. 3.

5. Carta aos jes. de Coimbra.

trabalha para que lhe ordenem o que tem vontade de fazer, porque não é elle que obedece ao superior, e sim, o superior a elle.» (1)

*Com submissão de juizo.* «Praticamos a obediência de entendimento, ensina o santo bispo de Genebra a suas Filhas da Visitação, quando acceitamos e approvamos a ordem dada, não só com a vontade, mas também com o entendimento, approvando e estimando a cousa mandada, e julgando-a melhor do que qualquer outra que nos pudessem ordenar na mesma occasião. Esta é a obediência dos perfeitos, que procede de um puro dom de Deus ou se adquire com muito tempo e trabalho, por uma multidão de actos reiterados e produzidos voluntariamente e para os quais contraímos o hábito.» (2) «A obediência cega, dizia ainda, não se informa das razões que os superiores têm de mandar esta ou aquella cousa, basta-lhe saber que a mandaram.» (3) E' esta obediência, escrevia santo Ignácio aos jesuitas de Coimbra, que os antigos Padres appellidaram de loucura dos prudentes, ignorância dos sábios, imprudência dos cautelosos e cegueira dos perspicazes.» O demônio, para arrastar Eva á revolta, fê-la raciocinar sôbre a ordem que recebera ; se ella houvesse repellido sem demora estas sugestões e obedecido cegamente, o mundo não haveria sido mergulhado num **aby**smo de males.

*Quando a ordem não parece opportuna,* é preciso, alvitra santo Ignácio nas suas Constituições, depois de rezar bastante, para não ceder a vistas muito humanas e estabelecer-se bem na santa indiferença, avisar os superiores, expor-lhes na maior simplicidade as razões contrárias que se tem, e acatar a sua decisão. Se em nosso espírito persistir alguma dúvida, devemos combatê-la desconfiando do próprio juízo, e lembrando-nos que o Senhor deve Suas luzes a quem manda, e deve esclarecer quem obedece, apenas sôbre os mere-

---

1. Serm. de trib. ord. Eccl.

2. Entr., X.

3. Entr., XI.

cimentos da obediência. Caipház, embora incrédulo — era saduceu — e indigníssimo, foi, entretanto, illuminado por Deus, quando declarou que Jesus devia morrer por todo o povo e disse são João dá a razão: «é que naquelle mesmo anno era pontífice.» Até dos próprios êrros dos superiores, o Senhor, pela sua sabedoria imprescrutável, pode tirar o bem dos inferiores.

«Rogamos, irmãos, escrevia são Paulo aos Thessalonicenses, que tenhais toda deferência para os que labutam no meio de vós, vos governam no Senhor e vos ensinam vossos deveres. Pelo que fazem deveis-lhes entranhado affecto.» (1) «Obedecei aos que vos guiam e sêde attentos para com elles, pois velam sôbre vossas almas, das quais devem dar contas, afim de que o façam com alegria e não entre gemidos, o que não vos traria proveito.» (2) Felizes os que alimentam para seus superiores um *affecto verdadeira-mente filial* e lhes tornam consoladora a árdua missão.

### 3. Exemplos de obediência.

98. — A vida dos santos nos offerece innúmeros casos de favores celestes concedidos á obediência. São Mauro, obedecendo a são Bento, que o manda soccorrer a Plácido que caíra num lago, caminha sôbre as águas. São Paulo o Simples, aos sessenta annos abandona o mundo, pondo-se sob a direcção de santo Antônio. Obedece sempre, acatando até as ordens mais phantásticas e, cêdo, consegue o dom dos milagres. São Mayeul, 4.º abbade de Cluny, a um dos religiosos que lhe desobedecêra gravemente, mas déra provas de sincero arrependimento, manda beijar um mendigo coberto de hedionda lepra e o leproso fica immediatamente limpo. O beato Boaventura de Potenza, um bello dia, procura a chave da sacristia. O guardião, sorrindo, diz-lhe : «Está no fundo da cisterna ; tome uma vara de pescar e

1. *Thess.*, V, 12.

2. *Hebr.*, XIII, 17.

tire-a.» Obedece á risca ; pega de uma vara com anzol e atira-a na cisterna. Puxando-a, logo depois, traz á tona a chave. Como não conseguissem pôr-lhe o corpo no caixão mortuário muito acanhado, o bispo de Lettere ordena-lhe que se colloque a si próprio ; e o santo defunto obedece. São João o Anão recebe a ordem de plantar o seu bordão, regá-lo todos os dias, até dar fructos, indo buscar água num ribeiro muito distante. Obedece e, ao cabo de três annos, o bordão deitou raízes e tornou-se árvore virente. O beato Pedro de Catânia, que tantos milagres fez depois de morto, cessou quando são Francisco de Assís, vendo que o concurso do povo, junto á seu túmulo, perturbava o mosteiro, lho prohibiu. Santo Estêvão de Muret, depois de sua morte, obedece á mesma ordem dada pelo superior geral de sua ordem.

## CAPÍTULO XVIII

### **Virtudes cardiais : a fortaleza.**

**99.** — «Na sua marcha para o bem moral, o homem defronta dois inimigos : o soffrimento e o prazer. O soffrimento amedronta e o prazer atrai. *A fortaleza domina o temor* e a tempreança modera o prazer ; duas virtudes cardiais que preparam o desabrochar de várias virtudes.» (1)

«O temor é um sentimento muito natural e, em si, legítimo. A alma humana, a vista dos males que a ameaçam, não pode deixar de temer. Mas, se êstes males são males inferiores que, supportados, proporcionam um bem muito mais apreciável, a razão proclama que devem ser accetos e não-se deve renunciar ao bem que só com êste preço se pode comprar. Não só cumpre supportá-los, como também, correr corajosamente adiante do obstáculo, atacá-lo e destruí-lo com nobre audácia.» (2) Na luta moral, como em outra qualquer bôa pejeja, nunca se consegue a victória senão

1. Ribet. Des vertus, ch. XXXVII

2. Cf. S. Th. 2. 2. 2. 123. 4. 3.



tomando a offensiva. Se a aquisição dos bens naturais exige esta fortaleza, com maioria de razão, a conquista dos espirituais, incomparavelmente mais nobres e preciosos, a que se opõem mais inimigos e obstáculos, reclama ainda maior energia, valor e constância.

**100.** — Infelizmente ! *quantos christãos, bons e inclinados á piedade, não progridem, ou pouco progridem, porque não querem usar de energia e coragem.* «Um grande número diz a Imitação, não se adianta ou deixa de trabalhar com fervor para sua emenda, pelo horror que tem ao soffrimento que acompanha a luta.» (1) Convida-os a graça ; pois, graças são os anhélos de bem que elles sentem ; mas, não querem sacudir sua pusillaniedade e ficam mediócrees ; sua vontade permanece muito molle quando elles têm de praticar grandes virtudes e endurece como o ferro quando se trata de contrariar seus góstos, renunciar a seu modo de pensar, privar-se do que lhes agrada. Muitos há, também, que, não resta dúvida, fazem alguns esforços, mas, não os sustentam, cansam e recaem na sua inércia e indolência.

*Outros, ainda, ficam sem energia por serem muito impressionáveis e reagirem muito pouco contra suas impressões.* Estas pessoas experimentam, na sua sensibilidade, vivas emoções que lhes apertam o coração e — assim o pensam — as reduzem á impotência; outras vezes, movimentos de impaciência, repulsas, impulsos violentos a que se dizem incapazes de resistir. Tal susceptibilidade nervosa torna-se tanto mais tyrânica quanto mais se lhe cede. A vontade assim dominada pela sensibilidade, atrophia-se cada vez mais e torna-se incapaz de praticar qualquer virtude sólida. Na hora de prestarem contas de toda sua vida, os que assim tolamente houverem obedecido aos impulsos de seus nervos, receberão as exprobrações do grande Juiz ; forçoso será reconhecerem que foram culpados por não haverem sabido

1. II, 25, n.º 3.

governar-se e por não haverem querido adquirir uma posse completa de si próprios.

**101.** — Nada mais bello do que a fôrça de carácter que domina as emoções, contém todo e qualquer mêdo, não recua diante de trabalho algum, de perigo algum, prossegue até o fim, apesar de todos os obstáculos e aborrecimentos, a obra sabiamente empreendida. Os soldados destemidos, tenazes, inabaláveis é que são a honra e a fôrça de uma nação. Viram-se marinheiros de certa expedição polar permanecerem por vários annos naquellas regiões onde o frio, ás vezes, descia abaixo de 50 graus. O gêlo formava-lhes sôbre as roupas uma como que couraça que se derretia de noite para de novo se congelar nas horas do despertar. Durante muito tempo, foram impossibilitados de se despir e lavar ; sua comida era intragável. Ficando o navio bloqueado, precisaram procurar salvação errando sôbre gêlos fluctuantes : supportaram todos os males sem nunca desanimarem sem perderem seu enthusiasmo, sua jovialidade.

Os santos e os pregadores têm, muitas vezes, apresentado aos christãos, como modêlos de coragem e constância, estas pessôas do mundo que, ou por uma glória ephêmera, ou para conquistar as riquezas e as honras, affrontam tantas fadigas e supportam alegres tantos males. E soffrem ao verem que os filhos de Deus, aos quais são offercidos bens eternos incomparavelmente mais preciosos, são, ás vezes, menos corajosos, desanimam e não proseguem, cedendo a ligeiros contratemplos, ao receio de qualquer privação, contrariedade, motejo ou humilhação.

**102.** — Como importa, pois, a quem sinceramente almeja uma piedade sólida, dar á sua vontade a têmpera mais enérgica de que é capaz! Esta energia, antes de tudo, faz-se de mister *pedi-la a Deus*; e, como os combates se prolongam pela vida toda, como á natureza repugna sempre o que a molesta, convém fazer sempre esta oração: « Senhor, fortalecei a minha vontade; augmentai a minha coragem. »

O esforço deve juntar-se á oração. Deus não attende o pedido da alma que pretende conseguir uma virtude mantendo-se na inércia. «O homem espiritual incrementa a perfeição de sua fortaleza pelo exercício cujo fito é vencer os movimentos da alma . » (1) Sim, *incrementa-se a fortaleza pelos esforços*; e quanto mais enérgicos êstes são, tanto mais forte se torna a alma. Desenvolve-se pela violência que se emprega em dominar os nervos, conter as emoções, repelir as tentações, praticar as virtudes diffíceis. Desenvolve-se, sobretudo, quando se persevera muito tempo sustentando as mesmas lutas. Para realizar generosamente estes esforços, é preciso ponderar a pequenez dos males recebidos, males que duram tão pouco, e a grandeza dos bens promettidos, bens inapreciáveis e eternos.

Quantas pessoas não exclamam sem cessar : «Oh! como é custosa esta virtude !... não posso; é impossível!... etc.» Palavras deprimentes, covardes, mentirosas! Pode-se quando se quer, porque Deus nada nos pede acima dos nossos fôrças. Muito mais acertado e mais consolador é dizer : «Oh! quão bella é esta virtude! quanto agrada ! Deus há de me ajudar; tudo posso n' Aquelle que me fortalece. » E' confortador, sobretudo, agir por puro amor: tudo o que excita o amor, augmenta a coragem. «A fortaleza, assevera santo Agostinho, é o amor que supporta tudo pelo objecto amado. » (2) Se o acto de virtude que a graça suggere, se afigura muito duro, façamos um acto de amor e, sem mais cogitações, atiremo-nos ao sacrificio, como o soldado que quer tomar de assalto a posição adversa, se precipita sôbre o inimigo, sem hesitar sem olhar para trás.

**103.** — Custa pouco um esforço passageiro: prova-se a verdadeira fortaleza da alma pela constância. A versatilidade provém de uma falta de juízo e de prudência,

1. Strom. VII.

2. De mor. Eccl., c. 15.

quando, após justas ponderações, o espírito não se atém invariavelmente ás conclusões que sabiamente deduziu. A maioria das vezes, todavia, provém de uma falta de firmeza, abandonando a vontade suas resoluções por frouxidão ou tibieza. E' ainda o amor que dá a perseverança, porque quem age por amor, nunca se cansa de se sacrificar por aquelle que ama, e longe de esmorecer, torna-se cada vez mais ardente. «Considerai, dizia santo Athanasio, fazendo o elogio de santo Antão, que grande servo de Deus foi Antão que, da adolescência até a velhice mais avançada — morreu com cento e cinco annos — conservou sempre o mesmo ardor na vida espiritual, sem nunca desejar uma comida mais conveniente para sua idade, nem outras roupas para seu corpo extenuado.» Assim procedem todos os santos, todos os verdadeiros amigos de Deus.

## CAPÍTULO XIX

### A paciência, filha da fortaleza.

#### 1. Natureza, frutos da paciência.

104. — Com exatidão chama-se esta terra valle de lágrimas, pois numrosos são os males desta vida. A fortaleza afasta o temor dêstes males e o descuido na prática da virtude, pelo receio dos males que êste descuido atrai. Mas quando estes males já não são uma simples ameaça quando estão presentes e fazem sentir todo o seu pêso, não é mais contra o mêdo que se deve procurar defesa, e sim contra a tristeza e o abatimento. O remédio está na paciência, filha da fortaleza, que faz a alma provada resignar-se, aceitar a dôr e conservar a coragem.

A paciência comporta *vários graus*. E' menor quando aceita os desgostos que mereceu e maior quando aceita os que lhe acontecem injustamente. Ella pode soffrer sem murmurar, é o primeiro grau; sem se queixar nem lamentar sua sorte, o que é mais meritório; enfim, com

amor, sendo feliz de padecer por Deus, o que constitue a paciência perfeita.

**105.** — Innúmeras são as vantagens que offerecem as provações quando supportadas com paciência: a alma corrige seus defeitos, purifica suas faltas passadas, santifica-se seguramente, consegue a paz neste mundo e adquire, para o céu, inapreciáveis méritos.

Os males pacientemente soffridos corrigem-se. Todos nós temos nossos defeitos, isto é, tendências para o peccado inherentes á nossa natureza e ao nosso temperamento e que as faltas commettidas têm tornado mais fortes, mas imperiosas. O esforços que envidamos para combatê-las, sem dúvida as enfraquecem; mas, ficariam sempre muito poderosas e a lucta seria sempre muito porfiada, se provações diversas, contrariedades, revéses, humilhações, não viessem quebrantar nossa vontade, domar nossa natureza e tornar mais fácil a victória. A Escritura nos aponta peccadores convertidos pela tribulação; haja vista Manassés e Nabuchodonosor.

As almas boas, porém imperfeitas, podem, melhor ainda, aproveitar-se das penas da vida para se livrarem de seus defeitos e se tornarem mais fiéis a Deus. Foi, devéras, uma felicidade para são Patrício haver sido, em menino, levado como escravo; para são Francisco Caracciolo haver sido atacado de hedionda lepra. Um e outro, nestas grandes provas, acharam o princípio de sua alta santidade.

As faltas em que caímos, mancham nossas almas e estas nódoas, mesmo detestadas e perdoadas, não desaparecem de todo. Só a expiação completa é que restitue á alma sua alvura e sua formosura. Ora, raríssimas são as almas bastante generosas para resarcir completamente o mal que praticaram. As provas pacientemente supportadas, accrescidas ás expiações voluntárias, muito contribuem para a *purificação da alma*. Por êste motivo ve-

mo-las comparadas, na Eseritura, ao cadinho dentro do qual os metais preciosos se livram das suas impurezas. « Aceita tudo o que te acontece; e nas vicissitudes de tua humilhação, sê paciente, pois o ouro e a prata se experimentam no fogo e os homens agradáveis a Deus no cadinho da humilhação. »

Os males que nos affligem podem tornar-se, para nós, *ocasiões de preciosos actos de virtude*. Soffrendo-os com paciência, praticamos excellentemente a fé, a esperança, a humildade, a renúncia, a penitência e, acima de tudo o amor. Lembrou-o Judith aos anciões de Bethúlia : « Recordem-se, nossos irmãos como Abraão, nosso pai, foi tentado e como, experimentado por muitas tribulações, tornou-se o amigo de Deus. O mesmo se deu com Isaac, com Jacob, com Moysés e todos os que agradaram ao Senhor, passaram por numerosas afflicções permanecendo fiéis. » (2)

A paciência dá a *paz*. As pessoas mais infelizes neste mundo não são as mais atribuladas, mas as que supportam mal suas provações. As que têm pouca virtude, pouco amor, estão mais inclinadas a gemer e queixar-se do que as almas amantes muito mais provadas. Quem lhes ouvisse as lamentações, julgaria excessivo o quinhão de soffrimentos que lhes coube. A verdade é que os menores males se lhes afiguram pesadíssimos e ellas levam a vida debruçadas sôbre si mesmas, rememorando sem cessar no seu espírito todos os seus pezares. As almas pacientes esquecem-se de si e desfrutam uma paz profunda : « O verdadeiro servo de Deus, disse um santo, trabalha muito, fala pouco e nunca se queixa. »

A paciência nos faz adquirir, para o céu, *méritos* inimagináveis. As afflicções da vida presente, ensina são Pau-

---

1. *Eccl.*, II, 4-5.

2. *Judith*, VIII, 22.

lo, leves e ephêmeras, proporcionam-nos a posse eterna de uma glória sublime e immensa. » (1)

Ephêmeras, sim; pois, que são alguns annos de vida comparados com a eternidade? E os padecimentos permittidos por Deus mudar-se-ão em gózos ineffáveis, serão, na maioria dos casos, mais fecundos para o céu do que os demais actos de virtudes. «Há mais perfeição, assevera-nos são Boaventura, em soffrer com paciência as adversidades do que em applicar-se com fervor ás boas obras.» (2) Com effeito, nas provações, grande é a medida da divina vontade e nulla a da nossa; ao passo que, nas obras de nossa escolha, nossa vontade tem, muitas vezes, parte importante. Além disto, nestas últimas, confundimos, não raro, com intenções sobrenaturais, vistas humanas, interêsses de vaidade, de apêgo á nossa opinião que julgamos a melhor ou, ainda, fazemos com moleza ou descuido o que deveríamos executar com ardor e energia. Nosso amor é, pois, quasi sempre mais puro e mais generoso quando soffremos do que quando agimos e, por conseguinte, muito maiores os nossos méritos.

## 2. Exercício da paciência.

106. — Para bem praticar a paciência, *cumpre ver a vontade de Deus em todos os acontecimentos da vida*, e, simultaneamente, olhar a Jesus padecente e unir amorosamente nossos soffrimentos aos Seus.

«Não cai de nossa cabeça um só cabello sem permissão do nosso Pai do céu,» affirmou Jesus. Cegos, pois, são os que esbravejam contra os homens, as doenças, as intempéries, e se esquecem de que a Providência divina rege todos os acontecimentos. Verdade é que os males da vida e, mormente, o peccado, não são obra de Deus; são todavia, permittidos por Elle, pois, poderia impedí-los. Se, Elle,

1. II Cor., IV, 17.

2. De grad. virt., C. 24.

tão bom, tão amante, não os impede, é que pretende tirar delles e das próprias injustiças, o maior bem para seus filhos. Permittiu que o demônio experimentasse Job. Então, Sata-naz excitou primeiro os Sabeus ladrões e, mais tarde, os bandidos da Chaldéia, que vieram roubar os rebanhos do patriarca e matar-lhe os criados. Depois fez cair o raio e desencadeou uma tempestade, que completou a ruina do santo homem, e arrebatou-lhe todos os filhos. Job não praguejou nem contra êstes fascínoras, nem contra os elementos, nem contra o demônio; disse somente: «O Senhor déra; o Senhor tirou; bemdito seja seu santo nome!» A seus irmãos que já o haviam vendido como escravo, José disse: «Não sois vós que me mandastes aquí; é Deus... E' para poupar-vos a vida que Deus me mandou adiante de vós.»(1) Quando Deus quer castigar, serve-se dos homens como instrumentos. Não se enganava A'ttila, o temível rei dos Hunos, quando se arvorava em flagello de Deus. «O Senhor castiga os que Elle ama; fustiga todo o filho que reconhece como sendo seu.» (2) Muitas vezes os maus são as varas de que se serve: «Sua impiedade, diz santo Agostinho, transforma-se em machado nas mãos de Deus... Deus, nisso, faz como os homens. Um homem irritado contra o filho pega na primeira vara que lhe cai sob a mão, ministra-lhe umas vergastadas; joga-a em seguida ao fogo e conserva ao filho a herança que lhe toca. E' assim que, ás vezes, Deus se aproveita dos maus para punir e corrigir os bons.»(3) Procede da mesma maneira quando quer provar os innocentes: serviu-se da avareza e da covardia de Júdas, do orgulho e da raiva dos phariseus para fazer crucificar Jesus.

Em todos os males que pesam sobre nós, e até nas mínimas contrariedades que nos sobrevém pela inhabilidade ou malícia do próximo, vejamos pois, a vontade de Deus, soberanamente santa, sábia e bôa. Confessemos que, por

1. Gén., XLV, 5, 8.

2. Hebr., XII, 6.

3. In ps. 73.



nossas faltas, nossas innúmeras negligências, merecemos ser castigados muito mais cruelmente, desde que, apesar da bondade infinita de Deus, seríamos atirados ás chammas terríveis do purgatório se lhe caíssemos nas mãos. «A dôr do castigo torna-se menor quando se reconhece a própria culpa,» (1) assevera são Gregório. De que se pode queixar quem merece ser lançado ao fogo? Reconheçamos, também, que, além do direito que o Senhor tem de nos castigar, nutre ainda desígnios de bondade permittindo o que padecemos. No grande dia, sem poente, da eternidade, quando todos os planos divinos houverem sido patenteados, não saberemos expressar a Deus nosso reconhecimento pelas provas a que nos submetteu. (2)

107. — A lembrança dos *padecimentos de Jesus* é um dos melhores meios para tornar perfeita a nossa paciência, «Sois chamados a soffrer, escreve são Pedro, desde que o Christo também soffreu por vós, dando-vos o exemplo, afim de que sigais as pegadas: Elle não commetteu peccado e na sua bôcca não se encontrou falsidade; ultrajado, não vingou o ultraje; maltratado não ameaçou, mas confiou n' Aquelle que julga com justiça.» (3) Sim, soffreu por nós e nós devemos soffrer por Elle. E' uma necessidade para o coração amante, a de pagar o sacrifício com sacrifício, de imitar a quem ama e partilhar seus sentimentos, padecimentos, alegrias e obras. Tudo quanto temos de soffrer, Jesus o supportou primeiro por nós; no corpo: a fome, a sêde, a fadiga, as privações, as dôres phýsicas mais atrozes; na sua alma: as contradicções, as calúmnias, os oppróbrios, os vitupérios; no seu coração: chorou no túmulo de Lázaro e, sem dúvida, na occasião da morte de são José. Chorou, sobretudo, a perda da alma do traidor Judas e de tantos milhões de empedernidos que queria

1. Mor., XI, 6.

2. Os que se revoltam contra as provações e não querem se conformar, admiram-se quando são convidados a dirigir a Deus esta oração: "Meu Deus, faça-se a minha vontade e não a vossa." Compreendem quão tôla e odiosa é esta fórmula; entretanto, não traduz ella exactamente a disposição do seu coração?

3. I Petr., II, 21.

salvar, mas que, de antemão, sabia não quererem aproveitar da graça da redempção. Sentiu a suprema dôr, as angústias inexprimíveis do abandono em Gethsêmani e no Calvário : « Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes ? » E' crível que o pensamento de que tantas e tamanhas dôres supportadas para ellas não commova a alma amante ? *Para vós, meu Deus*, suspirará ella, para vós, meu Jesus, que tanto fizestes por mim ; para vós minhas orações, meus trabalhos, minhas contrariedades, meus sacrifícios; para vós toda contrariedade, todo incômodo, toda dôr; para vós todas as angústias da minha alma. Com estas quatro palavras : *Para vós, meu Deus,* tudo se torna supportável, suave ao coração, proveitoso para a alma.

## CAPÍTULO XX

### **Virtudes cardiais : a temperança.**

#### **Seu primeiro fructo : a mortificação.**

##### **1. Importância da mortificação.**

**103.** — A fortaleza, vimos há pouco, excita-nos a não temermos os males da vida presente e a não consentirmos que elles nos embarguem o passo no caminho do dever. A *temperança*, quarta virtude cardinal, *ensina-nos a bem regarmos os prazeres naturais*, a moderá-los, a não nos deixarmos dominar e seduzir pelo encanto dos gózos. A temperança collima, pois, um justo térmo médio, pedindo ao homem de não provar deleites inherentes ao exercício das funções naturais senão no estricto limite em que a natureza que os experimenta, obedece á razão. Mas, depois da culpa original, tão ardentes e impetuosos são os appetites da natureza, tão vivas suas repugnâncias, que, para conter uns e outros, é necessária a mortificação.

*A mortificação é, pois, a virtude que combate a natureza corrompida e procura domá-la contrariando-lhe os góstos e*

vencendo-lhe as reluctâncias. O christão mortificado recusa á natureza o que ella reclama com avidez e impõe-lhe o que ella repelle. Não se contenta, pois, com mantê-la dentro de justos limites, mas afflige-a, castiga-a, soffreia-a.

«A alma que se transvia, fazendo-se escrava de seu corpo, diz Bourdaloue, não chega logo ao crime. A pretêxto de conservar êste corpo e de prover suas necessidades, do necessário vai passando ao confôrto, do confôrto ao supérfluo, do supérfluo ao criminoso, ao passo que a penitência, ensina são Gregório, papa, que tem por fim sujeitar e mortificar o corpo, por um procedimento diametralmente opposto, nos faz primeiro renunciar ao criminoso, que nós mesmos reconhecemos como tal ; depois, á medida que nos adiantamos nella, corta o supérfluo que reputamos innocente, chega a privar-nos não só do confôrto que julgávamos indispensável, mas até do necessário e mais ainda do apêgo e do excessivo cuidado do necessário.» (1)

O que diz Bourdaloue, citando são Gregório, se entende tanto da mortificação espiritual como da corporal, por isso mesmo que estamos inclinados a procurar os prazeres da alma, da intelligência, do coração, da mesma maneira que os do corpo, até á custa dos nossos deveres; a aferrar-nos ao nosso juízo, á nossa própria vontade; a faltar de doçura, de cordialidade, de caridade quando contrariados nos nossos hábitos, perturbados nos nossos projectos. Habitando-nos a desistir de nossas preferências, a mortificar nossos gôstos, mesmo quando lícitos, quebramos nossa vontade natural e a tornamos dócil á graça e mais apta á virtude.

Outras razões militam na alma christã pela prática da mortificação. São as que levaram um Deus a incarnar-se, a levar, cá na terra, uma vida de padecimentos e de sacrificios. Com effeito, o Verbo revestiu nossa humanidade para poder humilhar-se e padecer, vingar a honra de seu Pai ultrajada pelo peccado, expiar os crimes dos homens e cha-

1. 2.º Sermão para 4.ª feira de cinzas.

mar sôbre elles, não os rigores da justiça, mas as dádivas de sua misericórdia. O que Jesus fez, Elle pede a seus filhos que o façam com Elle. Por elles e nelles, Elle quer continuar sua obra expiadora e redemptora. Porisso, quem ama a Jesus com ardor, sente esta ânsia de soffrer com Elle, com os mesmos fins que Elle ; prova-Lhe seu amor pela sua generosidade e quanto mais multiplica os sacrificios, tanto mais cresce seu amor.

**109.** — Resalta claramente dêstes princípios a grande importância da mortificação. « Resistamos resolutamente á natureza, dizia são Vicente de Paulo; se cedermos um passo, ella tomará quatro de dianteira, e *fiqúemos certos que a medida do nosso adiantamento na vida espiritual nos será dada pelo progresso que faremos na mortificação.* » (1) « O homem progride e merece tanto mais graças quanto mais se vence e se mortifica. » (2) Podemos acrescentar que tais foram o ensino e a prática de todos os santos. Aos seus sacrificios porfiados, á suas austeridades generosas, á sua renúncia contínua é que se deve attribuir seus progressos na virtude e a conquista do perfeito amor.

Os santos consideravam, com justiça, suas *más inclinações* como *adversários acérrimos*, tanto mais temíveis que estão dentro de nós. « Queiras ou não queiras, diz são Bernardo, o Jebuseano, teu inimigo há de ficar sempre dentro de tuas fronteiras : podes subjugá-lo, mas não podes exterminá-lo. » (3) Elles consideravam o próprio corpo como o inimigo de Deus e da alma. Falando do corpo, são Bernardo exclama : « Levante-se Deus e precipite êste seu inimigo, êste rebelde que menospreza a seu Senhor, êste partidário do mundo, êste escravo do demônio. Certamente, se julgardes com lucidez de espírito, clamareis commigo : é réu de morte, seja crucificado. » (4) Quem está animado dêste brio guerreiro triumphá de si próprio, domina suas paixões

1. Vida, por Abelly, L. III, cap. 19.

2. *Im.* L. I, cap. 25.

3. Serm. 58 *in Cant.*

4. Serm. 90 *de div. n.*

e disso se aproveita para servir a Deus com mais entusiasmo, fazer o bem com maior intensidade. Pelo contrário, aquelle que se descuida da mortificação ou a pratica com frouxidão jamais conseguirá livrar-se da tyrannia das inclinações naturais : sua vontade permanece fraca diante do que lhe custa ; obstina-se no que lhe agrada e elle não se pode elevar acima da mediocridade.

Com a sua generosa mortificação os santos alcançaram *o completo domínio de suas paixões* e a posse plena de si próprios. Não te entregues a teus appetites e reprime teus desejos. Se lhes deres satisfação, tornar-te-ás o ludíbrio de teus inimigos.» (1) Não há, segundo santo Affonso, termo médio : ou a alma domina o corpo, ou o corpo calca a alma aos pés. Aquelle que se concede todas as satisfações lícitas, cedo há de cair nas illícitas. E o santo accrescentava: «Se alguém vos ensinar uma doutrina que induza ao desleixo na mortificação, não deveis ouví-lo, muito embora fizesse milagres.» (2)

Uma grande vantagem da mortificação é de reduzir consideravelmente o número das faltas. E' raro que se commetta peccado plenamente deliberado no momento em que para agradar a Deus, se afflige a carne, se quebranta a vontade, ou se sacrifica o gôsto.

Os santos, pela prática generosa da mortificação, expiaram suas faltas, purificaram sua alma e atraíram sôbre si caudais de graças. Santo Thomaz observa que a penitência pode reparar completamente as faltas commettidas, sustar-lhes os funestos effeitos e levar a alma a um estado mais perfeito. Se tal não acontece, é porque o impulso para Deus é muito fraco e muito fraca também a detestação do peccado. (3) *A mortificação*, quando generosa, *destrói todo o mal que fez o peccado* e restitue á alma todo o seu vigor.

Pela mortificação, os santos *alcançaram o dom da oração perfeita*. «Que a mortificação seja uma disposição neces-

1. *Eccl.*, XVIII, 30.

2. *Obr.*, vol. X, cap. 8.

3. 2. 2, q. 89, a. 2, ad. 2.

sária para a oração, diz Rodriguez, é uma verdade que todos os santos e mestres da vida espiritual nos ensinam . . . O que é que constitue para vós um obstáculo e vos perturba, diz A. Kempis, senão os affectos immortificados do vosso coração? As paixões desregradas e as más inclinações, eis o que impede vossa applicação á prece, vos perturba nas orações e tanta celeuma levanta na vossa alma . . . O desregramento do nosso amor próprio, a vontade de satisfazer as nossas paixões, o desejo que temos de ser estimados, obedecidos em tudo, tudo isto sobrecarrega o nosso coração, gera tantos phantasmas em nossa imaginação, que somos incapazes de nos recolher e fixar em Deus nosso espírito.» (1) Uma mortificação generosa produz na alma o desapêgo e, portanto a paz do coração; desta arte a alma afasta as distracções e, ao mesmo tempo, consegue graças de luz e de amor que tornam a oração fácil e fervorosa.

O caminho da mortificação não espanta senão os covardes e os estultos; pois, *os mortificados são, ao mesmo tempo, mais prudentes e mais felizes do que os immortificados.* Contam de são Bernardo que um dia, a pessoa do mundo que indagavam porque elle e seus religiosos odiavam tanto seu corpo e o tratavam tão rudemente, respondeu que, pelo contrário, o amavam bastante, pois preparavam-lhe, para o céu, gózos ineffáveis. (2) Na verdade, os que, por uma hygiene bem entendida, tratam o corpo com severidade, recusando tudo quanto pode prejudicá-lo, condemnando-o, quando doente, a remédios amargos, a operações dolorosas, estimam-no muito melhor do que aquelles que, com funestos excessos, lhe preparam uma infinidade de achaques e doenças. E' desta forma que quem solta as rédeas ás suas inclinações, amontoa muitos dissabores para mais tarde. «Senhor, diz santo Agostinho, qui zestes, vós mesmo, que todo espírito desregrado fosse seu próprio algôz.» (3) Incapazes de supportar uma cousa insig

1. II Part., 1.º tratado, cap. I.

2. Assim argumenta o santo doutor: *Serm. X sobre o psalmo Qui habito*

3. Conf. I, 12.

nificante, as pessoas immortificadas soffrem muito mais que as almas corajosas, que se julgam felizes pelas occasiões que se lhes deparam de padecerem muito por Deus. « Considerai, escreve o Pe. Lallemand, dois religiosos : um, desde o comêço, deu-se inteiramente a Deus, nada poupando para sua sanctificação ; o outro, anda a passos lentos e mal tem a coragem de elevar-se acima de uma ou outra das difficuldades que se lhe apresentam. Comparai a vida do primeiro com a do segundo e verificareis que o túbio tem muito mais aborrecimentos que o fervoroso. » (1)

## 2. Prática da mortificação.

110. — Devemos distinguir : a mortificação *exterior*, que molesta o corpo, e a mortificação *interior*, que contraria a vontade ; a mortificação *negativa*, que priva das cousas lícitas, e a mortificação *positiva*, que impõe práticas incommodas ou dolorosas.

As principais mortificações corporais são : o jejum e o uso de instrumentos de disciplina. Se puderdes supportar o jejum, aconselha são Francisco de Sales a Philotéia, fareis muito bem jejuando alguns dias além dos de preceito, (2) porque, além do effeito ordinário do jejum que consiste em elevar o espírito, reprimir a carne, praticar a virtude, e adquirir maior prêmio no céu, é um grande benefício saber conter sua gula e manter o appetite sensual e o corpo submissos á lei do espírito. Embora não jejuemos muito, o inimigo nos teme mais quando sabe que podemos jejuar. (3)

1. Dout. espir. II Pr., cap. I, a. 2.

2. Lembremos, de passagem, os princípios de moral de que muitos parecem esquecidos. O jejum é sempre e gravemente obrigatório e agravaria a sua consciência cada anno de alguns peccados mortais, quem, podendo, não jejuasse. Um confessor não pode mais dispensar desta lei do que da lei da assistência á missa dominical. Pode, tão sómente, interpretá-la e reconhecer se, conforme as circunstâncias, ella obriga ou não obriga. Com as mitigações concedidas, mormente com o "*frustulum*", muitas pessoas dispensam-se indevidamente do jejum, que poderiam observar. Para o "*frustulum*" é mais conveniente o chocolate com água ou um bocado de pão do que o café que cava o estômago e excita a fome. Assim entendido, um dia de jejum cansa menos que um purgante. Não podendo fazer quarenta jejuns a fio, nem porisso estamos autorizados a não fazer nenhum.

3. Vida devota III, 23.

III. — De um autor contemporâneo emprestamos a descripção dos instrumentos de penitência mais empregados. (1)

«O cilício foi sempre indicado em todas as épocas entre os instrumentos de penitência. E' um tecido feito de pêllos grosseiros e picantes, que se põe directamente sôbre a pelle. Compõe-se geralmente de dois quadrados ligados por duas facha, como um bentinho, recaindo um entre os ombros e o outro sôbre o peito. A's vezes, é uma espécie de túnica estreita que aperta toda a parte superior do corpo; é o sacco de que tão frequentemente se fala na Escritura. Há também outros em forma de cintas e de camisas sem mangas, feitas de crinas de cavallos, ou de linha e de crinas entrelaçadas.

«As correntes metálicas usam-se muitas vezes como instrumentos de penitência. São tecidos de arame, de cobre ou de outro metal qualquer, com um lado eriçado de pontas pelo qual se applicam e fixam sôbre a carne, quer na cintura, quer nos braços, quer nas pernas, o que explica o nome de cintas ou braceletes que se lhes dá.

«A disciplina é, também, célebre e de uso mais espalhado. E' um chicote de ferro ou de cordas, destinado a flagelar o corpo. O primeiro compõe-se de um feixe de correntinhas, terminadas em pontas e presas a uma corrente que serve de cabo, o segundo faz-se com cordas nodosas . . . Em geral, cada um, em segrêdo, flagela-se com suas próprias mãos . . . Parece que, applicada aos ombros, apresenta perigos para a saude. Certas pessoas a praticam na região dorsal inferior e na parte superior das pernas.» (2) Acrescenta o autor que se tem objectado que o uso da disciplina assim entendida era perigoso para a castidade, e cita a sapientíssima resposta de Bento XIV, asseverando que, se tal perigo existe, só pode ser a título de excepção : *Spernendae sunt oppositiones petitaie a detrimento oculorum*

1. São encontrados nos conventos de clausura.

2. Ribet, Ascétique, cap. XLII.



*et incitamento ad libidinem : vix enim invenitur qui hoc experiatur ; quod si experiretur, deberet ab us abstinere aut locum verberationis mutare.* (1) «A disciplina, diz são Francisco de Sales, tomada com moderação, tem a maravilhosa virtude de favorecer a inclinação para a devoção.» (2) O mesmo se pode dizer dos outros instrumentos de penitência que levam, sôbre a disciplina, a vantagem de, podendo ser usados horas inteiras, domarem energicamente a carne e estimularem a união com Deus.

**112.** — Todas estas austeridades, assim como os jejuns e abstinências, praticadas com cautela, *não são perigosas para a saúde*, conforme pretendem, ás vezes, pessôas demasiadamente complacentes para com o corpo. Prova-o, sobejamente, a experiência quotidiana. Quantos santos viveram nas austeridades e alcançaram dilatada velhice ! «Os excessos de mesa ou de trabalho que não cogitam de reprimir destroem mais vidas que os rigores da penitência christã.» (3)

*Os perigos a evitar* na prática da penitência são as imprudências, os excessos, e os sentimentos de vaidade ou de tôla complacência. São condemnáveis as austeridades excessivas que podem prejudicar a saúde e impossibilitar o cumprimento dos deveres do estado, como são funestas as penitências praticadas, não por puro amor de Deus, mas por vanglória. Uma humilde obediência ao director espiritual preserva a alma penitente dêstes perigos e augmenta o mérito dêstes sacrifícios.

**113.** — Eis alguns exemplos de *mortificações* negativas: «Não olhar nem escutar cousas que excitam a curiosidade : falar pouco ; contentar-se com as comidas que menos agradam ao paladar ou que estão mal temperadas; não se approximar do fogão no inverno ; escolher, para seu uso, objecto de menos valor e alegrar-se quando falta o necessário ; não

1. De beatif., I, 3, c. 28, n. 7.

2. Vida devota, III, 23.

3. Ribet, Ascétique.

se queixar das intempéries das estações, dos desprezos, das perseguições, das doenças.» (1)

**114.** — *As mortificações interiores positivas*, pelas quais se contraria a vontade, os gostos, e *as mortificações interiores negativas*, pelas quais se priva o espírito e o coração do que lhes agrada, são ainda mais perfeitas e meritórias do que as mortificações corporais. São, também, mais necessárias á prática das virtudes e conduzem mais seguramente ao amor.

## CAPÍTULO XXI

### A humildade, filha da justiça e da temperança.

#### 1. Natureza da humildade.

**115.** — «Toda a vida de Christo é, para nós, um ensinamento, na opinião de santo Agostinho, mas é, antes de tudo, a sua humildade que se oferece á nossa imitação.» (2) Foi Elle que *revelou ao mundo esta grande virtude*. Antes de Jesus houve, é certo, actos de humildade, mas eram raros, pouco apreciados pelos homens e, geralmente, pouco profundos e muito distantes desta perfeição de que Elle nos deu o exemplo e que se tornou tão frequente desde a Incarnação. Os philosophos pagãos censuram o orgulho quando muito chocante; ensinam a moderar o fausto, evitar a ostentação, mas nenhum delles jamais recommendou a humildade tal como o christianismo a entende e pratica.

**116.** — A humildade christã é uma virtude pela qual o homem, conhecendo a Deus e a sua própria fraqueza, despreza-se a si mesmo, aceita sem se irritar, sentindo-se até feliz, que os outros o conheçam e desprezem.

Há, pois, *dois elementos* na humildade: *o conhecimento de sua própria abjecção e a aceitação amorosa de sua indigni-*

1. P. Clément; Ecole de perfection, III, 3 p. 293.

2. De ver. relig.

*dade*. Conhecer seus defeitos e sentir-se despeitado de sua imperfeição, é uma prova de orgulho e não de humildade. Esta, como aliás todas as demais virtudes, consiste essencialmente numa disposição justa e recta da vontade. Se o conhecimento das próprias misérias não constitue por si só, rigorosamente falando, a humildade, é della o princípio e a condição necessária, como também a sua consequência. « Quem imagina ser alguma coisa quando nada é, illude-se a si mesmo. » (1) Conhecendo-se imperfeitamente, sua vontade repellirá com horror toda humilhação. Por outro lado, quem se compraz em seus próprios méritos, não quer confessar sua miséria, procura elevar-se a seus próprios olhos e assim chega á cegueira completa. Pelo contrário, quem compreende bem o nada da criatura e a fealdade de seus defeitos, é inclinado á humildade. Como aceita amorosamente ser digno de desprezo, descobre muito melhor, á luz da graça, as razões que tem para se desprezar.

*O conhecimento de Deus é necessário também á humildade.*

Quando se tem uma justa idéia de Deus, quando se compreende sua grandeza, seus direitos, o poder e a universalidade de sua acção que a tudo se estende, entende-se também que a criatura, incapaz de subsistir sem Elle, não pode nem agir, nem sequer ter um simples bom pensamento e não merece senão esquecimento e desprezo. Porisso, santo Agostinho dirigiu a Deus esta oração : « *Noverim te, noverim me ;* fazei que eu Vos conheça e me conheça ; » fazei que Vos conheça para Vos admirar e Vos amar e me conheça para me desprezar. « Que tens que não o hajas recebido ? diz são Paulo ; e, se tudo recebeste, porque te engrandecer como se o não houvesse recebido ? » (2) Até as boas obras que fazemos, são o fruto da graça : que mérito tem o joven discípulo de haver traçado uma linda página de escrita, se o mestre lhe guiou a mão ? Não resistiu, é verdade, submetteu-se á acção do professor, mas é êste que teve a habi-

1. *Gal.*, VI, 3.

2. *I Cor.*, IV, 7.

lidade, não o alumno. O mesmo acontece com todas as obras que se atribuem ao talento, ao gênio, á virtude, ao heroísmo: são de Deus muito mais que do homem.

E elle, homem, que possui de si mesmo? « Que sois? exclama são Bernardo. Um sacco de immundícies. Que vireis a ser? O pasto dos vermes. » « As árvores, diz o papa Innocêncio, produzem flores e frutos, ao passo que o corpo humano é uma cloaca infecta. » (1) E os defeitos espirituais são ainda mais repellentes e odiosos que as chagas corporais, pois que, ao menos em parte, nos são imputáveis. Os peccados que voluntariamente commetemos, são mais fétidos que as matérias de eliminação do nosso corpo: « As vossas justiça todas, diz Isaías, tornaram-se semelhantes a um panno manchado. » (2)

## 2. Vantagens da humildade.

117. — Na opinião de santa Theresa, (3) a humildade é a verdade. Por ser sincera, justa e santa, *a humildade agrada eminentemente ao Senhor*. « Abaixarei os meus olhos sobre aquelle que é humilde e está com o coração magoado. » (4) « Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado, » declarou o Salvador. Sim, os humildes tiveram sempre as preferências de Deus; a humildade sincera e profunda sempre atraiu caudais de graças. Pelo contrário, almas bôas e virtuosas ficam frequentemente estacionárias, ou, embora progridam algum tanto, não attingem o grau de amor que lhes estava reservado, porque não praticam como devem esta grande virtude.

*As outras virtudes crescem quando cresce a humildade; perdem seu surto quando a humildade cessa de progredir. A fé torna-se mais simples, mais viva e mais firme na alma*

1. Lib. 8, de cont. mundi.

2. LXIV, 6.

3. VI.e Dem., cap. 10.

Ut in parte veritatis, non in parte falsitatis magis humilitas collocetur, - diz santo Agostinho. (De natura et gratia, cap. XXXIV).

4. Is. LXVI, 2.

humilde pois que melhor entende a palavra do Senhor e lhe aceita amorosamente todas as lições, até as que a dobram e a amesquinham. A humildade torna a esperança mais ardente, porque livra a alma dos desejos do amor próprio, desapega-a das honras, da estima dos homens, e assim fá-la suspirar mais ardentemente pelos bens sobrenaturais ; desconfiando mais de si, a alma humilde confia mais em Deus. A humildade purifica e intensifica muito o amor de Deus, porque, quanto mais a alma se esquece de si própria e se despreza, tanto mais se une a Deus. A caridade fraterna é exercida com mais dedicação e delicadeza, quando o amor de si próprio não lhe cria obstáculos. Graças á humildade, a paciência não se desmente, a doçura torna-se mais habitual ; a pureza mais circumspecta ; a fortaleza, apoiada exclusivamente em Deus, magnánima e indomável ; a mortificação, emfim, sendo praticada com intenções puríssimas, é admiravelmente mais efficaz e conduz á renúncia completa, ao perfeito amor,

### 3. Exercício da humildade.

118. — Para adquirir esta virtude tão importante, é mister, como para qualquer outra, recorrer aos dois grandes meios que, simultaneamente empregados, são irresistíveis : *orações instantes, esforços generosos e perseverantes*. Quantas almas, aliás piedosas, embora a estimem muito, nenhum progresso fazem nella, porque não a pedem com ardor e constância, e não se applicam com bastante coragem na sua prática. « A humilhação, ensina são Bernardo, conduz á humildade, como a paciência á paz e o estudo á sciência. Se quizerdes tornar-vos humildes, não fujais da humilhação. » (1)

Eis as *práticas de humildade* que um christão piedoso deve observar :

1.º Estimar-se a seu justo valor e aceitar sua abjecção :

1. Epis, 87.

portanto pensar amiúdo no seu nada, nos seus defeitos e culpas e comprazer-se em se fazer pequenino diante de Deus, admirando-Lhe ao mesmo tempo as grandezas e o amor.

2.º Lançar um olhar sôbre sua própria miséria, sempre que se vê o próximo cair em falta, lembrando-se a palavra de santo Agostinho : «Nosso irmão não commette nenhum peccado que nós mesmos não commetteríamos, se a misericórdia divina não nos segurasse constantemente pela mão.» (1)

3.º Humilhar-se igualmente quando se recebe algum elogio. «E' fácil, escrevia santo Agostinho ao bispo Aureliano, aceitar não ser louvado, mas é difficil ficar insensível aos louvores recebidos.»

4.º Repellir do seu espírito todo pensamento e do seu coração todo sentimento de complacência, de vanglória ou de ambição, cortando logo qualquer desejo de estima ou de louvor, toda amargura occasionada pelas palavras ou maneiras irritantes do próximo, afastando cautelosamente todo devaneio, todo cálculo em que tivesse parte o amor próprio.

5.º Evitar com escrúpulo toda palavra tendente a realçar o próprio prestígio, os próprios méritos preferindo falar daquillo que humilha. Humilhar-se, sobretudo, com seu confessor e director. As palavras de humildade devem ser sinceras, antes de tudo. Quantos há que falam mal de si como para obrigar os outros a lhes tecerem elogios ! E' o que se tem chamado *humildade de gancho*, porque, da mesma maneira que se aproveita de um gancho para atrair a si os objectos afastados, utiliza-se esta falsa humildade para captar os louvores. (2)

6.º Praticar actos de humildade, como vestir roupas de panno grosseiro, escolher occupações menos honrosas, bemdizer ao Senhor quando se experimenta alguma contrariedade ou quando se soffre alguma affronta, tomar para si

1. Solil., cap. 17.

2. Rodriguez : Da humildade, cap. XIII.

o que tem menos valor, beijar o chão fazendo um acto de contrição. Santo Agostinho, commentando o acto do Salvador que lavou os pés de seus apóstolos, observa, com muito acêrto : « Quando fazeis um acto exterior de humildade, prosternando-vos, por exemplo, aos pés do vosso irmão, fazeis brotar no vosso coração um sentimento de humildade, e se êste sentimento allí já estava, desenvolve-se e confirma-se. »

7.º Emfim, e sobretudo contemplar os aniquilamentos, os oppróbrios do Verbo incarnado, do presépio ao Calvário e á Eucharistia, e amar a êste Deus tão humilhado. E' êste amor de Jesus que, melhor do que qualquer outra industria, nos há de ensinar o gôsto e a prática perfeita desta grande virtude.

#### 119. — Ladainha da humildade

Senhor, tende piedade de mim.

Jesus, manso e humilde de coração, escutai-me.

Jesus, manso e humilde de coração, attendei-me.

Do desejo de ser estimado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser amado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser procurado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser louvado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser honrado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser consultado, livrai-me, Jesus.

Do desejo de ser approvedo, livrai-me Jesus.

Do desejo de ser poupado, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser humilhado, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser desprezado, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser desgostado livrai-me, Jesus.

Do receio de ser calumniado, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser esquecido, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser ridicularizado, livrai-me, Jesus.

Do receio de ser injuriado, livrai-me, Jesus.  
O' Maria, mãe dos humildes, rogai por mim.  
São José, protector dos humildes, rogai por mim.  
São Miguel, que vencestes primeiro o orgulho, rogai por mim.  
Santos todos, que vos santificastes, sobretudo pelo espírito de humildade, rogai por mim.  
O Jesus, ensinaí-me a me tornar, como vós, manso e humilde de coração. Assim seja !



## TERCEIRA PARTE

### Meios de progredir na piedade.

#### CAPÍTULO XXII

#### A oração.

##### 1. Importância da oração.

120. — O primeiro, o melhor meio de adquirir as virtudes e elevar-se no amor divino é a oração bem feita. «*Sem mim nada podeis fazer,*» disse Nosso Senhor. «De nós mesmos, acrescenta o Apóstolo, nem sequer podemos ter um bom pensamento; nossa aptidão toda vem de Deus.» (1) «Mas tudo podemos naquelle que nos conforta.» (2) A quem é que Deus dá a fôrça? — Aquelle que ora. Provam-no as instantes *recommendações* de Jesus: «*Velai e orai sem cessar.*» (3) «*Velai e orai, para não succumbirdes na tentação.*» (4) Provam-no, também, as *promessas* tão admiráveis e consoladoras que o Salvador fez em múltiplas circunstâncias: «*Pedi e recebereis, ... Tudo o que pedirdes a meu Pai, em meu nome, elle vo-lo há de dar.*» (5)

E' verdade que as primeiras graças precedem nossas orações, e, até, o que não ora, não é totalmente abandonado de Deus; mas estas primeiras graças, muito embora sejam plenamente sufficientes, são fracas; as graças poderosas concedem-se exclusivamente á oração. A's vezes são devidas ás preces de outros: assim a graça que illuminou são Paulo foi o fruto do martýrio e da intercessão de santo Estêvão; a que converteu santo Agostinho provém das súplicas e lágrimas de santa Mônica:

1. *II Cor.*, III, 5.

2. *Philip.*, IV, 3.

3. *Luc.*, XXI, 36.

4. *Math.*, XXVI, 47.

5. *João*, XVI, 23.

Estas graças são mais geralmente outorgadas, quando solicitadas por quem sente a necessidade dellas .

Deus dá, pois, a princípio, graças que excitam e ajudam a orar; se, fiel a ellas, a alma ora convenientemente, outras mais preciosas hão de vir. Como o diz tão bem são Gregório, (1) citado por santo Thomaz, (2) os homens, pela oração, merecem receber o que desde toda a eternidade, o Todo Poderoso decidiu dar-lhes. Elle quer conceder-lhes suas graças mas quer concedê-las á oração.

121. — Impondo-nos esta condição, *Deus é tão sábio quanto justo* ; pois, obrigando-nos a orar, impede que nos esqueçamos da nossa miséria e impotência, leva-nos a rendermos justas homenagens ao seu poder, á sua sabedoria e bondade e assim mantém-nos nos sentimentos de humildade, confiança e amor que sempre devemos ter. E que alegria para o coração de Deus, ver que nos aproximamos d'Elle ! Se não sentíssemos a necessidade do seu auxílio, se não nos animassem as suas promessas, escassas seriam as homenagens que lhe dirigiríamos, viveríamos no esquecimento de um Deus tão amante.

E qual não é sua *bondade*, pondo tão valiosos favores ao nosso alcance por meio tão fácil ! Sempre e em toda parte podemos orar, em casa como na igreja, nas viagens como nos trabalhos ; em qualquer lugar podemos elevar nossos corações a Deus ; nossos pedidos vão direitinho ao seu Coração. Nossos lábios não precisam mover-se, nem nossa língua falar; Deus ouve nossos suspiros e a linguagem muda dos nossos corações.

122. — Deus gosta, pois, de ouvir as nossas orações e *sua graça nos leva a multiplicá-las*. Quanto mais generosa é uma alma tanto maior nella o gôsto pela oração ; Nosso Senhor, que almeja conceder-lhe graças na medida do proveito que dellas tira, excita-a a recorrer sempre a

---

1. Dial., I, I, c. 8.

2. 2. 2, c. 83, a. 2.

Elle. Pelo contrário, quanto mais rebelde é ella á graça e apegada ao que lisongeia a natureza, tanto menos inclinada será a orar.

Todavia, o gôsto pela oração pode diminuir e até desaparecer momentaneamente numa pessoa de virtude sincera. Sendo o plano divino provar seus servos, êstes vêm-se, ás vezes, privados da alegria de que gozavam nas suas relações com Deus; distrações tenazes, seccuras penosas geram o enfado, o desgôsto por êste santo exercício. Não há virtude sólida e profunda antes de haver passado pelo cadinho da provação, e o seu grau depende do modo por que supportou a prova. Quem luta e faz esforços enérgicos e perseverantes para repellir as distrações, dominar as reluctâncias, acaba adquirindo uma grande facilidade para orar e orar muito bem. Quem faz esforços, mas sem empenhar, no combate, toda a energia de que é capaz, consegue apenas um meio êxito, não chegará a rezar perfeita e constantemente. Quem, finalmente, não luta, quem vai se desleixando e abandonando a oração, afasta-se da piedade e expõe-se a quedas deploráveis.

123. — *Quem ora bem, vive bem: Recte novit vivere qui recte novit orare.* Com santo Agostinho, (1) repetem-no á porfia todos os autores espirituais. Pode-se accrescentar: quem ora muito bem, vive muito bem. E' fácil comprehender o motivo: para rezar muito bem, cumpre fazer generosos esforços, o que já é um signal de amor de Deus e de adiantamento na virtude; além disso com estas orações fervorosas, atraem-se preciosas graças que assignalam novos e consoladores progressos. As almas que, pelo contrário, se vão tornando túbias na prática da oração, têm certamente muito pouco amor, recebem poucas graças; os que as conhecem, notam que ellas têm pou-

1. Hom., IV.

cas luzes e nenhuma coragem, deixam-se facilmente iludir pelo tentador e resistem frouxamente ás suas más tendências.

## 2. Qualidades da oração.

124. — E' importantíssimo orar; todavia, todas as orações não produzem os mesmos frutos. Pessoas há que não cessam de murmurar preces e conservam deploráveis defeitos: não têm nenhuma paciência, nenhuma humildade, nenhuma caridade. Tais pessoas, se rezam muito, não rezam bem; Sua oração não tem as qualidades que a tornam tão poderosa sobre o Coração de Deus e a ellas pode-se applicar o que dizia o Senhor falando dos Judeus: « Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. »

O valor da oração depende, antes de tudo, da *pureza de intenção*; porque são os motivos que nos fazem agir, que dão valor ás nossas obras. Nenhum merecimento tem nossa oração quando se inspira em motivos que não são bons. Se estes forem legítimos, ella será boa também, pois implica actos de fé e de confiança, mas não é muito poderosa. Se forem sobrenaturais as razões que nos determinam a orar, nossas preces commoverão mais profundamente ao Senhor. Quanto maior fôr a parte que o amor divino e o zêlo pela glória de Deus tiverem nas orações, tanto mais efficazes ellas serão.

A *humildade* communica um grande poder á oração. « Deus resiste aos sobêrbos e dá sua graça aos humildes. » (2) A oração do centurião, da Chananéia, do publicano, do bom ladrão, foram muito poderosas porque partiram de corações humílimos. « Quando, pois, conforme santo Affonso, quisermos obter as graças de Deus, lancemos primeiro um olhar sobre a nossa indignidade e especialmente sobre as infidelidades de que nos temos

1. *Isaias*, XXIX, 13. — *Marcos*, VII, 6.

2. *Thiago*, IV, 6. — *I Pedro*, V, 5.

tornado culpados para com Elle, por havermos presumido de nossas forças, e depois, dirijamos-lhe nossa oração sem nenhuma confiança em nós mesmos. »

Não menos necessária é a *confiança*. «Se a oração, doutrina santo Thomaz, tira seu mérito da caridade, a força de o conseguir lhe vem da confiança.» (1) E são Thiago: (2) «Se a sabedoria falta a algum de vós, peça-a a Deus que a todos dá liberalmente, e ser-lhe-á concedida. Mas peça-a com fé, sem hesitar, pois, aquelle que hesita é semelhante ás ondas do mar agitadas e balouçadas pelo vento. Não conte, este homem, receber alguma coisa do Senhor, elle que é homem de duas almas, inconstante em todas suas vias.» Deus é tão bom : ninguém é tão pai como Deus, disse Tertuliano. Não diz também Jesus, no Evangelho : « Se vós, que sois maus, sabeis dar cousas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está no céu, há de dar seu Espírito Santo aos que lho pedirem ! » (3) Ter confiança é render homenagem á bondade divina. Deus há de ouvir favoravelmente os que mais acreditarem na sua bondade. Como poderia attender ás súplicas dos que desconfiam do seu amor ou da sua omnipotência ?

A oração deve ser *ardente*. Quando oramos, Nosso Senhor vê se *desejamos ardentemente* o que pedimos. Se somos indolentes, despreocupados, rezando rotineiramente, que podemos conseguir ? Se desejamos fracamente, muito pouco alcançaremos com as nossas orações ; ao passo que se é vehemente o nosso desejo dos bens espirituais, merecê-los-emos muito melhor. E' pois, pelo fervor dos desejos que se aquilata a efficácia da oração.

A *perseverança na oração* patenteia o ardor dos desejos e a firmeza da confiança. Por isso, Deus fez della uma condição essencial da oração. Só concede a pouco e pou-

1. 2. 2. q. 178, a. 2.

2. Thiago, I, 5, 8.

3. Lucas, XI, 13.

co, e como de maneira insensível, o que se solicita de sua munificência; quer que o importunemos, que lhe façamos violência, que o vençamos á fôrça de instâncias. Também, incitando-nos a prolongar as nossas preces, Elle augmenta nossos merecimentos, estreita nossa união com Elle e, emfim, faz-nos compreender que as graças que impetramos são muito preciosas, desde que, para obtê-las, não bastam breves orações.

### 3. Preparação para a oração.

125. — Se é tão variável o valor da oração, e se ella depende, a tal ponto, das qualidades que reveste, é de summa importância envidar esforços para bem rezar. «Antes de rezar, adverte o Espírito Santo, prepara tua alma e não te assemelhes a um homem que tenta ao Senhor.»

Querer orar bem sem preparar-se previamente é pretender insensatamente um milagre de Deus. Antes de rezar, deve-se concentrar a attenção, alhear o espírito de qualquer preocupação e o coração de quaquer cuidado, excitar o fervor renovando suas intenções e, sobretudo, implorar o auxílio de Deus para que Elle ajude a bem orar.

*Com quem vou falar?* Com Deus todo poderoso, infinitamente grande, com o meu Deus, com Aquelle que é meu Pai amantíssimo. Elle aquí está; fixa sôbre mim seu olhar repassado de ternura. Elle já fez tanto por mim e quer fazer tanto ainda!

*E que vou eu dizer-lhe?* Que pedirei? Quanto amor lhe deveria eu manifestar! Quantas graças posso implorar para Sua glória, para Sua santa Igreja, para tantas pessoas que me são caríssimas, para minha pobre alma, cujas necessidades são tão grandes e tão prementes e cujas virtudes são tão fracas! Todas estas intenções enfeixo na minha oração.

E quero, ao mesmo tempo, rejeitar, para longe de mim, todo pensamento vão. Afim de não favorecer distracção alguma, renuncio, ó meu Deus, ás minhas vontades naturais, a Vós confio e entrego todos os meus projectos, em vossas mãos entrego-me, aceitando plenamente tudo o que permitir vossa sabedoria, tudo o que decidir vosso amor.

Mas, apesar de todos êstes meus esforços, ó meu Deus, sou incapaz de orar bem, se não me concederdes esta graça. Meus santos protectores do céu, alcançai-ma; santos padroeiros, glorioso são José que tão bem rezastes, e vós, Maria, minha terna Mãe, ponho-me sob vosso valioso amparo; santo Anjo da Guarda, encarregado de velar sôbre mim, se eu me transviar, chamai-me ao cumprimento do dever. Ó meu Deus, repito-vos a súppllica dos apóstolos: *doce nos orare: ensinai-nos a orar*. Fazei que a minha oração vos glorifique, alegre o Coração do meu Jesus e chame sôbre mim preciosas graças. O' meu Deus, vinde em meu auxílio: *Deus, in adjutorum meum intende*.

#### 4. Distracções.

126. — As distracções são o maior obstáculo á boa oração; as lutas que se devem sustentar para bem rezar são, ás vezes, muito árduas. Quando involuntária, a distracção não é culposa e a oração que se continua com a vontade inquebrantável de honrar a Deus, fica sendo sobrenatural e meritória. E' involuntária a distração quando, tomadas todas as cautelas, a alma cede á surpresa; mas, se ella, não se recolhendo antes da oração, expõe-se á distracção ou ainda, a repelle com frouxidão, já não se pode dizer que seja involuntária. A maior parte das almas christãs lutam contra as distracções; raras, entretanto, são as que lutam com bastante energia. O esforço não deve consistir numa tensão estafante do cérebro, mas numa determinação firme da vontade que afasta toda divagação. Combate pois, com honra aquelle

que, vendo seu espírito involuntariamente accommettido de pensamentos extranhos e seu coração solicitado a adherir, diz e repete ao Senhor com fôrça: «Meu Deus, não quero pensar senão em vós; quero tudo o que quereis; fortalecei a minha vontade, incrementai o meu amor.»

Fundir, assim, sua vontade na vontade divina é um meio excellente para vencer o demônio e fazer uma oração que agrade ao Senhor. O combate ás distrações, quando enérgico e constante, é sempre muito meritório e a oração de quem peleja valentemente, se é muito penosa, nunca deixa de produzir grandes e sazoados frutos.

## CAPÍTULO XXIII

### Oração vocal.

**127.** — Há duas espécies de orações: a *vocal*, expressa com a voz e composta de fórmulas já preparadas que se rezam, e a *mental*, ou interior, feita em espírito, entre-tendo-se o coração com Deus, sem lançar mão de palavras. (1)

**128.** — A *oração vocal* é um dever. O corpo, obra de Deus como a alma, deve prestar suas homenagens ao seu Criador. Além do mais, a oração vocal é um socôrro para aquelle que ora: ella excita, segundo o affirma santo Thomaz, sua devoção interior. (2) Com effeito, ella lhe dá santos pensamentos, inspira-lhe no coração bons sentimentos, suggere-lhe os pedidos que convém dirigir a Deus.

Todavia, accrescenta ainda o Doutor angélico, a oração vocal, em vez de ajudar, pode distrair, como isto se dá com os que, sem o auxilio dos meios exteriores, já se acham sufficientemente inclinados á devoção. Neste caso, se o espírito está tão absorto no pensamento de De-

1. As curtas invocações, as palavras singelas que brotam do coração, pertencem antes á oração mental. Reserva-se de ordinário, o nome de orações vocais á recitação de fórmulas compostas para serem rezadas tais como estão escritas.

2. 2. 2. q. 83, a. 12, c.



us e o coração tão abrasado de amor, que a recitação das fórmulas de orações o incommode, é melhor dar inteira liberdade ao coração e cessar a oração vocal, a não ser que ella seja estrictamente obrigatória.

A *oração vocal edifica* os que a ouvem ; anima-os a rezarem, e facilita a que se faz em commum. Que suave e tocante espectáculo apresentam essas pessoas que se reúnem para offerecer a Deus as suas homenagens, cujas vozes se succedem ininterruptamente ! pia e encantadora melodia que alegra os anjos e os bemaventurados e, qual incenso de delicioso odor, vai subindo até o throno do Altíssimo!

A oração pública, isto é, a que se faz pelo intermédio dos ministros da Igreja, representantes de todos os fiéis, deve-se desenrolar na presença de todo o povo, observa santo Thomaz e, portanto, deve ser vocal.

**129.** — A psalmodia consiste na recitação dos psalmos e outras orações litúrgicas por dois choros que se alternam. Segundo o historiador Sócrates, santo Ignácio de Antiochia, no segundo século da era christã, teria sido o iniciador da psalmodia. Apareceu-lhe enorme multidão de espíritos bemaventurados, cantando louvores á Santíssima Trindade, respondendo-se alternativamente em diversos tons. O santo patriarca estabeleceu, então, cantores na sua igreja, conforme o modelo que lhe fôra manifestado em visão. A maioria dos historiadores concorda em affirmar que foi realmente em Antiochia, mas no IV<sup>o</sup> século somente, no episcopado de Leôncio, que começou o uso da antíphona e se ajuntou ao do psalmo com responsório. No princípio, com effeito, entre os monges do Oriente, um só leitor recitava o psalmo todo ; o choro apenas repetia a antíphona ; mas, no quarto século, começaram a rezar os psalmos alternando-se. Também no quarto século, santo Ambrósio ordenou a prática da psalmodia em Milão, são Basílio em Cesaréia e o papa são Dámaso em Roma. São Paciente a introduziu em Lyão no quinto século ; parece,

também, que são Bento a prescreveu aos seus religiosos no sexto século ; mas foi somente no último século que a psalmodia se generalizou nas Igrejas das Gállias.

**130.** — Na oração vocal, podemos estar attentos de três maneiras. Pela *atensão material* cuidamos em não nos enganar recitando o texto ; mantendo a vontade na disposição de orar, o espírito attento em bem articular e a bôcca pronunciando piedosas fórmulas, este modo de rezar, comquanto não seja o mais perfeito, não deixa de ser bom e meritório. Há momentos de impotência em que a alma não pode fazer mais. Pela *atensão literal* acompanhamos o sentido das palavras. Pela *atensão espiritual* pensamos em Deus, nas suas grandezas e bondades, adorando-O, amando-O, pedindo-Lhe graças. Esta última é a melhor. As almas mais simples podem tê-la ; ás vezes é tão viva, tão forte, que faz esquecer tudo o mais. E', pois, possível fazermos uma óptima oração, mesmo quando não pensamos no sentido das palavras que pronunciamos, se, á medida que vamos recitando as orações, nos unimos de coração a Deus em sentimentos de fé, de confiança e de amor.

**131.** — A mais perfeita de todas as orações é, certamente, a que foi composta por N. S. Jesus Christo, o Pater. Ouvem-se, de tempos a tempos, elogiar, recommendar certas fórmulas, ás quais se attribue uma efficácia estupenda. Nenhuma outra há mais efficáz que o Pater, mais capaz de commover o Coração de Deus. Exprime tão bem o que devemos solicitar do nosso Pai celestial : antes de tudo, a glorificação do seu nome, a dilatação do seu reino, o cumprimento de suas santas vontades, e, para nós mesmos, os bens de que mais necessitamos.

A Ave Maria é, também, uma oração admirável, composta com os louvores que o próprio Deus encarregou são Gabriel, archanjo, de dirigir á Santíssima Virgem, e com as palavras inspiradas de santa Isabel, terminando-se por uma súpplca, toda filial, tão simples quanto tocante.

Os psalmos, os cânticos como o *Magnificat*, o *Benedictus*, etc., são igualmente *orações inspiradas*. Todas as orações que são a obra do Espírito Santo, têm uma profundidade insondável, uma efficácia toda divina e têm sido sempre as predilectas da Igreja.

As *orações litúrgicas*, emfim, que são as officiais da Igreja, os hymnos, as collectas, as antífonas, os responsos, a breve mas tão perfeita doxologia: *Gloria Patri*, merecem particular estima. São tão lindas, tão luminosas, tão suaves que favorecem sobremaneira a piedade ; esclarecem a alma e alimentam-lhe o amor.

**132.** — *Não devem ser demasiado longas as orações vocais.* Nosso Senhor disse : « Não queirais multiplicar as palavras quando orais, como fazem os pagãos, pois, imaginam ser attendidos com abundância de palavras. » Mister é orar muito ; « é preciso orar sempre, » disse o divino Mestre ; mas, não se deve recitar fórmulas. « Falar muito orando, doutrina santo Agostinho, equivale a estender-se com palavras supérfluas para pedir o que se precisa. Rezar muito, pelo contrário, é, com piedosos arroubos, bater longamente á porta d'Aquelle a quem imploramos. Os gemidos fazem mais que os discursos, as lágrimas mais que as palavras. » (2)

Santa Theresa (3) assevera que certas almas abafam os dons de oração que o Senhor começava a lhes conceder, porque, em vez de se unirem a Elle no silêncio e no amor, fazem-se uma obrigação de recitar uma infinidade de orações vocais. Este apêgo a fórmulas que se vão succedendo umas ás outras, constitue para certas pessoas uma verdadeira escravidão, sem proveito para suas almas.

1. *Math.*, VI, 7.

2. *Epist.* ad Probam.

3. *Caminho da perfeição*, cap. XXXI.

## CAPITULO XXIV

**Oração mental, meditação.****1. Natureza e importância da meditação.**

**133.** — A oração mental é a oração do coração ; prolongada, chama-se meditação. « A meditação, lemos no método de são Sulpício, é uma elevação e uma applicação que fazemos do nosso espírito e do nosso coração a Deus para Lhe tributar nossas homenagens, expor-Lhe nossas precisões e assim, para sua glória, nos tornarmos melhores. »

De todos os deveres que temos para com Deus, o principal, o que encerra e impõe todos os demais, é o amor. A meditação deve ser, acima de tudo, exercício de amor. Assim o entendia a grande Theresa de Avila que, neste assumpto, foi favorecida de tantas luzes e recebeu do Céu a missão de fazer amar a meditação e de ensinar tão santa prática. « A meditação nada mais é do que um commércio de amizade, uma conversa íntima, frequente, a sós, com Aquelle de quem temos a certeza de sermos amados. » (1)

Mas o amor requer a fé e a esperança. São estas três *virtudes theologais* que nos unem a Deus. *O exercício destas virtudes constitue, pois, toda a base da meditação.* A fé nos lembra às verdades reveladas que devem illuminar nossas almas e dirigir nossos corações ; a esperança anima-nos a pedir com uma confiança toda filial, os bens espirituais que nos prometteu ; o amor, enfim, domina, porque a oração é a visita do Pai infinitamente misericordioso, do divino Amigo ; é a hora dos desabaços, dos collóquios íntimos com Aquelle que sempre traz consigo paz, ventura, fôrça e santidade.

---

1. Vida, cap. VIII.

**134.** — Disto resalta a *importância considerável da meditação*, pois é nella que as virtudes theologais se exercitam, e, portanto, se alimentam e crescem. Todos os que meditam com a possível perfeição, além de conseguirem pelas suas fervorosas súplicas graças assignaladas, tornam-se homens de fé robusta, de confiança inabalável e de amor ardente. Compreendem muito melhor, de um lado, os direitos de Deus e suas bondades ineffáveis, e, do outro, os altos interesses de suas almas; sabem discernir melhor os meios de servir a Deus e adquirir virtudes; têm um desejo mais vivo e mais constante dos bens espirituais, uma idéia mais exacta da graça, com o auxílio da qual todo bem se torna possível e, por conseguinte, mais coragem para trabalharem na sua reforma e sanctificação. O amor divino que nelles vai crescendo cada vez mais, dá maior pureza e merecimento a todos os seus actos; tornando-os mais fortes e generosos, faz com que sejam mais queridos do Senhor, que derrama sobre elles as graças mais preciosas e abundantes. Cá na terra, é impossível compreender quais os bens inestimáveis que lucram os que praticam muito bem a meditação e a praticam todos os dias.

Assim, todos os santos têm tecido elogios á meditação, proclamando a sua necessidade imprescindível e a sua maravilhosa efficácia para levar uma vida solidamente virtuosa.

**135.** — Depara-se ás vezes com pessoas que pasmam quando se lhes fala da meditação, que ellas julgam muito mais difficil do que é, na realidade. Sem dúvida, exige esforços; para ser feita com perfeição, é preciso ter-se exercitado bastante. Nada, do que é bom, se alcança sem sacrificio: não se aprende num dia a ler, desenhar, bordar ou tocar instrumentos musicais. Para entregar-se á meditação com fructo é necessária uma applicação séria e constante. Entretanto, *a arte da meditação*, não differindo da arte de conversar com Deus, *aprende-se mais depressa e mais facilmente que as outras artes*, e a experiência está a provar que

qualquer pessoa de bôa vontade pode adquirí-la. « Não há amargura no conversar com a eterna Sabedoria, nem enfado no viver junto d'Elle, mas satisfação e alegria. » (1) As próprias almas juvenis podem reservar alguns instantes de solidão e de recolhimento e, mormente com o auxílio de um livro, applicar-se a fazer os diversos actos que constituem a oração. Ao cabo de certo tempo, se, por outro lado, ellas forem-se exercitando generosamente na virtude, a meditação se lhes tornará fácil e doce. E' penosa, tão somente, para os que não se querem vencer e têm horror ao sacrificio. Estes, não alimentando para com Deus senão um amor enlanguescido, nada encontram para dizer-Lhe e Sua companhia nenhum encanto tem para elles.

## 2. As partes da meditação.

136. — Os elementos da meditação que encontramos, pelo menos virtualmente, em qualquer um dos seus diversos graus, são cinco : a preparação, a consideração, o olhar retrospectivo sôbre si mesmo, os affectos e pedidos, a resolução.

1.º A *preparação* consiste em pôr-se na presença de Deus e pedir-Lhe a assistência de suas luzes. (2) São Francisco de Sales (3) aponta quatro modos de pôr-se na divina presença, cada qual podendo escolher o que lhe causa mais forte impressão. Deus está presente em toda a parte ; está particularmente em nosso coração ; Jesus olha para nós do alto do céu ; está pertinho de nós, se estamos diante do tabernáculo ; se afastados desta sua prisão de amor, podemos, pela imaginação, representar-nos êste meigo Salvador tal qual estava sôbre a terra, e nós juntinhos d'Elle, como outrora seus discípulos. Deve-se produzir êste acto com viva fé, porque o êxito da meditação depende, em grande parte, do sentimento que temos da presença de Deus,

1. *Sabedoria*, VIII, 16.

2. S. Francisco de Sales : *Vida devota*, II, 2.

3. *Ibid.*

e se este piedoso exercício se faz penosamente, muitas vezes a causa está no descuido da preparação.

Desde que estamos diante de Deus, nossa primeira preocupação deve ser de Lhe prestarmos nossas homenagens de adoração, de gratidão, de desaggravo e formularmos nossos pedidos. Querendo reservar para um pouco mais tarde a expressão dos nossos sentimentos de agradecimento e de contrição, devemos, ao menos, adorar a soberana Majestade e implorar com fervor a graça de fazermos, para maior glória de Deus, uma santa meditação. E' sobremaneira conveniente chamarmos em nosso auxílio nossos celestes padroeiros, anjos custódios, são José e a Santíssima Virgem. E' de tamanha importância o exercício da meditação que não é demais recorrer a todos os que nos podem valer para fazê-lo com toda a perfeição.

**137.** — 2.º *A consideração se faz ordinariamente com mais facilidade* — falamos sobretudo dos principiantes — com o auxílio de um livro. Lêem-se devagar algumas phrases, detendo-se, depois de cada uma, para se compenetrar da verdade lida. Não tendo livro especial de meditação, pode-se aproveitar, com muito fructo, o santo Evangelho; a Imitação de Jesus Christo ou outro qualquer livro de piedade pode também ser de grande utilidade.

Outro processo consiste em tomar qualquer *passo da vida de Nosso Senhor*, recompondo-o, pela imaginação, exactamente como se deu. « Por exemplo, diz são Francisco de Sales, se quizerdes meditar sobre Nosso Senhor na cruz, imaginareis estar no alto do Calvário, vendo tudo o que se fez; ouvindo tudo o que se falou no dia da paixão. » Se o assumpto da meditação consiste nas grandes verdades, — a morte, o juízo, o inferno — pode-se representar as circumstâncias em que ellas se offerecem á imaginação. « Por meio das imaginações, explica ainda o santo bispo de Genebra, encerramos nosso espírito no mystério que queremos meditar, afim de que não ande borboleteando de cá para lá. »

A consideração das verdades de fé, ou a meditação dos mystérios tem por fim levar-nos a esta *conclusão prática* : é mister fugir do mal e fazer o bem; é o dever e Deus, que manda, merece ser obedecido ; é o interêsse mais elevado do christão e este o pode fazer com o auxílio da graça. Importa, pois, adquirir firme convicção destas verdades, quer para solicitar aquillo de que se precisa, quer para tomar resoluções enérgicas.

138. — 3.º *O olhar retrospectivo sôbre si mesmo*, o exame de seus defeitos e misérias espirituais patenteia logo a seguir quanto é imprescindível o soccôrro divino, e incita a pedí-lo com insistência. E' preciso, portanto, humilhar-se, lembrar-se das precisões de sua alma, mas evitando demorar-se demasiado e exclusivamente nesta consideração de si próprio, porque É GRAVE E FUNESTO DEFEITO PENSAR MAIS EM SI DO QUE EM DEUS, QUANDO SE FAZ ORAÇÃO.

139. — 4.º A preparação, as considerações, o olhar retrospectivo sôbre si mesmo são como que os preliminares da meditação, excitam a vontade e dispõem a alma a produzir os *affectos*, isto é, os sentimentos de gratidão, de confiança, de contrição, de humildade, os santos desejos e, acima de tudo, os *pedidos instantes*. Tal é a *parte essencial da oração mental*.

Quem se contentasse com reflectir, examinar-se e, até, accrescentasse á consideração e ao retrospecto fortes resoluções, abstando-se de conversar com o Senhor, teria meditado, mas não teria feito oração, e muito pouco fructo tiraria dêste exercício. Pelo contrário, quem, desde o início da meditação, compenetrado da presença de Deus e, sentindo-se vivamente convencido de suas misérias e inflamado no desejo dos bens espirituais, supprimisse as considerações e o exame para se atirar aos pés de Nosso Senhor, protestar-Lhe sua fidelidade e implorar Suas misericórdias, não meditaria, mas faria uma oração excellente e fructuosíssima.



O pedido deve ser feito com *filiar confiança e terna familiaridade*. « Lavra-se em êrro, diz santo Affonso, imaginando que dirigir-se a Deus com grande confiança e familiaridade, seja falta de respeito para com Sua infinita Majestade. Sem dúvida, deveis reverenciar ao Senhor com toda humildade e, curvar-vos diante d'Elle, sobretudo attendendo ás ingratidões e ultrajes passados, mas isto não vos deve impedir de expandir-vos com vosso Pai celeste, patenteando-Lhe o amor mais terno e confiante que vos seja possível. Ficai bem certos de que não tendes nem amigo, nem irmão, nem pai, nem mãe que vos ame tanto quanto o vosso Deus. » Sim, até na hypóthese de um passado culpabilíssimo, de longo abuso de suas misericórdias, havendo commettido peccado sôbre peccado, dever-se-ia imitar o filho pródigo, lançar-se aos pés do Pai celeste que suspira pelo instante em que Lhe será dado estreitar ao peito o peccador arrependido.

Queixam-se certas pessoas de não saber falar com Deus e sentem pesar de nada ter que Lhe dizer. Os actos de agradecimento, os protestos e as promessas tornar-se-ão fáceis quando estas pessoas tiverem bem presentes ao espírito as bondades do Senhor, o que Elle tem feito e está ainda fazendo para ellas e o pouco que ellas estão fazendo para Elle. Insistam junto a Elle, dizendo-Lhe que estas virtudes que pedem, Elle lhas deseja mais vivamente do que ellas próprias, e, praticando-as, dar-Lhe-ão glória, consolarão Seu Coração, tornar-se-ão mais úteis ás almas, tão Suas queridas, e, se ellas tiverem a felicidade de commungar com frequência, serão menos indignas de receber o doce Salvador. Sobretudo, digam ao Senhor que põem toda a esperança em Sua bondade e liberalidade infinitas e têm confiança nos méritos de Jesus. « Este divino Salvador, dirão ellas, não pagou por nós o que solicitamos? Não fez, Elle, repetidas vezes, as promessas mais animadoras aos que oram : pedi e recebereis, procurai e encontrareis? » Quando se deseja

vivamente um favor, não há difficuldade que se não vença para defender sua causa.

140. — De nada valem os sentimentos, quando os actos não os acompanham. Verdade é que o tempo da meditação não é o da acção ; mas aquella deve ser a preparação desta e, como tal, precisa levar a *resoluções*, não vagas e gerais, mas precisas e práticas. Estas não devem ser trocadas em cada meditação, mas repetidas cada dia emquanto corresponderem ás necessidades da alma. «De tanto tomar resoluções, observa são Francisco de Sales, acaba-se ficando resoluto.» Concluir-se-á a meditação com promessas generosas, acompanhadas de súplicas ardentes para obter de Deus a fôrça de cumprir o que Elle inspira e o que se Lhe promette.

Outro excellento modo de orar mentalmente é o que consiste em tomar alguma oração, o Pater por exemplo, e rezá-la aos poucos, reflectindo sôbre cada phrase, saboreando cada pensamento.

141. — A *preparação remota* não é menos necessária que a próxima. Ella consiste na fidelidade ao *recolhimento* e na prática da *renúncia*.

A meditação é difficil, custosíssima para a alma leviana e immortificada. A dissipação desvia o espirito das cousas divinas, e o apêgo ás satisfações da natureza, sôbre causar uma multidão de preoccupações que absorvem a attenção da alma, suffoca os santos desejos e impede o coração de mergulhar no amor divino. A melhor preparação para a meditação — todos os santos são unânimes em declára-lo, — consiste na prática habitual do recolhimento e dos sacrificios. A meditação alcança de Deus luzes e fôrças para praticar estas duas virtudes; mas, em compensação, os esforços persistentes feitos para permanecer fiel tornam-na suave e salutar.

### 3. Assumptos, lugar, duração.

142. — Os assumptos próprios para a meditação são *as grandes verdades, os mystérios* da nossa fé, mormente

os da vida de Jesus, *as virtudes* que mais importa praticar.

Entendemos por grandes verdades, as grandezas e bondades de Deus, das quais derivam nossos deveres para com Elle; nossos novísimos: a morte, o juízo, o purgatório, o céu, o inferno. Os mystérios da nossa fé são, principalmente, a Incarnação, a Redempção, os factos da vida do Homem-Deus e as lições que Elle nos deu. Quanto ás virtudes, convém insistir nas fundamentais, pois estas dominam mais perfeitamente a natureza e a submettem ao jugo da graça: a humildade, a mortificação, a abnegação, o recolhimento, e, também, a caridade para com Deus e o próximo, o zêlo pela glória divina e pela salvação das almas.

Mas, *como o tempo da meditação deve ser consagrado a pedir e amar*, é bom, qualquer que seja o assumpto escolhido, considerá-lo de maneira a exitar sempre e mais o amor. Certas pessoas têm distrações oriundas de suas difficuldades quotidianas; imaginam, no intuito de remediar estas distrações, ter obrigação de expor suas difficuldades ao Senhor, pedindo-Lhe seu auxílio para vencê-las. Enganam-se profundamente se julgam fazer boas meditações, insistindo demoradamente nos seus aborrecimentos e preocupações. Devem limitar-se a fazê-lo em poucas palavras. Com effeito, na meditação, é preciso, a todo transe, desviar o pensamento dos trabalhos ordinários e dos cuidados communs da vida. Aquelle que, em vez de tocar de leve, insistisse nas suas penas e desgostos, cairia indubitavelmente em longas distrações, não conseguiria o fim da meditação, que é de fazer-nos conhecer melhor e amar mais nosso bom Deus. Devemos ir direitinho ao Coração de Jesus, considerar suas perfeições, suas bondades, seu amor. Se quizermos meditar sobre uma virtude, é necessário que a estudemos neste divino modelo; *é necessário, antes de tudo, que nos enchamos de admi-*

ração por Deus que tanto a merece, e a admiração nos levará a amá-Lo melhor.

143. — A oração mental pode ser feita em qualquer parte. Faz-se com mais facilidade na solidão e no silêncio perfeito e, sobretudo, aos pés do Santíssimo Sacramento. As pessoas acostumadas a meditar conseguem fazê-la sem custo em toda parte, andando, viajando e, até, no meio de seus trabalhos.

A qualquer hora do dia pode-se meditar; todavia, o momento mais propício é o comêço do dia.

144. — Também a duração da oração pode variar, não devendo, porém, ser muito curta. São Francisco de Sales, na *Introdução á vida devota*, escrita mais especialmente para as pessoas do mundo, pede uma hora. Das suas cartas depreende-se que começava impondo meia-hora ou três quartos de hora. Santo Affonso diz que se deve principiar com meia-hora e ir augmentando a pouco e pouco. «E' certo, continua o mesmo, que, limitando-se a meia-hora, não se pode alcançar um grau de perfeição muito elevado.» São Pedro d'Alcântara observa, com razão, que «sendo o tempo muito curto, o tempo se esgota em desembaraçarmos a imaginação e regrarmos o coração; isto realizado, e quando, com proveito, poderíamos entrar na meditação, eis terminado o prazo e a nossa meditação ficou por fazer.»(1) Comtudo, se êste exercício precede ou segue outro, como a audição da missa ou a communhão, tanto melhor; pois tem-se maior facilidade não só para se recolher mas ainda para se pôr em disposição de fervor.

#### 4. Os graus de meditação.

145. — Todos não fazem a meditação com a mesma facilidade, nem do mesmo modo. «E' a doutrina commum

1. Diz-se muitas vezes que santa Theresa pede um quarto de hora de meditação. o certo é que nunca indicou tempo tão curto. Fala (*Vida*, cap. VIII) em passar duas horas por dia junto do Senhor, querendo significar com isso, o tempo consagrado á meditação, não há duvida, e também aos exercícos de piedade em geral.

dos santos, affirma o Pe. Rodriguez, (1) que a cada uma das três vias, *purgativa*, *illuminativa* e *unitiva*, corresponde um modo especial de meditação. »

Chama-se via purgativa, a dos *principiantes*, em quem o amor, contrariado pelos vícios e paixões que a mortificação não dominou, não encontra nem facilidade nem doçura na prática das virtudes, e fica, até, em perigo de ser destruído pelo pecado mortal. A via dos que *aproveitam* começa quando, estando as paixões bastante acalmadas para não haver mais perigo de faltas graves, e entregando-se a alma com promptidão e desembaraço, á prática das virtudes, porfiando em augmentar seu amor, fica, entretanto, muito exposta a faltas veniais. E' a via *illuminativa*, porque a alma que nella se acha, recebe cada vez mais luzes para a orientação de sua conduta. O terceiro grau é o dos *perfeitos*, porque as paixões já se acham tão bem domadas e a alma tão bem formada na prática das virtudes que, com facilidade, e em toda circumstância, entrega-se aos actos do divino amor. Denomina-se ainda *unitiva*, pois pelo exercício da caridade, a alma está constantemente unida a Deus. (2)

Os que dão os primeiros passos no caminho da oração mental, os que ainda estão na *via purgativa*, lutando penosamente contra seus defeitos, sentindo no coração pouco amor por Deus, precisam ordinariamente seguir um método que os guie e auxilie. Devem applicar-se successivamente ás cinco partes da meditação acima enumeradas e insistir nas considerações. Sem marcha methodica, sem consideração attenta dos motivos que podem excitar nelles o desejo das virtudes e o amor de Deus, sendo ainda pouco illuminados e sentindo-se assaltados de mil cuidados profanos, extraviar-se-iam muito depressa e sua meditação não passaria de um devaneio.

1. Da meditação, cap. VI.

2. Suarez: *De statu religioso*, L. I, cap. XIII, n.os. 8 e 9.

Quando a alma alcança a *via illuminativa*, já se acha sufficientemente desapegada das cousas terrenas e experimenta vivos desejos dos bens espirituais. Não tem mais necessidade de convencer-se; por isso, demora-se menos nas considerações e consagra mais tempo aos affectos; cansá-la-ia uma marcha rigorosamente methódica.

Tem mais familiaridade com seu Pai celeste. Achando-se na sua presença, e reanimada sua piedade, quer por uma breve leitura, quer pela recordação dos benefícios recebidos de Deus, dos mystérios da vida de Jesus, ella lhe fala logo com abandono e simplicidade. Excita-se ao amor, humilha-se, pede, promette, mas faz tudo isto sem ordem, segundo as inspirações do seu coração. E' a meditação affectiva, mais familiar e menos methódica que a precedente. Nella a alma insiste sôbre as virtudes fundamentais das quais sente vivamente a necessidade, pedindo-as com insistência.

Finalmente, *quando uma alma*, verdadeiramente desapegada de si e das criaturas, *recebe o dom de uma união íntima e constante com Deus*, a meditação torna-se, para ella, ainda mais fácil. O Espírito Santo pôz-lhe na intelligência uma alta idéia da incompreensível perfeição e amabilidade de Deus e, na vontade, uma disposição de amor que a faz constantemente tender para Deus e se faz sentir até no meio das suas occupaões. A alma, assim unida, aviva sem custo o sentimento da presença de Deus e o pensamento do amor que Elle lhe dedica. Esclarecida como está acêrca dos magnos mystérios da Santíssima Trindade, Incarnação, Paixão, Eucharistia, é bastante, para ella, evocar-lhes a lembrança para despertar seus sentimentos e ficar toda penetrada de confiança, de gratidão, de humildade e, sobretudo, de amor. Então, as longas considerações, mais do que supérfluas, desgostam-na. Esta alma tem necessidade de amar com maior frequência, entrega-se, pois, ao amor calmo e tranquillo, por vezes silencioso, mas sempre profundo e poderoso.

Falando com Deus, dá-se a Elle, abandona-se, pede mais amor; o desejo de Sua glória e o zêlo pelo Seus divinos interêsses enchem-lhe o coração inspiram-lhe todos os pedidos. E' a meditação de união amorosa infusa, que convém á *via unitiva*.

### 5. Via sacra.

146. — Esta salutar prática, instituída para supprir ás peregrinações á Terra Santa, que todos não poderiam fazer, ou para avivar a sua lembrança nos que tiveram a felicidade de fazê-las, remonta ao século 16. Piedoso peregrino, Pedro Stocke, erigiu em Lovaina, após sua volta de Jerusalém, em 1505, mais ou menos, sete estações, que foram o objecto da devção dos fiéis. O Pe. João Van Paeschem, prior dos Carmelitas de Malinas, inspirou-se destas estações num livro de piedade intitulado "*A Peregrinação espiritual*", mas duplicou-lhes o número e deu á via sacra sua forma actual, na qual o drama da Paixão está dividido em quatorze estações.

O grande propagandista destas peregrinações espirituais foi são Leonardo de Porto Maurício que, nos quarenta annos do seu apostolado, trabalhou sem cessar para popularizar esta devoção. A via sacra era o exercício predilecto, quasi contínuo de são Bento José Labre. Santo Affonso, até aos 88 annos, visitou fie'mente cada dia, apoiado no braço do seu criado, as estações da via dolorosa; quando as enfermidades não lho permittiram mais, fez a via sacra com seu crucifixo.

O piedoso exercício da via sacra constitue uma oração mental excellente. Após ter-se posto na presença de Deus e afastado energicamente toda distracção, vai-se, de estação em estação, considerando o doloroso episódio que faz o objecto desta estação e excitando, dentro do coração, sentimentos de gratidão, de amor, de contrição e de firme propósito. Jesus pensava em cada um de nós, em todas as circunstâncias de sua cruenta paixão.

Teria consentido em soffrer todos êstes tormentos do corpo e da alma para um só dentre nós; compenetrando-se desta verdade, é fácil tirar muito fruto dêste exercício.

Na via sacra, feita privadamente, não há oração alguma vocal necessária; é uma oração mental, e uma das mais proveitosas a que nos possamos entregar. A Igreja tem animado seus fiéis na prática desta devoção, enriquecendo-a de uma indulgência plenária e várias parciais.

## CAPÍTULO XXV

### A Confissão.

#### 1. Os frutos da confissão.

147. — A oração, quer vocal, quer mental, deriva toda sua efficácia das disposições e da applicação do que ora. No seu immenso amor para conosco, Deus pôz ao nosso alcance outros meios fáceis e poderosos: os sacramentos, que, por si, têm uma efficácia própria. Sôbre a alma que se preparou para recebê-los com actos de fé e de amor, atraem uma graça muito mais abundante do que a que conseguiria fazendo os mesmos actos com a mesma perfeição, fora do sacramento. Entretanto, *se os sacramentos têm, em si mesmos, uma virtude toda divina* e produzem grande cópia de graças, esta virtude varia *conforme as disposições* dos fiéis que os recebem. Quanto mais perfeitas, tanto mais abundante a graça, e as diferenças, entre umas e outras pessoas que recebem o mesmo sacramento, são muito maiores do que geralmente se suppõe.

148. — *O sacramento de penitência* é um dos meios mais poderosos de santificação de que nos devemos aproveitar. E' rigorosamente necessário para os peccados mortais tão somente; e, nos primeiros séculos da Igreja, os christãos não recorriam a êste sacramento senão quando



se julgavam culpados de faltas graves. Mais tarde, e devemos considerar esta mudança como um benefício inapreciável do Senhor, os monges, primeiro, as almas christãs, em geral, depois, recorreram ao sacramento de penitência para alcançar o perdão de suas faltas veniais e confessaram-se frequentemente.

Immensas são as *vantagens da confissão*. O sacramento de penitência é chamado, pelo concílio de Trento, *remedium vitae*» remédio de vida. Se os peccados veniais não dão a morte á alma, enfraquecem-na : são como uma doença da alma contra a qual é opportuno ter um remédio efficaz. Estes peccados são de três espécies : os peccados veniais *plenamente deliberados*, os *semi deliberados* e os de *pura fragilidade*. Os primeiros, commettidos deliberadamente, após madura reflexão, tornam a alma mais culpada, e expõem-na a commettê-los de novo. Os segundos são os que se commettem com menos reflexão, com certa surpresa, com alguma seducção, mas aos quais a vontade não deixa de adherir com certa complacência. Cumpre classificar, nesta categoria, as faltas rápidas, commettidas sem deliberação, mas que se repetem a miudo e contra as quais a alma não se acautela com sérios esforços, e também os desfallecimentos que se verificam em combates em que a alma se empenha com demasiada molleza, sem se decidir a ganhar uma victória completa. Emfim, os peccados de pura fragilidade são os que escapam á fraqueza humana. E' evidente que a vontade tem nelles alguma parte, embora pequena ; porque, do contrário, seriam imperfeições e não peccados. Ella fraqueja, pois, por um breve instante e logo renega sua fraqueza e renova suas boas resoluções. As culpas desta natureza pouco damnificam a nossa belleza espiritual porque são promptamente reparadas ; entretanto, sendo submittidas á santa influéncia do sacramento da penitência, a pureza da alma torna-se mais completa, mais brilhante.

Os dois primeiros gêneros de peccados são verdadeiras doenças que debilitam a alma christã e, mormente os plena-

mente deliberados, constituem um obstáculo ao seu progresso na piedade. « Não deixes o peccado envelhecer em ti, » dizia o Senhor a santa Gertrudes ; o peccado que não é logo renegado, é semelhante ao veneno que se não vomita e age lentamente sôbre o organismo.

149. — Para êstes males da alma a confissão bem feita é um *remédio* efficaz; tanto *pelas virtudes* que faz praticar, *como pela graça do sacramento* que se acrescenta aos merecimentos do penitente, multiplica a efficácia de seus actos de virtude e livra-o do veneno do peccado.

As virtudes praticadas em confissão são, sobretudo, a *humildade* e a *contrição*. Qual o acto de humildade mais sincero do que a declaração das faltas commettidas? Qual o melhor antidoto para o orgulho, princípio de todo o peccado? Porisso, a heresia e o scisma, frutos lídimos do orgulho, ou supprimem a confissão como os protestantes, ou reduzem-na, ás mais das vezes, a declarações insignificantes como os scismáticos orientais. Pela confissão, as faltas de orgulho têm já um comêço de reparação, e quem se humilhou profunda e amorosamente, torna-se mais humilde e precavê-se contra as recaídas.

A *contrição* é a retractação do peccado, a mudança da alma que renega o mal que procurára e volta para o bem a que renunciára. Por ella o culpado volta-se para Deus se, por uma falta mortal, d'Elle se houvesse desviado. Se, observando para com Deus os deveres essenciaes de submissão, d'Elle se houvesse somente afastado por faltas veniaes, pela *contrição* aproxima-se d'Elle e atira-se amorosamente nos Seus braços. Dêste modo o mal é rejeitado e a ferida aberta na alma pelo peccado ahí encontra a sua cura.

Mas *o sangue de Jesus mysticamente derramado sôbre a alma* que recebe a absolvição, assemelha-se a um bálsamo salutar que, juntando sua fôrça á das virtudes praticadas na confissão, favorece consideravelmente a cura da alma e ajuda-a a recuperar as fôrças que havia perdido. « Pela confissão, diz são Francisco de Sales, não só recebeis a absolvi-

ção dos peccados veniais, mas também uma grande fôrça para evitá-los no futuro, uma luz viva para claramente discerní-los e uma graça abundante para reparar todas as perdas que elles vos haviam causado.» (1)

**150.** — *Os effeitos da confissão são sempre proporcionais ao valor das disposições* com que se recebe o sacramento. Entre cem pessoas que se confessam, cada uma recebe uma medida de graças que differe da das demais noventa e nove ; porque, entre os actos de cada uma dellas, o olhar de Deus percebe differenças que, cá na terra, ninguém sequer suspeita. Innumeráveis são os graus que pode ter a humildade em profundeza e a contrição em intensidade ; e, por outro lado, o amor que acompanha estas virtudes, dá-lhes um valor proporcionado á sua própria pureza, firmeza e fôrça e com a influéncia que o dito amor exerce sôbre estas mesmas virtudes. E' preciso applicar êstes mesmos princípios á satisfação sacramental, cujo valor também se mede pelo fervor, pela generosidade com que se cumpre.

Para conseguir estas disposições perfeitas que asseguram tanto fruto ao sacramento da penitência, faz-se mister *cuidadosa preparação*. Muito louvável é o proceder dos que costumam recommendar o êxito de sua confissão aos seus *celestes protectores*, a seu anjo custódio e a Maria Santíssima. Mas é do Coração amantíssimo de Jesus, principalmente, que se devem implorar as santas disposições, os sentimentos de humildade e de amorosa contrição que podem tornar o sacramento da penitência admiravelmente efficaz.

## 2. Preparação para a confissão.

**151.** — *Para preparar-se dignamente á confissão requerem-se duas cousas* : procurar suas faltas e excitar-se á contrição.

Mais adiante, trataremos do *exame de consciéncia* de cada dia. O que precede a confissão, obedece ás mesmas

1. Vida devota, II, 19.

regras ; exige tanto mais cuidado quanto mais numerosas forem as faltas em que o penitente cair. Quem tem uma lista de seus peccados habituais e marca diariamente suas infrações, nenhuma difficuldade terá para se conhecer, e, nisso, achará nova coragem para a luta, novo motivo para sérios esforços em prol da sua reforma. « Quanto ás almas espirituais, diz santo Affonso, que se confessam com frequência e cuidam em se preservar dos peccados veniais deliberados, o exame não reclama muito tempo. » (1) Santa Margarida-Maria preparava um dia com muita anxiedade sua confissão annual ; tranquilizou-a o divino Mestre : « Porque te apoquentas ? Faze o que podes, supprerei ao que faltar. Nada peço tanto, neste sacramento, como um coração contrito e humilhado que, sinceramente resolvido a não mais me desagradar, se accusa sem disfarce ; perdôo sem tardança e dahí resulta uma perfeita emenda » (2)

A's faltas commettidas desde a última confissão, convém accrescentar a accusação de alguma *falta da vida passada* ; e, se tivermos dúvida sôbre aquella, mais necessária ainda se torna esta medida. Além de ser uma prática de humildade salutaríssima, a lembrança destas faltas mais graves augmenta a contrição e, assim, incrementa a graça sacramental, sempre proporcional á contrição que se experimentar. Além disso a applicação dos merecimentos de Jesus Christo aos peccados já perdoados, diminue a pena temporal que, quasi sempre, fica devida depois da absolvição. Tal accusação, de ordinário, se faz em termos gerais, por exemplo : « Accuso-me de todas as faltas que, na minha vida passada, commettí contra tal virtude. » E' conveniente variar esta accusação geral, não só para fugir da rotina como também, para applicar successivamente ás diversas espécies de peccados commettidos no passado, o beneficio da absolvição.

1. Vol. XI, cap. 18, § 1.

2. Autobiographia, Ed. Monsor Gauthey, p. 77.

Para excitar em seu coração sentimentos vívidos de *contrição*, é utilíssimo recorrer á lembrança dos novísimos. Cada falta commettida constitue uma dívida para com a divina justiça ; e, antes de entrar no céu, teremos de pagar, diz Jesus, tudo até o último ceutil. Mas o pensamento da bondade de Deus, de Seus immensos benefícios, dos padecimentos de Jesus é ainda mais salutar e gera uma *contrição* cheia de amor, cujos effeitos são muito mais preciosos.

152. — A confissão propriamente dita, deve ser feita com grande espírito de fé. O confessor representa Jesus ; o penitente deve lembrar-se disto e mostrar-se humilde, respeitoso, dócil.

Acabada a confissão, uma *acção de graças* breve, mas fervorosa, deve manifestar a gratidão do penitente pelo grande beneficio que acaba de receber de Deus. O sangue de Jesus lavou sua alma, purificou-a, adornou-a, enriqueceu-a. Que negra ingratição não apreciar tal favor e não dar por elle graças ao Senhor !

153. — Claro está que, feita nestas disposições, a confissão é um poderoso meio de santificação. Saíndo do santo tribunal *mais pura, a alma conseguirá graças mais abundantes* ; pois Deus, a quem tanto desagradam as manchas do peccado, reserva as graças mais preciosas ás almas puras. Além disso estará mais ao abrigo de novas quedas, conforme a palavra do Senhor a santa Verônica Juliani : « Farás progressos na perfeição em proporção com os frutos que tirares deste sacramento. » (1)

Por todas estas razões, os *Santos todos têm demonstrado a maior estima pela confissão*. São Luiz, bispo de Tolosa, são Pedro Claver, santa Flora, são Leonardo de Porto Maurício, o venerável Antônio Bermejo, etc., confessavam-se cada dia. Cumpre receber amiudadas vezes o sacramento da penitência; comtudo, como o número de confessores é diminuto, comparado com a multidão dos fiéis, é preciso regrar a frequência das confissões de accôrdo com os avisos do confessor.

1. Cf. Divinas palavras, XXIV, 1.

## CAPÍTULO XXVI

**Direcção espiritual.****1. Necessidade da direcção.**

154. — « Deus escolhera o jovem Samuel, mas não quis iniciá-lo directamente nos seus divinos collóquios. Sujeitou-o á direcção de um ancião que, todavia, o offendera, e, apesar da magnitude de sua vocação, fê-lo obedecer a um superior para provar, pela humildade, aquelle que Elle chamava a um ministério santo, e, também, para, dêste modo, dar aos mais novos o exemplo de sua obediência. Quando Nosso Senhor chamou a Paulo e lhe falou pessoalmente, podia ter-lhe ensinado sem mais delongas o caminho da perfeição ; entretanto, preferiu dirigí-lo a Ananias para que êste lhe ensinasse a verdade. « Levanta-te, disse, e entra na cidade ; ahí dir-te-ão o que te cumpre fazer. » Após haver citado êstes factos da Escritura que tão perfeitamente nos fazem conhecer os caminhos do Senhor, Cassiano transcreve êste princípio universalmente ensinado pelos Padres do deserto, louvando-lhe a sabedoria : « Quem se apoia em seu próprio juízo, nunca há de chegar á perfeição e evitar os artifícios do demônio. » (1)

São Vicente Ferrer também diz categoricamente: « Nosso Senhor, sem o qual nada podemos, nunca há de conceder sua graça áquelle que tendo á sua disposição um homem capaz de instruí-lo e dirigí-lo, descuida dêste poderoso meio de santificação, julgando poder dispensar as luzes alheias, procurar e descobrir, com suas próprias fôrças, as cousas úteis á salvação. A via da obediência é o caminho real que conduz seguramente os homens ao cume da escada mysteriosa onde está o Senhor. E' a estrada que seguiram todos os santos padres no deserto ; e, de modo geral, todos os que

1. Conf., II, 14, 15, 24.

alcançaram a perfeição, trilharam esta senda, a não ser que, por privilégio e graça singular, Deus haja instruído por si mesmo algumas almas que não tinham quem as dirigisse» (1)

«Antes de tudo, dizia são Gregório de Nyssa, é preciso esforçar-se por encontrar um bom guia e mestre.» (2) «E' muito orgulho, ensina são Basílio, acreditar que não se necessita de conselhos.» (3) «Ponde todo o cuidado, diz alhures o mesmo doutor, tende a maior circumspecção para achar um homem que vos possa servir de guia seguro no trabalho que quereis empreender, para conseguir uma vida santa; escolhei-o tal que saiba indicar ás almas de bôa vontade o recto caminho que leva a Deus.» São Jerônimo escrevia a Rústico: «Não sejais vós mesmo vosso mestre e não enveredeis sem guia numa estrada toda nova para vós; de outra maneira transviar-vos-íeis muito depressa.» «Como um cego, sem conductor, não pode seguir o bom caminho, ninguém pode andar sem guia.» (5) «Deixaram-se seduzir, diz são João Clímaco, êstes que, confiando em si mesmos, julgaram não precisar de guia.» (6) Depois de advertir que o Espírito Santo conduz, ás vezes, Elle mesmo, certas almas privilegiadas, são Gregório acrescenta: «Mas as almas fracas não podem imitar esta liberdade de proceder porque aconteceria que julgando-se cada um inspirado pelo Espírito Santo, desdenharia de fazer-se discípulo do homem e tornar-se-ia um mestre em êrro.» (7) «Grande lição, avisa são Bernardo, para os que não temem de atirar-se nas sendas da vida, sem guia nem mestre, querendo ser, em espiritualidade, discípulos e doutores. Quantos, por causa disto, têm deixado o recto caminho para caírem em todos os perigos!... Toma a mão do seductor quem recusa dá-la a um conduc-

1. De vit. sp., II, 1.

2. Lib. de Virg., c. 13.

3. In cap. I. Isaiae.

4. Serm. de abd. rer.

5. S. Agost. — Serm. 112, de temp.

6. I Grau, cap. 2.

7. Dial., I, 1, c. 1.

tor.» (1) E numa de suas cartas, o santo doutor diz : « Aquelle que pretende ser seu mestre, torna-se o discípulo de um doido ; pois, agindo com tão pouca prudência, bem prova que não passa de um insensato. » (2) « O demônio triumphava facilmente, affirma são João da Cruz, dos que andam sós e se dirigem pela própria vontade nas cousas de Deus. » (3) « Se, no meio de vós, escrevia santo Ignácio aos Jesuitas de Coimbra, se encontrasse algum que teimasse em querer guiar-se a si próprio, que êste ouça o que diz são Bernardo : « Tudo o que se faz sem a vontade e o consentimento do pai espiritual, é pura vanglória e ficará sem recompensa. » *Si quid sine consensu et voluntate patris spiritualis fit, imputabitur vanae gloriae, non mercedi.*

Assim falaram todos os mestres da vida espiritual, e Tronson pode dizer com muita razão : « Todos os Santos nos asseveram que um christão sem director não corre menos perigo de perder-se que um navio sem pilôto, um cego sem guia, um doente sem médico. » (4)

**155.** — A grande razão allegada pelos santos doutores, affirmando a necessidade da direcção para quem quiser progredir na virtude, é clara e irrefutável : *é a ordem estabelecida por Deus* que fundamentou tudo na obediência e nega sua graça aos orgulhosos. « Obedecei aos que vos guiam ordena são Paulo, e tende deferência para com os que velam sobre vossas almas como responsáveis por ellas, afim que o façam com alegria e não gemendo. » (5)

Ao espírito da criança Deus não dá senão fracas luzes e ao corpo fôrças limitadíssimas, para que ella recorra ao auxílio dos pais e que, antes de poder guiar-se e supprir ás suas precisões, comece por obedecer. Assim, na vida espiritual, Elle, a princípio, dá apenas conhecimentos imperfeitos do fim collimado e dos meios a serem empregados,

1. In cant., 5, 77, n. 6.

2. Ep. 87.

3. Max., 288.

4. Ex. part.

5. Hebr., XIII, 17.



para obrigar um homem a procurar um mestre e um guia. E mesmo quando êste se tenha tornado capaz de instruir e conduzir os outros, Deus ainda o obriga a se submeter á obediência, concedendo Suas luzes aos que mandam e Suas maiores graças aos mais humildes e dóceis.

## 2. Missão do director espiritual.

156. — Antes de mais nada, *esclarecer seus dirigidos*, isto é, ensinar-lhes o que Deus lhes pede, as virtudes que devem praticar, o grau de amor a que devem aspirar, os meios que devem empregar, os perigos contra os quais se devem precaver, êste é o primeiro dever do director. Depois, quando esclarecidos, cumpre-lhe a obrigação de estimulá-los se são tíbios e indolentes, moderá-los se seu ardor é indiscreto. Finalmente, se o procedimento de seus dirigidos é prudente, esclarecido, generoso, o director, sancionando-o de sua autoridade, dá-lhes plena segurança e augmenta-lhes o merecimento.

O objecto da direcção varia, pois, com as circunstâncias: *no princípio da vida espiritual é muito mais extenso*. A alma jovem, inexperiente, insufficientemente instruída, está exposta a numerosas illusões, porque a imaginação se exalta facilmente e o demônio suggere-lhe, com habilidade, falsas idéias de perfeição. Pode-se, por exemplo, confundir a sentimentalidade com o amor, desconhecer seus verdadeiros deveres, não entender a justa medida a guardar em certas práticas. Pode-se, ainda, escolher mal as leituras, ordenar mal as próprias relações, discernir imperfeitamente as tentações e não saber de que maneira resistir-lhes; pode-se ignorar os melhores meios a empregar para desarraigar seus vícios e adquirir virtudes. Sôbre todos êstes pontos, importa esclarecer-se, e a direcção fornece as luzes necessárias. O director indica, ainda, aos principiantes os exercícios de piedade a que se devem applicar, a parte de tempo que devem consagrar aos cuidados de suas almas ou reservar aos deveres de estado, e o modo de desobrigar-se dêstes.

Além dos princípios gerais que o director procura inculcar aos seus dirigidos, *muitos casos particulares* podem surgir em que êstes precisem de *conselhos*. Dar-lhes-á decisão nas dúvidas e quando apparecer uma nova situação, uma mudança qualquer, tornar-se necessária uma alteração na sua regra de vida, quando incidentes importantes pedirem determinações graves, os avisos do director serão muito preciosos.

157. — Para sustentar o ardor de seus dirigidos, o director espiritual póde controlar-lhes os esforços, *fazendo-lhes prestar contas*, ao menos de tempos em tempos, da maneira de se desempenharem de suas obrigações para com Deus, para com o próximo e para consigo, isto é, dos seus exercí-cios de piedade : orações, meditações, leituras, da prática da paciência, da doçura, da dedicação, do cumprimento de seus deveres de estado ; numa palavra da observância de sua regra, do seu regulamento de vida. Poderá utilmente *impor-lhes certas práticas* tendentes a aperfeiçoar, quer a observação de um ponto qualquer da regra ou do regulamento, quer a victória sôbre algum defeito ou a fidelidade em alguma virtude, e indagar posteriormente como observaram esta prática.

158. — E' necessária, no princípio, esta direcção por-menorizada, esta educação da alma. « *Passados vários annos*, diz certo autor contemporâneo, *a direcção espiritual torna-se mais summária e mais fácil*. Director e penitente conhecem a vida espiritual ; podem, com uma palavra, explicar ou compreender uma situação de alma. O director não é mais que a testemunha visível, sensível, da vida da alma ; presta-se contas a elle, como se prestaria a Deus, da vida espiritual. » (1) E' principalmente no retiro annual que é útil fazer verificar, pelo director, os meios empregados para servir melhor a Deus e cumprir, em tudo, com a perfeição possível, a Sua santa vontade.

159. — Tudo o que se refere aos interêsses espirituais constitue o *objecto da direcção*. E' abuso querer extendê-la

1. Malige: *La vie spirituelle*, I, cap. IX.

a assumptos puramente profanos. A's vezes, é verdade, os interesses da alma estão em jogo na liquidação de certos negócios temporais, mas êste caso é excepcional e, de maneira geral, o director não tem que intervir em questões de officio. Por exemplo, não indagará de que modo um superior, um prelado, um magistrado exercem suas funcções. Seu papel é unicamente auxiliá-los a manterem, em tudo, uma grande elevação e pureza de vistas, e intenções rectísimas.

### 3. Obrigações do dirigido.

160. — A alma que compreendeu a importância da direcção deve, na *escolha* que faz de um director, guiar-se unicamente por motivos sobrenaturais, procurando o homem de Deus que mais seguramente há de fazê-la progredir na senda da virtude, e pedindo com instância, neste intuito, as luzes divinas. Os que, para se determinarem a esta escolha, examinam qual será o mais meigo, o mais amável, o menos exigente, procuram mais sua satisfação do que o bem de sua alma e a glória de Deus. Uma vez escolhido o director, os santos aconselham de não o trocar facilmente; (1) para semelhante mudança, só devem militar motivos de ordem sobrenatural. « Porque, escrevia santo Affonso, deixastes a direcção de Mons. Falcoia, tão santo e tão esclarecido? Foi por não soffrer mais que vos humilhasse. » (2) Embora a confissão e a direcção não estejam necessariamente ligados, é muito preferível não as separar e pedir ao confessor os conselhos de direcção.

Estas vistas sobrenaturais que devem orientar a escolha do director, devem também determinar o modo por que se há de praticar a direcção. Pessoas há que gostam de falar de si, *querendo que o director se preocupe sempre com ellas*, as conforte, anime, approve. Essas também procuram mais as consolações do que o proveito espiritual. Quando têm razões de tristeza, quando caem em alguma fraqueza, dei-

1. Vida devota, II, 19.

2. Obras, XI, e I.

xam-se abater; e faz-se mister reerguer-lhes a coragem, pois por si, não procuram levantar-se. Não gostam senão de direcções demoradas e não estão contentes quando o director não se mostra bastante affável e paternal. Há nestas pessoas, a par de um desejo sincero de progresso, um *egoísmo* que desconhecem e que impede á direcção de dar todos os seus frutos. Quanto mais desprendida de si e desejosa de amar a Deus, tanto mais a alma aproveita o auxílio do director.

161. — Unidas a um grande desinterêsse e intenções muito sobrenaturais, devem encontrar-se no dirigido disposições de respeito, de humildade, de simplicidade e de obediência. « Para vós, o director deve ser sempre um anjo, diz são Francisco de Sales . . . Não o considereis como um homem qualquer, e não confieis nelle nem no seu saber humano, mas em Deus que vos há de favorecer e falar por intermédio d'este homem, pondo-lhe no coração e nos lábios o que é preciso para a vossa felicidade. Assim, escutai-o como um anjo que baixou á terra para vos levar ao céu. Tratai com elle de coração aberto, com toda sinceridade e fidelidade, manifestando claramente, sem fingimento nem dissimulação, o que em vós há de bom e de mau. Desta forma, vosso bem examinado ficará mais seguro, e vosso mal será corrigido e remediado e resultará serdes alliviada e fortificada nas vossas afflicções, moderada e regrada em vossas consolações. Que a vossa extrema confiança nelle se confunda com uma santa reverência; de sorte que a reverência não diminua a confiança e a confiança não impeça a reverência; confiai nelle com o respeito de uma filha para com seu pai, respeitai-o com a confiança de um filho para com sua mãe: numa palavra, esta amizade deve, ao mesmo tempo, ser forte e suave, toda santa, sagrada, divina e espirital »(1)

A humildade, que tanto agrada ao Senhor e tanta abundância de graças celestes atrai, manifesta-se no dirigido por

1. Vida devota, I, 4.

uma *grande simplicidade e abertura de coração*. Esta abertura de coração, exigiam-na todos os padres do deserto e têm-na aconselhado todos os santos. «E' mister seguirmos com todo o cuidado o exemplo dos antigos, ensina o padre Moisés em Cassiano, e patentearmos aos nossos superiores tudo o que se passa em nosso coração, sem attendermos á falsa vergonha.» (1) Devemos abrir as nossas chagas para dellas extrair o veneno, porque, assevera são Gregório, as feridas fechadas fazem soffrer mais que as outras pela inflammção que provoca o pus nellas retido. Quando se elimina o pus, o doente soffre, mas está salvo.» (2)

São Francisco de Sales (3) e santo Affonso recomendam de declarar em confissão não só as faltas commetidas mas ainda o motivo que nos levou a commettê-las, como a vanglória, a obstinação, etc. «De tempos a tempos, diz ainda o santo bispo de Genebra, de mês em mês ou de dois em dois mêses, expõe ainda o estado de vossas inclinações, embora não tenham sido causa de peccado, por exemplo, se vos sentis acabrunhado de tristeza, inclinado á alegria, ou desejoso de adquirir bens terrenos, ou semelhantes inclinações.» (4) No sentir de santo Ignácio, (5) nada há tão efficaz para desmanchar os planos do demônio e aborrecê-lo como a manifestação de suas suggestões e tentações, feita a um confessor esclarecido ou a uma pessoa espiritual. E não é só o mal contra o qual se luta que se deve revelar ao director ; elle precisa também estar ao par, pelo menos, de modo succinto, das propensões para o bem, dos santos desejos, dos esforços já empregados, das victórias alcançadas. De outra maneira, o director conheceria mal seu dirigido e não poderia aconselhá-lo convenientemente.

Inútil é a direcção para quem não acata os conselhos ou desrespeita as ordens do director. Dirigidos há, muito

1. Conf. II, 11.

2. Mor., L. VII, cap. ult.

3. Vida devota, II, 19.

4. Ibid.

5. Exercícios .Discernimento, regra XIII.ª

hábeis em pintar ao director as cousas com côres tais, que elle se vê sempre obrigado a aprová-las : procuram assim sua própria vontade, não a de Deus. Outros mostram-se tão susceptíveis, tão diffíceis de convencer-se, tão preoccupados em achar desculpas, que o director se vê na contingência de ficar com seus avisos e suas admoestações, sabendo que seria peor, se dissesse o fundo do seu pensamento. « Confessa-te frequentemente, dizia são Luiz a seu filho, e escolhe confessores virtuosos e sábios, que saibam instruir-te no que deves fazer ou evitar, e deixa que te repreendam e avisem com toda liberdade. » O director mais sábio e mais santo não levará á perfeição a alma que não consente em renunciar á própria vontade e mortificar suas paixões.

## CAPÍTULO XXVII

### A Communhão.

#### I. A Eucharistia, alimento da alma.

162. — Jesus « que sabia que seu Pai lhe entregára todas as cousas nas mãos », (1) não podia, antes de entregar-se a seus algôzes, fazer uso mais suave de Sua onnipotência do que instituindo o seu maior sacramento. Não podia dar-nos prova mais patente do seu amor nem offerecer-nos meio mais poderoso de santificação. Riquíssimo como era, não podia dar-nos mais.

Bem merece a Eucharistia ser chamada o Santíssimo Sacramento, pois é o mais santo e o mais sanctificante de todos os sacramentos. E', na verdade, o Pão dos anjos, digno dos anjos, transformando os que o recebem em anjos de pureza. E' o sacramento de amor, fruto do amor e o que accende o amor. A recepção da Eucharistia é a communhão, isto é, a união do Coração de Deus com o coração do homem, a união de todos os corações na caridade. A Eucha-

1. João XIII, 3.

ristia é o alimento da alma : *caro mea vere est cibus* ; é o alimento da piedade, pois, Jesus que se dá, é o Pão vivo descido do céu, dando a vida ao mundo.

**163.** — Aquí na terra, *toda vida precisa de sustento* : « Para Ti volvem-se esperançosos os olhares de todos os seres, diz o psalmista, e dás-lhes em tempo seu alimento ; abres Tua mão e sacias de Teus bens tudo o que respira. » Os vegetais haurem no ar e no solo os elementos necessários á sua vida ; os animais reclamam um alimento mais delicado ; nutrem-se de sêres vivos, plantas ou outros animais ; o homem sustenta seu corpo com alimentos materiais, seu espírito com virtudes, seu coração com affectos. Como poderá o christão baptizado conservar a vida divina que traz consigo ? Elle vive de fé e de amor. Os actos de virtude que pratica, sustentam e desenvolvem sua vida sobrenatural ; mas Deus offerece-lhe outro alimento verdadeiramente divino, Jesus-Hóstia.

A *nutrição* é o encontro de dois sêres, um dos quais desaparece no outro. Os alimentos que tomamos, cessam de ser o que são para se trasformarem em nosso sangue, em nossa carne, em nós mesmos. No banquete eucharístico os dois seres que se encontram, são : o Homem-Deus e a alma ; o Homem-Deus que não tem nada a receber, nada a ganhar, não mudará. E' a alma que se modifica : muda-se n' Aquelle que ella recebe. Ella se diviniza sem perder sua personalidade ; as qualidades de Jesus, Suas virtudes, Seus sentimentos, Seus juízos passam nella ; ella fica sendo outro Jesus.

Como se opera esta transformação ? Sendo a graça sacramental da Eucharistia, acima de tudo, uma graça de amor, esta transformação opera-se principalmente por actos de caridade que a alma pratica, como que expontaneamente approximando-se de Deus e que Jesus, presente nella, a incita a praticar. O effeito dêste sacramento é, pois, facili-

frutos na alma, entre os quais: santifica-la (Só asse-

tar o amor divino, tornar seus actos mais frequentes, mais puros, mais intensos. Elle nutre o amor que é a vida da alma.

Desta palavra de Jesus : « Minha carne é verdadeiramente uma comida, » tira santo Thomaz esta conclusão : « o que o alimento material faz em nosso corpo, o pão eucharístico o produz em nossas almas : sustenta, faz crescer, repara, deleita. » (1)

*Elle sustenta* : morre logo quem cessa de alimentar-se e definha quem se alimenta mal. Do mesmo modo, quem recusa o Pão eucharístico, põe-se em estado de peccado, pois despreza o amor de seu Deus. Quem, pelo contrário, d'elle faz um santo uso, mantém-se em estado de graça ; os actos de virtude, os actos de amor que pratica, as graças que recebe, conservam-lhe a vida sobrenatural. Por esta razão, o santo Concílio de Trento declara que a Communhão livra das culpas veniaes e preserva das mortais.

O alimento material *augmenta* a vida do corpo, pelo menos no princípio : a criança encontra, nos alimentos que absorve, elementos assimiláveis que, juntando-se ao que ella já tem, fazem crescer seus membros. Um dia há de vir em que terá adquirido a estatura e as fôrças que convém ao homem feito ; nêste momento cessa o seu crescimento. O Pão eucharístico, pelo contrário, traz sempre novas graças, desenvolve novas fôrças na alma que o recebe dignamente. O crescimento sobrenatural jamais cessa na alma fiel : sua fé torna-se cada vez mais esclarecida, sua esperança cada vez mais ardente e firme, sua caridade cada vez mais pura e fervorosa ; a paciência passa da simples resignação, primeiro, para a estima do soffrimento, depois para a paz na dôr e, finalmente, para o amor ás cruces e a alegria no soffrer ; todas as virtudes podem guindar-se á altura do heroísmo dos santos e o próprio heroísmo comporta graus indefinidos. « Nenhum acto da vida interior, disse santo

1. 3 P. q. 79, a. 1, c.



Affonso, pôde ser tão vantajoso para a alma como a santa Communhão.»

O pão material *repara as perdas* que o corpo soffre cada dia, minado pelos trabalhos, os achaques, a fadiga, o uso de órgãos vitais. Ora, a alma, mais que o corpo, está sujeita a funestos desperdícios consequentes de seus descuidos, de seus desfallecimentos, de suas resistências á graça: enfraquecem-na tanto as imperfeições como as faltas. Unindo-se á alma, Jesus, a vida suprema, restaura-lhe as fôrças, reanima-lhe a coragem abatida, restitue-lhe o ardor para o bem.

O pão material, saboroso, *agrada e alegra*. O Pão eucharístico é dulcíssimo para a alma fiel, o que explica sua avidez pela Communhão ou por haurir nella suavidades sensíveis ou por achar nella, até durante as securas, um confôrto, uma profunda e tranquillizadora satisfação de amor, um bem-estar espiritual difícil de fazer compreender, mas bem conhecido por toda alma fervorosa.

«E', pois, necessário, que corras e te approximes muitas vezes da fonte da graça e da divina misericórdia, de toda bondade e pureza, para curares tuas paixões e vícios, e te tornares mais esforçado e mais enérgico contra as tentações e artificios do demônio.» (1)

**164.** — O princípio já estabelecido no capítulo II, acêrca dos exercícios de piedade, applica-se também á santa communhão. Quando obstáculos, nos quais é patente a vontade de Deus, se oppõem á nossa communhão, se tivermos o cuidado de fazer uma fervorosa communhão espiritual acompanhada de uma prece ardente, *Deus supprirá* o sacramento que não recebemos. Se, porém, a omisão da communhão fôr effeito da negligência, haverá uma deplorável *perda de graças*.

**165.** — Já foi dito que os sacramentos produzem medidas de *graças proporcionais ás disposições* dos que os recebem. O decreto do Papa Pio X, de 20 de dezembro de 1905,

exhortando os fiéis á communhão frequente, lembra êste grande princípio : «Os sacramentos da Lei nova, embora agindo *ex opere operato*, produzem, todavia, um effeito maior segundo as disposições mais perfectas dos que os recebem . . . E' mister, pois, que, levando-se em conta as faculdades e a condição de cada um, a santa communhão venha precedida de cuidada preparação e seguida de conveniente acção de graças.»

166. — A condição primeira e indispensável para tirar proveito da communhão é a *recta intenção*. «A communhão frequente e quotidiana, diz o decreto de Pio X, muito desejada por Jesus Christo e pela Igreja cathólica, deve ser accessível aos fiéis de todas as classes e condições de tal maneira que nenhuma interdicção possa jamais afastar da sagrada Mesa quem, em estado de graça, della se approximar com intenção recta e piedosa.

Quem tem intenção recta não se aproxima da Mesa da communhão nem por costume, nem por vaidade, nem por qualquer motivo humano, mas approxima-se para agradar a Nosso Senhor, unir-se mais estreitamente a Elle pela caridade e, por êste divino medicamento, curar-se de suas enfermidades espirituais, corrigir seus defeitos.»

A intenção é o princípio que valoriza nossas obras. Assim, quem faz esmola unicamente para grangear a estima commette um peccado de vanglória ; quem a faz por mera compaixão natural, pratica uma bôa acção, porém, sem nenhum mérito sobrenatural ; quem a faz porque ella é agradável a Deus, porque vê, no pobre, a pessoa de Jesus, pratica uma acção sobrenatural.

Se, na execução de um acto, se obedece, simultaneamente a dois motivos, um bom, outro mau, êste acto é em parte bom e em parte mau. Se o motivo bom é bastante forte para decidir a agir, sendo o mau motivo (por exemplo, o desejo de ser louvado) secundário, não determinante, se, portanto, a pessoa que deseja tirar glória de sua bôa obra, está, contudo, firmemente resolvida a praticá-la, ainda que ninguém o

saiba, esta segunda intenção, que se acrescenta á primeira, deixa-lhe todo o valor substancial. A bôa acção tem, neste caso, todo o seu preço; mas há, ao lado, outra intenção, que é má, a aceitação consciente de um desejo de van-glória.

Notemos, além disto, que, conforme a intenção principal ou secundária fôr bôa ou má, tornará o acto *mais ou menos meritório*, ou *mais ou menos culpável*, de accôrdo com a *fôrça de vontade* com que se procurar conseguir o fim collimado. Este, ás vezes, é objecto de um desejo vehemente, de uma viva energia; outras vezes, acontece que a vontade está apenas affectada e a alma não dá senão um fraco consentimento.

A communhão deve ser feita com intenção sobrenatural, por motivos de fé; por exemplo, para honrar a Deus, adquirir fôrças para melhor serví-Lo, e mais efficaçmente, preservar-se do peccado.

Não teria mais a recta intenção precisa, e, neste caso, deveria abster-se, quem quisesse commungar para agradar a uma criatura ou conseguir a estima dos homens. Quem se approximasse da sagrada Mesa com o duplo fim de cumprir um acto de piedade e de mostrar-se, faria uma bôa communhão, mas **corromperia**, em parte, o seu fructo, por esta mescla de vaidade. O mérito seria tanto maior quanto mais forte o desejo sobrenatural e, também, a culpa seria tanto maior quanto mais consentido o desejo de glória e de estima.

A communhão sempre proporciona algum bem quando há a recta intenção; ás próprias criancinhas confere graças em proporção á sua capacidade e pequena devoção. Ao um passarinho não se dá a comida da águia, nem á formiguinha a do elephante, nem tão pouco ao doente excessivamente enfraquecido a do robusto trabalhador. Assim, Jesus nos chama a todos, pequenos e grandes: *Venite ad me omnes*. Dá-se a todos, communicando a todos sua graça. Entretanto, as almas pouco adiantadas na virtude não po-

dem receber o mesmo quinhão que as almas de elite ; os que a Elle vão com um amor apoucado, não recebem tanto como os que commungam com amor acendrado ; mas, quem tem bôa vontade, sempre consegue alguma graça pela communhão.

## 2. Como tornar fructuosa a Communhão.

167. — Desde que a medida das graças conferidas pela Eucharistia está em proporção com as disposições do commungante, segue-se que a *preparação* se reveste de uma importância capital. Consiste ella em afastar os obstáculos que se oppõem ás graças divinas e excitar no coração os sentimentos que as atraem.

Os *obstáculos* aos effeitos da communhão, que não differem dos que se oppõem aos meios de perfeição, são os *affectos ao peccado venial* e o *apêgo* a tudo quanto não é Deus ou não tende para a glória de Deus. O affecto ao peccado venial, ou, por outra, a disposição permanente da vontade em continuar a commetter deliberadamente certas faltas, não querendo corrigir-se, constitue o maior obstáculo. Pode-se, é verdade, conservar êste apêgo ás culpas veniais e, comtudo, estar resolvido a garantir sua salvação, a não offender gravemente a Deus, e, então, commungar com a intenção de firmar-se nesta resolução, de fortalecer-se contra as paixões. Deus é tão bondoso que, mesmo neste caso, concede graças ao commungante. Mas esta persistência em Lhe recusar o que pede, ou em fazer o que prohibe sob pena de peccado, diminue a medida de suas graças. As pessôas em tais disposições, na verdade, desejam poucas graças ; Deus é, pois, justo concedendo-lhes conforme seus desejos.

Importa notá-lo, todavia, êste pouco caso a respeito de certas culpas veniais é muito menos reprehensível em christãos pouco esclarecidos do que em outros que receberam grandes graças do Senhor. Porisso, os primeiros, sendo pouco responsáveis por estas disposições imperfeitas, lucraram bastante com suas communhões ; os segundos, pelo con-

trário, sabem que são ingratos, ferem o Coração de Deus, e se expõem a cair na tibieza, si já não são suas vítimas.

Sem chegarem até o affecto ao peccado, até a esta resolução fria e deliberada de continuar a commettê-lo, muitas pessoas têm-lhe pouco horror e não se decidem a combatê-lo energeticamente. Esta *frouxidão na repressão do peccado*, na luta contra os defeitos, mormente quando percebida e aceita, é também um obstáculo, menor que o precedente, mas funesto. As almas em tais disposições não têm senão fracos desejos de perfeição; não merecem grandes favores.

*O apêgo ás imperfeições*, isto é, esta disposição de uma alma que, ao mesmo tempo que deseja evitar todo peccado, está decidida a procurar satisfações naturais cujo sacrificio, sabe-o perfeitamente, seria agradável a Deus, é também um obstáculo. A alma nestas disposições receberá muito mais graças que as precedentes, por ter horror ás mínimas faltas, mas receberá menos que a alma generosa, resolvida a fazer o que há de mais perfeito, o que mais agrada a Deus, ou maior glória Lhe dá.

Claro está que o commungante que reconhece em si mesmo algum dos obstáculos que ora explicámos, deve procurar removê-lo, pondo-se em disposições melhores. Sentindo-se fraco, com pouca energia para renunciar ao peccado venial ou ás imperfeições, approxime-se de Jesus, com *intenção de receber d'Elle a força de praticar êstes actos de renúncia*, por amor d'Aquelle que se entregou á morte por nosso amor. Para conseguir com maior segurança, e melhores resultados, esta graça de desprendimento, imponha-se, antes de cada communhão, sacrificios, actos de virtude que sabe serem agradáveis a Deus. Desta arte, firmará sua vontade na recta intenção; afastará os obstáculos que impedem a Jesus, tão ancioso por enchê-lo de graças, de seguir os desejos de seu Coração.

168. — As *disposições* que atraem as graças divinas sobre os commungantes são as de fé, de confiança, de santos desejos, de humildade, de contrição e de amor. Um infeliz, desfigurado por uma lepra horrível, disse a Jesus com fé ardente : « Senhor, se quiseres, podes curar-me. » (1) Jesus condeu-se : estendeu a mão, tocou o leproso e, logo, êste contacto da pureza infinita limpou-o de sua horrenda moléstia. Da mesma maneira, a hemorrhíssa chegou-se ao divino Mestre, dizendo comsigo : « Se eu tocar somente a orla de seu vestido, ficarei curada. » (2) Com effeito, « uma virtude saia d'Elle que curava todos os doentes. » (3) Grande era a fé daquella mulher, viva sua confiança, ardente seu desejo. Assim, alcançou o favor almejado.

O commungante não tem menos precisão do contacto de Jesus para curar-se de suas enfermidades espirituais, e a virtude que sai de Jesus agirá na sua alma na proporção de sua fé, de sua confiança, de seus desejos. Jesus agirá mais ainda se encontrar grande humildade e contrição, pois são estas virtudes, de que tanto necessitam nossas almas miseráveis e culpadas, tão indignas do favor que recebem commungando, que tocam o Coração de Deus e O inclinam á maior liberalidade.

Quanto ao *amor*, é elle inseparável da renúncia, cuja efficácia já mostrámos. Representa a melhor disposição, a disposição fundamental e essencial para as graças do sacramento. O Deus de amor ama os corações amantes : *Ego diligentes me diligo*; compraz-se em distribuir-lhes o maior dos bens que é, precisamente, o amor divino : *quanto maior o encontra tanto maior o communica*; quem tem pouco, pouco recebe; quem muito tem, muito recebe. Por esta razão, as almas muito desapegadas e muito generosas conseguem fazer nas sendas do amor, pela communhão, progressos estupendos que ninguém, aquí na terra, é capaz de compreender e que mais tarde, na eternidade, hão de ser o

1. *Matheus*, VII, 2.

2. *Matheus*, IX, 20.

3. *Lucas*, VI, 19.

princípio de uma immensa felicidade. *Qui habet, dabitur ei et abundabit; qui autem non habet, etiam quod habet auferetur ab eo*: áquelle que já tem, dar-se-á ainda e ficará na abundância; áquelle que não tem — se, voluntariamente, por odioso abuso de graças, é que fica empobrecido — tirar-se-lhe-á até o que tem.»(1)

169. — A preparação immediata á santa communhão deve consistir em excitar ou renovar, no coração, estes sentimentos de fé, de confiança, de desejo, de humildade, de contrição e de amor. Santo Affonso compôs fórmulas de actos destas virtudes muito espalhadas e das quais muito se pode aproveitar. O bemaventurado Grignon de Montfort recommendava de commungar em união com a Santíssima Virgem. Garante-se o fructo da communhão pedindo a esta boa Mãi seu amparo para um acto tão santo e supplicando-a de emprestar-nos, a nós seus filhos, seu próprio coração para nelle recebermos a Jesus.

170. — Quando o Salvador instituiu a Eucharistia, começou dando graças a Seu Pai, e, depois da Ceia, entoou, com seus apóstolos, o cântico de acção de graças: *Hymno dicto*. (2) Que acções de graças não se devem a Deus depois do favor inestimável da communhão! Quem agradece a Deus Seus benefícios, recebe outros de Sua divina liberalidade. Segundo o pensamento de são Bernardo, as graças são como as águas dos rios: vão para o mar, para de novo voltarem aos rios; assim as graças que o tributo da gratidão faz, por assim dizer, subir outra vez até o throno do Senhor, recaem mais abundantes, trazendo nova fecundidade. O descuido na acção de graças é, a um tempo, grosseria e negra ingratidão para com Nosso Senhor; priva a alma dos felizes effeitos da communhão. «Não há oração mais agradável a Deus e mais útil á alma, disse santo Affonso, do que a que se faz na acção de graças depois da communhão.»

1. *Matheus*, XIII, 12.

2. *Matheus*, XXVI, 30.

O menos que se pode consagrar a êste exercício, fora o caso de absoluta impossibilidade, é um quarto de hora, logo depois da communhão. Convém ainda renovar, no decurso do dia, seus protestos de gratidão e amor Àquelle que deu tamanha prova de devotamento e bondade. A acção de graças deve ser attenta e fervorosa : nunca, em instante algum, estará o Senhor mais disposto a conceder Suas graças. Elle vem com as mãos cheias ; seria uma loucura obrigá-Lo, pela indiferença e tibieza na oração, a levar outra vez, para o céu, os dons que desejava outorgar.

Os livros de piedade contém excellentes fórmulas de acção de graças, por exemplo, as de santo Affonso. Todavia, não há negar, *as melhores são as que brotam do coração*. Querendo recorrer a fórmulas impressas, para melhor fixar o espírito, convém, antes de rezá-las, adorar affectuosamente o Divino Hóspede, manifestar-Lhe toda a nossa gratidão, todo o nosso amor.

Sendo tão precioso o tempo da acção de graças, o tentador, não raro, redobra de esforços para distrair a alma piedosa e impedí-la de entreter-se com seu Deus. *Impõe-se a luta* : cumpre usar de energia para repellir todas as distrações e cuidados que importunam a alma. Um método seguido com rigor durante alguns minutos pode guiar vantajosamente e auxiliar a afastar o inimigo. Pode-se, ainda, recorrer á recitação lenta e meditada do *Magnificat*, que tão cabalmente exprime os sentimentos de gratidão, ou de outro qualquer cântico ou psalmo de acções de graças. Mas, repitamo-lo, o melhor é deixar o coração falar e entregar-se ao amor.

## CAPÍTULO XXVIII

### Assistência á Missa e Visita ao SSmo. Sacramento.

171. — Por uma misericórdia de Deus, á qual nunca nos mostraremos bastante gratos, depois da promulgação dos decretos do Santo Padre, o Papa Pio X, as almas pie-



dosas que assistem quotidianamente á santa Missa, geralmente não deixam de approximar-se da Sagrada Mesa. Poderia, talvez, parecer supérfluo tratar da assistência ao sacrifício da Missa depois de haver falado da Comunhão. Entretanto, são, para a alma fiel, duas graças distintas ; e os fructos da assistência á missa são, em si, tão preciosos que convém conhecê-los bem : As pessoas que não podem commungar, ou que, havendo commungado numa primeira missa, têm a facilidade de assistir a outra, serão tanto mais levadas a participar do santo sacrifício, quanto melhor lhe compreenderem os effeitos salutaes.

172. — O sacrifício da missa, por ser *o sacrifício do próprio filho de Deus*, representa o que há de mais excellente, de mais sublime. « Quando vêdes no altar, diz são João Chrysóstomo, o sagrado ministro elevando para o céu o santo holocausto, não creiais que este homem seja o verdadeiro sacerdote ; mas, fixando vossos pensamentos acima do que impressiona os sentidos, considerai a mão de Jesus Christo invisivelmente extendida. » (1) E' o mesmo sacerdote ; é a mesma vítima do Calvário. A morte do Salvador e a santa missa não são dois sacrificios differentes, mas um só e mesmo sacrificio. Somente a maneira de offerecê-lo é que differe, segundo no-lo ensina o Concílio Tridentino.

Com o mesmo fim por que se immolou no Calvário, Jesus renova o mesmo sacrificio sôbre o altar. Presta, a seu eterno Pai, homenagens de *adoração* verdadeiramente dignas d'Elle, porque, offerecidas por um Deus que se aniquila, têm preço infinito. Offerece-Lhe as únicas *acções de graças* capazes de agradecer-Lhe condignamente todos os benefícios concedidos á humanidade. Offerece-Lhe, pelos peccados do gênero humano, *expições*, as únicas que podem igualar a gravidade das offensas. Emfim, *pede* para todos e alcança os socorros necessários para a salvação e até uma superabundância de graças.

Um Deus que, pelos homens, adora, agradece, expia e impetra e, para cumprir esta missão, se aniquila até assumir a forma de uma hostiazinha, pábulo de suas criaturas, que maravilha ! E assim Deus é honrado tanto quanto o merece e as dívidas que o homem nunca poderia pagar, são saldadas. O próprio Deus nada podia inventar : não podia dar aos homens mais tocante prova de amor nem mais rico thesouro de graças.

Aos méritos infinitos de Christo junta-se ainda a efficácia da *oração da Igreja* que ora pela bôcca do padre, seu representante. A Igreja, Espôsa de Jesus, tão poderosa sôbre Seu Coração, intercede, pois, na missa ; e que profusão de graças esta sua súplica não faz chover sôbre seus filhos !

Eis as fontes de graças a que se saciam os que assistem ao divino sacrifício ! Participam das homenagens que Jesus presta a seu Pai e, desta maneira, honram dignamente a seu Deus ; agradecem com Jesus ; imploram perdão e também intercedem com o Verbo infinito ; oram com sua Mãe, a santa Igreja. Quantos bens espirituais não adquirem assistindo com fervor á santa missa !

**173.** — Porisso, quanta veneração e estima têm demonstrado pelo sacrifício da Missa os verdadeiros amigos de Deus, os quais, com as luzes do Espírito Santo, apreciam tão devidamente as cousas santas! São Leonardo de Porto Maurício, prostrado pela doença, arrastava-se á missa e respondia aos que queriam retê-lo : « Não ! irei ; uma missa vale mais que todos os thesouros. » Santa Joanna d'Arc, na sua ida para Chinon, insistia sem tréguas com seus companheiros, para que assistissem á santa Missa e tanto instava que conseguia a sua assistência diária. Santa Germana Cousin, sentia-se como que magnetizada ao ouvir os sinos annunciarem o santo sacrifício ; confiava suas ovelhas á custódia dos anjos e corria a assistir a missa e seu rebanho foi sempre muito bem guardado. O santo Cura d'Ars conseguiu que a maior totalidade de seus parochianos assistisse

cada manhã os sagrados mystérios. Um dos mais célebres solitários da Palestina, santo Euthymo o Grande, no quarto século, via legiões de anjos a cercarem o altar durante a celebração do santo sacrificio. Muitos outros santos vertiam lágrimas de amor ou caíam frequentemente em êxtase quando tinham a felicidade de assistir á missa. São Felipe de Neri escondia-se para celebrar por causa dos êxtases que muitas vezes o surpreendiam no altar.

174. — O valor do divino sacrificio é illimitado ; é como um oceano sem fundo no qual cada um haure *conforme suas disposições e seu fervor*. Os fructos que d'elle colhemos, estão na razão directa de nossa fé, da nossa confiança, da nossa religião e, sobretudo, do nosso amor. Para mais perfeitamente exercitar estas virtudes, podemos recorrer a vários métodos. Podemos, ou acompanhar attentamente as orações litúrgicas tão lindas e cheias de unção ou meditar no drama do Calvário, de que a missa é o memorial, imaginando estarmos na companhia de Maria Santíssima, de João, de Magdalena, ao pé da Cruz, ou aplicar-nos, emfim, a apresentar successivamente a Deus, em união com Jesus, nossas adorações, nossos agradecimentos, nossa expiação e nossos pedidos, conforme o fim do sacrificio. Rezando piedosamente o têrço, assistimos frutuosamente á missa. Também, e com grande proveito, podemos continuar a nossa meditação, principalmente se nos encontramos numa disposição de amor puro e intenso, e ficarmos intimamente unidos a Jesus, quer nas súplicas e nos ímpetos de amor, quer num amoroso silêncio. Na última Ceia, são João, descansando sôbre o Coração de Jesus, contentava-se com amar. No dia seguinte, elle, Magdalena, as santas mulheres e a própria Maria Santíssima, amavam, choravam e calavam.

### Visita ao Santíssimo Sacramento.

175. — A alma desejosa de progredir no amor de Deus não deixa, quando seus deveres de estado não lho prohibem

absolutamente, de ouvir, cada manhã, a missa e de receber a sagrada communhão. Além disso, diligencia voltar, á tardinha, diante do tabernáculo, para prestar suas homenagens a Jesus.

Com effeito, não é só de manhã que o divino Mestre reside em nossás igrejas. Alí está sempre, e sempre para nós ; está á nossa espera : será justo que O deixemos sozinho todo o resto do dia sem voltarmos para repetir-Lhe nosso amor e conversar com Elle? Alí está, não num throno de glória, mas num throno de bondade e de misericórdia. A êste Cordeiro divino immolado por nós, são devidos louvores, honra, glória e poder nos séculos dos séculos. (1) Estas homenagens, infelizmente, os homens não as prestam como devem ao Deus da Eucharistia ; é uma felicidade, para a alma piedosa, consolar a êste Rei desconhecido, desagrává-Lo da indiferença de muitos, indo, para isso, cada dia, ao templo, fazer alguns instantes de guarda. Hoje, como sempre, o meigo Salvador, acha suas delícias no convívio com os filhos dos homens ; toda alma que O ama deveras quer dar a Jesus esta alegria e delicia-se em Lhe fazer companhia. Não estais ouvindo o Prisioneiro de amor dirigir-vos, sem cessar, lá do fundo do tabernáculo, êste doce convite : « Vinde a mim, vós todos que andais fatigados, vós que vergais ao pêso do fardo, eu vos aliviarei »? Bem raros são, na vida humana, os dias claros, sem nuvem : solitudes, angústias, labores estafantes, difficuldades mil, ora exteriores, ora íntimas, numa palavra, penas de todo género torturam alternativamente e, não raro, simultaneamente, nossos pobres corações. Então, o melhor de nossos amigos, o verdadeiro consolador, o único capaz de espancar as trevas, de nos confortar em nossos desalentos, chama-nos, atrainos a Elle. Quão insensatos são os que não respondem a êste amoroso convite e deixam de haurir no seu Coração divino a paz e a coragem de que necessitam !

1. *Apoc.*, V, 13.

São Francisco Xavier, quando evangelizava as Indias, depois de haver trabalhado o dia inteiro, de sol a sol, catechizando os pagãos convertidos, ia, muitas vezes, para descansar, passar a noite junto do Santíssimo Sacramento. O mesmo fazia são Francisco Régis : antes do nascer do dia ia á Igreja e, encontrando-a fechada, ajoelhava-se diante da porta, exposto á chuva e ao frio, até que se abrisse. São Wenceslau, rei, ia a pé, na calada da noite, com o solo coberto de neve, visitar as igrejas. Todos os outros santos, todos os verdadeiros amigos de Deus sempre experimentaram êstes mesmos atractivos para com o Tabernáculo.

As regras da oração mental que já demos, convém á visita do Santíssimo Sacramento : preparação e presença de Deus, recordação das bondades divinas, do amor de Jesus, actos de gratidão, de humildade e de contrição, pedidos, protestos, promessas e, acima de tudo, amor. A visita ao Santíssimo Sacramento é, a bem dizer, a meditação da tarde, a conversa cheia de abandono e ternura para com o divino Amigo.

Poder-se-ia, mormente em estado de secura ou quando a braços com grandes distrações, valer-se de um livro como a *Imitação de Christo*, o 4.º livro particularmente, ou as *Visitas ao Santíssimo Sacramento*, de santo Affonso. Seria ainda de real vantagem começar êste exercício pela leitura lenta, pausada dos hymnos litúrgicos de santo Thomaz de Aquino : *Pange lingua, Adoro te, Sacris solemniis, Lauda Sion, Verbum supernum*.

## CAPÍTULO XXIX

### Leitura espiritual.

#### 1. Importância da leitura espiritual.

176. — Um dos exercícios de piedade que, no decorrer dos séculos, foi mais recommendado aos fiéis que se applicam com esmêro ao serviço de Deus, é, sem dúvida, a leitura espiritual.

São Paulo escrevia a Timótheo : « Applica-te á leitura. » (1) E, falando-lhe dos livros sagrados : « Toda Escritura divinamente inspirada, é útil para ensinar, convencer, formar á justiça (isto é, á vida perfeita), afim de que o homem seja perfeito, apto a toda boa obra. » (2) Nunca se avaliará aquí na terra, o mal que têm feito os maus livros : por elles espalharam-se todas as heresias, por elles foram seduzidas e corrompidas innúmeras almas ; mas, também, ninguém poderá avaliar o bem immenso produzido pela Santa Escritura e por tantos e tantos bons livros que lhe retratam a doutrina. « A leitura das Letras Santas é a vida da alma, » (3) ensina santo Ambrósio ; \*o Senhor o declara quando diz : « As palavras que eu vos dirigi, são espírito e vida. » (4) « Não vereis ninguém verdadeiramente dedicado ás obras de Deus que não seja fiel á leitura, » affirmava santo Athanásio numa exhortação a religiosos. São Jerônimo escrevia a Eustóchia : « Surpreenda-te o somno lendo e adormece sôbre a Escritura Santa. » « A leitura dos livros de piedade, diz santo Affonso, não é menos útil á piedade que a meditação. » (5)

« A parte dedicada á leitura, na ordem benedictina, refere Mabillon, (6) era considerável. Davam-se a cada um todos os dias, depois de Prima, pelo menos duas horas de leitura, e três na Quaresma. Além disso, empregava-se, na leitura, o tempo que sobrava entre Matinas e Laudes, no inverno, e entre o jantar e Vésperas, desde o mês de outubro até a Quaresma. O tempo dos domingos, depois dos officios divinos e da oração, consagrava-se exclusivamente á leitura. »

Os fundadores de ordens impuseram, todos, a leitura espiritual a seus discípulos ; todos della fizeram um ponto de regra ao qual attribuiram uma importância capital. Todos quizeram que os religiosos não se contentassem com as lei-

1. *I Tim.*, IV, 13.

2. *II Tim.*, III, 16.

3. Serm. 35.

4. *João VI*, 63.

5. Obr. ascet., T. XI, cap. XVII

6. *Antiquitates*, lib. III, cap. VII

turas feitas em voz alta no refeitório, mas que fisessem outra num momento mais favorável ás salutaes reflexões. Quando elegeram santo Thomaz de Villanova prior de seu mosteiro, seu primeiro cuidado, para allí fazer reinar o fervor, foi zelar pela fidelidade de todos os religiosos á meditação e á leitura espiritual. Na *Introducção á vida devota*, (1) são Francisco de Sales, escrevendo para as pessôas do mundo, diz : «Tende sempre á mão algum bello livro de devoção.» O bemaventurado Eudes, dirigindo-se também á massa dos fiéis, no seu *Reino de Jesus*, repete : «Aconselho-vos e exhorto-vos, quanto posso, a que não deixeis passar nenhum dia sem lerdes algum bom livro, no mínimo durante meia hora.

177. — *Factos numerosos* têm sido registrados, que demonstram a efficácia dêste santo exercicio. A leitura da Escritura Sagrada dispusera santo Agostinho a voltar para Deus ; a narração que ouviu da conversão e da vocação á vida monacal de dois officiaes do imperador Theodósio, conversão e vocação devidas ambas á leitura da vida de santo Antão, abalou-o profundamente ; emfim, a leitura de um trecho das Epístolas de são Paulo foi o último golpe que a graça lhe desfechou para arrancá-lo ao peccado e atirá-lo aos pés de Deus. Santo Ignácio era um official brioso que sonhava façanhas mundanas, quando a leitura da vida dos santos o decidiu a seguir-lhes o exemplos. São João Colombini estava lendo com enfado, por mera condescendência para com sua espôsa, um livro de piedade, quando sentiu em seu coração uma mudança tão repentina e tão profunda que renunciou logo ao mundo e dedicou-se de corpo e alma ao trabalho de sua santificação. Aos bispos que o interrogavam sôbre qual tinha sido o princípio de seu fervor, são José de Cupertino respondeu que a leitura da vida dos Santos que se fazia no refeitório, muitas vezes o enternecera e o levára a imitá-los. Narra santa Theresa como, sendo criança ainda, as leituras piedosas nella despertaram o

---

1. II, 17.

desejo do martýrio e como, mais tarde, os livros de piedade alimentaram e incrementaram seu fervor. O Snr. Acarie surpreendera um dia sua espôsa absorta na leitura de um livro frívolo ; correu immediatamente ter com seu próprio confessor ; voltando com uma carga de livros de piedade, prohibiu á espôsa de ler outros. Ella obedeceu. Assim achou-se, em breve, completamente transformada e veio a ser a santa que em Paris, no fim do século 16, exerceu a maior e a mais salutar influência. Viuva, ingressou no Carmelo e a Igreja elevou-a á honra insigne dos altares, sob o nome de Beata Maria da Incarnação. (1)

Aquí estão apenas alguns exemplos escolhidos entre uma infinidade de outros ; mas, pode-se affirmar, em resumo, que todos os Santos encontraram na leitura espiritual um grande estímulo para sua generosidade e um dos mais poderosos meios de santificação.

**178.** — Insensato seria pensar de outra maneira. A leitura dos livros santos, dos livros de piedade, illumina e instrue ; *nutre e desenvolve a fé* ; excita em nós *santos desejos*, doces esperanças e nobre ardor. « Não poderás tu o que êstes e estas puderam ? » dizia a santo Agostinho (2) a voz da graça. A graça fala do mesmo modo a quem lê uma vida edificante. Os que fazem dos maus livros uma leitura habitual, corrompem-se e perdem-se ; os que, de ordinário, lêem livros frívolos ou profanos, ficam numa atmospheria toda terrestre ; os que sempre lêem livros edificantes, são fortemente incitados a santificarem-se. A leitura espiritual lembra-nos o que Deus tem feito por nós, o que tem direito de esperar da nossa submissão e da nossa gratidão ; mostra-nos que nosso interêsse está em servir unicamente a êste grande Deus. Faz-nos conhecer as virtudes tão bellas, tão invejáveis, que nos faltam, os defeitos de que nos devemos corrigir e os meios a empregar para nos emendarmos e progredirmos. Incita-nos á oração ; facilita e suaviza a medi-

1. V. A Invasão mystica do Pe. Brémond.  
6. Conf., VIII, 11.



tação e torna nossos esforços mais generosos e mais perseverantes. Os trabalhos, os negócios, as notícias e os boatos do mundo, muitas vezes, avassalam nosso espírito, afastam-nos de Deus e abafam os santos pensamentos ; as piedosas leituras, ao contrário, despertam em nós o amor divino e nos reconduzem a Deus.

179. — Toda alma que deseja adiantar-se na piedade, tem a obrigação de evitar as *leituras vãs e profanas* e dedicar-se ás santas leituras. «As leituras profanas, declara são Boaventura, geram os vãos pensamentos, matam a devoção, corrompem o espírito em vez de edificá-lo.» (1) Quantas almas christãs, que dão demasiado tempo á leitura de livros frívolos, dos jornais, etc., lucrariam muito mais e tirariam vantagens eternas com as leituras espirituais que desprezam !

São Jerônimo, numa carta a Eustóchia, conta uma visão que teve sobre o resto de sua vida a influência mais salutar. Era naquelle tempo em que elle começava a levar a vida monacal á proximidade de Antiochia. Enfadavam-no os Livros sagrados que pouco lia ; agradava-lhe, pelo contrário, a elegância dos autores profanos e, assim, fazia sua leitura predilecta nas obras de Cícero, de Plauto, de Virgílio. Transportado em espírito perante o tribunal de Deus, perguntou-lhe o Juiz quem era. «Sou christão,» respondeu elle. — Mentos, retrucou-lhe o Juiz, és ciceroniano ; pois, onde está teu thesouro, allí está teu coração.» E deu ordem de fustigá-lo. Implorou, então, a clemência divina e conseguiu ser poupado depois de haver promettido nunca mais ler livros mundanos. Não era, na verdade, um sonho ôco e vão. Na hora do despertar, continua o santo doutor, sentí muito bem que era uma realidade, pois eu levava nos ombros os sinais das chicotadas que havia recebido. Desde então, tenho lido as santas Escrituras com mais ardor que dantes os livros profanos.»

1. Opusc., 14.

## 2. O que é preciso ler e como é preciso ler.

180. — Quais são os livros que convém ler para esclarecer e incrementar a piedade? Colloquemos na primeira plana a *Escritura inspirada* ou os livros do Antigo e do Novo Testamento e, muito particularmente, o Evangelho. Há, na palavra de Deus, uma fôrça maravilhosa, um admirável poder de illumination, um manancial inesgotável de salutaes impulsos ; pode-se reler sem cessar o Evangelho, e sempre se encontrarão novas luzes, sempre se haurirá nova coragem. Tais livros são a obra de Deus que nelles pôs uma virtude occulta que opera em toda alma que os lê com respeito e amor.

Depois da Bíblia, *os livros compostos pelos santos* são os mais salutaes. Reflectem melhor a doutrina do Evangelho; compostos, não como a Sagrada Escritura, sob a inspiração infallível, mas sob o impulso e com as luzes do Espírito Santo, trazem consigo a unção da graça. Pode-se dizer dos livros dos santos, o que Jesus dizia de seu precursor : são chammas ardentes e brilhantes, fôcos de luz e de calor ; illuminam a alma e incrementam-lhe o fervor. As obras dos Padres e Doutores da Igreja, santo Agostinho, são Jerônimo, são Gregório, são Bernardo, santo Ignácio, são João da Cruz, são Francisco de Sales, santo Affonso de Ligório, santo Alberto Magno, o B.<sup>o</sup> Suzo, são João Eudes, o B.<sup>o</sup> Grignon de Montfort, o V.<sup>el</sup> Libermann, santa Gertrudes, santa Mechtilde, santa Brígida, santa Catharina de Senna, Santa Catharina de Gênova, santa Theresa, santa Maria Magdalena de Pazzi, etc., têm feito na Igreja um bem incommensurável. Que bem não têm feito igualmente as obras de autores que, embora não canonizados, tinham, em grau elevadíssimo, o espírito do Evangelho ! Receberam certamente de cima, e cumpriram dignamente a missão de esclarecer seus irmãos. Assim podem citar-se as Conferências e Instituições de Cassiano, a Imitação, os livros de

Tauler, Luiz de Blois, Dyonísio o Cartucho, Granada, Rodriguez, Lallemand, Surin, Luiz Dupont, Grou, Mons. Gay. Citemos ainda, sempre entre os mortos, Gerson, Thomaz de Jesus, Saint-Jure, o P.<sup>e</sup> Faber, etc.

**181.** — De duas espécies são os livros próprios para leitura espiritual : *os livros de doutrina e as vidas de santos personagens*. Os primeiros nos ensinam o que devemos fazer; os últimos nos mostram o que tantos homens e tantas mulheres têm feito, elles que tinham a nossa natureza e, por conseguinte, nossas fraquezas e nossos defeitos. *Verba movent, exempla trahunt*, as palavras commovem e os exemplos arrastam ; até as vidas inimitáveis, na opinião de são Francisco de Sales, « não deixam de despertar um grande desejo do santo amor de Deus. » (1)

As vidas dos Santos têm, pois, mais efficácia para nos induzir á prática da virtude que as lições mais sábias. Quantos grandes servos de Deus nellas têm encontrado suas delícias ! Era a leitura de predilecção de são João Baptista de la Salle, e o V<sup>el</sup>. João de l'Hopital a fazia de joelhos com um respeito igual ao seu fervor. Nos séculos passados, encontrava-se a Vida dos Santos na maioria dos lares christãos e êste livro tão precioso contribuia extraordinariamente para conservar nas famílias os sentimentos de fé, de fidelidade a Deus. Entretanto, não bastam os livros históricos. Os livros doutrinaiis, cheios de bons conselhos, de lições salutaes, de exhortações suaves e fortes, são necessários a quem quizer progredir na virtude. Cumpre, pois, alternar, lendo ora biographias edificantes, ora livros didácticos.

Na escolha dêstes últimos, é preciso ouvir o aviso do director espiritual e cada qual deve consultar seus gôstos e as necessidades de sua alma ; porquanto, o que melhor convém a uns, convém menos a outros e é somente lendo que se poderá julgar do fruto desta ou daquella leitura.

1. Vida devota, II, 17.

Desde que experimentámos que um livro nos fez muito bem, convém que o tornemos a lêr mais tarde. Tiraremos, assim, proveito muito maior do que lendo outras obras que lisonjeariam, talvez, a nossa curiosidade, mas nos dariam menos luz e menos comfôrto. *Lucra-se muito na leitura repetida de óptimos livros*, entendem-se melhor e saboreiam-se mais perfeitamente numa segunda leitura. Santo Thomaz de Aquino tinha constantemente debaixo dos olhos, sôbre sua mesa de trabalho, as *Conferências* de Cassiano e não se cansava de relê-las. Santo Ignácio gostava sobremaneira da Imitação. « Há quinze annos, escrevia a santa Joanna de Chantal, são Francisco de Sales, que trago no bôlso o *Combate espiritual* e nunca o leio sem proveito. »

Mesmo quando se lê uma obra pela primeira vez, importa percorrê-la lentamente, attentamente, de maneira a bem comprehendê-la e compenetrar-se das verdades que nos apresenta. « Quando ledes, diz santo E'phrem, não vos contenteis em folhear o livro ; mas, lede antes duas, três ou mais vezes a mesma passagem afim de lhe apanhar perfeitamente a significação. » (1) Por êste motivo é que as leituras privadas são geralmente mais fructuosas do que as que se fazem em commum.

**182.** — Não basta ler. « *Multi legunt et ab ipsa lectione jejuni sunt*, diz são Gregório : muitos há que lêem e que não tiram de sua leitura alimento algum. » (2) E' preciso lêr com piedade, em espírito de oração, « visando, não tanto adquirir sciência como provar, saborear as cousas divinas, » recommenda são Bernardo : *Si ad legendum accedat, non tam quaerat scientiam quam saporem.* » (3) Antes de começar a leitura espiritual, deve-se, pois, elevar o coração a Deus, pedindo-Lhe Suas luzes, repetindo com Samuel : « Falai, Senhor, o vosso servo escuta. » *Qui legit intelligat* : « Quem ler isto entenda, » costumavam acrescentar os evangelis-

1. Lib. de patientia et consum.

2. In Ezech. hom. X.

3. In spec. monach.

tas, depois de referirem as palavras do Salvador. (1) Mostram, com esta observação, que nem todos compreendem bem o que lêem. Na tarde da Páscoa, Jesus resuscitado abriu o espírito de seus apóstolos afim de elles entenderem as Escrituras, das quais, até então, não haviam tido a clara compreensão. Uma simples mas fervorosa oração dispõe, pois, a aproveitar muito melhor êste santo exercício.

E' preciso ainda ler *com fé e respeito*, com docilidade e com *um vivo desejo de tirar proveito* das lições que vão ser offerecidas. « As Santas Escrituras, ensinava santo Agostinho a seu povo, são como cartas que vêm da nossa pátria celeste. » « Quando oras, falas com teu celeste Espôso, escrevia são Jerônimo a Eustóchia ; quando lêes, é Elle que fala comtigo. » (2) E são Francisco de Sales, falando das obras dos Santos : « Lêde todos os dias um bocadinho com grande devoção, como se lêsseis missivas que os Santos vos houvessem mandado do céu para vos mostrarem o caminho e vos darem coragem para lá ir. » (3)

Lêr-se-á com mais proveito se se evitar a precipitação e a curiosidade e se, no correr da leitura, se parar de tempo em tempo para meditar e saborear as boas cousas que se encontrarem e pedir a graça de fielmente seguir os conselhos dados. « Os Santos, diz Rodriguez, aconselham-nos que façamos, quando lemos, o que fazem os pássaros quando bebem : bebem aos golinhos e, cada vez que o fazem, levantam a cabeça para o céu. (4) *Oratio lectionem interrumpat*, pede são Bernardo, « suspenda-se a leitura para orar. » A leitura praticada em espírito de oração, approxima de Deus; é, com a meditação, o principal alimento da vida interior.

1. *Matheus*, XXIV, 15 — *Marcos*, XIII, 14.

2. Ep. 22.

3. Vida devota II, 17.

4. V Tratado, cap. 28.

## CAPÍTULO XXX

**Santificação das acções ordinárias.**

183. — « Ou comais, ou bebais, ou qualquer outra coisa façais, fazei tudo para a glória de Deus. » De toda a eternidade, a vida dos homens na terra, foi traçada pelo Criador e os menores actos desta vida, quando conformes ás leis divinas, entram no plano da Providência. Porisso, todas nossas acções, se feitas como Deus quer, tendem para sua glória e para nossa vantagem e quanto maior fôr a perfeição com que fôrem executadas, tanto mais glorificarão a Deus e prepararão a felicidade dos filhos de Deus.

Todas as acções da nossa vida tendem para a glória de Deus : as acções necessárias á conservação da vida, como os trabalhos com os quais cumprimos nossa missão, e, até, o descanso em que o corpo renova suas fôrças, o coração se dilata e o espírito se expande e que nos torna mais aptos a novos trabalhos. Nestas diversas acções da vida humana, com effeito, manifestam-se as perfeições de Deus : Seu poder que realiza todas as maravilhas por meio das quais nossa vida se conserva e se desenvolve e nos dá a faculdade de cumprir os deveres do nosso estado ; Sua sabedoria que « tudo dispôs com número, pêso e medida, »(2) designando, neste immenso organismo, que é a sociedade humana, a cada um sua missão própria e dando-lhe os meios para cumpri-la ; Sua bondade, que em tudo procura o nosso bem e tudo ordena para nossa eterna vantagem. No céu, onde todos os planos de Deus apparecem numa deslumbrante claridade, êste poder, esta sabedoria, esta bondade fazem a admiração dos anjos e dos eleitos. Elles vêm êstes attributos divinos brilharem em toda criatura humana que,

1. *I Cor.*, X, 31.

2. *Sab.*, XI, 20.

aquí na terra, representa dignamente o papel que a Providência lhe designou e, assim, serve a seu Deus, contribue para o bem geral da humanidade e, ao mesmo tempo, consegue para si uma felicidade e uma glória que não hão de ter fim.

Este duplo fim, — a glória de Deus e nossa eterna ventura, — nossas acções as mais communs o alcançam tanto melhor quanto maiores forem a pureza de intenção e a perfeição com que as fazemos.

**184.** — PUREZA DE INTENÇÃO. — Desde que a vontade de Deus, ao chamar cada um de nós a seu posto, nos impõe o gênero de vida que devemos levar, é obrigação nossa, antes de mais nada, *conformarmo-nos com esta vontade divina* e propormo-nos cumprí-la fielmente. Os mínimos pormenores de nossa vida recebem, desta conformidade, um valor sobrenatural. Alguém que, nas suas emprêsas e occupações, tivesse exclusivamente em vista os meios de se proporcionar gózos ilícitos, despojaria seus trabalhos de todo merecimento. Quem, pelo contrário, com todo desapêgo de cousas terrenas e inteira abnegação de si, visasse tão somente o beneplácito divino, adquiriria, até com os actos mais simples, mas da vontade de Deus, como as refeições, o somno, os recreios, um thesouro de merecimentos.

Entre estas disposições extremas, há lugar para innúmeros gráus de intenções mais ou menos puras, podendo o desejo das satisfações da natureza e preocupações de vanglória, cogitações puramente humanas, mesclarem-se em proporções muito variáveis com o desejo da glória de Deus.

**185.** — PERFEIÇÃO DAS ACÇÕES ORDINÁRIAS. — O Criador, olhando para o conjuncto de suas obras, viu que tudo era óptimo. (1) Elle, o Ser perfeito, não pode deixar de amar o que é perfeito. Porisso, o Pai eterno pôs todas suas complacências em seu divino Filho, e as testemunhas de suas

1. *Gén.*, I, 31.

obras diziam : « *Bene omnia fecit*, tudo fez bem » (1). A vontade certa de Deus é que envidemos o melhor de nossos esforços para fazer perfeitamente o que é de nossa obrigação.

Esta applicação contínua em agradar a Deus, nos mínimos actos da vida, é a prova do grande amor que se Lhe tem. Não disse Jesus : « Quem é fiel nas pequenas cousas, sê-lo-á também nas grandes ? » E, com effeito, é preciso uma attenção constante e muita coragem para impor á natureza, rebelde ao esforço, esta vigilância e êste trabalho de todo instante, de que só as almas amantes são capazes. Mas, ahí está um manancial de grandes merecimentos e um meio efficaz de purificar a própria alma. O desleixo e a indifferença, ao contrário, revelam uma alma pouco fiel a Deus ; e quem pretendesse levar uma vida de piedade e permanecer na mesma indolência, no mesmo pouco caso, lavraria em deplorável illusão. Maior e mais frequente é a illusão dos que, sem sombra de remorso, desempenham rapidamente, sem o necessário cuidado, seus deveres de estado para darem mais tempo e attenção a occupaões agradáveis, de seu gôsto e não da vontade de Deus.

Deus quis que os maiores Santos que passaram por êste mundo, — a Santíssima Virgem Maria e o glorioso são José, — consumissem sua vida em trabalhos humildes e occupaões vulgaríssimas, para nos ensinar que a fidelidade amorosa ás mais comezinhas obrigaões e a perfeita prática das virtudes que exigem, podem elevar uma alma á mais alta santidade.

**186.** — MEIOS PARA MELHOR SANTIFICAR TODAS AS ACCÕES. — Importa muito, para agir com mais perfeição, não dividir sua attenção e não se preoccupar senão com o dever presente. « Cada cousa a seu tempo : há um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para se-mear e um tempo para colher . . . um tempo para chorar e um tempo para rir, um tempo para se calar e um tempo

1. *Marcos*, VII, 37.



para falar.» (1) «*Age quod agis*, faze o que tu fazes.» Esta sentença dos antigos encerra um conselho de grande sabedoria, porque, se, na hora da oração, se está preocupado com a acção, rezar-se-á mal ; (2) se, cumprindo um dever, procura-se por que meios se poderá depois conseguir algum divertimento ou entregar-se a outros misteres, o dever presente será forçosamente desempenhado com distracção e desleixo.

A lembrança dos novíssimos, habitual para as almas de fé, anima-as muito a bem cumprirem o que fazem : «Em todos os vossos actos, em todos os vossos pensamentos, diz a Imitação, (3) deveríeis portar-vos como se estivesseis já na hora da vossa morte.» E' conhecida a recommendação de são Bernardo : «Cada um pergunte a si próprio, antes de começar cada uma de suas acções: se tivesses de morrer logo depois, farias tu isto ?» (4) E são Basílio, séculos antes, dissera : «Tem sempre diante dos olhos a tua última hora ; quando, ao amanhecer, te levatares, pergunta-te se chegarás á noite, e quando, á noite, te deitares, não tenhas por certo ver o dia seguinte.» (5) Não disse o divino Mestre : «Estai sempre promptos, porque, na hora em que não pensais, o Filho do Homem há de vir.» (6) O supremo Juiz há de nos surpreender como um ladrão, encontramos declarado várias vezes na Escritura. (7) Aquelle que prometeu o perdão aos penitentes, diz são Gregório, não prometeu o dia seguinte aos peccadores. (8)

1. *Eecl.*, III.

2. "Se durante os vossos exercícios espirituais, diz Rodriguez (I, part., II Tr., cap. IV) vos ocorrer qualquer pensamento de estudo, apresentando-vos alguma razão convincente sobre um ponto de importância, alguma luz sobre uma passagem escura, ou a solução de alguma d'úvida, afastai, repellí tudo isto, na certeza de que, em vez de perder, lucrareis muito. A sciência que se despreza pela virtude, assevera são Boaventura, adquire-se depois muito melhor pela própria virtude." *Scientia quae pro virtute despicitur, per virtutem postmodum melius invenitur.* (In spec. dis., 2, 5. 7.)

3. I, 23.

4. In spec. monach.

5. Inst. ad fil. spir.

6. *Lucas* XII, 40.

7. *I Thess.*, V, 2 — *Apoc.*, III, 3.

8. *Hom.*, XII, in *Ezech.*

«Conforma-te com o modelo que te foi mostrado em cima da montanha,» declarou o Senhor a Moysés. (1) Deus nos deu *modelos perfeitos* pelos quais é mister que pautemos nosso proceder : — os Santos, Maria, Jesus. — Como se teria portado são José? como teria agido a Santíssima Virgem no meu lugar? Com que summa perfeição não fez Jesus trabalhos semelhantes aos meus neste instante! . . . Mais ainda, somos os membros do corpo de Christo, que quer viver em nós, agir em nós e em nós continuar a obra que Elle começou na terra. Além de uma idéia rectíssima, é ainda uma prática excellente esta de unir-se a Jesus, de supplicá-Lo que dirija nossos pensamentos, inspire nossas palavras, ore, pense, trabalhe connosco e por nós.

Esta última indústria é melhor que as precedentes, quando se tem luz e pendor para observá-la, porque é um exercício de amor. Daremos, com effeito, a todos os actos tanto mais perfeição e valor quanto maior e mais ardente fôr o amor com que os fizermos.

**187.** — REGRA DE VIDA. — Nos actos da vida exterior, cumpre evitar a imprevidência que faz perder occasiões de praticar a virtude, a inconstância, a phantasia, o desperdício de tempo, etc. Foge-se destes defeitos e dá-se a seu proceder uma direcção toda sobrenatural, cingindo-se fielmente á própria regra ou, não sendo religioso, seguindo exactamene um bom regulamento.

Um bom regulamento de vida deve ser dado ou, pelo menos approvado por um guia espiritual. Deve, levando em conta a situação de cada um, repartir o tempo entre a piedade, o trabalho; o descanso e as diversões; indicar, ainda que summariamente, os meios para bem fazer cada cousa, desde que a perfeição da vida depende não tanto das obras como do modo de praticá-las. Fixará, pois, o tempo, a duração e a forma dos exercícios de piedade; indicará o que é preciso fazer diariamente, mensalmente, annualmente;

1. Ex., XXV, 40.

encerrará alguns conselhos sôbre os deveres de estado, as relações familiares ou sociais, sôbre os defeitos a evitar e as virtudes a praticar.

Sem ser muito meticuloso ou muito complicado, o regulamento de vida, não será nem incompleto nem vago. A relação exacta da maneira por que se cumpriu o regulamento, a declaração das infracções em que se incidiu é uma das finalidades mais úteis da direcção.

Parece, á primeira vista, que a regra, ou o regulamento, restringe a liberdade e impõe pesado fardo. Nada disso; executado com amor, torna mais amante a alma e mais virtuosa; liberta-a da sujeição aos seus defeitos e ajuda-a na conquista da plena liberdade dos filhos de Deus.

## CAPÍTULO XXXI

### Exame de consciência.

#### I. Necessidade dêste exercício.

188. — « Guarda teu coração com mais cuidado que tudo quanto deve ser guardado, pois d'elle é que jorram as fontes da vida. » (1) Estas palavras do Espírito Santo encerram uma das mais importantes recommendações para a vida espiritual. Aquelle que não se applica a guardar seu coração, a velar sôbre os seus movimentos, que não se incommoda nem com seus progressos, nem com suas faltas, expõe-se á decadência e á ruina espiritual. Por esta razão, o divino Mestre recommendou insistentemente a seus discípulos qu *vigiasssem sôbre si mesmos* : « Vigiai e orai, para não cairdes em tentação, pois o espírito está prompto mas a carne é fraca. » (2) « Vigiai, porque não sabeis a hora em que o Senhor virá. » (3) E os apóstolos não insistem menos que

1. *Prov.*, IV, 23.

2. *Matheus.*, XXXVI, 41.

3. *Matheus.*, XXIV, 42.

seu Mestre sôbre esta vigilância necessária. «Sêde sóbrios e velai, porque o demônio, vosso inimigo, qual leão rugidor, dá voltas em redor de vós, procurando quem devorar,» (1) adverte são Pedro. «Quem está de pé cuide de não cair,» (2) continúa são Paulo. «Bemaventurado quem vigia,» diz são João. (3)

Só é vigilante quem se estuda, se observa, procura conhecer-se e dirige com cuidado todos os seus actos tanto interiores como exteriores. «Nunca chegaremos a uma perfeita pureza de coração, affirma o P.<sup>e</sup> Lallemand, se não exercermos, sôbre os movimentos de nosso coração, uma vigilância tão estricta que nada ou quasi nada nos escape, que só tenda para a glória de Deus e de que possamos prestar-Lhe contas,» (4)

189. — Para conhecer-se e observar-se é preciso examinar-se profundamente. Os philosophos pagãos o admitiam : «Conhece-te a ti mesmo,» era uma de suas máximas e Pythágoras prescrevia a seus discípulos que cada noite examinassem de que maneira se haviam portado durante o dia. Cícero e Sêneca affirmavam haverem abraçado esta prática.

O exame de consciência quotidiano foi, em todos os tempos, encarecidamente recommendado pelos mestres da vida espiritual. «Santo E'phrem, segundo Scaramelli, (5) compara êste exame com a revisão de contas que, de manhã e de noite, faz o negociante desejoso de ver seu negócio prosperar. Examina tudo com cuidado ; certifica-se do lucro ou da perda que teve. (6) «Da mesma maneira, diz o Santo, se quisermos progredir na perfeição, é necessário que nosso negócio espiritual seja examinado cada dia.» Aquelle que não faz êste balancete de seus lucros e perdas, muitas vezes se illude, deixa-se levar pelos seus desejos im-

1. I Pedro, V, 8.

2. I Cor., X, 12.

3. Apoc., XVI, 15.

4. Doct. sp. IV Pr. cap. IV, a. 7.

5. Serm. de vita relig.

6. São João Clímaco faz a mesma comparação.

moderados, esbanja seus bens e corre á sua ruina ; assim também quem nunca ou quasi nunca examina sua consciência, amontôa insensivelmente faltas sôbre faltas e ficará horrivelmente surpreendido no dia do juízo. « No fim do dia, terminada toda occupação corporal e espiritual, cada um fará muito bem, antes de ir repousar, se examinar cuidadosamente sua consciência para descobrir as faltas que, por accaso, haja commettido durante o dia que acaba de passar. » (1) « E' o sêllo dos eleitos o examinarem seus actos e indagarem dos pensamentos que os produziram e o dos réprobos é cegarem-se a si mesmos, não querendo ver os males que commettem. »

Examinam-se as faltas para dellas ter-se mais viva contrição, pedir humildemente perdão a Deus, e também, prevenir a recaída. O exame de consciência deve pois, attingar *dois fins* : *purificar nossa alma quanto ao passado e, quanto ao futuro, torná-la mais circumspecta e menos culpada.* Santo Agostinho, emprestando uma comparação á navegação, conforme se praticava no seu tempo, diz-nos : « Não deixemos de purificar-nos até das mais leves faltas, porque, do contrário, acontecerá como aos navios em que a água se vai infiltrando pelas minúsculas fendas e a sentina se vai enchendo : se não se prestar attenção, o navio não tardará muito a sossobrar ; os marujos, porisso, não cessam de manobrar e estancar cada dia a sentina. Vós, também, manobrai todos os dias para esvaziar vossa sentina, isto é, vossa consciência, por um sério exame. (2)

Este exercício *deverá repetir-se sempre*, porque, como affirma são Bernardo, « Qual é o homem que conseguiu afastar de si toda superfluidade, a ponto de nada mais ter que cortar ? Crêde-me, o que já foi cortado, continua a brotar ; o que se evitou volta ; o que se apagou reanima-se e os vícios que estão adormecidos, despertam. Não basta, pois, pensar nisto uma vez, mas muitas e muitas vezes e, mesmo sempre,

1. São Basílio — Serm. I de Inst. monach.

2. Hom., 24. quinq. hom. 9.

se tal fosse possível, porque, se não vos illudirdes, sempre achareis o que cortar. Emquanto vossa alma estiver unida ao vosso corpo mortal, enganar-vos-eis se julgardes que vossos vícios estão aniquilados, quando estão apenas escondidos.» (1)

## 2. Modo de fazer o exame da consciência.

190. — Santo Ignácio, em seus *Exercícios*, propõe um excellenté método de exame. «O primeiro ponto consiste em darmos graças a Deus, Nosso Senhor, pelos benefícios que temos recebido. O segundo, em pedirmos a graça de conhecermos nossos peccados. O terceiro em pedirmos á nossa alma uma conta rigorosa do nosso proceder, desde o levantar até o momento do exame, percorrendo successivamente as horas do dia ou certos espaços de tempo determinados pela ordem de nossas acções, examinando-nos sôbre nossos pensamentos, palavras e actos. O quarto em pedirmos perdão a Deus de nossas faltas. O quinto em tomarmos a resolução de nos corrigir com o soccôrro da Sua divina graça. Encerrar o exercício com a oração dominical.» (2)

Nada mais sábio do que *começar pela lembrança da bondades* de Deus, excitando em si sentimentos de gratidão, de confiança e de amor. Com effeito, êste exame, indispensável para conhecer-se a si próprio, é perigoso para numerosas pessôas que pensam demais em si e muito pouco em Deus, fomentando, assim, mais o egoísmo que o amor. Se, então, observam em si mesmas muitas misérias, ficam abatidas e seu ardor pela obra de sua santificação vai diminuindo, chegando, não raro, até o desalento. Seguindo o conselho de santo Ignácio, ellas devem pensar mais em Deus do que em si próprias; sem desconhecêrem sua impotência, conservar-se-ão cheias de confiança e de coragem.

Não é menos necessário *invocar o Espírito Santo* e, humilde e firmemente, implorar Suas luzes. E' tão grande o

1. In cant. serm. 52.

2. 1.<sup>a</sup> semana.

número das almas que não conhecem seus defeitos, até entre as que fazem seu exame de consciência ! Há faltas que ellas confessam e deploram e, assim, aproveitam do exame. Há outras que procuraram desculpar a seus próprios olhos e sôbre as quais vivem em trevas ; outras vezes, não acreditam ter certos defeitos que se lhes aponta, ou julgam-se muito menos repreensíveis do que são. Quantas pessoas, por exemplo, legitimam ou facilmente absolvem em si o que censuram em outras. « Muitos peccados commetemos, diz são Gregório, que não nos parecem consideráveis, porque nos amamos de um amor próprio que nos cega e lisonjeia enganando-nos. » (1)

Estas luzes perdidas recobram-se com a condição de pedí-las com fervor, de confessar nossas misérias com muita sinceridade e de combatê-las generosamente.

Para bem fazer seu exame, é mister considerar *seus pensamentos, suas palavras e suas acções* e seguir uma ordem, quer a de seus deveres quer a das diferentes occupações que se vão succedendo no decurso do dia. Pode-se ainda seguir esta :

I — *Para com Deus* : 1.º orações ; 2.º exercícos de piedade.

— *Para com o próximo* : 1.º caridade ; 2.º mansidão ; 3.º obediência ; 4.º verdade.

III — *Para consigo* : 1.º paciência ; 2.º humildade ; 3.º temperança ; 4.º pureza ; 5.º deveres de estado e santificação de seu trabalho.

O quarto ponto do exame de consciência é sobremaneira importante : é preciso *arrepender-se* de suas faltas e dellas pedir humildemente perdão. A lembrança da bondade e do amor de Deus, logo no início dêste exercíco, facilita a contrição. Quanto mais viva e pura fôr esta, quanto melhor fôr a reparação da offensa feita a Deus, tanto mais limpa ficará a alma de suas manchas.

1. Hom., 4 in Ezech: <http://www.obrascaticas.com>

As resoluções devem ser práticas e enérgicas, baseadas sobre a confiança no auxílio divino. A experiência, já feita de sua miséria deve servir de proveitosa lição : ajuda a prever as ocasiões futuras possíveis e a tomar as medidas para evitar as recaídas.

Praticado como aconselha santo Ignácio, o exame de consciência apresenta mais de um traço de semelhança com a oração mental e proporciona muitas das vantagens desta última. Além do mais, êstes dois exercícios se completam e se prestam mútuo auxílio.

191. — Para assegurar o duplo fructo do exame, isto é, a purificação e a emenda da alma, é utilíssimo, conforme a a prática de todos os verdadeiros amigos de Deus, impôr-se alguma penitência para as faltas constatadas e deploradas. Assim o recommendava são João Chrysóstomo : « Maltratai vossa carne, dilacerai-a pela flagellação ; padeça ella cada dia êste juízo, não morrerá debaixo dos azorragues, mas evitará a morte. » (1) « Se o culpado não pode, observa Scaramelli, castigar-se sempre que pecca, porque cai muitas vezes, poderá, ao menos, accrescentar alguns açoites em proporção com suas faltas, se fôr êste o gênero de penitência a que recorre. » Aconselha-se, ainda, de rezar de braços em cruz alguma oração, de beijar o chão, etc., etc. « Se assim fizeres cada dia, affirma são João Chrysóstomo, poderás comparecer com confiança perante o tremendo tribunal do grande Juiz. » (2) Inspirado pelo Espírito Santo, não nos deixou são Paulo, apóstolo, estas confortadoras palavras : « Se nos julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados ? » (3)

---

1. Hom., 43 in Math.

2. Hom. in cap. I, Gén.

3. I. Cor., XI, 31.



## CAPÍTULO XXXII

**Exame particular e provações.****1. Importância e objecto do exame particular.**

192. — Além do exame geral, os mestres da vida espiritual ainda recommendam o exame particular. Quando os Hebreus estavam prestes a conquistar a Terra da Promissão, onde residiam vários povos mais numerosos que o povo judaico, mandou-lhes dizer o Senhor por Moisés: « Não te assustes por causa destas nações. Jeováh, o teu Deus, a pouco e pouco, as tocará diante de ti; tu não poderás exterminá-las promptamente... mas Jeováh t'ás entregará; ninguém resistirá diante de ti, até que as tenhas destruído. » Israel, com effeito, *atacou uma após outra aquellas nações inimigas* e triumphou dellas. E' assim que devemos agir nas lutas contra os inimigos de nossas almas. « Nos combates que damos a nossos defeitos, expõe Cassiano, é preciso examinarmos qual é o mais temível e dirigirmos contra elle todos os nossos esforços. E' contra este inimigo que cumpre atirarmos, como outros tantos dardos, nossos jejuns de cada dia, nossos gemidos, nossos actos de virtudes, nossas meditações, dirigindo incessantemente a Deus nossas preces e lágrimas para d'Elle obter a paz e a victória. Uma vez livres de uma paixão, precisamos procurar novamente, no recôndito de nosso coração, aquella que mais nos apoquentá e contra ella dirigir todas as armas de nossa alma. Subjugando sempre as mais fortes, mais facilmente triumpharemos das outras, porque a alma vai se fortalecendo com esta série de victórias, e os defeitos mais fracos cedem a combates menos renhidos. » (1)

---

1. Conf. V. 14.

E' pois, uma declaração de guerra que a alma lavra ao determinar qual o defeito a ser objecto do exame particular. Pode ser também collimada a conquista de uma virtude particularmente importante para ella.

O que importa summamente é procurar o defeito ou a virtude que é necessário atacar ou adquirir. A maior parte das pessoas têm um *defeito mais saliente* e mais perigoso do que os outros, que é causa directa ou indirecta da maioria de suas faltas, e, por isso mesmo que se enraíza no seu temperamento, é muito tenaz, suscitando-lhes lutas até o dia de sua morte.

Algumas há cujo defeito principal varia ou que, não tendo defeito que, de certo modo, domine os outros, têm, ou simultaneamente ou successivamente, vários que mais particularmente necessitam de correcção. «O antigo inimigo, diz são Gregório, começa por observar a compleição de cada um, para logo depois armar suas redes para a tentação: offerece a voluptuosidade ás pessoas de costumes alegres, apresenta a taça da inveja áquellas de humor tristonho; inspira terrores ás medrosas e arrasta as orgulhosas com o engôdo das honras.» (1) Segundo santo Ignácio, elle procede como o general que assedia uma praça: explora todos os pontos para reconhecer os mais fracos.

Aquí estão alguns defeitos mais contraditórios e que é mister combatermos, desde que constatemos que, dominantes ou não, fazem estragos em nós. *O egoismo* que se manifesta pelo espírito de dominação e necessidade de fazer seu ponto de vista prevalecer, ou pelo desejo de occupar o pensamento dos outros, de ser alvo de suas atenções, de receber sua approvação, sua commiseração, seu affecto, ou pelo cuidado de conseguir, mesmo á custa delles, o que há de mais agradável, ou, ainda, pela preoccupação de não se incommodar, nem sequer para prestar serviço. *O orgulho*, a confiança em si e a severidade nos

1. Mor. XXIX, 12.

juízos a respeito do próximo, o espírito de crítica, de independência e de insubmissão, a obstinação, a vaidade, a susceptibilidade e o respeito humano. A *sensualidade* com suas múltiplas formas: o apêgo a suas commodidades do qual nascem, muitas vezes, a preguiça e a covardia no cumprimento do dever, as affeições sensíveis que facilmente degeneram em affeições sensuais. A *dissimulação*, não raro escoltada pela propensão ao furto. A *irritabilidade*, a rudeza, o despeito. O *apêgo* aos bens da fortuna, aos objectos de sua propriedade, a certas occupações frívolas, o apêgo exagerado, excessivo a seu emprêgo, a seus trabalhos. A *impressionabilidade*, a *inconstância*, a *leviandade*, etc.

O aviso do guia espiritual será sempre ouvido para decidir o ponto para o qual convergirão os esforços. Depois da oração, a que se deve sempre recorrer, chega-se a conhecer seu os seus defeitos principais, pelo exame das faltas mais ordinariamente commetidas, das preoccupações mais habituais, das tentações mais frequentes, das resoluções que o Senhor inspira nas horas de fervor.

## 2. Provações sôbre as virtudes.

193. — Se o defeito dominante é, antes de tudo, a matéria do exame particular, êste exercício não deve ter simultaneamente outro objectivo.

Depois de haver diminuído o poder dêste inimigo íntimo, a alma fiel applica-se a uma prática mais perfeita das virtudes mais fundamentais. Santo Affonso inseriu nas suas Regras a seguinte prescripção: «Cada mêz dirigireis especialmente vossa attenção sôbre uma destas doze virtudes: fé, esperança, amor de Deus, caridade fraterna, pobreza, castidade, obediência, humildade, mortificação, recolhimento, oração e meditação, abnegação e amor da cruz. Praticá-las-eis com o maior cuidado e extrema energia; e, nêste intuito, fareis, sôbre cada uma destas virtudes, durante um mêz, vosso exame particular,

e êste exame supõe resoluções sábias, opportunas que não vos descuidareis de tomar.» (1)

Embora não sujeitem seus dirigidos a trocarem tão frequentemente o objecto do exame, e não lhes fixem assim o mesmo espaço de tempo para cada matéria, muitos directores exigem que se applichem successivamente ás virtudes fundamentais, retendo-os sôbre cada uma emquanto lhes fôr de utilidade. «Emendemos nossos defeitos com o tempo, diz são João Chrysóstomo, um nêste mêz outro no mêz seguinte. Desta arte iremos como que subindo pelos degráus da escada de Jacób e chegaremos até o céu.» (2)

Escolhida a virtude contrária ao defeito a extirpar e cuja conquista se deve levar avante, é preciso determinar os *diversos exercícios práticos desta virtude*. Seria demasiado querer abraçar, ao mesmo tẽmpo, todos os gráus de uma virtude: dividindo a matéria, o êxito será mais fácil e mais efficaz. (3)

Santo Ignácio que, como todos sabem, obriga quem segue os exercícios espirituais a fazer com muito cuidado, durante êste tempo, o exame particular, quer que se examine duas vezes ao dia, depois do almôço e depois do jantar e *note por escrito*, em cada exame, o número de vezes que caiu no defeito que deve vigiar. São João Clímaco encontrára, num mosteiro fervoroso, um religioso que apontava em taboinhas aquillo de que devia prestar contas a seu superior e soube que era isto costume geral no mosteiro. (4)

Muitas almas piedosas adoptam esta prática; umas tem fôlhas impressas de propósito, onde inscrevem suas victórias e suas derrotas; outras contam suas faltas ou actos de vir-

1. Reg., n.º 4.

2. Hom., 82 in Joan.

3. O autor explana o assumpto mais detalhadamente e indica as divisões a serem feitas em PROVAÇÕES SÔBRE DIVERSAS VIRTUDES.

4. Gráu 4.

tudes servindo-se de uma espécie de rosários de contas móveis que trazem consigo.

Garanta-se melhor o effeito do exame particular impondo-se sanções de conformidade com as faltas cometidas, porque, o pensamento das penitências que será preciso fazer, torna-nos mais acautelados e mais attentos em evitar as faltas.

Quando se separa o exame particular do exame geral, convém fazer os mesmos actos que neste último. Mais geralmente, juntam-se; então «na prática, diz santo Affonso, o exame particular é mais breve, pois reduz-se a um golpe de vista sôbre o defeito dominante, seguido de um simples acto de contrição.» (1)

194.— *Não praticam do mesmo modo o exame particular os principiantes na vida espiritual e os que já realizaram grandes progressos.* As almas ainda fracas devem adstringir-se a uma tarefa determinada, a uma computação mais rigorosa; de outra forma, estando pouco unidas a Deus e entregues a mil preocupções naturais diversas, poucos esforços fariam para seu adiantamento. A obrigação de prestarem contas, a seu guia, de suas fraquezas e de seus actos de energia, torna-as mais diligentes e mais generosas.

As almas que vivem na presença de Deus, são mais esclarecidas. Vêm suas menores faltas e arrependem-se logo. «Alguns, diz o P.<sup>e</sup> Lallemand, não necessitam de exame particular, porque, mal caem na mínima falta, são logo repreendidos e vêm-na claramente, caminhando sempre na luz do Espírito Santo que os conduz.» (2)

Sem serem assim constantemente guiadas pelo Espírito Santo, numerosas almas fervorosas estão, todavia, bastante unidas a Deus, bastante esclarecidas, para não precisarem de um exame minucioso. A estas applica-se a observação judiciousa de um autor contemporâneo: «Se o

1. Relig. sanctif., cap. 24. § 7.

2. Dout. espir. IV, Par., cap. IV. art. VII

exame particular é utilíssimo á alma, tudo quanto é forma, método, processo, é secundário. Cada qual faz uma adaptação de accôrdo com suas precisões pessoais. Ora, quasi sempre, esta adaptação consiste, á medida que se vai adiante e se tem melhor conhecimento de si, em simplificar sua vida, em concentrar pensamentos, affectos, actos, tendências, em redor de um ponto único... Uma das luzes que se deve procurar adquirir, mormente nos retiros, com mortificações e orações, é o conhecimento da vontade precisa de Deus sôbre a alma *nêste momento, nesta situação, em face destas obras, destas difficuldades, depois destas fraquezas, com êste temperamento.*» Conhecendo o que Deus espera, applicar-se-á a lho dar e examinar-se-á cada dia como se prosegue «*na conquista do ideal querido e escolhido sob o olhar de Deus.*» Então, «a verificação, sob a forma de estatística rigorosa, não se impõe mais, ainda que tenha sempre havido verificação.» Tem-se vontade de fazer todos os sacrificios que o amor reclama. «O exame particular, praticado por uma alma que começa a subir, é o sacrificio passado ao estado de norma de vida.» (1)

195. — Recordámos, há pouco, a palavra de Cassiano ensinando que, para combater um defeito com efficácia, — o mesmo se podendo affirmar da conquista de qualquer virtude — é mister *recorrer a todas as armas*: jejuns, gemidos, actos de virtude, meditações, dirigindo incessantemente a Deus nossas preces e nossas lágrimas. Andaria muito enganado quem, nesta peleja, contasse sobretudo com seus exames e com suas resoluções. São, não há negá-lo, meios indispensáveis; mas não menos indispensáveis e mais efficazes ainda são *as orações instantes*, sempre repetidas e *os sacrificios generosos*, oferecidos a Deus para conseguir a victória sôbre o inimigo.

1. Brou. S. J. A espiritualidade de santo Ignácio, VI.

Deve-se, pois, sempre juntar ao exame particular estes meios tão poderosos que fazem brotar copiosamente a graça e, quando usados com perseverança, garantem, mais cedo ou mais tarde, um feliz êxito.

## CAPÍTULO XXXIII

### Retiros anuais e mensais.

#### 1. Retiro annual.

196. — Na hora de subir ao céu, o divino Salvador recommendou a seus apóstolos que se não afastassem de Jerusalém e ali esperassem «pelo que o Pai lhes havia promettido... accrescentando: daquí a poucos dias sereis baptizados no Espírito Santo». Porisso, ao regressarem do monte das Oliveiras, onde Jesus os haviadeixado, «entraram no cenáculo e ali perseveraram na oração com Maria, mãe de Jesus.» *Foi o primeiro dos retiros.* E quão fecundo!... Durante séculos, entretanto, não fizeram dos retiros, como hoje fazem, um exercício especial. As almas fiéis tinham épocas de maior recolhimento; os religiosos costumavam festejar com exercícios especiais o anniversário de sua profissão; a quaresma era, muito mais que em nossos dias, uma estação de recollecção, de penitência e de sérias reflexões; a semana santa, mais particularmente ainda, era consagrada á oração e á renovação da alma. As missões dadas por homens apostólicos também produziam muitos fructos de emenda. No século 16, santo Ignácio, († 1556) inaugurou, com os *Exercícios espirituais*, um método de Recollecção, de meditação das grandes verdades e de profunda renovação, que produziu os mais portentosos fructos. Já no seu tempo, alguns dos Padres, apreciando altamente as vantagens que delles haviam colhido, não contentes de os

terem feito uma vez, recommencaram-nos. No século seguinte, em 1608, a sexta Congregação geral decretou que todos os religiosos da Companhia fariam annualmente um como resumo dos *exercícios*. No mesmo anno, são Francisco de Sales, no fim da *Vida devota*, propunha que, cada anno, se fizesse uma série de exercícios, em que a alma deveria renovar seus bons propósitos ; e, nas constituições da Visitação, inseria a obrigação de um retiro annual. Pouco depois (1626), são Vicente de Paulo inaurava os retiros para os ordinandos e instituia-os, nas casas de sua Congregação, para os padres seculares. A partir daquella época, a prática dos retiros foi-se espalhando na Igreja ; hoje, é geral e vai produzindo os melhores resultados.

**197.** — O retiro é uma recolleção, uma série de dias consagrados á reflexão e á oração, com o fito de purificar a próprio alma, de agradecer a Deus as graças recebidas, e, emfim, de pedir luzes e adquirir novas fôrças para melhor servir ao Senhor, com o desempenho mais perfeito de todas as suas obrigações.

Muitas almas fiéis seguem com afincó a ordem dos *Exercícios* de santo Ignácio ; então, o retiro é uma miniatura dos *Exercícios*. Muitas outras não se adstringem a uma ordem tão methódica ; observam, comtudo, os três exercícios que constituem a essência de um retiro, applicando-se a dar graças a Deus, a purificar a própria alma e a fortalecê-la para o futuro.

**198.** — Os meios empregados para êste fim são a solidão e o recolhimento, a consideração das verdades de fé mais capazes de produzir santas impressões, orações ardentes, um exame sério das faltas commettidas, para o passado e, para o futuro, resoluções enérgicas.

Um dia, os apóstolos vinham voltando da missão que Jesus lhes confiára. Haviam pregado a penitência, exorcizado muitos possessos, curado numerosos enfermos e, de regresso, junto do Mestre querido, davam-lhe contas



de seus trabalhos, quando Jesus lhes disse : « *Vinde vós outros, para um lugar apartado e deserto e descansai um pouco.* (1) »

Quem se acha em retiro, deve imaginar o Salvador dirigindo-lhe as mesmas palavras ; todavia, o repouso que Jesus offerece a seus amigos, é um descanso reparador e fecundo que, depois, lhes permittirá trabalharem com mais fôrça e maior fructo. Deve-se tomá-lo á parte, longe da multidão, longe do bulfício do mundo, na solidão. Isolar-se, collocar-se em condições de fácil e perfeito recolhimento, renunciar ás palavras supérfluas, fugir das notícias, abandonar todo estudo, toda leitura de jornais, todo negócio estranho, eis o primeiro dever de quem faz retiro. Tanto mais certo será o êxito do retiro quanto mais completa houver sido a solidão, mais respeitado o silêncio, mais recolhido e occupado com santos pensamentos o espírito.

199. — *A consideração das verdades da fé* as mais capazes de abalar nossas almas, faz-se, ou ouvindo os sermões ou lendo livros adrede escolhidos. Não sendo pregado o retiro, cumpre consagrar mais tempo á leitura. A Escritura Sagrada não deve ser descuidada durante o retiro : o Evangelho sobretudo offerece ao exercitante tão bellas, tão profundas e tão práticas lições, como o dizia a Jesus com tanta naturalidade o bondoso são Pedro : « A quem iríamos senão a Vós, que tendes as palavras da vida eterna? » Lêr-se-á especialmente, com muito proveito, em são Matheus (3), o discurso sôbre a montanha, em são Lucas (4) as exhortações e parábolas, em são João (5) o discurso de despedida, e as diversas narrações da paixão. A estas leituras sagradas, accrescentem-se outras em livros capazes de communicar mais luzes e de com-

1. *Marcos*, VI, 31.

2. *João*, VI, 68.

3. cap. V, VI, VII.

4. Cap. XII — XVII.

5. Cap. XIII — XVII.

mover mais profundamente. (1) Muito mais do que em tempo ordinário, deve-se entremear reflexões e, acima de tudo, ardentes orações. Lê-se pouco de cada vez, medita-se, fala-se com Nosso Senhor, conforme os pensamentos e os sentimentos provocados pela leitura, porque, mais uma vez, o retiro é um tempo de oração e de conversa com Deus.

**200.** — Um dos exercícios mais importantes do retiro é o *exame annual*: graças recebidas e descuidadas, faltas commettidas quer passageiramente quer habitualmente. A confissão que se faz na occasião, deve ser uma revista dos peccados commettidos depois do último retiro. Se é sempre necessário rezar antes da confissão, com maioria de razão, no tempo do retiro, deve-se pedir com fervor e instância as luzes do Espírito Santo. Formulários de exames de consciência, bem pormenorizados, como os há em certos livros de piedade, podem ser utilíssimos.

Se importa nunca esconder a si próprio seus defeitos quer attenuando-os, quer encobrando-os com falsas desculpas, é mais oportuno do que nunca, durante o retiro, levar a luz nas dobras mais escuras da consciência. Deus não pede somente a correcção das faltas, mas ainda a prática da virtude, o aperfeiçoamento de toda a vida, e o exercitante deve procurar quais são os meios que deve empregar, quais os sacrifícios que deve fazer para plenamente corresponder aos desejos de Deus.

**201.** — No primeiro retiro apontado na história — o cenáculo — «*os apóstolos perseveravam na oração com Maria, mãe de Jesus.*» (2) Oh! que bello exemplo! que perfeito modêlo para o exercitante! A oração deve ser a principal occupação da alma durante seu retiro: um retiro é sempre fructuoso quando se reza muito com o desejo vivíssimo e puríssimo de emendar-se e de crescer

1. Pôde muito bem concorrer para o feliz êxito de um retiro o livro do autor, "*Divines Paroles*". As palavras do Senhor, transmitidas pelos Santos, trazem consigo uma luz que illumina vivamente o espírito e uma unção que penetra a vontade e a fortalece.

2. *Actos*, I, 14.

no amor. Impõe-se, antes de tudo, a oração de acção de graças. Deus nos tem dispensado tantos favores!... Encher-nos-ia de mais benefícios se estivéssemos dispostos a recebê-los. Descuidamo-nos muito da nossa obrigação de dar graças; não sejamos ingratos e não nos esqueçamos que o melhor meio de obter é agradecer.

E' prática muito louvável esta de fazer *a via sacra* durante o retiro. Não será a lembrança dos padecimentos de Jesus efficacíssima para decidir a redobrar de generosidade para com Elle? O rosário é, também, muito salutar. A imitação dos apóstolos, deve-se perseverar na oração, com Maria, mãe de Jesus.

Entretanto, é sobretudo nos *collóquios com Jesus* e particularmente nos desafôgos amorosos junto do tabernáculo que se passam os melhores momentos de retiro. Depois de muito agradecer, convém exprimir o próprio arrependimento pelo passado, os desejos de progresso para o futuro e pedir mais luzes, mais fôrças e, acima de tudo, mais amor.

As disposições do exercitante dependem de seus sentimentos habituais e do seu gráu de virtude.

Aquelle que não saiu da vida purgativa, geralmente, não tem grandes aspirações em perfeição; mas, num retiro deve fortemente excitar-se á contrição, ao ódio de seus defeitos; deve principalmente pedir a fôrça de evitar os peccados, mormente os que commette com mais frequência.

A alma piedosa que tem sincero desejo de servir a Deus mais fielmente, mas a quem a perfeita renúncia parece difficil, deveria solicitar maior energia no desapêgo e a graça de entregar-se, sem reserva, a Deus. Há certos sacrificios que Nosso Senhor lhe pede e dos quais depende todo o seu adiantamento; deve insistir muito para conseguir a coragem de fazê-los.

Finalmente, as pessoas já resolvidas a nunca recusar cousa alguma á graça e a sempre preferir a vontade divina ás vontades da natureza, devem pedir a Nosso Senhor que se digne torná-las mais firmes em todas as occasiões. Estas últimas sempre lucram enormemente nos seus retiros : sempre pedem e conseguem grande augmento de amor.

**202.** — As orações ardentes de um retiro, principalmente quando feitas com o desejo muito sincero de dar mais glória a Deus, melhores consolações ao Coração de Jesus, se, de outro lado, a alma se mantém na disposição de, custe o que custar, corresponder aos desígnios de Deus, sempre conseguem preciosas luzes. O Espírito Santo mostra ao exercitante os defeitos a corrigir, as virtudes a adquirir, os actos de renúncia a fazer. Os sermões, as leituras, o exame contribuem para illuminar a alma ; e, ás vezes, a graça trabalha mais directamente, com luzes imprevistas, por exemplo, para mostrar-lhe o caminho.

Muitas pessoas gostam de anotar as luzes de que são favorecidas ou *as resoluções* que tomam : assim podem facilmente, mais tarde, lembrar-se das disposições do retiro e renová-las. Quando os sacrificios e as resoluções inspiradas parecem diffíceis e se experimenta muita difficuldade para tomar uma determinação, é bom animar-se com o pensamento da morte, do juízo, da eternidade, pela consideração de todas as bondades do Senhor, e da grandeza de Seu amor ; cumpre, acima de tudo, implorar a coragem precisa, redobrando as orações.

Deve-se estabelecer juiz de todas estas luzes e resoluções o seu director. E' o meio de evitar erros fatais e de dar ao trabalho do retiro a sancção e o grande merecimento da obediência.

**203.** — Applica-se o que agora ficou dito aos retiros fechados. São assim chamados aquelles em que os exercitantes se encerram numa casa de oração e fogem de quanto os poderia distrair.

Innúmeras pessoas, impossibilitadas de se arrancar a seus affazeres, ficam em casa durante o seu retiro limitando-se a ouvir algumas práticas, a consagrar, no decurso do dia, algumas horas á meditação e á oração. A alma acha assim menos soccôrro ; entretanto, se deveres inadiáveis a põem na impossibilidade de fazer mais, deve confiar na graça de Deus que pode supprir a deficiência dos meios humanos.

## 2. Retiro mensal.

204. — Além do retiro annual, época de grande recolhimento e de grande renovação, é muito bom «escolher um dia cada mês para entrar dentro de si mais seriamente, para examinar o modo por que se cumpriram os deveres no correr do mês findo, para renovar os bons propósitos e, sobretudo para se preparar á morte.» (1)

Estes retiros mensais completam muito utilmente o retiro annual, cuja influência salutar tende a se apagar muito depressa. «E' inevitável, diz são Gregório, que a poeira do mundo não venha embaçar até os corações religiosos.» Os trabalhos exteriores, as preocupações da vida, os ruídos do mundo, as conversas muitas vezes frívolas, levam a alma para a dissipação. Se não se acautelar contra êste perigo, pode chegar ao ponto de fazer por mera rotina seus exercícios de piedade, de descuidar-se e até de se esquecer de suas boas resoluções e soffrer uma lastimosa decadência. O retiro mensal é remédio efficaz contra a dissipação e o desleixo.

Convém adoptar *um dia fixo*, escolhido com o aviso do director, por exemplo, a 1.<sup>a</sup> sexta-feira do mês, ou, estando occupadíssimo durante a semana, um dos domingos. E' para rezear que, não estando o dia previamente determinado, se vá protelando e abandonando tão salutar prática.

Ordinariamente não é possível abandonar suas occupações e fechar-se na solidão como para o retiro annual. Procura-se somente passar o dia num recolhimento mais profundo e dar mais tempo que de costume á leitura espiritual, ás piedosas reflexões e, principalmente, á oração. E' de muita conveniência praticar algumas mortificações supplementares, para chamar sôbre si graças mais abundantes.

*O exercicio capital* do retiro mensal é o *exame sério* que o exercitante faz do estado de sua alma. Deve lembrar-se das resoluções tomadas no último retiro e interrogar-se a si próprio para saber como foram cumpridas, como, durante o mês que passou, desempenhou-se de suas obrigações para com Deus (exercícios de piedade : meditações, leituras espirituais, missas, communhões. . .), para consigo mesmo (fidelidade á sua regra de vida, a seus deveres de estado, prática das virtudes fundamentais de humildade, de renúncia. . .), quais foram suas relações com o próximo, sua caridade, sua dedicação e também qual foi sua devoção para Maria Santíssima.

Rematam-se, de ordinário, êstes exercícios com a *preparação para a morte*. Esta salutar prática consiste essencialmente na consideração dêstes três pensamentos : que é morrer? — quando e como morrerei? — estou prompto para morrer? Segue-se um acto de resignação á morte.

## CAPÍTULO XXXIV

### A devoção ao Sagrado Coração.

#### 1. Histórico desta devoção.

205. — Sempre, desde a vinda de Jesus á terra, as almas fiéis têm-se commovido com o Seu immenso amor ; e, na lembrança dêste amor divino, têm encontrado o mais poderoso estímulo para o seu próprio amor. Como

o amor vem do coração, quando os santos doutores falavam do amor, muitíssimas vezes falavam do Coração de Jesus. «Como é bom e suave, exclama são Bernardo, morar nêste Coração ! . . . Thesouro precioso, gemma rara é o vosso Coração, ó bom Jesus ! . . . Collocai-me nêste Coração Sagrado e, afim de que eu possa allí habitar, lavai todas as minhas iniquidades, purificai-me de toda mancha.» (1) «Se eu tivesse estado no lugar da lança do soldado que traspassou o Coração de Jesus, julgais que, depois de nelle entrar, eu teria saído? Certamente não; nelle, eu teria permanecido. Não teria nem podido nem querido afastar-me. . . Oh! minha alma, se soubesses quão doce é êste Coração! Entra nelle e, quando lá estiveres, nêste dulcíssimo Coração de Jesus, oxalá se fechem sôbre ti as portas de Suas feridas afim de te impossibilitarem a saída.» (2) «Eu vos adoro, ó dulcíssimo, amabilíssimo, misericordiosíssimo Coração, que fostes ferido por meu amor!» (3) dizia Granada.

Mais de uma vez o Senhor tem mostrado ás suas espôsas o Seu Coração, fornalha ardente de amor. «Olha meu Coração, disse Elle a santa Gertrudes, quero que seja teu templo.» Outra vez: «Eis meu Coração, delicias da Santíssima Trindade, dou-to para que suppra êlle ao que te está faltando». (4) «Se tivesse de escrever, diz santa Mechtilde, todas as graças que recebi do amabilíssimo Coração de Jesus, comporia um livro maior do que o Breviário.» (5) Encontram-se revelações semelhantes nas vidas de santa Catharina de Senna, de santa Lutgarda, de santa Cathrina de Gênova, de santa Margarida de Cortona, de santa Angela de Foligno, de santa Maria Magdalena de Pazzi, de santa Rosa de Lima, etc. Mas, nem estas santas almas tão favorecidas de Deus, nem os santos doutores que tão ardente amor haviam patentea-

1. Tract. de Pas., cap. III.
2. Stim. amoris, P. I, cap. I e VII.
3. Memorial, cap. VI.
4. L. III, cap. XV.
5. L. II, cap. XXII.

do para com o Coração de Jesus, tinham procurado propagar a devoção a êste divino Coração. O apóstolo são João declarou a santa Gertrudes que «estava reservado aos últimos tempos de fazer conhecer quanta doçura há no Coração de Jesus, afim de que o mundo, enregelado pela idade, readquisse novo calor no amor divino.» *«Eloquentia suavitalis pulsuum istorum reservata est moderno tempori, ut ex talium audientia recalescat jam senescens et amore Dei torpescens mundus.»* (1)

**206.** — *O primeiro apóstolo* da devoção ao Coração de Jesus foi o B. *Padre Eudes*. Desde 1643, mandára êlle celebrar na intimidade, pelos seus missionários, uma festa em honra do Coração de Jesus e outra em honra do Coração de Maria. Esta última, approvada pelo bispo de Autun, celebrou-se, na referida diocese, a partir de 1648. Em 1670, vários bispos, a pedido do Bemaventurado, que compusera o officio e a missa, (2) permittiram, nos seus seminários, a celebração da festa do Coração de Jesus. Em 1674, o Bemaventurado conseguiu do Soberano Pontífice um Breve autorizando-o a estabelecer uma Confraria do divino Coração. Este ardoroso missionário empregou o maior zêlo para animar as almas a honrarem o Coração de Jesus e o Coração de Maria. Foi êlle declarado pela Santa Sé, na Bulla de Beatificação, o instituidor do culto litúrgico do Sagrado Coração.

**207.** — Mas foi sobretudo *santa Margarida Maria quem recebeu de Deus a missão de propagar esta grande devoção*. Teve ella a primeira revelação a 27 de dezembro, muito provavelmente em 1673, na festa de são João o Evangelista, no mesmo dia, observa Mons. Bougaud, em que, 353 annos antes, santa Gertrudes soube pelo santo apóstolo que Deus patentearia mais tarde os adoráveis segredos do Coração de Jesus. Depois de havê-la feito

1. L. IV, cap. IV.

2. Este officio e esta missa são deveras notáveis, cheios de unção e de doutrina e exprimem perfeitamente a verdadeira devoção ao Sagrado Coração. Talvez sejam, um dia, rezados por toda a Igreja.



descansar muito tempo sôbre Seu divino peito, disse-lhe : « Meu divino Coração está tão inflammado de amor pelos homens que, não podendo mais conter dentro de si as chammas de Sua ardente caridade, precisa espalhá-las por teu intermédio e manifestar-se a êlles para enriquecê-los de Seus preciosos thesouros. » Pouco tempo depois, narra a santa, « êste divino Coração foi-me apresentado num trono de chammas, mais radiante que o sol e transparente como um cristal, com esta chaga adorável. Estava rodeado de uma corôa de espinhos que symbolizam as ferroadas que Lhe davam os nossos peccados e encimado de uma cruz significando que, desde os primeiros instantes de Sua Incarnação, isto é, desde a formação dêste Sacrosanto Coração, a cruz foi nêlle implantada e Elle ficou saturado, desde aquelles primeiros instantes, de todas as amarguras, que Lhe deviam causar as humilhações, a pobreza, as dores e o desprezo que a sagrada humanidade devia soffrer em todo o decurso de Sua vida e na Sua paixão. » (2)

Outra vez, estando exposto o Santíssimo — é sempre Margarida Maria quem fala : « Jesus Christo, meu bom Mestre, appareceu-me radiante de glória, com Suas cinco chagas brilhantes como cinco sóis, e desta sagrada humanidade esparzia labaredas em todos os sentidos, mas, principalmente, em redor de Seu adorável peito, que se assemelhava a um braseiro e, abrindo-se, ostentou-me Seu amantíssimo e amabilíssimo Coração, fonte viva destas chammas. Foi então que Elle me descortinou as maravilhas inexplicáveis do seu puro amor e até que excesso o impellira a amar os homens dos quais não recebia senão ingratidões e desprezos. Isto, accrescentou Elle, magoa-me muito mais do que tudo quanto padeci na minha paixão, tanto mais que se elles me correspondessem com algum amor, eu teria em conta de pouco tudo o

1. Edic. Mons. Gauthey, T. II, pag. 69.

2. Ibid., pag. 567.

que fiz por elles e quereria, se possível, fazer muito mais ainda.» (1) Outras revelações succederam-se nas quais Nosso Senhor pediu com insistência a Margarida Maria que participasse aos homens Seus misericordiosos desígnios. A santa cumpriu fielmente sua missão e a devoção ao Sagrado Coração, apesar da opposição violenta e sa-nhuda dos jansenistas, foi se espalhando na Igreja, tendo recebido as approvações e os louvores da Santa Sé.

**208.** — Emfim, a 25 de maio de 1899, na sua memo-rável Encíclica "*Annum sacrum*," o papa Leão XIII fez e quis que, com elle, a Igreja fizesse um acto «do qual, dizia, esperamos fructos extraordinários e duráveis, antes de tudo para a religião christã e, também, para o gênero humano.» Era a consagração de todos os homens ao Sa-grado Coração. Uma religiosa de muita virtude, filha do Bemaventurado P.<sup>o</sup> Eudes, a *Madre Maria do Divino Co-ração*, Droste Vischering, superiora do Bom Pastor do Pôrto, informára o papa que Nosso Senhor pedia esta consagração. O Soberano Pontífice, depois de haver lembrado que a cruz, mostrada a Constantino com estas palavras: «*Por êste signal hás de vencer*,» tinha effectivamente dado a victória ao jovem imperador, accrescentava: «*Hoje, eis que outro signal todo divino, penhor de suprema esperança, nos é offerecido — o Coração Sacra-tíssimo de Jesus, encimado de uma cruz, resplandecendo no meio de chammas.* — E' preciso que nêlle colloque-mos todas as nossas esperanças; é preciso que dêlle soli-citemos e esperemos a salvação dos homens.» E', pois, á sombra do estandarte do Sagrado Coração que se devem travar os derradeiros combates e conseguir os maiores triumphos da Igreja sôbre o inferno.

## 2. Natureza da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

**209.** — A devoção ao Sagrado Coração é uma *veneração do Coração de Jesus, símbolo da caridade dêste di-*

1. Edic. Monsr. Gauthey, tomo II, pag. 71.

*vino Salvador.* Sendo o amor espiritual de sua natureza, precisa-se de um signal sensível para apresentá-lo; ora, em todos os povos, o coração foi o símbolo do amor.

O amor do Sagrado Coração compreende: o amor divino e incriado do Verbo de Deus, amor commum ás três Pessôas divinas e seu amor humano e criado, residindo na Sua alma humana. Por êste duplo amor, Jesus, o Homem-Deus, ama a Deus, Seu Pai, de um amor incompreensível; a Maria, Sua Mãi Santíssima, a Elle mais cara do que todas as criaturas juntas; a todos os eleitos, cuja bemaventurança Lhe causa tão grande alegria; ás almas padecentes do purgatório, cujo livramento almeja mais ardentemente que ellas próprias; á santa Igreja, sua Espôsa, que Elle quer ver «gloriosa, santa, immaculada;» (1) ás almas justas para as quais conseguiu tantas graças pelos Seus padecimentos e que deseja sanctificar cada vez mais; aos peccadores para quem derramou todo o Seu sangue e que Lhe inspiram uma immensa compaixão.

A devoção ao Coração de Jesus lembra, pois, em primeiro lugar, o amor dêste Coração adorável; mas ella induz, ao mesmo tempo a alma a contemplar todas as maravilhas de que Elle é o centro. «Com effeito, diz a Irmã Joly, (2) o Coração adorável de Jesus é um abysmo de thesouros, de graças e de glória. Impossível considerá-lo attentamente muito tempo sem descobrir nelle cousas infinitas a adorar e amar, a imitar e receber.» Assim o Coração de Jesus é a fonte da vida interior do Salvador, de Seus divinos sentimentos, de Suas alegrias, de Suas penas, de Seus desejos, de Seu ódio ao mal; é o princípio de Suas virtudes, de Sua humildade, de Sua doçura, até para com Seus inimigos, de Sua obediência, de Sua pureza, de Sua paciência, de Sua pobreza. Do Coração de

1. *Ephésios*, V, 27.

2. A Irmã Joly, religiosa da Visitação de Dijon, compôs, quando vivia ainda Margarida Maria e por inspiração desta, o primeiro opusculozinho em que se explicou a devoção ao Sagrado Coração.

Jesus procedem todas as graças e todos os favores que o Salvador reserva para seus fiéis amigos.

Os principais sentimentos que jorram, por assim dizer, necessariamente da devoção ao Sagrado Coração são : a gratidão, a confiança, o amor, o desejo de reparação, a humildade, o desapêgo e o zêlo.

Acabamos de citar *o desejo de reparação*. A confiante e mensageira do Coração de Jesus, Santa Margarida Maria, sempre insistiu na obrigação que temos de consolá-Lo. E' porque, ao mesmo tempo que Jesus lhe lembrava a sublimidade de Seu amor, sempre se queixava de não encontrar correspondência entre os homens.

«Eis êste Coração que tanto amou aos homens que nada poupou até consumir-se para dar-lhes o testemunho do Seu amor, e, em paga, não recebe da maior parte dêlles senão ingratições.» (1) *In propria venit*, diz são João, *et sui eum non receperunt*. «Elle veiu no meio dos seus e os seus não O receberam.» «O amor não é amado,» exclamava são Francisco de Assís. Que motivo de tristeza para um coração amante e que estímulo para sua generosidade !

### 3. Vantagens da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

210. — *Quem compreende bem e sabe praticar a devoção ao Sagrado Coração, volta constantemente nas suas meditações, nas suas communhões, em todo o curso de sua vida, a êste pensamento : Amou-me e entregou-se por mim. Lembra-se sem cessar de um Deus que, por amor, se incarnou, isto é, se aniquilou, assumindo a forma de um escravo ; de um Deus que, durante mais de quinze annos, viveu como um pobre operário ; de um Deus que, para illuminar e converter as almas, levou, durante três annos, uma vida de labores e de devotamentos, comendo o pão da esmola, estafando-se em caminhadas longas e penosas,*

1. Vida e obr., T. II, pag. 102.

fazendo-se manso e acolhedor para com todos, consolando os afflictos, evangelizando os infelizes, passando muitas vezes a noite a orar pelos filhos dos homens ; de um Deus que se entregou a facínoras, verdadeiros demônios soltos, para ser por elles amarrado, esbofeteado, coberto de escarros, flagelado, crucificado ; de um Deus que, para prolongar suas humilhações e se dar todo inteiro a miseráveis criaturas, se faz Deus-Hóstia, aniquilando-se mais ainda que no presépio e expondo-se a todas as profanações e a todos os sacrilégios.

Como êste pensamento contínuo dos benefícios de Jesus, de Suas loucuras de amor — mais sábias, no dizer de são Paulo, que a sabedoria dos homens (1) — não faria brotar, no coração do homem, uma viva *gratidão*? Ao vermos tanta bondade, tanta doçura, tão vehemente desejo de nossa eterna felicidade, ao considerarmos que nos mereceu todas as graças, que não tem alegria maior que no-las distribuir a mão-cheias, que está sempre disposto, se Lhes pedirmos, a supprir, pelos Seus merecimentos, nossas fraquezas, nossa pobreza, como não alimentarmos uma *confiança* invencível? Como não desejarmos *amar* sempre mais a um Deus tão cheio de amor? E ao vermo-Lo tão mal pago, tão offendido por aquelles mesmos por quem se immolou, como, não ansiar por *consolá-Lo*? Como não respondermos a êste Seu tão tocante queixume: *Sustinui qui simul constrictaretur, et non fuit, et qui consolaretur, et non inveni!* procurei quem soffresse commigo e não encontrei; quem me consolasse e não aehei! Ora, não há senão um único meio de consolá-Lo: é levar uma vida generosa, uma vida toda de dedicação e de virtude.

De quanta amargura não se reveste a lembrança das faltas passadas quando se tem a devoção ao Sagrado Coração! A contrição que ella gera é uma *contrição de puro amor*, que limpa a alma e a fortifica contra as recaídas.

1. I Cor. I, 25.

Para muitas pessoas, o grande obstáculo ao seu progresso no amor divino é o amor próprio que as traz sempre debruçadas sobre si mesmas, quer sobre suas qualidades para nellas se comprazerem e desejarem a estima e os louvores, quer sobre suas fraquezas para se desolarem e se deixarem abater.

O pensamento constante do meigo Salvador, de Seus benefícios innumeráveis, das offensas — retribuição habitual, por parte de muitos, de tantas bondades, — cortando êstes regressos do amor-próprio, mantém a alma na confiança e mergulha-a, quando desprendida de si, numa amorosa humildade, em ardentes desejos de reparação. E ao ver êste divino Coração tão amoroso, tão desejoso do bem das almas, é impossível não compartilhar Seu zêlo, não envidar todos os esforços para a santificação e salvação do próximo.

Achamos, pois, na devoção ao Sagrado Coração, os mais prementes motivos para a prática das mais bellas virtudes, e achamos, ao mesmo tempo, nella o modelo perfeito de todas estas virtudes. Contemplan a Jesus tão santo e tão misericordioso, tão forte e tão meigo, tão compassivo e tão dedicado, tão digno e tão familiar, tão prudente e tão simples, tão poderoso, tão sábio e, entretanto, tão humilde, quem conhece cousa mais bella e mais suave? O Evangelho, lido e estudado com as luzes que dá esta devoção incomparável, é um manancial perenne de suaves alegrias, de consolações e de generosos ardores.

**211.** — A devoção ao Sagrado Coração não produz todos êstes efeitos senão nas almas que se esforçam por pautar sua vida por estas verdades de que se alimentam. Com effeito, quem se contenta com a *reflexão* sem passar para a acção, esteriliza as luzes recebidas. Além disso, as verdades christãs, penetram na alma mais pela vontade recta que pelo puro raciocínio, muito mais pelos actos de virtudes que pelas mais sábias lições. Porisso, os que

fazem grandes esforços para viver como verdadeiros devotos do Sagrado Coração, que se applicam á prática das virtudes para as quais se sentem como que impellidos por esta devoção, vão penetrando, cada dia mais, no abismo de perfeição que é o Coração de Jesus, vão compreendendo cada vez melhor as maravilhas do Seu amor. Quanto mais generosos se mostram, tanto mais luzes recebem; e quanto mais luzes recebem, tanto mais generosos se mostram.

212. — Assim se explicam perfeitamente as promessas de Jesus a santa Margarida Maria, a favor dos que honram Seu Sacratíssimo Coração, promessas tão consoladoras que reproduzimos aquí:

1.<sup>a</sup> — Dar-lhes-ei todas as graças necessárias ao seu estado.

2.<sup>a</sup> — Estabelecerei a paz nas suas famílias.

3.<sup>a</sup> — Consolá-las-ei em todas as suas afflições.

4.<sup>a</sup> — Serei seu refúgio seguro durante a vida e, sobretudo, na hora da morte.

5.<sup>a</sup> Derramarei copiosas bênçãos sôbre todas as suas emprêsas.

6.<sup>a</sup> — Os peccadores acharão no meu Coração a fonte e o oceano infinito da misericórdia.

7.<sup>a</sup> — As almas túbias tornar-se-ão fervorosas.

8.<sup>a</sup> — As almas fervorosas elevar-se-ão rapidamente a uma grande perfeição.

9.<sup>a</sup> — Abençoarei as casas onde a imagem do meu Sagrado Coração estiver exposta e fôr honrada.

10.<sup>a</sup> — Aos que se dedicarem á salvação das almas darei o talento de mover os corações mais empedernidos.

11.<sup>a</sup> — As almas religiosas alcançarão tantos soccorros que não seria preciso outro meio para restabelecer o fervor primitivo e a mais exacta regularidade nas communidades menos regulares e elevar á mais alta perfeição as que vivem na fiel observância.

12.<sup>a</sup> — As pessoas que propagarem esta devoção terão seu nome inscrito no meu Coração e dali nunca será apagado.

13.<sup>a</sup> — No excesso da misericórdia do meu Coração, prometto-te que meu amor todo poderoso concederá a quantos commungarem na 1.<sup>a</sup> sexta-feira do mês, nove vezes seguidas, a graça da penitência final ; não morrerão na minha inimidade nem sem receberem os sacramentos, e o meu Coração se fará o seu asylo seguro na derradeira hora.

213. — Prende-se a esta devoção a *prática da Hora Santa*. Nosso Senhor disse a santa Margarida Maria : « Na noite de 5.<sup>a</sup> para 6.<sup>a</sup> feira... levantar-te-ás, entre onze horas e meia-noite, para te prostares, durante uma hora commigo, de rosto no chão, tanto para aplacares a ira divina, pedindo misericórdia pelos peccadores, como para, de alguma maneira, mitigares a amargura que senti do abandono dos meus apóstolos. » (1)

Dallí nasceu a prática, enriquecida de preciosas indulgências, (2) de consagrar-se, na tarde ou na noite da 5.<sup>a</sup> feira, uma hora á oração mental, em união com o Salvador agonizantê, com o fito de consolar Seu Coração, de aplacar a cólera divina, de pedir misericórdia pelos peccadores. E', pois, um exercício de reparação e de amor que não pode deixar de atrair grandes graças sôbre os que o praticam com fidelidade.

1. T. II, pag. 72.

2. Há uma indulgência plenária, ás condições ordinárias, cada vez que se faz a hora santa, mediante inscrição na archiconfraria erecta na Visitação de Paray-le-Monial. Para os que commungam cada dia ou quasi e que têm a intenção de lucrar todas as indulgências annexas a suas communhões, a única prática a acrescentar á Hora Santa, para ganharem a indulgência plenária, é rezar uma oração por exemplo, cinco Padre nossos e cinco Ave Marias, ás intenções do Soberano Pontífice. A Hora Santa pode ser feita a partir de 4 horas da tarde no verão e de 2 horas da tarde quando os dias começam a ficar mais curtos.



## CAPÍTULO XXXV

## Devoção á Santíssima Virgem.

## 1. Fundamento desta devoção.

214. — Que a devoção á SSma. Virgem seja um dos meios mais seguros, mais efficazes para adquirir-se uma verdadeira piedade e nella progredir a passos largos, não merece dúvida á alma fiel. Todos os doutores o têm proclamado, todos os santos o têm attestado, por suas palavras e por seus exemplos, e não se conhece um só que não tenha professado um amor extremo para com esta divina Mãe. Deus assim o quis. «A Sabedoria divina, diz Bossuet, tendo uma vez resolvido dar-nos Jesus Christo por Maria, êste decreto jamais mudará. E' e sempre será verdade que sua caridade materna, havendo contribuído excessivamente para nossa salvação na Incarnação, que é o princípio universal da graça, para ella há de eternamente contribuir em todas as outras operações que não são senão as consequências dêste mystério.» (1) Com effeito, Deus, que é fiel, não rejeita um auxiliar que cumpriu bem sua missão; antes recompensa-o augmentando-lhe as prerogativas e o poder. Ora, nunca criatura alguma, encarregada por Deus de uma grande missão, a desempenhou tão fielmente como Maria. Esta missão de bondade e de salvação não lhe foi, pois, tirada. Por seu «*fiat*» de Nazareth, deu-nos Jesus; por seu «*fiat*» no Calvário, associou-se á obra da nossa redempção; continua e continuará, até o fim dos tempos, a dar seu divino Filho ás pobres criaturas humanas; continua e continuará associada ao divino Salvador na obra de salvação e de sanctificação.

«E' a vontade de Deus, ensina-nos são Bernardo, que todo bem nos venha por Maria.» (2) Jesus é a fonte de

1. Serm. para a Natividade de Maria.

2. Sermão de *Aqueductu*.

todas as graças ; Maria, o canal por onde correm todas estas graças. Os papas Leão XIII (1) e Pio X (2) confirmaram esta doutrina tão confortadora da mediação universal de Maria.

**215.** — Afim de torná-la capaz de tão sublime missão. Deus aproximou-a de si o mais possível, tanto quanto podia aproximar de si uma simples criatura. Conferindo-lhe a *dignidade de Mãe de Deus*, exaltou-a acima de todos os mundos possíveis. Embora se contassem êstes por milhões e milhões, todos seriam sujeitos a Maria, forçados a venerar a Mãe do Criador. E, como o Senhor, quando confere uma dignidade ou confia uma missão, sempre offerece graças em relação com esta dignidade ou com esta missão, segue-se que offereceu e, em virtude da fidelidade perfeítíssima de Nossa Senhora, deu á Virgem Maria graças superiores ás de todas as demais criaturas.

Tinha ella, certificam muitos Doutores e Santos, um *poder de amor* que a tornava capaz de amar, sozinha, muito mais que todos os anjos e todos os homens juntos ; e, havendo-lhe Deus dado sentimentos semelhantes aos nossos, ella, assim, ama tudo o que Deus ama. Ama a Deus primeiro que tudo, depois ás criaturas tão queridas de Deus ; ama também, dêste amor immenso, tudo o que é bem, tudo o que é virtude, tudo o que é santidade. Deus uniu o Coração de Maria ao Coração de Jesus, mas de uma maneira tão íntima, tão estreita que, em tudo, palpitavam unísonos, não formando senão um só coração ; e, assim unidos, ficarão eternamente. E' com êste amor tão maravilhosamente poderoso que Maria ama a seu Deus, e êste amor a torna omnipotente sôbre o Coração de Deus. E' com êste amor maravilhosamente poderoso que Maria ama a cada um de nós, e o pensamento de sermos assim queridos deve infundir em nossos corações uma confiança illimitada.

---

1. Bulla *Adjutricem*, Encýclica *Diuturni*.

2. Encýclica *Ad diem illum*.

Este amor de Maria para conosco é *admiravelmente santo*. Ella nos ama sem fraqueza, desejando ardentemente nossa felicidade, não como fazem as mães da terra que procuram para seus filhos toda espécie de satisfações passageiras ; não lisonjeando as inclinações naturais, não ; a ventura que ella nos almeja é a felicidade pela virtude, pelo sacrificio, pelo puro amor.

Seu amor é, ao mesmo tempo, *ineffavelmente terno*. Ella nos gerou no Calvário ; custámos-lhe mais que a vida, pois que por nós entregou seu divino Filho, e o sacrificio que ella fez para ser nossa mãe, sacrificio cuja amargura nenhuma criatura humana jamais poderá avaliar, nos tornou mais queridos ao seu Coração.

Este amor é também *conforme á justiça*. Se, pois, ama a todos os seus filhos, até aos peccadores, ama, com maior intensidade aquelles que, para com ella, professam mais confiança e mais amor.

## 2. Prática desta devoção.

216. — O primeiro acto da devoção para com Maria Santíssima consiste em *pôr toda sua applicação em conhecê-la bem*, em fazer-se uma idéia exacta de suas grandezas, do seu poder, do seu amor, em bem comprehender o que ella tem feito e soffrido pelo gênero humano, em considerar os innúmeros milagres conseguidos por seu intermédio, os favores, as graças de conversão, de sanctificação devidas á sua intercessão.

Sem êste estudo amoroso, ou a devoção fica mesquinha, ou pouco esclarecida e mal praticada. A leitura dos livros que falam de Maria, a lembrança frequente dos factos de sua vida, a contemplação dos mystérios em que se viu envolvida, despertam o affecto e a admiração por esta divina Mãe e excitam a confiança e o amor.

A devoção á Santíssima Virgem deve ser *toda filial*. E' com uma familiaridade repassada de doçura que a

alma piedosa deve entreter-se com sua terníssima Mãe, confiando-lhe suas apprehensões, exprimindo-lhe seus desejos, suas alegrias e suas tristezas.

*Mas, não nos limitemos a falar com Maria de nós mesmos e de nossos interêsses : falemos-lhe de Jesus que ella ama e dos interêsses dêste meigo Salvador, supplicando-a que se digne dar á Sua santa causa bons servos e amigos dedicados; falemos-lhe da Igreja que lhe é tão cara, dos peccadores para que se convertam, dos bons para que se sanctifiquem cada vez mais. O seu olhar abrange, não somente a multidão incalculável dos eleitos que gozam da mesma felicidade que ella, mas ainda a phalange das almas padecentes do purgatório e a legião dos que estão ainda nesta terra de exílio. Das almas padecentes, conhece o que ainda lhes fica a expiar e vê as que mais merecem ser soccorridas. Na terra está a par dos desígnios de Deus sôbre cada uma das criaturas; conhece os merecimentos, as fraquezas, as precisões de todos os seus filhos.*

Fazemos actos de amor para com esta boa Mãe e, ao mesmo tempo, acto de grande sabedoria, quando unimos nossas intenções ás suas, quando lhe abandonamos o valor impetratório e expiatório (1) de nossas obras ou, pelo menos, de algumas de nossas obras para ser applicado conforme sua maternal sabedoria. Assim, muitas almas piedosas, ao fazerem o acto heróico, em benefício das almas do purgatório, deixam a Maria a incumbência de distribuir a seu talante, esta esmola perpétua a seus irmãos padecentes. Outras, ao praticarem certas penitências, rogam a Maria Santíssima que as applique ao que julgar de maior utilidade. Dêste abandono entre as mãos de uma Mãe tão bôa e tão poderosa, nada podem

1. Toda obra sobrenatural tem um triplo valor : um valor *meritório*, que é inalienável, pois cada qual será premiado conforme suas obras ; um valor *impetratório*, tendo toda bôa obra o valor de uma oração e conseguindo de Deus certas graças ; um valor *satisfatório*, servindo para a expiação das faltas já perdoadas, porém insufficientemente reparadas. Estes dois últimos valores são alienáveis, isto é, applicáveis a outrem, porque pode-se oferecer uma bôa obra para obter graças para o próximo ou para satisfazer por elle.

soffrer nem seus próprios interêsses nem os das almas que lhe são caras.

O B. Grignon de Montfort aconselha ás almas devotas que *offereçam a Maria todas as suas acções* para que esta terna Mãe as ajude a bem fazê-las e as apresente ao Senhor. Os que sentem por Nossa Senhora uma viva afeição, não fazem nenhum acto de piedade — communhão, acção de graças, meditação, leitura pia — sem implorar o auxílio de sua bôa Mãe. Invocam-na nos seus estudos, nos seus trabalhos e, sobretudo, nas suas tentações.

O esforço para *imitar-lhe as virtudes* é ainda uma prova de amor para com Maria. A verdadeira devoção á Santíssima Virgem incita a alma a fugir do peccado, porque offende a Deus e contrista o Coração de Maria, e a praticar as virtudes, porque glorificam a Deus e alegam Sua divina Mãe.

217. — As principais práticas em honra de Nossa Senhora são a recitação do seu offício, do rosário, do ângelus, o uso do escapulário, o exercício do mês de Maria, as peregrinações a seus sanctuários.

*O offício parvo* da Santíssima Virgem contém as passagens da Escritura Santa que a Igreja lhe applica e em que lhe celebra a dignidade, as grandezas, as liberalidades. E' um louvor magnífico entremeado de preces santíssimas, que são os psalmos, as antíphonas, as orações.

*O rosário* é a grande prática de devoção para com Maria. Em Lourdes, ella mesma deu a entender quanto lhe agradava e quão útil é para nós, pois, em cada uma das dezoito aparições animou Bernadette a rezar o têrço. Em Pontmain, quando se começou a recitação do têrço, a aparição tomou maiores proporções, como para mostrar que crescia seu poder de intercessão. Foi a fidelidade ao rosário que, por mais de três séculos, conservou a fé no meio dos christãos do Japão, que não tinham mais sacerdotes. Os paízes onde as famílias conservaram a devoção

ao rosário, permaneceram mais profundamente christãos.

Esta repetição da Ave Maria, que encerra os mais bellos louvores que jamais se teceram a esta Mãe celeste, não pode faltar de commover-lhe o coração. «Apprendei com o anjo a saudar a Maria, diz são Bernardino de Sena, e ouvi o proveito estupendo que disto haveis de tirar : cada vez que alguém saúda a Bemaventurada Virgem, ella retribue a saudação, porque a gloriosa Virgem Maria é uma Rainha de extrema delicadeza e ninguém a saúda sem que ella responda com deliciosa saudação. Se, num dia, rezardes mil Ave Marias, mil vezes a Virgem vos retribuirá a saudação.» (1) E a saudação de Maria não é estéril : sempre traz consigo algumas graças, ora uma luz, ora um santo desejo, ora um augmento de fôrça para praticar o bem.

Se, como ficou dito antes, a efficácia de toda oração depende do seu valor, importa *recolher-se profundamente* antes de rezar o têrço, recordando, aos pés de Maria, sua bondade, seu terno amor. Porque é que os peregrinos de Lourdes rezam com tanto ardor e tanta confiança diante da gruta bemdita? Porque comprehendem que allí está Maria a olhá-los com ternura, a escutá-los com attenção. Quem se compenetrar bem destas doces verdades rezará com mais fervor e maior fructo.

O *escapulário ou bentinho do Carmo*, cuja origem remonta a uma revelação feita pela Santíssima Virgem a são Simão Stock, é uma redução do hábito dos Carmelitas, que se gloriam de ser a Ordem de Maria. Quem veste o escapulário, reconhece-se servo, devoto de Maria, traja suas librés. A Santíssima Virgem prometteu um amparo particular a quantos lhe dessem esta prova de confiança e de fidelidade ; consegue-lhes, na hora da morte, graças que lhes asseguram a salvação, quando não as repellem pela sua má vontade. Quantos milagres não

1. Obras 4, pag. 93.

têm comprovado a veracidade desta promessa! Está protecção constante de Maria, annexa ao escapulário, cresce como é de justiça, com a piedade de quem o veste.

O *escapulário azul* da Immaculada Conceição, revelado no comêço do século XVII por Nosso Senhor e Sua divina Mãe á Venerável Ursula Benincasa, é destinado a espalhar a devoção á Immaculada Conceição e a excitar as orações das almas castas em prol da conversão dos que vivem na impureza. Aos que recebem êste escapulário e, inscritos nos registros da confraria, cumprem com as obrigações próprias desta, invocando a Virgem Immaculada e rezando para a diminuição dos estragos da impureza, podem lucrar numerosas indulgências, annexas principalmente á recitação de seis Padre nossos, Ave Marias e Gloria Patri, ás intenções do Soberano Pontífice.

A piedade christã consagra á Santíssima Virgem um dia da semana, *o sabbado*. Quando este dia não coincide com alguma festa, a Igreja impõe a seus clérigos o offício de Nossa Senhora. Desde o século XVIII, *o mês de maio* tem sido também consagrado ao culto de Maria, e não há alma piedosa que se não impunha a obrigação de se afervorar na devoção para com esta boa Mãe, durante todo êste lindo mês. Consagra-se ao rosário o mês de outubro.

**218.** — A piedade christã confere *múltiplos títulos* á Santíssima Virgem. Chama-a Nossa Senhora da Graça ou Mãe da Divina Graça, porque é a dispensadora das graças divinas; Nossa Senhora das Sete Dôres, Nossa Senhora da Compaixão ou da Piedade, para honrar a parte immensa que teve nos padecimentos de Jesus; Nossa Senhora das Victórias, Nossa Senhora Auxiliadora, devido á protecção que tem sempre dispensado aos fiéis e ás victórias que lhes tem alcançado sôbre os inimigos de Deus; porisso, a Igreja a victoria, chamando-lhe: «*Gaude, Maria Virgo, cunctas hoerases sola interemisti*

*in universo mundo* ; alegrai-vos, ó Virgem Maria; sozinha destruistes as heresias do mundo inteiro». Chama-a ainda Nossa Senhora do Bom Conselho, porque obtém para seus devotos luzes as mais preciosas para sua direcção e o pleno cumprimento de sua missão ; Mãe de Misericórdia, porque é o refúgio dos peccadores, a celeste advogada que desvia de nossas cabeças os golpes da justiça de Deus e, apesar de nossas culpas, nos consegue Seus favores. Maria, finalmente, é universalmente invocada sob o nome de Immaculada e êste é o título que, lá em Lourdes, escolheu para se manifestar. E' um dos grandes títulos de glória desta divina Mãe, cuja belleza nunca foi nublada por nódoa alguma, nem sequer pela mancha original.

## CAPÍTULO XXXVI

### Devoção aos anjos e aos santos.

#### 1. Devoção aos santos anjos.

219. — Numa família bem regradada, *os filhos mais velhos protegem seus irmãos e irmãs mais novos* ; prestam-lhes mil serviços e auxiliam seus progenitores nos cuidados que reclamam as crianças. Na grande família, cujo pai é Deus, os anjos são nossos irmãos maiores, cheios de zêlo e de solicitude para conosco. Elles sabem quanto Deus nos ama e compartilham êste amor de seu Senhor. Nossa fraqueza, nossas lutas, nossas provações, os perigos que corremos, excitam-lhes a compaixão. . . Seu poder se mede pela nossa impotência, e, encarregados de velarem sobre nós e de nos socorrerem, cobrem-nos com sua protecção e prodigalizam-nos seus obséquios. Tanto os demônios nos odeiam e procuram nossa perda, outro tanto os santos anjos nos amam e zelam pela nossa salvação.

A Sagrada Escritura põe em relêvo o papel bemfazejo dos Anjos: Abraão, Jacób, Moysés, Gedeão, Daniel,



Habacuc, Tobias, Elias, etc., experimentaram os efeitos de seu santo patrocínio. No Novo Testamento, vemos junto de Maria, de José, de Zacharias, dos pastores, dos magos, das santas mulheres correndo pressurosas para o sepulcro, perto dos apóstolos na Ascensão. E' um anjo que solta são Pedro do cárcere, transporta Felipe na estrada de Gaza, despacha o centurião Cornélio a são Pedro, promete a Paulo em meio de bravia tempestade que ninguém há de perecer, nem elle nem nenhum de seus companheiros de travessia. Nosso Senhor, findo Seu rigoroso jejum, quis Elle mesmo ser servido pelos anjos, e, na sua agonia, aceitou o confôrto que lhê trouxe um anjo do céu.

A *vida dos Santos* nos offerece innúmeros casos de semelhantes serviços prestados pelos anjos aos serviços de Christo. Santo Antão queria consagrar seu tempo exclusivamente á oração ; assim um anjo lhe ensinou a alternar a contemplação com o trabalho. São Vicente de Saragoça, novamente encarcerado depois de ter tido o corpo dilacerado pelos seus algôzes, recebe a visita dos anjos, que o curam e o fortificam para novos prélios. São Domingos e seus frades não tendo com que alimentar-se, os anjos trazem-lhes mantimentos, etc.

Embora não nos prestem seus valiosos serviços de uma maneira tão visível e tão milagrosa, *os anjos* nos assistem invisivelmente de mil modos diversos e, no céu somente, viremos a saber, com doce surpresa quanto lhes devemos. Elles ajudam, illuminam, sustentam, incitam á prática do bem até os que não os invocam ; mas, é justo que sejam mais pródigos de suas salutaes inspirações para seus devotos, e empreguem a favor dos que os supplicam seu grande poder, quer repellindo o tentador, quer afastando delles os perigos temporais e espirituais, quer favorecendo suas emprêsas.

220. — A devoção aos santos anjos é, pois, a fonte de numerosos benefícios, e, além disso, é um meio, momento

para com os anjos da guarda que têm recebido a incumbência especial de velarem sôbre cada um de nós. «Tornai-vos muito familiar com os anjos, diz são Francisco de Sales a Philothéia. Vêde-os com frequência, invisivelmente presentes á vossa vida e, sobretudo, amai e reve-renciai o da vossa diocese, das pessôas com as quais viveis e especialmente o vosso. Supplicai-os a miúdo, louvai-os ordinariamente e recorrei ao seu auxílio em todos os vossos negócios quer espirituais quer temporais afim de que cooperem nas vossas intenções.» (1) E o santo doutor vai citando o exemplo de Pedro Lefèvre, primeiro companheiro de santo Ignácio o qual contava que, «havendo percorrido várias regiões heréticas, recebera mil consolações por haver saudado, ao transpor os limites de cada paróchia, seus respectivos anjos protectores; reconhecera a prompta efficácia de seu amparo quer no desvendar os embustes dos hereges, quer no tornar várias almas mansas e dóceis á doutrina da salvação.»

Que amigo incomparável é para nós nosso anjo da guarda que nos acompanha incessantemente do berço ao túmulo! Tem para nós uma affeição santa e ardente; cheio de sabedoria, conhece muito melhor do que nós as nossas necessidades e os nossos verdadeiros interêsses; é muito poderoso e póde alcançar-nos soccorros de grande importância. E' imperdoável ingratidão esquecer-nos delle, e loucura sem par deixar de invocá-lo, porque quanto mais reconhecimento, confiança e amor tivermos para com elle, tanto mais obséquios nos fará, tanto mais lhe será permittido usar em nosso favor seu grande poder e sua profunda sabedoria.

## 2. Devoção aos Santos.

221. — A religião christã é uma religião de amor, e a piedade, que é a religião mais perfeitamente comprehendida e mais completamente praticada, faz brotar doces

1. — II, 16.

e salutare affeições. Com effeito, ella ensina á alma fiel a conhecer e reverenciar seus *amigos invisíveis* que são, entre todos, os mais affectuosos e poderosos e que as almas christãs muitas vezes, infelizmente, parecem desconhecer.

Um verdadeiro amigo exerce sôbre seu amigo uma doce e salutar influênciã pelo exemplo de suas virtudes, pelos sentimentos que lhe inspira, pelos serviços que lhe presta. Os santos, nossos célestes amigos, tudo isso fazem de maneira eminente, pela fôrça de sua amizade. Para nós, são *modelos* animadores : viveram nossa vida, sustentaram os mesmos combates que sustentamos, gemeram nas mesmas misérias, fraquezas, defeitos e paixões que deploramos, supportaram as mesmas dôres que nos affligem, dôres do corpo, dôres do coração, dôres da alma. Ora, êlles triumpharam e se santificaram ; seus métodos de combate nos servem de lição e suas victórias excitam nossa coragem. Comtemplemo-los ; estudemos, aprofundemos sua história para imitar suas virtudes.

Na sua peregrinação sôbre a terra, êstes heróis de virtude foram também heróis de amor ; centuplicaram-se no céu seus affectos ardentes pelas almas tão queridas de Deus. Elles nos amam viva e ternamente, e a experiência que têm dos males que padecemos, torna-os também muito compassivos para conosco. Por outro lado, são muito poderosos e muito capazes de soccorrer-nos. « Aquelle que me tiver servido bem, disse o Salvador, meu Pai o encherá de honras. » (1) Deus honra a seus fiéis associando-os á sua obra beneficente ; o poder de fazer o bem que, na terra, era sua grande alegria, não somente não lhes foi tirado, mas foi multiplicado. Por sua causa o Senhor abençôa aquelles que os amam e invocam. Jeováh, mostrando-se a Isaac, disse-lhe : « Sou

1. João, XII, 26.

o Deus de Abraão, teu pai ; não temas, pois estou contigo ; abençoar-te-ei por causa de Abraão, meu servo.» (1)

E a oração dos Santos é onnipotente sôbre o Coração de Deus. Na visão de Judas Macchabeu, o pontífice Onias appareceu-lhe orando pelo povo judeu ; depois apresentou-se a elle outro defunto mui resplendente de glória ainda, e Onias disse a Judas : «Este é o amigo de seus irmãos que reza muito pelo povo e pela cidade santa, Jeremias, o propheta de Deus.» (2) E Jeremias offereceu a Judas uma espada de ouro, dizendo : «Toma esta espada santa : é uma dádiva de Deus : com ella destroçarás teus inimigos.» Estes santos amigos de Deus, pelas suas orações, tinham alcançado a victória de Israel.

Deus se compraz em mostrar-nos o poder dos Santos, concedendo muitas vezes a suas orações milagres de bondade : curas de enfermos e outros favores temporais estupendos ; entretanto, incomparavelmente mais numerosos e preciosos são os favores espirituais que elles nos conseguem.

**222.** — A alma piedosa, já por interêsse já por dever, não deixa de recorrer com frequência á intercessão dos Santos. E' deveras excellente esta prática de fazer, por conta própria, uma pequena ladainha dos Santos pelos quais se experimenta mais devoção, de invocá-los cada manhã e de renovar esta invocação várias vezes no decorrer do dia, mormente ao iniciar os principais exercícos de piedade e nas necessidades mais prementes de nossas almas.

*Devemos particularmente recorrer a nossos santos padroeiros, áquelles cujos nomes nos foram impostos no dia do nosso baptismo, áquelle que escolhemos na confirmação : êstes, de alguma maneira, tornaram-se nossos*

1. *Gên.*, XXVI, 24.

2. *II Macchab.* XV, 14, 16.

protectores officiais. Os padroeiros dos lugares a que pertencemos, os santos bispos que governaram nossas dioceses, para os religiosos e religiosas, os fundadores de suas Ordens, também têm direito a uma confiança especial, porque, mais do que outros, demonstram interêsse aos que lhes são unidos por laços tão santos e tão doces e, quando oram por elles, o Senhor ouve mais benignamente suas orações.

Honramos os Santos com preces, novenas e piedosas práticas. A nossa devoção é pouco esclarecida e pouco generosa, se nos dirigimos aos Santos somente para obter favores temporais: se êstes amigos de Deus nos valem em nossos apertos, muito mais ainda se comprazem em nos alcançar as graças necessárias a nossas almas. E', pois, muito opportuno e muito sábio fazer de quando em vez novenas aos Santos para alcançar, por exemplo, o dom de oração, de recolhimento, de humildade, de renúncia e, sobretudo, um grande amor de Deus.

Notemos bem ainda, que a devoção aos Santos não é um fim, mas um meio. Não se lhe deve dar, na piedade, uma importância desmedida, exagerada. Assim, é um contrasenso ir direitinho, ao entrar numa igreja, rezar diante da estátua de algum santo, sem haver previamente prestado suas homenagens de adoração e de amor ao divino Hóspede do tabernáculo. Nossa devoção aos Santos não deve ser inspirada por qualquer capricho ou phantasia, mas alicerçada nas virtudes e nos benefícios dos que invocamos, nos títulos que têm a nosso culto.

### 3. Devoção a São José.

223. — O glorioso são José, entre todos os Santos, tem direito a um culto mais respeitoso e mais attencioso, a uma confiança maior, a um amor mais vivo. *Sua missão foi sublime*: espôso da Santíssima Virgem, encarregado de prover ás suas necessidades, com direito de mandar

lhe, associado ás dores, ás alegrias e á vida daquella que foi a cooperadora de Deus na grandiosa obra da Redempção; pai adoptivo de Jesus, protector de sua apparente fraqueza, teve autoridade sòbre o próprio Deus que se sentiu feliz em obedecer-lhe, e, em tudo, quis depender d'elle; como uma criancinha em tudo depende de seu pai. O Senhor que mede Suas graças á dignidade que confere, á missão que confia, outorgou a José as graças mais assignaladas e mais abundantes, e José correspondeu sempre com maravilhosa fidelidade. Foram graças occultas, luzes admiráveis, um incrível poder de amor que fizeram de José um santo tal que jamais houve e jamais haverá outro semelhante.

Porisso, seu poder de intercessão não se compara com o dos outros santos. Se Maria é a intermediária entre Jesus e nós, São José é o intermediário entre Maria e nós. Jesus nos conduz a seu Pai por ser ao mesmo tempo homem e Deus; Maria está mais próxima de nós por ser uma pura criatura, mas está mais perto de Jesus. Entretanto, Maria nos parece ainda muito acima de nós, porque, isenta que foi do fogo da concupiscência, não experimentou nossas lutas. São José, pelo contrário, como nós, teve de combater as inclinações da natureza, de resistir ás repugnâncias que esta natureza corrompida experimenta pela virtude. Sentimo-nos atraídos para elle por esta communitade de provas, e sua vida tão singela que se passou toda num trabalho humilde, sem nenhum acto de apparente esplendor, nos anima ainda á confiança.

Suas virtudes foram, sobretudo, íntimas; porisso, e com justiça, é tido como padroeiro da vida interior. Nunca revelou a quem quer que fosse a insigne honra que Deus lhe fizera confiando á sua custódia Seu Filho e Maria Santíssima; assim é o modelo da humildade. Foi o mais casto dos homens; é por conseguinte o protector da mais bella das virtudes. Foi o provedor da Sagrada Fa-

mília, razão por que lhe confiamos nossos interêsses temporais. Durante toda sua vida immolou-se silenciosamente num amor puríssimo e intensíssimo.

«*Ide a José.*» dizia o Pharaó aos Egýpcios; ide a José, repete aos fiéis a Igreja que o institue seu padroeiro e protector universal. Santa Theresa, cujos exemplos e palavras muito contribuíram para fazer conhecer e espalhar a devoção a este grande santo, disse: «Não vi ninguém ser-lhe verdadeiramente dedicado e honrá-lo de um culto especial sem adiantar na virtude, porque elle favorece singularmente os progressos espirituais das almas que a elle se recommendam.» (1)

## CAPÍTULO XXXVII

### Os dons do Espirito Santo e a vida unitiva.

224. — No curso dêste volume, mostrámos o trabalho que deve realizar a alma piedosa, os combates que deve travar para generosamente servir a Deus. Não dissemos como o Senhor protege esta alma fiel nem como, *para fazê-la praticar as virtudes de uma maneira mais perfeita, os dons do Espirito Santo segundam-lhe os esforços e supprem á sua impotência.* «Confesso, diz um Padre Redemptorista, o P.<sup>e</sup> Schryver, que o rude labutar exigido pelas virtudes é pouco próprio para inspirar coragem. . . Esta vigilância contínua, esta energia constante, esta luta contra inclinações vehementes, esta attenção de cada instante a todos nossos deveres, acabam cansando as coragens mais másculas, e, se Deus não intervesse directamente na nossa vida espiritual, o número dos que conquistariam o nobre ideal da vida christã, seria muito diminuto. Felizmente tratamos com um Deus bondoso, sempre disposto a tomar em mãos a causa de

nossa santificação.» (1) Depois, o douto autor vai mostrando como Deus, quando encontra uma alma verdadeiramente generosa e firme, e a quer elevar ao estado de perfeição, substitue as graças communs por graças mais elevadas, as graças místicas, que são o fructo dos dons do Espírito Santo. (2)

Que são estas graças e que fructos produzem? E, antes de mais nada, que são os dons do Espírito Santo? — São qualidades depositadas em nossas almas ao mesmo tempo que a graça santificante e que nos tornam capazes de receber e de aproveitar a acção do Espírito Santo, illuminando nossa intelligência, enchendo nosso coração de amor e fortalecendo nossa vontade. «São, diz Mons. Gay, flexibilidades e energias, docilidades e fôrças que tornam, ao mesmo tempo, a alma mais passível debaixo da mão de Deus e mais activa para servi-Lo e fazer suas obras.» (3) «As virtudes, diz o P.<sup>e</sup> Froget, dispõem o homem a seguir sem resistência, em todas as suas acções, interiores e exteriores, o movimento e a direcção da razão, Os dons têm por fim torná-lo dócil ás inspirações do Espírito Santo.» (4) Assim, a virtude de fôrça dispõe a alma christã a obedecer aos motivos sobrenaturais que a induzem a usar de toda sua energia para bem cumprir seus deveres; o dom de fôrça a arrasta, a obriga de certo modo a se entregar, sem raciocinar, á obra bôa mas árdua que solicita sua generosidade.

Os dons do Espírito Santo, até nas almas mais imperfeitas, exercem-se, quando preciso, mas por intervallos

1. Princípios da vida espiritual, pag. 218.

2. Ao leitor que desejar instruir-se na sciência mística, aconselhamos nossas obras: *Estado místico e Factos extraordinários*. Indicamos mais, como excellente manual de theologia mística o livro do Pe. Lamballe: *La contemplation*. O autor, santamente fallecido a 3 de março de 1914, leva, sobre muitos outros que têm tratado o assumpto, a grande vantagem: 1.<sup>o</sup> de conhecer muito bem a theologia, tendo sido professor de dogma; 2.<sup>o</sup> de dar exactamente a doutrina dos mestres; 3.<sup>o</sup> apanhou tanto melhor a doutrina dos santos que pessoalmente tinha uma grande experiência dos estados místicos. Ver também a brochura do Pe. Jean de la Croix *Ascética e Mística*. (N. do A.)

3. Vida e virtudes, 1.<sup>o</sup> tratado.

4. Da habitação do Espírito Santo, III, 6.



e de uma maneira breve e passageira. Nas generosas, o Espírito Santo, encontrando plena docilidade e nenhuma ou quasi nenhuma resistência á sua acção, produz efeitos muito mais preciosos e contínuos. Entre outros efeitos, êste Espírito de intelligência e de sabedoria lhes dá *de Deus*, de Suas perfeições, de Sua incomprehensível grandeza, de Sua ineffável bondade, *uma idéia muito elevada*, infunde-lhes, na vontade, um *amor puro, forte e duradouro*, que as mantém unidas a Elle. Estas luzes e êste amor infusos formam as *graças místicas*.

Um exemplo vivido fará comprehender a natureza e os efeitos das graças místicas e mostrará quanto ellas tornam possível e até fácil a vida de íntima união com Deus.

225. — Conhecemos, vivendo perto um do outro, nos últimos annos do século XIX, um *theólogo muito sábio e uma religiosa conversada adiantada em idade*, pouco instruída e muito fervorosa. Esta boa freira, alma de grande dedicação e abnegação, consumira sua vida num emprêgo penoso e absorvente, pois chefiava a cozinha de um convento onde havia um milheiro de pessoas. Trabalhava com extraordinário devotamento, porém, sem apêgo algum a suas funcções: todas as suas delícias concentravam-se na oração. Os seus raros instantes de folga, passava-os no côro; e, na sua velhice, exonerada daquella pesadíssima tarefa, não saia da capella. Recommendaram-lhe, quando jovem religiosa, que nunca levasse para a capella as preocupações do seu cargo. Fizera, para seguir êste conselho, esforços inauditos, mas o Senhor recompensou sua coragem. Quando a conhecemos, já havia longos annos que não lhe custava mais pôr-se em meditação. Allí, com facilidade, se esquecia do profano. O pensamento de seu Deus, tão amante e tão desconhecido, apoderava-se della e ella gozava delícias inexprimíveis, prostrada a Seus pés, unida a Elle no amor.

O theólogo era um padre cheio de serviços á Igreja, de uma fé sólida, fiel a todos os grandes deveres da vida sacerdotal. Não nutria, nem de longe, o mesmo apêgo á oração que a freira, pois, celebrada a santa missa, feita uma rápida acção de graças, nunca era visto voltar á capella. O tempo é que não lhe faltava, pois o tinha sempre para prolongar desmedidamente conversas que aborreciam seus interlocutores. Sua oração, dizia elle, era a meditação e, além disso, era do número daquelles que, na prática, não admittem outra, pois declarava nunca ter encontrado uma alma contemplativa, embora houvesse confessado muito.

Poderíamos continuar o parallelo e mostrar que o theólogo possuia virtudes sérias, de envolta com defeitos muito visíveis e que as virtudes da religiosa eram as virtudes de uma alma perfeita.

Aconteceu-nos ter necessidade de pedir explicações ao theólogo sôbre os attributos de Deus. Suas respostas, muito claras e muito precisas, revelavam uma sciência segura e profunda. Se tivessem interrogado a religiosa, certamente teria sido incapaz de dar uma explicação sábia e habilidosa ; e, entretanto, ella possuia de Deus uma idéia bem mais elevada, pois se achava muito mais penetrada de Sua grandeza, de Sua bondade, de Seu amor. Se houvessem pedido ao theólogo para explanar os motivos da humildade, teria mostrado clarissimamente que a criatura, por si mesma, nada é, nada pode e nada tem em próprio senão o peccado. Mas elle era muito menos convencido de sua miséria que a velha freira que certamente, não teria exposto tão bem as razões dos sentimentos que tinha da própria baixaza.

O theólogo conhecia perfeitamente as regras da moral, mas a irmã comprehendia muito mais depressa e com maior segurança, na conducta da vida, o que mais agradava a Deus ou era de natureza a Lhe desagradar ; sua consciência, menos provida de argumentos, era, todavia,

mais esclarecida, seu modo de viver denotava uma intelligência mais perpicaz da virtude e do peccado, da perfeição e da imperfeição.

O proceder de um e de outro evidenciava que o amor em um não tinha nem o ardor, nem a solícitude, nem a intensidade, nem a continuidade que tinha no outro. A freira vivia na presença de Deus, ficando-Lhe constantemente unida até no meio de seus trabalhos ; o theólogo não comprehendia a importância e as vantagens dessa união habitual ; « basta, dizia elle, orientar, cada manhã, sua intenção para Deus. »

Aos olhos de quantos o conheciam, o theólogo — elle mesmo de boa mente o confessava — nenhuma experiência pessoal tinha das graças místicas. Por seus estudos, meditações, leituras, augmentara e fortalecera sua fé. A velha religiosa recebera directamente do Espírito Santo as luzes de que gozava. O theólogo declarava altamente proceder sempre por raciocínio nas suas meditações e não podia imaginar outro modo de agir. A irmã, pelo contrário, como tantos outros que conhecemos, na meditação experimentava numa parte de sua alma um sentimento forte e suave de união com Deus, o qual não somente não vinha de suas pesquisas ou reflexões, mas ia persistindo ainda mesmo quando, meio distraida, fazia qualquer reflexão pia ou profana. Esta união com Deus prolongava-se fora da oração. Muitas vezes, entregue a seus affazeres e preocupada com o cabal desempenho de suas obrigações, verificava muito bem que numa parte de si mesma permanecia unida a Deus, conservando então na parte suprema de sua intelligência certa idéia de Deus e ficando a parte suprema de sua vontade numa disposição de amor. Não experimentava, sem dúvida, a cada instante, esta união tão consoladora, tão confortante, mas havia sempre nella grande facilidade de achar de novo a Deus, de volver-se para Elle, de unir-se a Elle. E' esta uma graça preciosa ; os que alcançaram êste dom, estão

na verdadeira vida interior ; anteriormente nella ensaiavam seus passos ; agora possuem-na.

226. — Este exemplo facilitará a compreensão da vida unitiva e da *nova forma que a graça toma* para levar as almas a esta vida de união, a êste modo de agir totalmente differente do que usa com as almas menos adiantadas. «Outro ser trabalha em nós ; nossas faculdades não funcionam mais como outróra por nossa própria acção, por nosso exclusivo impulso ; são passivas ; somos, fazendo nossa a palavra de santo Thomaz, o instrumento, o órgão do divino Espírito Santo.» (1) *Adquirimos* luzes e amor sobrenaturais *raciocinando* de accôrdo com os princípios da fé ; é o modo de agir da graça comum ; *recebemos* luzes e amor directamente de Deus, *sem raciocínio* algum, sem nos excitar a nós mesmos : é o modo de agir dos dons. Os theólogos constataam êste factó quando falam dos dons do Espírito Santo : os autores espirituais também o constataam quando falam do estado místico.

Como opera Deus quando assim derrama Suas luzes e Seu amor ? Ahí está um mystério que nem os theólogos nem os místicos procuram desvendar.

«Como podemos ter tamanha segurança do que não vemos ? pergunta a si mesma santa Theresa. Nada disso sei ; é obra de Deus.» (2) Não procuremos compreender qual o processo de Deus para pôr em nosso espírito, com uma convicção mais ardente e de uma maneira mais perfeita, as verdades que já conhecemos pela fé ; e, em nossa vontade, actos de pura caridade.

Não nos admiremos também se Deus despertando em nós, com nosso consentimento alegre e pressuroso, os actos destas virtudes de fé e de amor, os realiza com mais perfeição que nós mesmos. «E' o Espírito Santo quem faz o acto ; porém não faz as imperfeições do mesmo.» (3)

1. Ami du Clergé, 1911, pag. 467.

2. V Morada, cap. I.

3. Ami du Clergé 1911, pag. 468.

Reforça o acto de fé e torna a adhesão da alma fiel mais ardente e mais firme. Elle também dá nova intelligência das verdades de fé: pela virtude de fé, tal como se encontra em todas as almas, cremos em tais e determinadas verdades, porque Deus as revelou; pelo dom de intelligência, compreendemos melhor o que Deus revelou. (1)

Além disto, graças ao dom de sabedoria, achamos estas verdades tanto mais críveis, admiráveis e arrebatadoras, que o Espírito Santo no-las fez saborear, derramando-nos, na alma, um gôsto íntimo, profundo, indefinível.

A verdade de fé que se encontra á base dêste estado místico, é a incompreensível perfeição e amabilidade de Deus, apercebida de modo geral e instinctivo. (2) «Vê-se tudo em geral e nada em particular,» diz são Francisco de Sales. «O espírito, ensina por sua vez Suarez, des-cansa no pensamento de uma certa grandeza incompreensível, concebida mais por negações do que por affirmações.» (3) A alma, assim illuminada, experimenta

1. Cf. S. Thomaz, 2. 2. q. 8, a. 5, ad 3, e 3 Sent. dist. 34, q. 1. a. 2.

2. A este conhecimento geral podem-se accrescentar outros distinctos e particulares os quais, vistos igualmente á luz do dom de intelligência, são para a alma, um poderoso auxílio. Assim são o amor de Deus na Incarnação, na Redempção na Eucharistia, e ainda a presença de Deus dentro de nós: *Si quis diligit me... mansionem apud eum faciemus*. Alguns autores do século XX affirmaram que êste sentimento da presença de Deus no mais íntimo da alma constituia o fundo essencial de todo estado místico: *quando falta êste sentimento, o estado místico não existe mais*. É uma opinião inteiramente nova e tão contrária á doutrina dos Santos, que é de estranhar que tenha encontrada partidários. Nunca conseguiram produzir o mínimo texto a seu favor. E todos sabem que há provações místicas em que a alma, vivamente illuminada acêrca das grandezas de Deus, abrasada num amor infuso ardentíssimo mas dolorosíssimo e muito purificador, soffre terrivelmente de sentir-se abandonada por Deus. — *Esta contemplacion purgativa... consiste em sentir-se sin Dios*. — (S. JOÃO DA CRUZ. — Noch. oéc., II, 6. Cf. cap. 13). Todos os grandes místicos têm descrito êstes estados. Até nos transportes místicos que não são dolorosos e não fazem parte das provações e nos quais Deus, no dizer de santa Theresa, concede luzes vivíssimas sobre Suas grandezas, a alma entra em ansiedades vehementes por "*se vêr muito longe de Deus*." (Vida. XX), *por não estar junto a Deus*" (Carta ao Pe. Rodr. Alv. e VI Morada, cap. 11). Falando do recolhimento místico, são Francisco de Sales diz da maneira mais clara possível: "Este doce recolhimento não se faz somente pelo sentimento da presença divina no meio do nosso coração, mas de qualquer modo que nos ponhamos nesta sagrada presença... com o pensamento único da presença de Deus, com a convicção que temos de que Elle olha para nós... ainda que de momento, não cogitemos na outra espécie de presença pela qual elle está em nós, nossas faculdades e potências se concentram, se ajuntam em nós para reverenciarem Sua divina Majestade que o amor nos faz temer de um temor feito de amor e de respeito." (*Amor de Deus*, VI, 7).

3. De orat., XIII, 28.

maior facilidade para se aproximar<sup>se</sup> de Deus. E' também mais fácil para ella desapegar-se das criaturas, tanto mais que recebe igualmente do Espírito Santo, pelo dom de sciência, luzes que lhe mostram o vácuo, o nada de todos os bens terrenos e tal desprendimento facilita também nella o exercício da caridade. Mas, como já o dissemos, o Senhor, cuja bondade e sabedoria não fazem obras incompletas, actúa, ao mesmo tempo, sôbre a vontade e sôbre a intelligência, e desperta, elle mesmo, actos de amor na alma fiel. Estes actos de amor, mesmo quando calmos, quasi imperceptíveis e aparentemente pouco intensos, têm uma pureza, uma delicadeza, uma firmeza, uma perfeição que não se encontram nos actos produzidos pelo raciocínio.

Emfim, o dom de conselho communica á alma fiel luzes para a sua conducta, e o dom de fôrça a torna firme e corajosa.

Aquí não precisamos explanar mais esmiuçadamente os segredos e as regras da vida unitiva. (1) Devíamos apenas estabelecer-lhe os princípios para dar a conhecer os caminhos pelas quais o Senhor conduz as almas fiéis até a perfeição, isto é, até este estado em que a alma, renunciando a tudo o que é humano, está na disposição habitual de não querer mais senão o que Deus quer e de querer tudo o que Deus quer. Quando Elle o julga bom e encontra a alma plenamente fiel, leva-a ainda mais longe, até o heroísmo, até a santidade.

## Epílogo

227.— No Natal de 1705, santa Verônica Juliani recebeu do Senhor luzes sôbre as vinte e uma religiosas que compunham seu mosteiro. Como levasse em procissão, segundo o costume do convento, a imagem do Menino Je-

1. Diremos, em outro volume, "*O Ideal da alma fervorosa*", os dons que Deus faz á alma ardente e fiel e como esta, por uma docilidade mais completa e uma generosidade inteira, deve prestar-se á acção do Espírito Santo e corresponder aos desígnios de Deus.

sus, em cada uma das cellas, Jesus manifestou-lhe Sua alegria ou Seu descontentamento, conforme as disposições das irmãs que as occupavam, conforme a sua maior ou menor fidelidade na prática da pobreza, da regularidade, do desprendimento, do amor divino. Da relação que teve de apresentar ao confessor, conclue-se que cinco eram medíocres e affligiam o Coração de seu Espôso, uma sofrível, quatro verdadeiramente boas, três quasi óptimas, seis perfeitas religiosas e duas, santa Verônica e a Venerável Flórida, tinham alcançado a santidade heróica (1).

Alguns annos antes, no mosteiro da Visitação de Paray le Monial, no dia da Assumpção, Maria mostrou a Santa Margarida Maria «uma corôa que formára com todas as suas santas filhas que se collocaram sob a sua direcção e disse-lhe que queria comparecer com esta joia perante a Santíssima Trindade.» Mas, — continuamos citando a santa — «disse-me que experimentava uma profunda tristeza, porquê, querendo separar-se da terra, destas flores com que adornára sua cabeça... quinze apenas restavam, das quais cinco foram recebidas como espôsas de seu Filho... Outra vez, mostrou-me o Coração de Jesus como um manancial de água viva, com cinco canais que iam ter a cinco irmãs desta communitade e que Elle escolhera para as enriquecer com esta divina abundância. Havia, abaixo dêstes, cinco outros que recebiam muito, mas, por sua culpa, deixavam perder esta água preciosa. Outra vez, vi ainda cinco corações que êste Coração amoroso estava prestes a rejeitar, olhando-os com horror.»(2)

Margarida Maria não quis indagar quais eram; mas, parece que todas estas revelações diziam respeito á communitade de Paray que, então, contava quarenta religiosas. Destas quarenta, pois, não incluindo Margarida Maria, já chegada a uma eminente santidade, cinco eram perfeitíssimas religiosas; dez outras, mas princi-

1. *Diário* — no dia citado.

2. Mem. à M. de Saumaise, edic. Monsr. Gauthier, II, pag. 135.

palmente cinco destas dez, eram muito desapegadas e muito queridas de Jesus e de Maria; vinte, entretanto, menos fiéis do que deviam ser, tinham uma virtude comum e cinco eram religiosas muito mediocres.

Estes exemplos, accrescidos á experiência de todos os meios e de todos os lugares, patenteiam que, entre as pessoas chamadas a amar a Deus de um amor maior e mais ardente e dispondo dos mesmos meios para conseguir este amor, há diferença enorme. E' porque varia a fidelidade ás graças divinas conforme as almas, em proporções tais que ninguém, aquí na terra, pode cabalmente compreender.

Alma christã, procuramos explicar, resumindo-os, os ensinamentos dos Mestres, os meios que te cumpre empregar para cresceres na piedade, assim como a maneira de utilizá-los. Segundo a medida de tua fidelidade e de tua generosidade, elevar-te-ás no amor para com Deus e na Sua amizade. Ou ser-Lhe-ás fidelíssima, e então ficarás pertencendo ao número de Seus melhores amigos, ou serás menos fiel, e, neste caso, causar-Lhe-ás menos alegria, darás decepções a este divino Salvador que, para ti, ambiciona tão grandes virtudes, ou talvez, finalmente, abusando de tão copiosas graças, não sairás da mediocridade e causarás dissabores ao Seu Coração.

Sê, pois, ardente e corajosa! Se o caminho que leva á perfeição te parece abrupto e penoso, conta com o amparo de teu Deus que será sempre mais pródigo de Suas graças que tu de teus sacrifícios. Se Lhe déres toda a tua vontade, se não medires esforços, Elle sustentar-te-á, illuminar-te-á, fortalecer-te-á, levar-te-á até este alto grau de amor, para onde te chama; pois, segundo Elle disse a Abraão: Elle é nesta terra, o protector de Seus fiéis servos e sua incomparável recompensa, e mais perfeitamente ainda o será na eternidade:

«*Ego protector tuus sum et merces tua magnanimis.*»(1)

1. Gén., XV, 1.



# INDICE

---

|                                                                             | PAG. |
|-----------------------------------------------------------------------------|------|
| PREFÁCIO. . . . .                                                           | 3    |
| <b>Introdução</b>                                                           |      |
| CAPITULO I. — A piedade: sua natureza, suas vantagens. . . . .              | 5    |
| CAPITULO II. — A piedade sempre possível á alma de boa vontade. . . . .     | 11   |
| <b>Primeira Parte</b>                                                       |      |
| <i>O combate espiritual; obstáculos a vencer</i> . . . . .                  | 17   |
| CAPITULO III. — As paixões; o orgulho . . . . .                             | 17   |
| 1. Natureza do orgulho; suas diversas formas. . . . .                       | 17   |
| 2. Males causados pelo orgulho. . . . .                                     | 20   |
| 3. Luta contra o orgulho. . . . .                                           | 22   |
| CAPITULO IV. — A sensualidade . . . . .                                     | 23   |
| CAPITULO V. — O apêgo aos bens terreno- . . . . .                           | 31   |
| CAPITULO VI. — As tentações . . . . .                                       | 34   |
| 1. Natureza e causa das tentações. . . . .                                  | 34   |
| 2. Utilidade das tentações . . . . .                                        | 36   |
| 3. Como se deve lutar contra as tentações. . . . .                          | 40   |
| CAPITULO VII. — As illusões . . . . .                                       | 45   |
| CAPITULO VIII. — Seccuras, impotências, tristezas e desgostos . . . . .     | 49   |
| 1. Natureza destas provações; suas causas; alguns exemplos. . . . .         | 49   |
| 2. Normas a seguir nas seccuras. . . . .                                    | 54   |
| CAPITULO IX. — O abuso das graças e suas consequências . . . . .            | 58   |
| <b>Segunda parte</b>                                                        |      |
| <i>Prática da piedade: as virtudes.</i> . . . . .                           | 63   |
| CAPITULO X. — Virtudes theologais: a fé . . . . .                           | 64   |
| CAPITULO XI. — Virtudes theologais: a esperança . . . . .                   | 68   |
| CAPITULO XII. — Virtudes theologais: a caridade para com Deus . . . . .     | 75   |
| Exercício da caridade . . . . .                                             | 78   |
| CAPITULO XIII. — O recolhimento, fructo da caridade para com Deus . . . . . | 82   |
| 1. Vantagens do recolhimento. . . . .                                       | 82   |
| 2. Modo de praticar o recolhimento. . . . .                                 | 83   |
| CAPITULO XIV. — Caridade fraterna . . . . .                                 | 88   |
| 1. Importância da virtude de caridade . . . . .                             | 88   |
| 2. Prática da caridade; a caridade nos pensamentos . . . . .                | 91   |
| 3. Prática da caridade; caridade nas palavras . . . . .                     | 94   |
| 4. Prática da caridade; caridade nas acções . . . . .                       | 96   |

|                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPITULO XV. — Virtudes cardiais : a prudência . . . . .               | 101 |
| 1. Importância da prudência . . . . .                                  | 101 |
| 2. Natureza da prudência . . . . .                                     | 103 |
| 3. Exercício da prudência . . . . .                                    | 104 |
| CAPITULO XVI. — Virtudes cardiais : a justiça . . . . .                | 108 |
| CAPITULO XVII. — A obediência ; filha da justiça . . . . .             | 111 |
| 1. Fundamento e necessidade da obediência . . . . .                    | 111 |
| 2. Prática da obediência . . . . .                                     | 116 |
| 3. Exemplos de obediência . . . . .                                    | 119 |
| CAPITULO XVIII. — Virtudes cardiais : a fortaleza . . . . .            | 120 |
| CAPITULO XIX. — A paciência, filha da fortaleza : . . . . .            | 124 |
| 1. Natureza, fructos da paciência . . . . .                            | 124 |
| 2. Exercício da paciência . . . . .                                    | 127 |
| CAPITULO XX. — Virtudes cardiais : a temperança . . . . .              | 130 |
| Seu primeiro fructo : a mortificação . . . . .                         | 130 |
| 1. Importância da mortificação . . . . .                               | 130 |
| 2. Prática da mortificação . . . . .                                   | 135 |
| CAPITULO XXI. — A humildade filha da justiça e da temperança . . . . . | 138 |
| 1. Natureza da humildade . . . . .                                     | 138 |
| 2. Vantagens da humildade . . . . .                                    | 140 |
| 3. Exercício da humildade . . . . .                                    | 141 |
| 4. Ladainha da humildade . . . . .                                     | 143 |

### Terceira parte

#### *Meios de progredir na piedade*

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| CAPITULO XXII. — A oração . . . . .                 | 145 |
| 1. Importância da oração . . . . .                  | 145 |
| 2. Qualidades da oração . . . . .                   | 148 |
| 3. Preparação para a oração . . . . .               | 150 |
| 4. Distracções . . . . .                            | 151 |
| CAPITULO XXIII. — Oração vocal . . . . .            | 152 |
| CAPITULO XXIV. — Oração mental, meditação . . . . . | 156 |
| 1. Natureza e importância da meditação . . . . .    | 156 |
| 2. As partes da meditação . . . . .                 | 158 |
| 3. Assumptos, lugar, duração . . . . .              | 162 |
| 4. Os graus de meditação . . . . .                  | 164 |
| 5. Via sacra . . . . .                              | 167 |
| CAPITULO XXV. — A confissão . . . . .               | 168 |
| 1. Os fructos da confissão . . . . .                | 168 |
| 2. Preparação para a confissão . . . . .            | 171 |
| CAPITULO XXVI. — Direcção espiritual . . . . .      | 174 |
| 1. Necessidade da direcção . . . . .                | 174 |
| 2. Missão do director espiritual . . . . .          | 177 |
| 3. Obrigações do dirigido . . . . .                 | 179 |
| CAPITULO XXVII. — A Communhão . . . . .             | 182 |
| 1. A Eucharistia, alimento da alma . . . . .        | 182 |
| 2. Como tornar fructuosa a Communhão . . . . .      | 188 |

|                                                                                           |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CAPITULO XXVIII. — Assistência á Missa e Visita ao Santíssimo Sacramento . . . . .</b> | <b>192</b> |
| Visita ao Santíssimo Sacramento . . . . .                                                 | 195        |
| <b>CAPITULO XXIX. — Leitura espiritual :</b>                                              | <b>197</b> |
| 1. Importância da leitura espiritual . . . . .                                            | 197        |
| 2. O que é preciso ler e como é preciso ler . . . . .                                     | 202        |
| <b>CAPITULO XXX. — Santificação das acções ordinárias . . . . .</b>                       | <b>206</b> |
| <b>CAPITULO XXXI. — Exame de consciência . . . . .</b>                                    | <b>211</b> |
| 1. Necessidade d'este exercicio. . . . .                                                  | 211        |
| 2. Modo de fazer o exame de consciência . . . . .                                         | 214        |
| <b>CAPITULO XXXII. — Exame particular e provações :</b>                                   | <b>217</b> |
| 1. Importância e objecto do exame particular . . . . .                                    | 217        |
| 2. Provações sobre as virtudes . . . . .                                                  | 219        |
| <b>CAPITULO XXXIII. — Retiros annuaes e mensais . . . . .</b>                             | <b>223</b> |
| 1. Retiro annual. . . . .                                                                 | 223        |
| 2. Retiro mensal. . . . .                                                                 | 229        |
| <b>CAPITULO XXXIV. — A devoção ao Sagrado Coração :</b>                                   | <b>230</b> |
| 1. Histórico desta devoção . . . . .                                                      | 230        |
| 2. Natureza da devoção ao Sagrado Coração de Jesus . . . . .                              | 234        |
| 3. Vantagens da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. . . . .                              | 236        |
| <b>CAPITULO XXXV. — Devoção á Santíssima Virgem :</b>                                     | <b>241</b> |
| 1. Fundamento desta devoção . . . . .                                                     | 241        |
| 2. Prática desta devoção . . . . .                                                        | 243        |
| <b>CAPITULO XXXVI. — Devoção aos anjos e aos santos : . . . . .</b>                       | <b>248</b> |
| 1. Devoção aos santos anjos . . . . .                                                     | 248        |
| 2. Devoção aos santos . . . . .                                                           | 250        |
| 3. Devoção a São José. . . . .                                                            | 253        |
| <b>CAPITULO XXXVII. — Os dons do Espirito Santo e a vida unitiva . . . . .</b>            | <b>255</b> |
| <b>Epilogo . . . . .</b>                                                                  | <b>262</b> |

# NA MESMA COLLECÇÃO:

## BROCHURAS EDIFICANTES

**Vida do Venerável Marcellino Champagnat.** brochura in-8.º, illustrada, 308 páginas; é a biographia de um grande servo de Deus, educador de muita valia e fundador de uma congregação de mestres cathólicos para a formação da juventude.

**Vida do Venerável Marcellino Champagnat.** opúsculo in-32, illustrado, 32 páginas; é o resumo da biographia precedente disposto especialmente para uso da juventude.

**Favores do Venerável Marcellino Champagnat, 1.ª Parte.**

**Favores do Venerável Marcellino Champagnat, 2.ª Parte.**

São duas brochuras de 48 páginas; narram as graças particulares, as curas, os prodígios e mais vantagens alcançadas por intermédio d'este poderoso amigo de Deus.

**Vida de Santa Margarida Maria Alacoque.** — E' um folheto illustrado de 32 páginas que resume as principais acções da grande Amante e Privilegiada do Sagrado Coração de Jesus.

**O Irmão Norberto.** — Brochura illustrada, interessante e edificante; descreve as principais acções d'este zeloso educador da juventude.

**Missão na China.** — Opúsculo illustrado; descreve os trabalhos e o martírio de vários educadores cathólicos na China.

**Porque viveu Guy de Fontgalland.** — Magnífico volume de 270 páginas, de papel especial, ornado de 16 heliogravuras, fóra do texto; narra a vida encantadora d'este amigo de Jesus.

**Guy, o vosso Amiguinho;** 158 páginas, papel especial; é a mesma biographia que a precedente, mas resumida num estylo infantil, para maior deleite dos pequeninos que escutam, embevecidos, as palavras do seu amigo o Guy, e não raro choram ao saber como falleceu.

Tanto esta como aquella biographia são de rigorosa exactidão; a 1.ª se dirige aos adultos e a 2.ª, ás crianças.

---

## VOCAÇÃO RELIGIOSA

**Conselhos sôbre a Vocação,** por J. Guibert, Superior de Seminário. Trata da vocação ecclesiástica ou religiosa e estuda sua origem, seus caracteres e os principais meios de lhe corresponder. — 120 páginas.

**Meu Porvir ou Conselhos sôbre a Vocação religiosa.** — Trata da vocação á vida religiosa numa congregação cujo fim secundário é a educação da mocidade. — 40 páginas.

**Vida resumida do Irmão Francisco.** E' uma brochura illustrada de 52 páginas, que resume os principais traços biográficos do Irmão Francisco, o 1.º successor do Venerável Padre Champagnat e continuador da sua obra educativa.

**Irmão Luiz Severino, Marista.** — São 72 páginas de cartas cheias de interesse, que pintam ao vivo uma alma de escol, que fez generosamente o sacrificio dos bens d'este mundo para entrar na vida religiosa e consagrar as forças e o talento á educação dos moços; antes dos trinta annos, adormeceu no Senhor e foi receber a corôa dos Apóstolos.

**Um Juvenista.** — Brochura illustrada de 32 páginas; narra a vida de um jovem que falleceu aos 18 annos, depois de edificar grandemente a familia e os collegas.

**Salvar Meninos,** brochura de 32 páginas, para mostrar a sublimidade e as vantagens do apostolado pela bôa educação da juventude.

**A vocação da Irmã Marista.** — E' uma brochura de 32 páginas; desvenda como Nossa Senhora abençoa os que lhe consagram a vida na educação da mocidade.

---

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TYP. SIQUEIRA  
*Salles Oliveira & Cia. Ltda.*  
Rua Conde S. Joaquim, 178 - S PAULO

---

Missa - adorar, agradecer, expiar e pedir

Alé o Ofertório - adoração

" a Consagração - agradecimento

" a Comunhão - reparação

" o fim - Súplicas

Três coisas eram mais caras aos santos:

A Sma. Vontade de Deus, A Cruz de Cristo, o Ssmo. Sacramento



## ENCONTRAM-SE NA MESMA COLLECÇÃO F. T. D. :

4 volumes de MONSR. CAULY, vigário geral de Reims, que mereceram um Breve de S. S. Leão XIII :

1.º **Curso de Instrução religiosa, tomo I** ; compreende o Dogma, a Moral, os Sacramentos e o Culto ; bello volume.

2.º **História da Religião e da Igreja, ou tomo II**, com numerosos pormenores interessantes, desde a criação até hoje.

3.º **Qual é a verdadeira Religião? ou tomo III**. Trata da Religião em geral, da Religião revelada, do Judaismo, do Christianismo e da Igreja Cathólica.

4.º **Apologética christã ou tomo IV**. Estuda os mystérios em face da razão, o acôrdo das sciências com a fé e numerosas questões históricas.

Estes 4 volumes são independentes um do outro para o estudo, embora sua reunião forme um curso completo.

Destinam-se aos catecismos de perseverança, ás casas de educação e ás pessoas que desejam conhecer a verdadeira Religião.

3 volumes do CÔNEGO BOULENGER sôbre a **Doutrina Cathólica** :

1.º **O Dogma, ou primeira parte** ;

2.º **A Moral, ou segunda parte** ;

3.º **Os Meios de Santificação e a Liturgia, ou 3.ª parte**.

Cada lição é precedida de um *quadro synóptico* para determinar as divisões e grandes linhas do assumpto, e de um *vocabulário* que fixa o sentido ou os vários sentidos dos vocábulos importantes, que o alumno poderia desconhecer ; dêste modo, o leitor pôde enfrentar a lição, sem receio de entender mal os vocábulos.

Segue uma refutação dos erros dos principais e mais recentes adversários da doutrina cathólica ; afinal, vem a própria doutrina enunciada de modo substancial e exacto ; por toda a parte, nota-se *concisão, clareza, ordem e rigorosa concatenação das idéias e das perguntas*.

Estes volumes distinguem-se pela clareza e a plenitude da doutrina, a força da exposição e grande poder de penetração nas intelligências. E' difficil encontrar livros mais completos e mais claros ; são preciosos instrumentos de trabalho para quem estuda ou ensina a Religião.

**Porque viveu Guido de Fontgalland** ; biographia interessante e proveitosa de um menino de nossa época.

**Guy, o vosso Amiguinho** ; vida do mesmo, escripta especialmente para crianças e jovens.

**Anna de Guigné**, pelo Revdmo. P. e M. LAJEUNIE, biographia edificante de uma piedosa menina há pouco fallecida (de 25-IV-1911 a 14-I-1922).

**Manual de Espiritualidade**, pelo Revd. P. A. SAURDAU ; encerra as noções fundamentais da vida espiritual, postas ao alcance das pessoas piedosas, em especial dos jovens aspirantes ao sacerdócio ou á vida religiosa.

**A Alma de todo Apostolado**, por D. CHAUTARD ; precioso livro para os que se dedicam á vida activa.

**PARA OUTROS LIVROS, PEDIR O CATALOGO.**